

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Fernanda Araujo Coronado

**DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO?
NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE
O IDEB**

Taubaté – SP

2018

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Fernanda Araujo Coronado

**DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO?
NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE
O IDEB**

Texto apresentado para Banca de defesa, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

Taubaté – SP

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU**

C822d Coronado, Fernanda Araujo
Desenvolvimento da Educação? Narrativas de educadores
sobre o IDEB. / Fernanda Araújo Coronado. - 2018.
218f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2018.
Orientação: Profa. Dra Suzana Lopes Salgado Ribeiro,
Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. IDEB. 2. Fracasso escolar. 3. Desenvolvimento profissional.
4. Educação básica. 5. Narrativas. I.Título.

FERNANDA ARAUJO CORONADO

**DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO?
NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE
O IDEB**

Texto apresentado para Banca de defesa, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

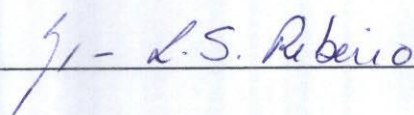
Data: 20/03/2018

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

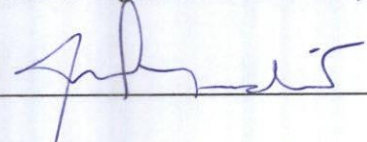
Prof.^a Dr.^a Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura 

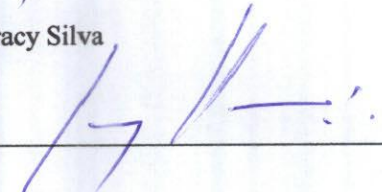
Prof.^a Dr.^a Suelene Regina Donola Mendonça

Universidade de Taubaté

Assinatura 

Prof. Dr. Guaracy Silva

Centro Universitário do Sul de Minas

Assinatura 

Aos meus pais que sempre me apoiaram com meus estudos, apesar das dificuldades.
Ao meu noivo que sempre esteve presente em minha vida e me incentivou a prosseguir
através de seu exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que representa meu alicerce e me orienta ao longo da vida.

Agradeço aos meus pais e familiares que me ensinaram a ter garra, fé e determinação para continuar. E especialmente por terem contribuído para que eu me tornasse uma cidadã de bem.

Agradeço a todos os professores que ministraram as disciplinas com paciência e dedicação ao longo deste mestrado, sempre estando dispostos a ajudar e contribuir para o aprendizado de todos os estudantes.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Guaracy Silva e Prof.^a Dr.^a Elisa Brisola pela leitura atenta e sugestões que tanto enriqueceram este trabalho. Agradeço ainda à Prof.^a Dr.^a Suelene Mendonça que trouxe reflexões significativas na banca de defesa quanto à importância da minha dissertação para a sociedade.

Em especial agradeço à minha orientadora Suzana Lopes Salgado Ribeiro, que não somente me guiou com orientação acadêmica, como também dedicou parte de seu tempo para ensinar, refletir e me fez acreditar que o sonho seria possível, além de me presentear com sabedoria.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Cora Coralina (2007)

RESUMO

Esta pesquisa tem como problemática a questão sobre quais fatores impactam os resultados do desenvolvimento da educação no ensino fundamental de um município do Vale do Paraíba levando em consideração o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB. Partindo deste problema, pretendeu-se verificar a relevância da publicação deste índice na atuação de gestoras e professoras das escolas por ele classificadas. Como objetivo central, buscou-se por meio do registro de narrativas de gestoras e professoras qual o significado que o IDEB tem para elas e quais fatores segundo elas estão associados aos resultados desse indicador. A fim de realizar esta pesquisa, foram utilizados os dados do IDEB das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação. Esta pesquisa é qualitativa, utilizando como método a história oral, cuja coleta de dados foi realizada por intermédio de entrevistas de história oral temática, na qual tais entrevistas estão pautadas nas narrativas de educadoras e segundo sua visão com relação ao problema estudado. Como objeto de estudo foram considerados os aspectos da exclusão trazidos por autores como Pierre Bourdieu e Bernard Lahire e aspectos relacionados aos fatores do fracasso escolar de Maria Helena Souza Patto. Como resultados esperados objetivou-se o levantamento de dados acerca dos significados atribuídos ao IDEB pelas educadoras e a compreensão dos fatores associados ao desempenho dos alunos, analisando a relevância deste índice em sua atuação como profissionais. Objetivou-se ainda diagnosticar a situação existente como forma de possibilitar melhorias na educação através de políticas públicas. Os objetivos dessa pesquisa foram atingidos. Os resultados encontrados quanto aos fatores intraescolares contam com aspectos positivos ligados a formações continuadas, reuniões de HTC, participação dos pais, entre outros, no caso das escolas 1 e 2. Quanto a esses mesmos fatores, todavia, nas escolas 44 e 45, observaram-se aspectos negativos como rotatividade de funcionários, licenças médicas, dificuldades de localização, etc. No que se refere aos fatores extraescolares verificaram-se nas escolas 1 e 2 perspectivas de cunho positivo em relação ao aprendizado dos alunos e, perspectivas negativas nas escolas 44 e 45, tais como a falta de suporte da família, analfabetismo, dificuldades de transporte, entre outros. No que diz respeito à relevância do IDEB na atuação de educadoras, verificou-se a importância que deram a seu trabalho, destacando a equipe como um todo e a administração, além de enfatizarem o IDEB como parâmetro norteador para melhorias.

PALAVRAS-CHAVE: IDEB. Fracasso Escolar. Desenvolvimento Profissional. Educação Básica. Narrativas.

ABSTRACT

This research has as a central problem the question about what factors impact the results of the development of the education in the fundamental education (Elementary School and Middle School) of a municipality of Vale do Paraíba. We are looking into account indicators, specifically Index of Development of the Basic Education - IDEB. Based on this problem, it was intended to verify the reflection of the publication of this index in the performance of managers and teachers of the schools classified by it. As a central objective, it was sought through the register of managers and teachers' narratives what the meaning of IDEB for them. In parallel we ask them what factors are associated with the development of education. The data from this research serve to record the narratives of these professionals about their performance, as well as relate it to the results presented by IDEB. In this way, the study is important, since the IDEB allows to measure the performance of students of basic education, in this case more specifically of elementary education and, therefore, in the development of education. In order to carry out this research, we used data from the IDEB of the two schools with the highest and the two schools with the lowest score. This research is represented as qualitative, using as oral history methodology, whose data collection was performed through thematic oral history interviews, in which such interviews are based on the educators' narratives and according to their vision regarding the problem studied. The aspects of exclusion brought by authors such as Pierre Bourdieu and Bernard Lahire and aspects related to the school failure factors by Maria Helena Souza Patto were considered as object of study. The expected results were the collection of data about the meanings attributed to the IDEB by the educators and the understanding of the factors associated to the students' performance, analyzing the impact of this index on their performance as professionals. The objective was also to diagnose the existing situation as a way to enable improvements in education through public policies.

KEY WORDS: IDEB. School Failure. Professional development. Basic education. Narratives.

LISTA DE SIGLAS

ANA	–	Avaliação Nacional de Alfabetização
ANEB	–	Avaliação Nacional da Educação Básica
ANRESC	–	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP/UNITAU	–	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
CNE	–	Conselho Nacional de Educação
ENC	–	Exame Nacional de Cursos
ENADE	–	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	–	Exame Nacional do Ensino Médio
IDEB	–	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	–	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	–	Ministério da Educação
OCDE	–	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PDE	–	Plano de Desenvolvimento da Educação
PCNs	–	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	–	Plano Nacional de Educação
PROUNI	–	Programa Universidade para Todos
SAEB	–	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SAEP	–	Sistema de Avaliação do Ensino Público

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Evolução do IDEB nos anos iniciais até o ano de 2021.....	60
Figura 2 – Quantidade de Escolas x Comportamento das Notas no IDEB da 4ª série/5º ano de um município do Vale do Paraíba	73
Figura 3 – Quantidade de Escolas x Notas considerando a 4ª série/5º ano nos anos de 2013 e 2015	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dissertações e Teses acerca da gestão e avaliação da educação pública em 2012.	21
Tabela 2 – Aprendizado dos alunos do Estado de São Paulo tomando como base os resultados da Prova Brasil 2013	52
Tabela 3 – Notas do IDEB 2005, 2007, 2009, 2011, 2013 e projeções para o Brasil	56
Tabela 4 – Perfil das educadoras e estrutura das entrevistas	64
Tabela 5 – Notas do IDEB 2011, 2013, 2015 e metas projetadas em um município do Vale do Paraíba	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Problema.....	15
1.2. Objetivo	16
1.2.1. Objetivo Geral	16
1.2.2. Objetivos Específicos	16
1.3. Delimitação do Estudo	16
1.4. Relevância do Estudo / Justificativa.....	17
1.5. Organização da Pesquisa	18
2. REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1. Panorama dos Estudos sobre Avaliação da Educação.....	20
2.2. Teses e Dissertação sobre o Tema.....	21
2.3. Levantamento de artigos oriundos da Scielo sobre o tema	23
2.4. Fundamentação teórica.....	25
2.4.1. Direito à Educação no Brasil: um breve histórico	26
2.4.2. Educação como Direito: o foco na educação básica.....	30
2.4.2.1. O Ensino Fundamental e suas características.....	39
2.4.3. Fatores determinantes na qualidade da educação	40
2.4.4. Indicadores de avaliação da educação	44
2.4.5. Críticas quanto ao Ranqueamento	53
2.4.6. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica como foco de estudo	55
3. METODOLOGIA.....	61
3.1. Tipo de Pesquisa.....	61
3.2. População / Amostra	63
3.3. Instrumentos	65
3.4. Procedimentos para Coleta de Dados	66
3.5. Procedimentos para Análise de Dados	68
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS REFERENTES AO IDEB.....	70
5. ANÁLISE DA PESQUISA.....	77
5.1. Fatores Intraescolares	83
5.2. Fatores Extraescolares	89

5.3. Relevância na Atuação de Educadoras	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
7. REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE I - OFÍCIO	113
APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	114
APÊNDICE III – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	115
APÊNDICE IV – ENTREVISTAS.....	116
DIRETORA ESCOLA 1	116
PROFESSORA ESCOLA 1.....	122
DIRETORA ESCOLA 2	130
PROFESSORA ESCOLA 2.....	137
DIRETORA ESCOLA 44	146
PROFESSORA ESCOLA 44.....	155
DIRETORA ESCOLA 45	175
PROFESSORA ESCOLA 45.....	183
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema de pesquisa consistiu num estudo já iniciado na especialização, mas que agora gostaria de ter outra compreensão, além da preocupação com a educação, mais especificamente a educação básica, fator-chave para o futuro de qualquer aluno, fator este ainda de impacto no desempenho da graduação e no mercado de trabalho. Diante disso, decidi estudar o IDEB que representa o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, na qual gostaria de compreender os aspectos e fatores que impactam nos resultados deste indicador. Sendo assim, buscar responder algumas questões tais como: Quais são as condições extraescolares destes alunos? Será que eles têm o que comer em suas casas? Ou será que vão para a escola somente por conta da merenda escolar? Qual é o hábito de leitura dos pais destes alunos? Será que estes pais incentivam seus filhos a estudar? Qual é a perspectiva destes estudantes quanto a seu futuro? Já pensando nos educadores, será que eles conhecem o IDEB? Mais especificamente, será que conhecem o IDEB de sua escola? Como estes resultados impactam em sua atuação? Tais reflexões me fizeram optar por este tema e a partir de narrativas de educadores compreender quais os reflexos no desenvolvimento da educação no ensino fundamental de um município do Vale do Paraíba.

A educação representa um direito social e no Brasil é de competência da União tratar das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1988). Com base nesta premissa, esta pesquisa tem como contexto o estudo dos fatores que impactam com efetividade nos resultados de desenvolvimento da educação no ensino fundamental de um município do Vale do Paraíba, levando em consideração o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.

O IDEB foi criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com o objetivo de medir a qualidade do aprendizado nas escolas de todo o país e estabelecer metas para a melhoria do ensino. É um indicador que, segundo o Ministério da Educação (MEC) possibilita o monitoramento da qualidade da Educação, e que a princípio possibilita a mobilização das comunidades escolares em busca de melhorias. Isto porque o IDEB gera dados concretos, calculados a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo INEP (MEC, 2016).

O INEP é uma autarquia da esfera federal que se vincula ao MEC com o objetivo da promoção de estudos, pesquisas e avaliações a respeito do Sistema Educacional Brasileiro. Como objetivo, ainda deve subsidiar ações de políticas públicas voltadas à educação, tendo

como base a qualidade e equidade, além de garantir informações de caráter confiável a gestores, educadores, pesquisadores e comunidade em geral (INEP, 2017).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. O censo escolar consiste num levantamento de informações estatísticas e educacionais de cunho nacional que se realiza anualmente. Através do Censo, o INEP pode verificar o número de matrículas, o rendimento dos estudantes e inclusive a infraestrutura das escolas e função dos professores.

As médias de desempenho utilizadas para o cálculo do IDEB são as da Prova Brasil que compreende uma avaliação censual de escolas municipais, estaduais e federais, tendo como finalidade a avaliação da qualidade do ensino, para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que tem como objetivo a avaliação da Educação Básica no Brasil contribuindo para a melhoria de sua qualidade, bem como acesso à escola em caráter universal, garantindo subsídios para ações de políticas públicas destinadas à Educação Básica, para todos os estados do país, realizados a cada dois anos.

E é neste aspecto que se destaca o trabalho de pesquisa realizado, que compreendeu qual a percepção de gestoras e professoras sobre estes índices de avaliação da educação, e analisou qual a relevância disso em sua atuação profissional. Esta questão foi estudada em 4 escolas, pois entende-se que as metas estabelecidas pelo IDEB são diferenciadas para cada unidade escolar. Assim, selecionou-se os dois melhores e os dois piores índices da rede de um município do Vale do Paraíba no ano de 2013 relacionando-os com o ano de 2015, tendo em vista que o objetivo do IDEB é que as escolas alcancem 6 pontos até 2021, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos, segundo o MEC (FERNANDES, 2007).

Este estudo insere-se, portanto, no tema da “Educação Pública de qualidade” na rede municipal de ensino fundamental I associando as políticas públicas e instrumentos elaborados para sua categorização e melhoria.

A confrontação de dados relativos aos fatores escolares apresentados e os resultados do IDEB, em consonância com as preocupações contemporâneas, tem por finalidade buscar maior qualidade na educação. Mas como se sabe o processo educativo é mediado por pessoas – profissionais da educação e alunos. Por isso, esta pesquisa entrevistou tais sujeitos para verificar em suas narrativas qual significado atribuem a esses instrumentos.

A presente pesquisa pretende contribuir com o poder público, mais especificamente a Secretaria de Educação do município estudado, verificando os significados atribuídos aos índices, pretendendo auxiliar professores e gestores escolares e alunos.

Com relação às ações voltadas às políticas públicas, esta pesquisa pode ser utilizada como exemplo, para formações continuadas, isto é, fazendo com que os professores e gestores de todas as escolas do município reflitam acerca de suas ações e da importância dada aos resultados do IDEB, além da reflexão destes mesmos resultados em sua atuação profissional, bem como utilização desta pesquisa como ferramenta para se analisar práticas de gestão e práticas pedagógicas. Este estudo ainda pode servir como base para que haja um redirecionamento das políticas e práticas curriculares do município fazendo-os analisar o que de fato estão entendendo por educação. Isto é, a partir dos reflexos obtidos pelo indicador, mudanças na forma de financiamento, na gestão das escolas e nas próprias formas de avaliações destas mesmas escolas deverão ser consideradas. Em síntese, pode permitir que o poder público em geral reflita sobre suas próprias práticas, já que permite compreender porque uma determinada escola funciona tão bem e a outra não. Verifica através dos fatores observados o que precisa ser colocado como prioridade numa determinada escola no que diz respeito às ações públicas. Alguns questionamentos acabam por serem levantados, tais como: Será que o financiamento está sendo realizado adequadamente? Será que uma determinada escola recebe investimentos de acordo com sua necessidade? Será que as formas de avaliação interna de cada escola refletem realmente o que os alunos precisam para aprender? Quais as mudanças nas práticas dos professores e dos gestores deveriam ser tomadas para melhoria dos índices? Em resumo, esta pesquisa pode contribuir para verificação da manutenção ou redirecionamento das práticas e políticas curriculares, compreendendo práticas pedagógicas e de gestão.

1.1. Problema

Tendo como base a proposta do MEC de que o IDEB é instrumento para mobilização da comunidade escolar para a melhoria da educação, apresenta-se o seguinte problema: quais são os fatores que impactam com efetividade nos resultados do desenvolvimento da educação do ensino fundamental de um município do Vale do Paraíba, considerando indicadores como Índice de Desenvolvimento da Educação Básica? Além disso, qual é o reflexo da publicação

deste índice na atuação de gestores e professores? Segundo eles, qual o significado que atribuem ao IDEB?

1.2. Objetivo

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar os significados atribuídos ao IDEB pelas gestoras e professoras e quais os elementos intra e extraescolares são associados por elas ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de um município do Vale do Paraíba.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Compreender a percepção de gestoras e professoras sobre este índice de avaliação da educação;
- Comparar as perspectivas de educação segundo professoras e gestoras entre as escolas de maior e menor IDEB;
- Verificar os fatores intraescolares e extraescolares, atribuídos pelas gestoras e professoras que estão atrelados ao bom ou mau resultado encontrado através do IDEB nas escolas estudadas, bem como a relevância desses resultados em sua atuação profissional e como esses sujeitos se relacionam com as metas apresentadas pelo indicador;
- Estudar a relação existente entre os fatores escolares apontados nas entrevistas e os resultados obtidos pelo IDEB.

1.3. Delimitação do Estudo

Este estudo teve como finalidade compreender como profissionais da educação identificam os elementos que estão associados ao desenvolvimento da educação no ensino fundamental I de um município do Vale do Paraíba tomando como base os resultados do IDEB. Para isso, foram realizadas entrevistas com gestoras e educadoras, mais precisamente diretoras e professoras de escolas com os dois maiores e dois menores resultados da 4ª série/5º ano apontados pelo IDEB ao longo dos anos de 2011 e 2015.

A escolha levando em consideração a 4ª série/5º ano ocorreu em razão de compreender o final do 1º ciclo e sendo este um momento de avaliação final. Além disso, ter somente um professor como ocorre no Fundamental I facilita a seleção das informações, tendo em vista a relação de proximidade estabelecida entre professores e alunos, isto é, os alunos deste ciclo contam somente com um professor em sala que passam a conhecer sua realidade com mais propriedade, diferentemente do Fundamental II que conta com vários professores, mais distantes de seus alunos.

Esta pesquisa realizou um comparativo entre estas educadoras cujas perspectivas da educação são diferentes e que se acredita que tenham compreensões distintas em relação ao IDEB. Verificou-se se o tempo que estes professores passam com estes alunos impacta ou não nestes resultados, verificando suas percepções sobre o trabalho desenvolvido. Por fim, verificou-se qual é a produção de significados sobre o IDEB, visto que se entende ser importante compreender como este índice está sendo utilizado e se ele de fato está dando conta de mobilizar a comunidade escolar para promover uma melhora da educação.

Além disso, esta pesquisa serve em prol de políticas públicas voltadas à formação continuada, na qual os resultados observados servem como fator – chave para estudos em relação ao tema por parte dos educadores de modo geral e ainda contribui para a manutenção e/ou redirecionamento das práticas pedagógicas e de gestão, isto é, na qual os educadores podem verificar se suas ações estão em consonância com as necessidades de aprendizado dos alunos e ainda a continuação, melhoria ou mudanças nas políticas curriculares e de financiamento. Em suma, permite uma reflexão por parte do poder público em geral em relação aos gastos públicos de cada escola, em relação às suas práticas, considerando os fatores intra e extraescolares prioritários que carecem de maior atenção.

1.4. Relevância do Estudo / Justificativa

De acordo com Cossio (2014), existe uma argumentação de que quanto maior a vulnerabilidade dos alunos, menor é sua aprendizagem, quando de fato esta aprendizagem deveria ser garantida como forma de romper com o ciclo da exclusão e pobreza destes alunos. Tomando como base esta afirmação e compreendendo que o IDEB tem por finalidade a definição de metas e o monitoramento da qualidade do ensino básico no país, fornecendo informações inerentes ao desempenho de cada escola, buscou-se um diagnóstico acerca da realidade destas escolas com melhor e pior desempenho nas avaliações.

Este estudo se justifica pela importância que o IDEB assume ao medir o desempenho dos alunos de educação básica. Partindo deste desempenho, a pesquisa teve como objetivo verificar quais são os fatores, atribuídos pelas gestoras e professoras que estão atrelados ao bom ou mau resultado encontrado através do IDEB, nestas escolas. Este diagnóstico é de relevante interesse da gestão pública municipal, pelo fato de que pode propor caminhos para alocação dos recursos financeiros e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas – de formação continuada ou orientação pedagógica - na área de educação.

A pesquisa permite a partir das visões de gestoras e professoras verificar situações positivas e negativas destas instituições, o que impacta na aprendizagem e no relacionamento destes estudantes. É relevante interesse de toda a comunidade escolar, visto que se caracteriza como forma de buscar eficiência e qualidade na educação.

Em síntese, esta pesquisa pode contribuir para que as escolas verifiquem através dos fatores elencados pelas educadoras os aspectos que levam ao sucesso e ao fracasso de suas unidades. Além disso, pode permitir que as escolas vejam o que vai além do IDEB, visto que as educadoras relatam problemas de dentro e fora da escola.

1.5. Organização da Pesquisa

Nesta pesquisa, inicialmente foi abordada a educação como direito, enfatizando a educação básica, apresentando o conceito de educação, bem como de educação básica e a educação como direito de todos, sendo este último previsto na Constituição Federal. Para tanto, se refletiu também sobre a história da criação de instrumentos de avaliação da educação e fatores intra e extraescolares apresentados como determinantes na qualidade da educação.

Em seguida, tratou-se dos principais indicadores de avaliação na educação, como o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Enfatizou-se o IDEB como objeto de estudo.

Analisaram-se ainda as falas dos sujeitos desta pesquisa para com isso compreender os significados atribuídos aos instrumentos de avaliação e verificar como expressam continuidades ou mudanças de suas práticas profissionais de forma a articular o levantamento bibliográfico e o referencial teórico. Neste capítulo também se refletiu sobre o processo de produção das narrativas registradas pelo trabalho.

Na sequência, a conclusão foi apresentada para dar o fechamento ao trabalho, retomando as principais ideias discutidas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A presente revisão de literatura tem por finalidade delimitar o estudo considerando grandes estudiosos do tema, enfatizando o IDEB como objeto central e os aspectos intraescolares e extraescolares.

De acordo com Dourado, Oliveira e Santos (2007), é demonstrado através de estudos que as dimensões extraescolares afetam os processos inerentes à educação e os resultados escolares, visto que estas não podem ser deixadas de lado, caso deseje proporcionar uma educação com qualidade para todos os cidadãos.

Desse modo, esta revisão está dividida trazendo primeiramente um panorama dos estudos inerentes à avaliação da educação, abrangendo as dissertações e teses sobre o assunto, bem como artigos oriundos do banco de dados da Scielo e, por fim, uma fundamentação teórica elencada em grandes eixos temáticos, sendo a educação como direito, enfatizando a educação básica; os fatores determinantes na qualidade da educação; os indicadores de avaliação da educação e; o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

2.1. Panorama dos Estudos sobre Avaliação da Educação

Ao apresentar aqui um panorama dos estudos sobre Desenvolvimento da Educação, teve-se como objetivo traçar apontamentos feitos por pesquisadores sobre a temática.

De acordo com o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Portal Domínio Público – Biblioteca digital desenvolvida em software livre, foram encontrados 74.732 trabalhos com data de defesa do ano de 2015. Destes, 12.228 são da grande área Ciências Humanas, 4.586 da área de Educação e 123 do programa de Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Pela pesquisa acima citada, foram selecionados estudos realizados no ano de 2015, sendo escolhidos os estudos considerados de maior relevância para a presente pesquisa de acordo com o tema, os quais se mostram a seguir com uma síntese da proposta dos autores dos trabalhos selecionados.

Justifica-se a escolha de trabalhos realizados no ano de 2015 devido a sua antecedência de um ano ao trabalho aqui realizado. Investigaram-se os registros sobre o tema. Nestes trabalhos foram ainda considerados estudos relacionados à Gestão Escolar e Avaliação da Educação Pública.

2.2. Teses e Dissertação sobre o Tema

Na referida pesquisa foi possível ter acesso aos seguintes textos de dissertações e teses, conforme Tabela 1:

Tabela 1 – Dissertações e Teses acerca da gestão e avaliação da educação pública em 2012

Dissertações e Teses	
Tipologia	Quantidades
Dissertações	5
Teses	0

Com relação às dissertações e teses do ano de 2015, relacionadas à Avaliação da Educação Pública, pode-se salientar alguns aspectos descritos nos parágrafos a seguir.

Boechat (2015) buscou analisar como a Gestão Integrada de uma escola no Rio de Janeiro acarretou em mudanças na Gestão e no desempenho de um determinado colégio estadual. Desta forma, foi considerada a gestão educacional integrada, estratégica e participativa bem como os fatores da gestão escolar, gestão de resultados da educação, envolvendo pedagogia, participação e planejamento. Procurou-se verificar a relação entre a gestão escolar e o desempenho dos alunos desta escola. Foi evidenciado neste estudo que a Gestão Integrada acarretou na mudança de visão dos gestores com relação à gestão estratégica e participativa e ainda na importância da análise de resultados oriundos de avaliações internas e externas. Antes da implantação da Gestão Integrada nesta escola, verificou-se que o cenário existente apresentava déficit de professores bem como falta de conhecimento por parte de educadores, além da falta de ferramentas de gestão. Sendo assim, esta escola priorizou o estudo do diagnóstico da realidade da escola, o planejamento e a execução de metas que pudessem melhorar as dificuldades apresentadas, fazendo com que os professores buscassem práticas pedagógicas capazes de impactar positivamente no processo de ensino e aprendizagem. A gestão integrada se deu em relação a uma sintonia entre gestores, pedagogos e professores. Verificou-se ainda a existência de deficiências com relação a este mesmo ensino e aprendizagem como, por exemplo, a participação dos pais na vida escolar dos filhos.

Essa dissertação contribui com a presente pesquisa, pois considera a análise dos resultados de avaliações na gestão de educadores e ainda leva em consideração fatores como a presença dos pais na vida acadêmica de seus filhos. Esta pesquisa na qual estamos estudando

também teve como foco os resultados de avaliações enfatizando o IDEB e os fatores que impactam nestes mesmos resultados.

Souza (2015) analisa o resultado e as causas que contribuíram para que quatro escolas do estado do Rio de Janeiro não alcançassem as metas designadas pela secretaria de educação, sendo que as entrevistas e questionários foram realizados com professores e gestores destas mesmas escolas. Para tal, foram necessários estudos em relação à gestão participativa, liderança e planejamento estratégico. Foram analisados os resultados de avaliações externas e realizadas entrevistas com os gestores destas escolas. Os resultados analisados demonstraram a existência de problemas tais como a relação de professores com a direção escolar, o desinteresse de pais e alunos com relação ao processo de ensino e aprendizagem e ainda a dificuldade de compreensão dos resultados como forma de criação de novas políticas e ações. Esta dissertação auxilia com relação ao IDEB, aos fatores e ainda com relação às políticas públicas que poderão ser levadas em consideração como forma de orientação ao poder público e conseqüentemente manutenção e/ou melhoria dos resultados.

Pimenta (2015) contribui em seu estudo analisando as ações por parte dos gestores que são fatores de contribuição para a implantação do Programa de Intervenção Pedagógica e que impactam de forma positiva no desempenho de três escolas do Estado de Minas Gerais, isto é, até que situação estas ações gestoras contribuem para a melhoria dos resultados. O estudo verificou que a melhora dos resultados externos se relaciona a ações desenvolvidas pelos gestores e notou-se que tais gestores apresentaram dificuldades no equilíbrio entre o pedagógico e o administrativo. Em síntese, esta pesquisa demonstrou que estes gestores devem ser o administrador, o líder, o mediador de ações, incentivador de formação continuada dos professores, entre outros. Este estudo ainda buscou mostrar a ação do gestor e identificar boas ações que permitam o alcance dos melhores índices. Interessa ressaltar que este estudo contribui para esta pesquisa no sentido de que tais resultados podem ser considerados como fatores – chave de relevância na atuação de educadores.

Alves (2015) em seu estudo busca analisar quais fatores contribuem para a eficácia e o sucesso de uma determinada escola localizada em Pernambuco, tendo em vista seu excelente desempenho nas avaliações externas. Foi observado nesta escola que além da liderança da equipe, do ótimo clima escolar, da integração com a comunidade e do foco nos aspectos pedagógicos, a questão de monitorar as ações realizadas pelas educadoras de apoio caminham para situações de ensino e aprendizagem e conseqüentemente, impactando positivamente nas avaliações. A partir daí, verifica-se a importância de boas práticas de gestão e do Projeto

Político Pedagógico que deve ser deliberado juntamente com a comunidade escolar. Verifica-se ainda nesta dissertação a importância de um ambiente escolar estruturado, organizado e administrado por princípios de democracia e participação. O estudo de Alves se relaciona com esta pesquisa no fato de buscar compreender quais são os fatores que impactam em indicadores.

Rodrigues (2015) em sua pesquisa buscou analisar quais são os fatores intra e extraescolares que estão associados à eficácia escolar do Instituto de Educação Eber Teixeira de Figueiredo, localizado no Rio de Janeiro, tendo em vista seus excelentes resultados nas avaliações internas e externas. Neste estudo foram considerados fatores extraescolares tais como a condição social e econômica das famílias e a relação escola-família-comunidade e aspectos intraescolares tais como recursos existentes, clima acadêmico, formação dos professores, gestão escolar e foco pedagógico. Verificou-se nesta escola que existe uma organização administrativa e pedagógica participativa, na qual toda a comunidade está envolvida e ainda com ótimas expectativas com relação à escola por parte dos alunos. Este estudo também se relaciona com a presente pesquisa por considerar fatores intra e extraescolares que impactam nos resultados avaliativos.

Os trabalhos aqui apresentados se relacionam diretamente com esta pesquisa, tendo em vista que analisam indicadores, verificam os resultados do desempenho dos alunos e ainda compreendem as causas de fracasso ou sucesso escolar. Esse estudo tratou também dos indicadores, enfatizando o IDEB e verificou os resultados obtidos pelos alunos das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no indicador. Além disso, buscou compreender quais as causas que afetam estes resultados e ainda, verificou se este indicador impacta na atuação dos educadores das escolas analisadas.

2.3. Levantamento de artigos oriundos da Scielo sobre o tema

No que diz respeito aos artigos relacionando o tema “Indicadores e Avaliação Educacional”, há a presença de material significativo para este estudo.

Vicente, Baquim e Herneck (2017) destacam em sua pesquisa o impacto das avaliações externas no trabalho docente em escolas públicas da microrregião de Ubá, Minas Gerais. Destacam ainda que as avaliações externas não consideram o contexto escolar e a participação dos professores e que a qualidade da educação deve ser pautada pela valorização docente e não somente por metas incessantes como o IDEB. Esse estudo se relaciona

diretamente com a presente pesquisa, tendo em vista que analisa os fatores que vão além do IDEB, compreendendo a realidade de cada escola através da fala de educadoras.

Gusmão e Ribeiro (2016) investigam se as políticas educacionais do Acre explicam o crescimento do IDEB. Segundo eles, há indícios de que primeiramente as decisões tomadas na primeira gestão foram influenciadas nos baixos resultados apresentados pelo SAEB. As entrevistas realizadas indicaram que a política foi formulada considerando a participação de pessoas com formação, experiência e compromisso político. A política educacional acreana apresentou algumas características como: uso de estratégias de planejamento; estabelecimento de objetivos e prioridades; estabelecimento de um padrão básico de funcionamento das escolas de modo a nortear a distribuição de recursos; valorização dos professores por meio da revisão do plano de cargos e salários e formação inicial e continuada; valorização e utilização dos resultados das avaliações externas; investimento em infraestrutura; respeito à cultura local; foco na aprendizagem e no ensino e; fortificação da relação entre estado e municípios. Essas informações servem como parâmetro à presente pesquisa visto que permitem um “olhar” mais apurado por parte dos gestores do município em questão quanto aos resultados verificados pelo IDEB, isto é, podendo analisar quais são as áreas que carecem de maior e menor atenção quanto à divisão de recursos, infraestrutura e formação docente.

Bernardo e Christovão (2016) investigam como o Programa Mais Educação vem sendo desenvolvido na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro de modo a contribuir com impactos na qualidade do ensino. O programa busca identificar os fatores que impactam a qualidade das escolas, acrescentando a sua aposta à ampliação do tempo e dos espaços escolares, nesta situação, a educação integral e a educação em tempo ampliado. Tal estudo se relaciona com esta pesquisa visto que também busca compreender os fatores que impactam no desenvolvimento da educação, considerando o IDEB.

Chirinéa e Brandão (2015) trazem à tona a reflexão da qualidade da educação básica considerando o IDEB. Destacam que o IDEB se caracteriza como finalidade de políticas públicas do Estado em prol de melhorias para o setor educacional. Todavia, ressaltam que dados como valorização docente, piso salarial compatível com a função exercida, bibliotecas bem estruturadas, cursos de formação e aperfeiçoamento, bem como redução do número de estudantes por sala não são verificados sob a ótica dos indicadores. Segundo eles, é necessário integrar os resultados do desempenho escolar com os contextos intraescolares e extraescolares. Esse estudo se assemelha com esta pesquisa no sentido de verificar os fatores

que impactam nos resultados do IDEB sob a ótica de educadores, verificando o que vai além do índice.

Zampiri e Souza (2014) discutem o papel do Estado na garantia do direito à educação a partir da aferição entre as ações governamentais e os resultados do IDEB de escolas públicas do Ensino Fundamental. Este estudo se relaciona com a presente pesquisa visto que trata a educação básica como direito de todos, relacionando ainda o IDEB como foco de estudo.

2.4. Fundamentação teórica

A presente fundamentação teórica trata de assuntos relativos ao conceito de educação, tendo como foco a educação básica e a educação como direito, direito este de responsabilidade do Estado.

Esse estudo aborda os fatores escolares como determinantes da qualidade da educação. Destaca ainda os indicadores existentes de avaliação, tais como o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, sendo este último o foco deste estudo.

Com relação aos eixos dessa fundamentação teórica, no que diz respeito à educação como direito, são abordados aspectos inerentes à educação como um direito de todos e que deve ser garantido tanto pelo Estado quanto pela família, enfatizando o que está previsto na Constituição Federal. Como direito, é apresentado sob a ótica de diversos estudiosos do tema como Bourdieu, Brandão, Mizukami, dentre outros.

No que se refere aos fatores determinantes na qualidade da educação são considerados os fatores que causam algum impacto no ensino e na aprendizagem, fatores determinantes do sucesso e/ou fracasso escolar, sendo utilizados como peças-chave autores como Patto e Lahire.

No eixo avaliação da educação são considerados e explorados o conceito de avaliação, bem como detalhamento do que vem a ser os mais destacados indicadores, enfatizando o que é SAEB, Provão, ENEM e, por fim, o IDEB. Tais informações foram extraídas de estudiosos do assunto e do INEP.

O último eixo aborda o IDEB como foco de estudo, conceituando o indicador, tratando de suas notas e projeções, bem como destacando sua importância para a educação básica.

Interessante destacar ainda alguns pontos elencados por autores como Nóvoa, Tardif e Raymond e Tardif e Lessard.

Nóvoa (2009) destaca alguns elementos associados à prática pedagógica, sendo: estudo detalhado de cada caso, análise de um todo referente às práticas pedagógicas, persistência profissional e compromisso com a sociedade e anseio por mudança.

Tardif e Raymond (2000) traz à tona os saberes docentes, elencando os saberes pessoais; saberes provenientes de formação anterior; saberes oriundos de formação profissional para o magistério; saberes oriundos de programas e livros didáticos e; saberes relativos à própria experiência.

Tardif e Lessard (2005) destaca a importância do trabalho docente sobre e para o aluno.

Nóvoa (2009) traz reflexões quanto aos elementos do trabalho docente, compreendendo o conhecimento, cultura profissional, tato pedagógico, trabalho em equipe e compromisso social.

Todas essas questões são tratadas em consonância com as falas da educadoras em estudo ao longo da análise da pesquisa.

2.4.1. Direito à Educação no Brasil: um breve histórico

De acordo com Flach (2011) a República no Brasil herdou do Período Imperial um contexto de educação bastante difícil, já que alfabetizar crianças não era prioridade do poder público, ou seja, a República não culminou em transformação social ou educacional.

Segundo Romanelli (1986), o início da República ainda era marcado pelo pensamento colonial, vendo a educação como forma de preservação da aristocracia. Desta forma, foi favorecido um sistema em que de um lado encontravam-se os pobres com o ensino primário através das escolas profissionais e, de outro lado encontravam-se os ricos com ensino secundário ligado ao ensino superior.

Flach (2011) destaca que as reivindicações pela elaboração de uma política educacional, regida pelas necessidades da população surgiram de movimentos não obrigatoriamente ligados ao poder instituído. Uma das propostas mais relevantes que demandava a elaboração de uma política educacional consistente encontra-se no documento formulado por Fernando de Azevedo na década de 1930 ao povo e ao governo brasileiro propondo a reconstrução da educação no Brasil.

Esse documento ficou conhecido como “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” e reafirmava a importância da educação tanto para o país, quanto para a cidadania dos brasileiros. Embora naquele momento histórico a discussão se focasse na oferta da escola para

todos, já que a educação existente poderia ser considerada como privilégio para determinada parcela da sociedade, pode-se retirar do documento a preocupação em demonstrar o quão significativo se torna o processo educacional para o desenvolvimento da população. Para a importante missão de criar uma verdadeira revolução social, os envolvidos do manifesto elevavam a ação da escola.

Ao identificar a educação como direito de todos, o Manifesto dos Pioneiros evolui na compreensão da temática educacional como fundamental para o desenvolvimento da cidadania na nação que se formava. Desse modo, é importante ressaltar o papel desempenhado à época do Manifesto, que trouxe em suas características as importantes reivindicações de uma educação pública, obrigatória, gratuita, leiga e igual para todos. Essas lutas tomadas como princípios fundamentais para a educação brasileira demonstram o quão fundamental é sua efetivação para que a conquista da cidadania seja verdadeira, levando em conta o contexto em que se insere a temática, excluindo-se os privilégios de classe, até então existentes e retirando a organização escolar que privilegiava alguns em detrimento de uma grande maioria. Ao ser ministrada de maneira geral, comum e igual para todos os brasileiros, a educação fortificaria a igualdade necessária entre as pessoas que representam o povo brasileiro.

Em uma sociedade consolidada na desigualdade, a proposição de uma educação conforme as “aptidões” ou “direito biológico” não parece algo de fato voltado para o direito à educação.

Embora houvessem contradições e interesses, o “Manifesto” tornou-se um importante documento por discutir os problemas educacionais brasileiros, alavancando o posicionamento de educadores e pessoas ligadas ao governo sobre questão tão evidenciada na realidade do Brasil. Também é necessário considerar que o “Manifesto dos Pioneiros” foi um documento criado a partir das discussões da intelectualidade liberal envolvida politicamente, membros da classe dominante, ele não possuiu efetividade prática sozinho, entretanto, influenciou o pensamento na área educacional e deixou marcada a defesa do direito das crianças e jovens de 7 a 15 anos a uma educação integral. Até mesmo alguns dos princípios defendidos naquele documento foram discutidos e inseridos no texto da Constituição de 1934.

A Constituição Federal de 1934 destaca em seu artigo 149 que a educação é direito de todos e deve ser proporcionada pela família e pelos poderes públicos. Em seu artigo 150 é destacado que é de competência da União (BRASIL, 1934):

- Fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do País;
- Determinar as condições de reconhecimento oficial dos estabelecimentos de ensino secundário e complementar deste e dos institutos de ensino superior, exercendo sobre eles a necessária fiscalização;
- Organizar e manter, nos Territórios, sistemas educativos apropriados aos mesmos;
- Manter no Distrito Federal ensino secundário e complementar deste, superior e universitário;
- Exercer ação supletiva, onde se faça necessária, por deficiência de iniciativa ou de recursos e estimular a obra educativa em todo o País, por meio de estudos, inquéritos, demonstrações e subvenções.

De acordo com Flach (2011), apesar da Constituição de 1934 ter expressado em seu texto questões relevantes para a educação, esse documento durou por pouco tempo, devido ao processo social e político que o sucedeu. O golpe de Estado que instalou o Estado Novo trouxe junto de si uma nova Constituição, a de 1937, a qual reprimiu muitas das conquistas educacionais contidas no texto constitucional anterior.

Ao abordar a Constituição de 1946, é evidenciado através do Artigo 168 que o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional e; o ensino primário oficial é gratuito para todos (BRASIL, 1946).

A Constituição de 1988 ressalta outros aspectos da educação, sendo que em seu artigo 205 trata a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, visando preparar o indivíduo para a cidadania e qualificação para o trabalho. Além disso, o artigo 206 destaca os princípios do ensino (BRASIL, 1988):

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade.

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal.

Tanto a Constituição Federal de 1988, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, consideram a obrigatoriedade e gratuidade da escola pública para o ensino fundamental. Apesar desses dispositivos legais não sejam garantia de mudança na realidade existente, podem ser considerados como um avanço educacional (FLACH, 2011).

Grossi, Gasparotto e Vieira (2014) fazem uma síntese quanto ao processo de mercantilização da educação, destacando que as políticas de ajuste neoliberal elevam-se com a crise do capital que teve como início o fim da década de 1970 do século XX. Eles ressaltam que esta crise trouxe consequências como desequilíbrios macroeconômicos, financeiros e produtivos, atingindo todos os países, culminando na precarização das políticas sociais. Ressalta-se ainda que as medidas de ajuste neoliberal foram utilizadas globalmente e, apesar de maneiras diferentes, a utilização destas medidas acarretou em impactos negativos para a economia, principalmente, para o campo social, o que representou o retraimento do Estado no seu papel de condutor e executor de políticas sociais. Nos países onde não havia um Estado de Bem-Estar Social organizado, as políticas de ajuste vieram mais no sentido da economia, visto que as políticas sociais ainda não existiam.

As políticas de ajuste neoliberal alcançaram o Brasil num processo atrasado de constituição de um Estado de Bem-Estar Social e, sendo assim, este modelo não chegou a ser implantado no país (SOARES, 2000).

Verifica-se, assim, segundo Grossi, Gasparotto e Vieira (2014) que dependendo do nível de desenvolvimento da dimensão social do Estado, no sentido de estruturar as respostas às necessidades da sociedade, o impacto negativo do neoliberalismo foi vivenciado de formas mais ou menos intensas. No caso do Brasil, que não havia constituído um Estado de Bem Estar, então, não contava com as mínimas condições de responder as necessidades sociais, este impacto culminou em enormes custos ao campo social. Os defensores do neoliberalismo acusam os compromissos assumidos pelo Estado de Bem Estar Social como o central motivo da crise econômica mundial, afirmando que esta crise decorre do aumento dos investimentos em políticas públicas para garantia dos direitos sociais. Desse modo, a superação da crise, no modo defendido pelos neoliberais, necessitaria de algumas medidas econômicas e sociais, como, por exemplo, a desregulamentação dos mercados, a flexibilização do mercado de

trabalho e a desestruturação do Estado. Desta forma, são defendidas a abertura comercial, as privatizações, a redução do papel do Estado, a liberalização dos mercados financeiros e o corte nos investimentos públicos na área social.

No Brasil, os impactos dos ajustes neoliberais tornam-se mais evidentes em suas consequências econômicas e sociais a partir de meados da década de 1990 do século XX, na qual a ideia citada pelos neoliberais de que a consolidação de um Estado mínimo, que cumpra apenas com algumas funções mínimas, como saúde pública, educação básica e manutenção da infraestrutura fundamental para o desenvolvimento econômico, ganha autenticidade. Tal fato reforça a ideia de que a privatização e redução do tamanho do Estado diminuiria o gasto público e, então, acabaria com o déficit público. Sendo que até à época da adesão às políticas de ajuste neoliberal, o Brasil não havia fortificado o campo das políticas sociais, e deste modo, não se configurando como direito do cidadão e dever do Estado, a partir do momento em que o país abraça ao ajuste, com a recomendação da redução do Estado é que a política social na perspectiva do direito e da universalização torna-se quase que um sonho. Privatizar as políticas sociais ultrapassa a política de educação. Resulta de um processo de diminuição do Estado e dos investimentos imprescindíveis à materialização de direitos sociais. As políticas sociais, em especial, a saúde e a educação, até então implantadas através da ação do Estado, passam a ser retiradas devido a redução do Estado na execução de políticas públicas garantidoras de direitos, situação que cria um largo espaço para a realização destas por intermédio do mercado (GROSSI; GASPAROTTO; VIEIRA, 2014).

2.4.2. Educação como Direito: o foco na educação básica

Esse tópico tem por finalidade compreender a educação como um direito de todos e como dever do Estado e da família. Além disso, esse tópico busca ainda compreender a função da educação, abordagens, conceitos e responsabilidade por parte de cada ente federado, segundo autores em contextos diversos.

Já há algum tempo, Bourdieu (2008) traz o que se percebe fortemente: a realidade das escolas precárias que se multiplicaram nos locais mais pobres acolhendo uma quantidade muito grande de alunos e a outra realidade com a existência de colégios cujos alunos das famílias mais ricas podem frequentar. Afirma que os alunos mais pobres têm grandes possibilidades de conseguir depois de uma extensa escolaridade, cujo pagamento foi realizado com muito sacrifício, um diploma bastante desvalorizado e se isto não ocorrer, estarão destinados à exclusão.

A fala de Bourdieu apesar de refletir um universo diferente do tratado nessa pesquisa e ainda em contexto diferente pode ser utilizada para os dias atuais, tendo em vista que no Brasil existem diversas escolas um tanto quanto precárias que acolhem crianças e/ou jovens muito pobres, ao passo que existem grandes colégios conceituados que dão lugar somente àqueles que podem pagar. Além disso, ainda se observa um percentual considerável de alunos da rede privada que ingressam no ensino superior público, ao passo que aqueles que estudaram em escolas públicas precisam se esforçar para pagar seus estudos, isso se conseguirem, ou seja, quando muitos têm outras prioridades e acabam por parar de estudar.

De acordo com Piletti (1991), a educação como direito universal varia de grupo social, segundo concepções na qual cada sociedade tem do homem, do mundo, da vida social e do processo educativo.

Silva (1995) traz uma valiosa contribuição ao tratar das vozes que se calam frente a situações de impotência:

Quando se analisam de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação (SILVA, 1995, p.161).

Esta afirmação permite o seguinte questionamento: E o direito à educação? É direito de todos, mas é considerada a questão da exclusão?

Silva (1995) ainda contribuiu trazendo o “silenciamento das infâncias” na qual não se destaca como fator de estudo as condições de vida de uma infância pobre, das crianças do mundo denominado “real”, entre outras condições humanas. Existem países que vivem em condições de fome, guerra e pobreza. Nesta situação então, é necessário e imprescindível o conhecimento como fator de correção das desigualdades e injustiças que são os causadores de tais conflitos. É por intermédio do ensino e da aprendizagem que se constroem significados e se verificam os interesses sociais.

Lahire (1997) contribui com uma reflexão bastante relevante ao tratar dos chamados “fracassos escolares”:

[...] A questão central que moveu nossa pesquisa diz respeito à compreensão das diferenças “secundárias” entre famílias populares cujo nível de renda e nível escolar são bastante próximos. Semelhantes por suas condições econômicas e culturais – consideradas de forma grosseira a partir da profissão do chefe de família –, como é possível que configurações familiares engendrem, socialmente, crianças com níveis de adaptação escolar tão diferentes? Quais são as diferenças internas nos meios populares suscetíveis de justificar variações, às vezes consideráveis, na escolaridade

das crianças? O que pode esclarecer o fato de que uma parte delas, que tem probabilidade muito grande de repetir o ano no curso primário, consegue escapar desse risco e até mesmo, em certos casos, ocupar os melhores lugares nas classificações escolares? [...] A maneira pela qual os professores primários classificam os “fracassos” escolares, ou seja, atribuem a esses acontecimentos um contexto interpretativo, é relativamente diferente quando julgam individualmente os alunos de uma classe ou quando julgam as “causas gerais” do fenômeno. Quando os professores falam de uma forma muito genérica, as “grandes causas sociais” tornam-se predominantes [...] (LAHIRE, 1997, p. 12-13).

Ainda segundo Lahire (1997) é possível evidenciar através de sua fala sobre o tempo que não existe mais por parte dos pais para com seus filhos, bem como as precárias situações na qual esses filhos estão expostos:

[...] Procedem assim, de certa forma, à maneira dos sociólogos que manipulam categorias macrosociológicas. Viveríamos em uma sociedade na qual os pais não “conversam mais com seus filhos”, não têm “mais tempo” ou “mais vontade” por causa de suas ocupações profissionais, onde os círculos familiares se tornam “cada vez mais instáveis”, com mães solteiras, famílias “implodidas” pelos divórcios, separações e situações econômicas “precárias” (desemprego, salário mínimo de inserção*...). Os filhos, em tais situações, “perdem todos os parâmetros”, “não desenvolvem sua linguagem” e “são abandonados a si próprios”. Quanto aos pais, estes deixam de ser “verdadeiros pais”: não desempenham – ou não desempenham mais – seu “papel”, “omitem-se” e “não cuidam mais dos filhos” (LAHIRE, 1997, p. 12-13).

Canclini (2008) trata da questão da tecnologia e do acesso à internet e traz um questionamento bastante interessante: o que fazer para que este acesso à tecnologia não contribua para aumentar ainda mais as desigualdades históricas entre nações ou etnias, níveis de economia e educação?

A educação abrange todos os processos formativos do indivíduo, os quais podem se desenvolver em ambientes como o familiar, de trabalho, em movimentos sociais, em instituições de ensino e pesquisa, manifestações culturais, entre outros.

Educação escolar se desenvolve através do ensino, com predominância em instituições para este fim. Pauta-se pela vinculação com o mundo de trabalho e com a prática social, focalizando o exercício da cidadania. A educação pauta-se ainda nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, cuja finalidade é o desenvolvimento do educando e qualificação para o trabalho (BRANDÃO, 2004).

Ainda considerando a função da educação, observa-se:

A educação emerge aí como um instrumento de correção dessas distorções. Constitui, pois, uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. Sua função coincide, no limite, com a superação do fenômeno da marginalidade. Enquanto esta ainda existir, devem intensificar-se os esforços educativos; quando for superada, cumpre manter os serviços educativos num nível

pelo menos suficiente para impedir o reaparecimento do problema da marginalidade. Como se vê, no que respeita às relações entre educação e sociedade, concebe-se a educação com uma ampla margem de autonomia em face da sociedade. Tanto que lhe cabe um papel decisivo na conformação da sociedade evitando sua desagregação e, mais do que isso, garantindo a construção de uma sociedade igualitária (SAVIANI, 2012, p. 4).

Segundo Mizukami (2014), a educação pode ser compreendida considerando as abordagens tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural, a saber:

- Abordagem tradicional: refere-se ao processo de ensino-aprendizagem que se apoia numa prática educativa e na transmissão ao longo dos anos. Neste modelo, a educação compreende uma instrução, tendo como característica a transmissão de conhecimentos e é limitada à ação da escola;
- Abordagem comportamentalista: voltada para as contingências do meio, na qual o conhecimento é visto como algo dado no mundo externo. Tudo o que foi descoberto, já faz parte da realidade. Neste sentido, educação está relacionada à transmissão de cultura, isto é, por intermédio da disseminação de conhecimentos, bem como comportamentos, práticas e habilidades, tudo de modo a manipular e controlar o ambiente. Desse modo, o sistema de educação tem por objetivo a promoção de mudanças nos indivíduos, culminando em novos comportamentos;
- Abordagem humanista: nesta abordagem, o foco é no sujeito, cuja ênfase consiste nas relações interpessoais e ao crescimento que destas relações ocorre, cujo centro é desenvolver a personalidade do indivíduo, os processos de construção e organização pessoal da realidade e a capacidade de atuação de forma integrada. Em suma, é a educação centrada no aluno;
- Abordagem cognitivista: refere-se a aspectos como o processamento de informações, estilos de pensamento, organização do conhecimento e comportamentos inerentes à tomada de decisões. O processo de educação segundo esta abordagem, visa estimular situações na qual seja possível que se construa progressivamente noções e operações, no mesmo momento em que a criança vive cada etapa de seu desenvolvimento. Desta forma, o objetivo consiste que o aluno aprenda por si próprio;
- Abordagem sociocultural: valorização da cultura popular. Visa criar condições para que o indivíduo desenvolva uma atitude de reflexão, comprometendo-se com a ação.

Como verificado por Cury (2008), educação básica compreende um conceito novo, na qual busca gerenciar uma diversidade de realidades novas deixadas pela procura de um espaço público novo. De maneira etimológica, a palavra básica, vinda de “base”, na qual deriva do grego *básis*, *eós* refere-se a um substantivo, ou seja, fundação, pedestal e ao mesmo tempo refere-se a um verbo, isto é, andar, avançar. Constitui direito do cidadão e dever do Estado, atuando no campo das desigualdades sociais. A educação básica tem por objetivo o desenvolvimento do aluno, proporcionando-lhe formação comum para que possa exercer a cidadania e lhe forneça formas de progresso no trabalho e avanço nos estudos.

Pautados nos princípios de liberdade e solidariedade humana, Strehl e Réquia (2000) afirmam que direitos e deveres do homem, como indivíduo e cidadão, respeito ao homem em suas convicções, respeito à liberdade individual sem causar danos à coletividade, respeito aos seres humanos sem quaisquer tipos de preconceitos compreendem metas a serem atingidas por intermédio da ação educativa. Busca-se a partir de então, a formação do caráter e da personalidade das novas gerações. É dever da educação proporcionar ao aluno as condições necessárias para acompanhar as transformações, despertando nele a busca, a pesquisa e a atualização contínua. O desenvolvimento do aluno em sua plenitude supõe uma educação integral, tendo como base objetivos bem esclarecidos, na qual considere o homem não apenas como indivíduo, todavia, também como membro de uma sociedade. A escola tem por obrigação fazer com que o aluno adquira conhecimentos relacionados às exigências da ação produtiva, desenvolva hábitos profissionais, demonstre o valor das ocupações, levando ao entendimento de que o trabalho pode trazer realização pessoal, atendendo tanto às suas próprias necessidades como também às da sociedade na qual está inserido. Portanto, a escola tem como tarefa preparar o aluno para uma cidadania consciente, assegurando assim a unidade nacional.

Conforme aponta Brandão (2004), a Educação Básica tem por objetivo o desenvolvimento do educando, de modo que se assegure a ele uma formação que seja comum e indispensável para que possa exercer a cidadania e possua meios para progredir no trabalho e em futuros estudos. Isso significa prover o aluno de meios necessários à sua sobrevivência e convivência social.

Neste sentido, tal aparato também está disposto no artigo 205 da Constituição Federal de 1988, no qual, a educação é compreendida como dever do Estado e da família, tem o objetivo de desenvolver plenamente a pessoa, preparando-a para exercer a cidadania e se qualificar para o trabalho.

Ao trazer os aspectos de que a educação é dever da família, Lahire (1997, p. 17) destaca que “De fato, a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família”.

“Ela não “reproduz”, necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida” (LAHIRE, 1997, p.17).

O ensino escolar deve ser fator de contribuição para formar cidadãos capazes de pensar e aprender continuamente dentro de um ambiente de avanço das tecnologias de produção, de modificação da organização do trabalho, das relações contratuais capital-trabalho; desenvolver conhecimentos e capacidades para o exercício da cidadania de forma autônoma, crítica e consciente; prover formação que atenda à necessidade de qualificação profissional, de desenvolvimento de atitudes e de preparação tecnológica e; formar cidadãos solidários e éticos (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003).

O acesso à educação é direito de todos, todavia, este direito é de responsabilidade da família e do Estado, isto é, ambos têm a responsabilidade de proporcionar as condições para que a criança tenha acesso à educação escolar. Desta forma, é de competência do Estado oferecer número suficiente de vagas nas escolas públicas, mais especificamente em creches, pré-escola, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial. Como competência dos pais, estes devem matricular seus filhos na escola, bem como zelar para que eles não a abandonem. Como princípios norteadores da educação são verificados a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; liberdade de aprendizado e de ensino, bem como a pesquisa e a disseminação da arte, do saber e do pensamento; pluralismo de ideias; respeito à liberdade; consideração da tolerância; existência ao mesmo tempo de escolas públicas e privadas; ensino público gratuito; valorização do profissional escolar; ensino pautado na gestão democrática, garantia de ensino de qualidade, valorização da experiência além da escola e vinculação da escola com o trabalho e as práticas sociais (BRANDÃO, 2004).

Conforme destaca Rodrigues (1986), o dever da educação é de responsabilidade do Estado, cumprido pelos três níveis da gestão pública: União, Estados e Municípios. No que diz respeito à responsabilidade da União, o Ministério da Educação é responsável por coordenar a formulação das diretrizes básicas inerentes à educação. Cabe à União realizar a política nacional da educação escolar e determinar um currículo de caráter básico para todos

os níveis de ensino em áreas fundamentais. É ainda de responsabilidade da União, coordenar a política de formação de educadores de modo que possam atuar em todos os níveis da educação.

Dourado et al. (2006) define as responsabilidades de cada ente federado com relação à oferta de educação:

- União: coordenação da política nacional de educação; função normativa, redistributiva e supletiva; criação do Plano Nacional de Educação; organização e manutenção de órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino; criação de diretrizes curriculares; disseminação de informações acerca da educação; avaliação da educação em todos os seus níveis e; normatização de cursos superiores e reconhecimento destes cursos;
- Estados: manutenção de órgãos oficiais de sistemas de ensino; execução de planos educacionais; reconhecimento de cursos superiores; normas suplementares e; garantia do ensino fundamental e prioridade do ensino médio;
- Municípios: manutenção de órgãos oficiais de sistemas de ensino; normas complementares; autorização de estabelecimentos de sistema de ensino e; oferta da educação infantil e prioridade do ensino fundamental.

Brandão (2004) afirma que este dever do Estado está vinculado a algumas premissas, sendo: oferecer o Ensino Fundamental, que é constitucionalmente obrigatório e gratuito; gerar esforços para que exista uma ampliação da obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Médio; oferecer atendimento educacional especializado e de forma gratuita a todos os alunos portadores de necessidades especiais e oferecer atendimento em creches e pré-escolas a todas as crianças, sem exceção, que tenham entre 0 e 6 anos de idade; proporcionar acesso aos níveis mais elevados de ensino e de pesquisa levando em consideração a capacidade de cada educando; oferecer o ensino noturno regular; viabilizar programas suplementares de material didático, alimentação, transporte e assistência à saúde no Ensino Fundamental; e por fim e mais importante, garantir os padrões mínimos de qualidade do ensino.

Ainda segundo Brandão (2004), os sistemas de ensino são classificados em sistemas federais, estaduais e municipais, sendo:

- Sistema Federal de Ensino: refere-se às instituições mantidas pela União, por exemplo, as universidades federais e os Centros Federais de Educação Tecnológica, universidades e faculdades particulares e órgãos como o Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP e o Conselho Nacional de Educação – CNE;

- Sistema de Ensino dos Estados e do Distrito Federal: refere-se às instituições mantidas pelo poder público estadual e pelo Distrito Federal, como as escolas estaduais de Ensino Fundamental e Médio, as universidades estaduais e os colégios técnicos estaduais, instituições de Educação Superior mantidas pelo município, escolas particulares de ensino fundamental e médio e órgãos do Estado de Educação e do Distrito Federal, como os conselhos estaduais de Educação;
- Sistema de Ensino dos Municípios: refere-se às instituições mantidas pelo município, como as escolas municipais de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, creches e pré-escolas particulares e órgãos municipais, como os Conselhos Municipais de Educação.

Retomando a questão “Educação como direito”, é necessário destacar a importância da meta 2 do Plano Nacional de Educação - PNE para o ensino fundamental, isto, é, a meta 2 do Plano Nacional de Educação afirma que se deve “Universalizar o Ensino Fundamental de 9 anos para toda a população de 6 a 14 anos e garantir que pelo menos 95% dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE” (BRASIL, 2014).

Importante ressaltar ainda embasada na Lei 13.005/2014 a Meta 7 do PNE que busca fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, visando a melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir as médias nacionais propostas (BRASIL, 2014).

Todas essas informações são de relevância, tendo em vista que reafirmam o papel da educação na vida desses alunos, destacando que é direito deles e obrigação do Estado.

Retratando a problemática dos fatores que impactam na qualidade da educação, observa-se de acordo com Saviani (2012) que segundo estimativas inerentes à década de 1970, aproximadamente 50% dos alunos das escolas primárias encontravam-se em condições de semianalfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina. Fato este sem deixar de levar em consideração o número de crianças que mal tem acesso à escola. Isso permite um questionamento de como as teorias educacionais podem se posicionar frente a esta situação. Essas teorias podem ser visualizadas entendendo a educação como uma forma de discriminação social, isto é, a sociedade é compreendida como harmoniosa, tendo

seus membros integrados, mas a marginalidade emerge como um fenômeno acidental que afeta estes membros.

Em um estudo realizado na França, Bernard Lahire, por intermédio de seu livro (livro de 1997), investigou casos de sucesso, mas também situações de problemas com alunos de aproximadamente 8 anos. O estudo consistiu na seleção de grupos escolares situados em zonas de educação prioritárias, observou-se que considerando a população inicial estudada e que mora em bairros populares, 77% dos pais destas crianças eram operários ou empregados não qualificados e somente uma minoria dos chefes de família se constituía de empregados qualificados e com profissões intermediárias como artesãos e comerciantes. Ainda observou-se nesta análise que 66% das mulheres eram donas de casa (LAHIRE, 1997).

Sawaia (2001) constata que no Brasil, crianças e jovens são alvo de exploração desde os tempos de colônia. Apesar de ser ilegal, o trabalho semiescravo ainda é visto no país. De acordo com o IBGE de 1991, cerca de 7.500.000 crianças e adolescentes trabalhavam no Brasil. Essa verificação faz com que os defensores dos direitos humanos se coloquem em evidência através da formação de grupos. Isso permite verificar que ainda se vive com problemas de igualdade e justiça, havendo debates acerca da demanda por leis mais rígidas. Considerando a metrópole, notam-se resultados não muito contrários, tornando-se ainda mais evidentes em decorrência de que a maior parte da população brasileira vive em zonas urbanas. É possível verificar que muitas famílias têm como fator de sobrevivência o trabalho destas crianças. Esses mesmos jovens não aparecem com nenhum direito trabalhista garantido. Essas crianças infelizmente acabam por não ter acesso à educação, ficando, portanto, desde pequenas excluídas de um dos direitos da cidadania.

Patto (2000) destaca que a educação era vista como privilégio de poucas pessoas, no momento da Proclamação da República, menos de 3% da população tinha acesso à escola e aproximadamente 90% da população adulta era analfabeta. Entre 1889 e 1930, o voto era manipulado pelas elites que garantiam o domínio dos coronéis, presente na primeira Constituição da República. Desta forma, apesar de existir princípios de cunho democrático-liberal, a política apresentava uma vertente autoritária e elitista. Em 1930, a expansão da rede pública de ensino tinha pouca expressão quando comparada com estatísticas inerentes ao Império e o país apresentava aproximadamente 75% de analfabetos. É importante salientar que foram nas quatro décadas do período da República Velha que foram criados fatores para mudanças no quadro social, econômico, cultural e político que acabaram por levar à revolução de 1930. A agitação nos meios educacionais da década de 20 fez parte então de uma luta

política entre grupos da elite ao chamar os princípios liberais, o que provocou o ideal de sociedade igualitária, conseguindo assim a adesão da classe operária e de pequenos comerciantes bem como funcionários, além de ainda algumas categorias da burguesia empresarial. Os membros de classes menos favorecidas passaram então a reivindicar o direito à educação escolar. Desta forma, os educadores progressistas passaram a levar suas intenções ao povo, crendo na hipótese de democratização. Embora o “entusiasmo” existente não ter resultado em mudanças significativas no ambiente escolar do Brasil, não se pode deixar de lado a importância destes anos para a história do país.

2.4.2.1. O Ensino Fundamental e suas características

O Ensino Fundamental deve ter duração de nove anos. Sendo ele obrigatório, sua finalidade consiste na formação básica do cidadão. Essa formação deverá ser atingida por intermédio do pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Além disso, a aprendizagem do sistema político, das artes, da tecnologia e do ambiente natural e social também representam metas a serem atingidas no Ensino Fundamental (BRASIL, 1996).

A duração do ensino fundamental de oito anos foi alterada para nove anos e de acordo com a Lei nº 11.114 de 16 de maio de 2005 e em seu artigo 6º verifica-se que é dever dos pais que efetuem a matrícula de seus filhos no ensino fundamental a partir dos seis anos de idade (BRASIL, 2005).

O ensino fundamental deve ainda fortalecer os vínculos familiares, a tolerância e a solidariedade humana. Os sistemas de ensino podem desdobrar o Ensino Fundamental em ciclos, incluindo os processos de progressão continuada. Deve ainda ser ministrado em língua portuguesa e de forma presencial, sendo facultada a utilização do Ensino à Distância, desde que seja utilizado somente como forma de complementação da aprendizagem. No que tange às comunidades indígenas, deve ser garantida a utilização de suas línguas maternas bem como de seus próprios processos de aprendizagem (BRASIL, 2014).

Com relação aos aspectos de currículo, interessante destacar os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs que representam um referencial de qualidade para a educação no ensino fundamental do Brasil e tem como finalidade a orientação e garantia dos investimentos no sistema educacional, na qual existem discussões e pesquisas com subsídios da participação de técnicos e professores. Estes parâmetros são flexíveis, já que apresentam propostas pautadas nas decisões regionais e locais em relação aos currículos projetados por

autoridades governamentais, escolas e professores. O conjunto das ponderações expressas devem respeitar as diversidades culturais, étnicas, religiosas, regionais e políticas. Desta forma, a busca pela qualidade necessita de investimentos em formação inicial e continuada de professores, de salários dignos, de plano de carreira, de qualidade do livro didático, de recursos e ainda necessita de debates e atividades acadêmicas voltadas para o ensino e aprendizagem (MEC, 1997).

A secretaria da Educação de São Paulo criou em 2008 um currículo base destinado aos anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio. O objetivo é oferecer uma base comum de conhecimentos e competências, sendo utilizada por docentes e gestores das mais de cinco mil escolas do Estado, pautando-as pelos mesmos objetivos. São contemplados no currículo do Estado de São Paulo os cadernos dos docentes e dos discentes, sendo estes organizados por disciplinas seguindo a série, ano e bimestre (SÃO PAULO, 2016).

No município do Vale do Paraíba em questão, foi criada em 2015 a Lei nº 9.298 que aprova o Plano Municipal de Educação compreendendo as diretrizes: erradicação do analfabetismo; universalização do atendimento escolar; superação das desigualdades educacionais; melhoria na qualidade da educação; formação para o trabalho e para a cidadania; promoção da gestão democrática da educação pública; promoção do município nos aspectos humanísticos, culturais e tecnológicos; estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação; valorização dos profissionais da educação e; promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos e referentes à sustentabilidade socioambiental. Ainda compreendem estratégias do Plano Municipal de Educação do município: articulação de políticas da educação com as demais políticas sociais; consideração das necessidades da população do campo, promovendo a equidade educacional e; garantia do atendimento das necessidades específicas dos estudantes da educação especial do ensino municipal (MUNICÍPIO DO VALE DO PARAÍBA, 2015).

2.4.3. Fatores determinantes na qualidade da educação

No que tange aos fatores associados à qualidade da Educação, conforme Cóssio (2014), quanto maior é a vulnerabilidade na qual os estudantes estão expostos, menor por consequência é sua aprendizagem, quando na verdade, esta deveria ser garantida de modo que exista uma ruptura no ciclo da pobreza e da exclusão destes mesmos alunos. Destaca ainda que:

Ao desconsiderar-se a materialidade da vida humana, do direito à dignidade e às condições mínimas de sobrevivência, as histórias desses grupos também são negligenciadas.

Em que pese se possa considerar que boa parte das escolas empreenda esforços no sentido de atender as demandas sociais dos grupos em situação de vulnerabilidade, seja por meio dos programas governamentais de merenda escolar, da ampliação do tempo de permanência do aluno na escola, de equipamentos, materiais didático-pedagógicos e salas-ambientes adequadas para pessoas com dificuldades de aprendizagem, entre outros, seja por meio de projetos próprios, essas questões não fazem parte do currículo escolar (CÓSSIO, 2014, p.1580).

Patto (2000) destaca um fator da teoria escolanovista¹ que representa um dos lados da pesquisa de Educação sobre o fracasso escolar: a nova pedagogia não encontrava as causas das dificuldades de aprender dos alunos nas origens e sim nas formas e métodos de ensinar. Desta forma, inicia-se o pensamento em torno dos fatores intraescolares de rendimento educacional. Seguindo o mesmo raciocínio, a psicologia adotada desde o século XVIII não apresentava preocupação com as diferenças individuais, não passando pelo fracasso escolar em causas situadas no estudante ou em outras palavras, nos fatores extraescolares. Considera a existência de quatro fatores na qual a escola primária estava inserida: pedagógicos, sociais, médicos e psicológicos. No que diz respeito aos fatores pedagógicos, é destacada a importância que é atribuída ao processo de ensino no sucesso da escola. Ainda associa a situação da escola no Brasil à baixa qualidade dos professores e a uma política de educação que destina no primeiro ano docentes desmotivados e sem a devida vocação exigida pela alfabetização. Desta forma, afirma que é necessária a adaptação das atividades às necessidades dos alunos, levando em consideração as especificidades destes, especialmente em termos de idade e aspectos culturais. Ao tratar dos fatores sociais na escola primária, são percebidas duas surpresas e incoerências: a atribuição das dificuldades das escolas públicas a condições externas à escola e encontradas nos alunos e em seu ambiente cultural e familiar e; o modo preconceituoso de enxergar as classes mais pobres. É destacado em relação a este pensamento acerca dos alunos algumas reflexões: “Têm os heróis do morro, que tocando violão, embriagando-se, dormindo durante o dia, em constante malandragem à noite, vivem uma vida sem normas, sem direção...”; “Vence o mais forte; é ainda a lei dos primeiros tempos” e ainda; “A escola aconselha boas maneiras, procura difundir hábitos sociais de polidez. Mas no morro, na casa de cômodos, isso nada exprime e até se torna ridículo empregar ‘com licença’, ‘desculpe’, ‘muito obrigado’.”.

¹ A ideia da Escola Nova veio para contrapor o que era apontado como “tradicional”. Os seus defensores buscavam diferenciar-se das práticas pedagógicas anteriores. No fim do século XIX, muitas das transformações que seriam afirmadas como originais pelo “escolanovismo” da década de 20, já eram verificadas e colocadas em prática (LAGE, 2017).

Cóssio (2014) trata da avaliação utilizada nos anos 1990 para medir a qualidade da educação: aborda primeiramente a ideia de avaliação por intermédio de uma prova aplicada a todos os estudantes. Afirma que utilizar o resultado de uma prova simplesmente como produto, pouco contribui para a qualidade escolar, sendo necessário, portanto, levar em consideração fatores como estrutura didática, pedagógica, física, material, as condições de trabalho dos docentes bem como seu reconhecimento, o local na qual a comunidade está inserida e a forma como vivem os alunos.

Patto (2000) traz discursos de dois autores como Planchard (1945) e Renault (1953). O primeiro autor em relação à aprendizagem do aluno afirma “todo o seu raciocínio desenvolve-se em torno das condições físicas, sociais, intelectuais e temperamentais do aluno e de sugestões para o seu tratamento”. O segundo autor coloca em pauta a má qualidade do ensino, mas ainda ressalta “Nenhum professor consegue lecionar o vácuo, isto é, realizar a sua tarefa sem correspondência de gestos, atitudes, esforço e direção da parte de seus alunos”. É observado que crianças que apresentam alta capacidade muitas das vezes até aprendem sozinhas, ao passo que as menos dotadas, carecem de um tratamento que leve em consideração suas condições.

Retomando o início da década de 1970, Patto (2000) contribui com informações de que após os resultados de pesquisas acerca das características físicas, intelectuais, cognitivas, físicas e emocionais das crianças de diversas classes sociais, notou-se que a teoria da “carência cultural” ressaltou que a pobreza das classes baixas acarreta em deficiências no desenvolvimento psicológico infantil, fator este de dificuldade de aprendizagem na escola.

Gentili (2013) ressalta que crianças vindas de famílias pobres são em grande maioria as que têm menos sucesso quando avaliadas a partir de procedimentos tradicionais de medida e as mais difíceis de serem ensinadas por intermédio dos métodos convencionais. Essas compreendem as crianças com menos poder na escola e que têm menos capacidade de fazer com que suas necessidades sejam atendidas, entretanto, são as que mais dependem da escola para conseguir sua educação. Destaca ainda que o fato de os sistemas educacionais propiciarem o fracasso das crianças mais pobres faz com que exista uma grande indignação verificada nos estudos em relação à desvantagem na educação.

Ainda segundo Patto (2000), para que se construa um país fortalecido, é necessária a ampliação da escolaridade e do acesso à tecnologia às camadas menos favorecidas. De acordo com o Censo de 1964, constatou-se que em grande maioria, as crianças entre 7 e 14 anos não estudavam por necessidade de trabalhar, deficiências, pobreza, doenças e falta de interesse

escolar. Os fatores extraescolares exerciam grande influência no rendimento dos alunos, como por exemplo, a falta dos pais nas reuniões, a vontade de trabalhar logo, autoritarismo dos pais, pouco contato entre pais e filhos com relação à leitura e alta densidade habitacional. A experiência das mães em uma determinada escola mostra que quando chamadas estas se posicionam de forma bastante tensa, preocupadas e tímidas. Muitas se julgam como se não tivessem o direito de estar na escola e ainda mesmo sabendo o objetivo de estar na escola, a grande maioria não sabia por que estavam ali, imaginando, portanto, que foram chamadas para ouvir problemas ou queixas de seus filhos.

Tomando como base parâmetros mais recentes da realidade, Cóssio (2014) traz argumentos de que a formulação de uma base curricular comum inerente à pouca especificação dos Parâmetros Curriculares Nacionais permite que cada escola elabore seu Projeto Político-Pedagógico, levando em consideração as diferenças locais e de gestão democrática, todavia, ao passo que estas instituições passam por avaliações como o SAEB e a Prova Brasil, acaba por ocorrer o oposto, isto é, as provas acabam por não avaliar a qualidade do currículo.

Considerando as informações inerentes ao Censo de 1964 e comparando-as com o Censo Escolar de 2016, verifica-se segundo o INEP (2017) que existem ao todo 15,3 milhões de matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental, destes, 79,6% estudam em escolas com sala de professores; 82,8% estudam em escolas com secretaria; 68,2% tem acesso a laboratório de informática; 59,1% estudam em escolas com quadra de esportes; 72,1% estudam em escolas com biblioteca ou sala de leitura; 53,8% estudam em escolas com banheiro adequado a alunos com deficiência; 95,4% estudam em escolas com banheiro e; 76,5% dos matriculados estudam em escolas com computadores.

Embora alguns percentuais sejam mais altos, ainda pode se verificar que existem muitas escolas com problemas de infraestrutura e de material. Tais escolas ficam comprometidas, impactando diretamente no ensino-aprendizagem de seus alunos.

Garcia (1999) trata dos processos de formação docente, isto é, a aquisição e/ou aperfeiçoamento dos conhecimentos e habilidades dos docentes podem ser considerados fatores para melhoria da qualidade da educação. Tais processos de profissionalização de professores levam em conta a aprendizagem dos alunos.

André (2010) afirma que o docente apresenta papel crucial na educação escolar, entretanto, outros fatores precisam ser considerados, como o clima da escola, os recursos

materiais e físicos disponíveis, a participação dos pais, as políticas existentes e a atuação da administração escolar.

Lahire (1997) destaca que ao tratar-se de questões que considerem o sucesso ou fracasso escolar não se pode contentar em medir rigorosamente tomando como base uma pré-construção social. É preciso constatar e analisar as variações históricas e sociais inerentes a cada grupo de alunos. O fracasso ou sucesso escolar são reflexos da história relativa a uma configuração escolar e econômica específica, não podendo ser generalizados.

Os fatores determinantes na qualidade da educação apontados pelos autores servem como base para melhor compreensão acerca da realidade das escolas estudadas, isto é, tal fundamentação permite que se verifique se tais fatores fazem parte ou não dessas escolas, enfatizando os fatores intraescolares e extraescolares, considerando os aspectos ligados à inclusão e exclusão escolar.

2.4.4. Indicadores de avaliação da educação

Antes de tratar dos indicadores da educação, faz-se necessária a apresentação do conceito de “avaliação” e como contribuição Mizukami (2014) afirma que a avaliação segundo a abordagem tradicional de ensino realiza-se objetivando reproduzir o conteúdo comunicado na sala de aula. É medido pela quantidade e precisão de informações que se consegue reproduzir utilizando, portanto, exames, chamadas orais, provas e exercícios. Como consequência, as notas atingidas representam os níveis de aquisição do patrimônio cultural.

A avaliação do aprendizado consiste numa das maiores preocupações dos professores, pelo fato de que quando há resultados positivos permite a continuidade dos estudos, todavia, quando negativos acarretam em repetência e evasão, gerando consequências nos próprios estudantes, família e no ensino. Tais reprovações desestimulam os alunos, levando-os ao abandono da escola. Sendo assim, a avaliação torna-se um fator de suma importância, pois permite que o docente compreenda se os objetivos da educação foram alcançados, se houve o desenvolvimento de atitudes e habilidades, se construiu conhecimentos e se houve ainda a mudança de comportamentos. Desta forma, o principal objetivo da avaliação não deve ser a classificação aprovando ou reprovando o aluno, mas sim, deve representar um mecanismo de diagnóstico da situação, introduzindo, assim, as melhorias que se fizerem necessárias. A avaliação deve, portanto, monitorar o crescimento do aluno como um todo, em suas dimensões cognitiva, psicomotora e afetiva (STREHL; RÉQUIA, 2000, p.38-39).

Hoje em dia, a educação brasileira utiliza como avaliação o SAEB no ensino fundamental, o ENEM no ensino médio e o Provão no ensino superior. Avaliação é diferente de medida, visto que medida representa aferição, dada em notas ou conceitos. Avaliação refere-se à educação propriamente dita, ao papel do docente e ao que é conhecimento. No Brasil, as pesquisas sobre avaliação iniciaram-se em 1930 e desde então, existem dois marcos avaliativos. Primeiramente, entre 1930 e 1970, cujo foco é dado nos testes padronizados, medindo as habilidades dos alunos. Em um segundo momento, a partir da década de 80, surge um modelo avaliativo que considera as questões de poder e de conflito no currículo. O SAEB, ENEM e Provão não consideram este segundo modelo, pelo fato de que medem o rendimento dos alunos, controlando resultados, classificando e comparando escolas (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003, p. 205-206).

Importante apenas fazer uma interrupção para destacar que o antigo Provão foi substituído pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE, em 2004 (GRIBOSKI, 2012).

Como apontado por Veloso et al. (2009), no que diz respeito à obtenção de melhorias na qualidade da educação, foram implantados instrumentos de avaliação do ensino. No que se refere ao ensino básico, houve a reformulação do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, criado em 1988. Todavia, apenas em 1995 ocorreram mudanças neste modelo de avaliação. A mudança mais significativa foi o fato de o sistema permitir comparar os resultados ao longo do tempo e, além disso, a prova tornou-se bienal. O ensino médio também passou a ser avaliado e houve a inclusão das escolas particulares no exame. No ano de 1998, foi criado o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, cuja finalidade é avaliar o nível dos estudantes que o estão concluindo ou que tem por objetivo ingressar no ensino superior. Atualmente, muitas universidades utilizam o ENEM como maneira de ingresso nos cursos superiores. Outro instrumento que foi criado para medir a qualidade da educação foi o Provão, cuja implementação se deu em 1996, na qual a finalidade era avaliar os resultados obtidos pelas instituições de ensino superior. Como característica, representa um instrumento universal e anual.

Luckesi (2011) afirma que a avaliação da aprendizagem no Brasil é recente, todavia, os exames escolares são muito mais antigos do que se imagina. Estes exames foram sistematizados no decorrer dos séculos XVI e XVII, juntamente com a urgência da modernidade. Os exames escolares têm cerca de quinhentos anos de vigência. Já a avaliação

da aprendizagem apenas começou a ser proposta em 1930 quando Ralph Tyler explicou a importância do cuidado dos educadores para com seus educandos.

Luckesi (2011) traz ainda o assunto do fracasso escolar, especialmente tratando dos resultados do ENEM no ano de 2007. Seu objetivo inicial era de investigar a qualidade e as dificuldades do Ensino Médio no Brasil, entretanto, se tornou forma para ingresso no ensino superior. O ENEM ainda demonstra o sucesso e o fracasso escolar nas escolas, estudadas por região, estado e unidades escolares. Diante da comparação das escolas foram analisadas variáveis tais como investimentos nos educadores, existência de biblioteca e investimento na aprendizagem dos alunos. A escola que demonstrou melhor resultado apresenta uma boa biblioteca e há investimentos na qualificação dos docentes e tem por objetivo buscar o aprendizado de seus alunos. Já a escola com o pior desempenho não apresenta essas características. Afirma ainda que gestão satisfatória, financiamento e prática pedagógica representam fatores que determinam resultados satisfatórios. Os fatores externos que visam compreender a escola por intermédio de seus condicionamentos sócio-históricos e os fatores internos que têm por objetivo a eficiência do ensino-aprendizagem precisam ser considerados.

Ao tratar das políticas públicas voltadas à educação, analisa-se a seguir de acordo com o INEP (2017) informações acerca do SAEB de acordo com seu histórico e criação:

- SAEB: O Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB foi implantado em 1990, sendo composto por um conjunto de avaliações externas em grande escala e tem como principal finalidade realizar uma pesquisa da educação básica brasileira e de algumas causas que possam interferir no desempenho do aluno, fornecendo um parâmetro sobre a qualidade do ensino oferecido. Tal diagnóstico produz informações que subsidiam a formulação, reformulação e o controle das políticas públicas nas esferas municipal, estadual e federal, buscando contribuir para a melhoria da qualidade, igualdade e eficiência do ensino. Esse levantamento busca ainda oferecer dados e indicadores sobre fatores de influência do desempenho dos alunos nas áreas e anos avaliados. Em 2005, o SAEB foi reformulado e passou a ser composto por duas avaliações: a Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEAB), que manteve as características, os objetivos e os procedimentos da avaliação realizada até aquele momento pelo SAEB, e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), conhecida como Prova Brasil, com a finalidade de avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas das redes públicas. No ano de

2013, a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) foi integrada ao SAEB para melhor medir os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática.

Ainda tratando das políticas públicas considerando seu momento histórico, é importante contextualizar o Provão, conforme informações da UNICAMP (2017):

- Provão: Nome popular pelo qual ficou conhecido o Exame Nacional de Cursos - ENC, criado pela Lei nº 9.131, de 24/11/1995, e regulamentado pela Portaria nº 249, de 18/03/1996. Em 1996, abrangeu aos graduandos de apenas 4 cursos de graduação de todas as universidades. Em 2003, após anos de diversas críticas de parte dos acadêmicos e dos boicotes promovidos por muitos alunos, o exame foi extinto. Neste momento, contemplava um total de 24 áreas de graduação, com 5.030 cursos e 395.955 estudantes inscritos. Em meados dos anos 1990, o ENC concretizou-se num dos eixos centrais das reformas educacionais dos governos Fernando Henrique Cardoso na presidência da República e do ministro da educação, Paulo Renato Souza. Foi motivo ainda de intensa propaganda por parte deste governo, o qual apresentava o ENC como forma de remediar os problemas da qualidade do ensino superior no país. Na prática, constituía-se num exame de caráter nacional, homogêneo, feito por grupos de “especialistas” de cada uma das áreas do conhecimento avaliadas. O provão atribuía conceitos individuais (A, B, C, D e E) aos candidatos, que, eram obrigados a comparecer ao exame, mas não obrigados a obterem bons conceitos. A ausência do aluno implicava na impossibilidade de acesso ao diploma escolar até que ele prestasse o exame nos próximos anos. Funcionou entre 1996 e 2002 e produziu diversos rankings entre as instituições de ensino, jamais havendo qualquer tipo de punição das atividades naquelas instituições que, por mais de 3 anos seguidos, obtiveram conceitos “D” e “E” no exame, pelo conjunto de seus estudantes.

Outra política que merece destaque é o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que segundo o MEC (2016), consiste em:

- ENEM: Foi criado no ano de 1998, tendo por finalidade avaliar o desempenho dos alunos ao completar a escolaridade básica. Estão aptos a participar do exame aqueles que estão concluindo ou que já concluíram o exame em anos anteriores. Esse exame é utilizado como critério de seleção para os alunos que

pretendem concorrer a uma bolsa pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI). Além disso, aproximadamente 500 universidades utilizam o resultado do ENEM como critério de seleção para ingresso no ensino superior.

Segundo Alavarse, Bravo e Machado (2013) há uma preocupação em compreender quais políticas públicas voltadas à educação podem impactar de maneira positiva em sua qualidade. Deste modo, como sistema de avaliação central do presente estudo, verifica-se o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB.

O IDEB foi criado em 2007 e toma como base o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações.

As metas de qualidade relativas à educação básica do Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE possibilitava que as escolas se organizem para que melhor atendam seus alunos. O PDE teve sua criação no ano de 2007, teve por objetivo a melhoria da qualidade da educação no país e permitiu que o MEC se organizasse e trabalhasse com estados e municípios. O PDE apresenta uma série de diretrizes, mas podem-se citar algumas como o estabelecimento da ênfase à aprendizagem; alfabetização de crianças até oito anos de idade; acompanhamento individual dos alunos, através de avaliações; combate à evasão; valorização da ética e; promoção da gestão participativa (MEC, 2011).

Importante criar aqui uma linha do tempo, traçando aspectos inerentes ao Plano Nacional de Educação - PNE (2001-2010), Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE e PNE (2014-2024).

Segundo a Lei 10.172 de 9 de janeiro de 2001, fica aprovado o PNE com duração de 10 anos, sendo que a partir dessa lei os Estados, Distrito Federal e os Municípios terão por obrigação a elaboração dos planos decenais correspondentes. A União juntamente com os Estados, Distrito Federal, Municípios e sociedade civil dará continuidade a avaliações periódicas de implantação do PNE. O Poder Legislativo através das Comissões de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados e da Comissão de Educação do Senado Federal monitorará a execução do Plano Nacional de Educação. A primeira avaliação será realizada no quarto ano de vigência da referida lei. A União será responsável por instituir o Sistema Nacional de Avaliação, estabelecendo os instrumentos necessários ao monitoramento das metas do PNE. É instituído o Dia do PNE, sendo comemorado em 12 de dezembro.

Em resumo, o PNE tem por objetivos: elevar o nível de escolaridade da população; melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; redução das desigualdades sociais e regionais

referente ao acesso e permanência na educação pública e democratização da gestão do ensino público (BRASIL, 2001).

Ao abordar sobre o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, o Decreto 6.094 de 24 de abril de 2007 destaca que tal plano é a junção dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, cuja atuação se dá conjuntamente às famílias e comunidade, visando a melhoria da qualidade da educação básica. Destaca ainda que a participação da União no Compromisso será pautada pelo incentivo e apoio à implantação por Municípios, Distrito Federal e Estados, considerando as seguintes diretrizes (BRASIL, 2007):

- Estabelecer como foco a aprendizagem, apontando resultados concretos a atingir;
- Alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico;
- Acompanhar cada aluno da rede individualmente, mediante registro da sua frequência e do seu desempenho em avaliações, que devem ser realizadas periodicamente;
- Combater a repetência, dadas as especificidades de cada rede, pela adoção de práticas como aulas de reforço no contra turno, estudos de recuperação e progressão parcial;
- Combater a evasão pelo acompanhamento individual das razões da não-frequência do educando e sua superação;
- Matricular o aluno na escola mais próxima da sua residência;
- Ampliar as possibilidades de permanência do educando sob responsabilidade da escola para além da jornada regular;
- Valorizar a formação ética, artística e a educação física;
- Garantir o acesso e permanência das pessoas com necessidades educacionais especiais nas classes comuns do ensino regular, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas;
- Promover a educação infantil;
- Manter programa de alfabetização de jovens e adultos;
- Instituir programa próprio ou em regime de colaboração para formação inicial e continuada de profissionais da educação;
- Implantar plano de carreira, cargos e salários para os profissionais da educação, privilegiando o mérito, a formação e a avaliação do desempenho;
- Valorizar o mérito do trabalhador da educação, representado pelo desempenho eficiente no trabalho, dedicação, assiduidade, pontualidade, responsabilidade,

realização de projetos e trabalhos especializados, cursos de atualização e desenvolvimento profissional;

- Dar consequência ao período probatório, tornando o professor efetivo estável após avaliação, de preferência externa ao sistema educacional local;
- Envolver todos os professores na discussão e elaboração do projeto político pedagógico, respeitadas as especificidades de cada escola;
- Incorporar ao núcleo gestor da escola coordenadores pedagógicos que acompanhem as dificuldades enfrentadas pelo professor;
- Fixar regras claras, considerados mérito e desempenho, para nomeação e exoneração de diretor de escola;
- Divulgar na escola e na comunidade os dados relativos à área da educação, com ênfase no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB;
- Acompanhar e avaliar, com participação da comunidade e do Conselho de Educação, as políticas públicas na área de educação e garantir condições, sobretudo institucionais, de continuidade das ações efetivas, preservando a memória daquelas realizadas;
- Zelar pela transparência da gestão pública na área da educação, garantindo o funcionamento efetivo, autônomo e articulado dos conselhos de controle social;
- Promover a gestão participativa na rede de ensino;
- Elaborar plano de educação e instalar Conselho de Educação, quando inexistentes;
- Integrar os programas da área da educação com os de outras áreas como saúde, esporte, assistência social, cultura, dentre outras, com vista ao fortalecimento da identidade do educando com sua escola;
- Fomentar e apoiar os conselhos escolares, envolvendo as famílias dos educandos, com as atribuições, dentre outras, de zelar pela manutenção da escola e pelo monitoramento das ações e consecução das metas do compromisso;
- Transformar a escola num espaço comunitário e manter ou recuperar aqueles espaços e equipamentos públicos da cidade que possam ser utilizados pela comunidade escolar;
- Firmar parcerias externas à comunidade escolar, visando a melhoria da infraestrutura da escola ou a promoção de projetos socioculturais e ações educativas;
- Organizar um comitê local do Compromisso, com representantes das associações de empresários, trabalhadores, sociedade civil, Ministério Público, Conselho Tutelar e

dirigentes do sistema educacional público, encarregado da mobilização da sociedade e do acompanhamento das metas de evolução do IDEB.

Levando em consideração o IDEB, a qualidade da educação básica será medida, levando em conta o indicador calculado e divulgado pelo INEP a partir de dados sobre rendimento escolar juntamente com o desempenho dos alunos, constantes do Censo Escolar e do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, cuja composição se dá a partir da Avaliação Nacional da Educação Básica – ANEB e da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – Prova Brasil (BRASIL, 2017).

A Lei 13.005 de 25 de junho de 2014 aprova o Plano Nacional de Educação – PNE, cuja vigência é de 10 anos a contar da publicação desta lei (2014-2024).

São consideradas diretrizes do PNE: erradicação do analfabetismo; universalização do atendimento escolar; superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; melhoria da qualidade da educação; formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade; promoção do princípio da gestão democrática da educação pública; promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país; estabelecimento de meta de aplicação de os recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade; valorização dos (as) profissionais da educação e; promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Em síntese, ao considerar o IDEB como foco de estudo, verifica-se, portanto, que tal indicador faz parte do Plano Nacional de Educação.

Em relação à Prova Brasil e ao SAEB, estes representam avaliações que tem por finalidade avaliar a qualidade do ensino brasileiro por intermédio de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Estes testes são aplicados na quarta e oitava séries do ensino fundamental, nas quais os alunos respondem a questões de português e matemática. Já com relação ao questionário socioeconômico, estes alunos trazem informações sobre fatores de seu meio que podem estar ligados ao desempenho. Tomando como base estas informações, o Ministério da Educação – MEC e as secretarias de Educação definem ações voltadas para aprimorar a qualidade da educação e reduzir as desigualdades em questão. As médias obtidas nestas avaliações também acarretam em reflexos no cálculo do IDEB. A prova Brasil permite ainda que se verifique o desempenho de cada rede de ensino e do sistema em geral das escolas públicas e rurais brasileiras (MEC, 2016).

De acordo com a Prova Brasil, verifica-se que o resultado do aluno se apresenta em pontuação de acordo com a escala SAEB. Tomando como base os resultados da Prova Brasil do ano de 2013, demonstra-se na Tabela 2 o aprendizado em percentual dos alunos do Estado de São Paulo:

Tabela 2 – Aprendizado dos alunos do Estado de São Paulo tomando como base os resultados da Prova Brasil 2013

[em %]				
Português 5º ano	Português 9º ano	Matemática 5º ano	Matemática 9º ano	Referência
52%	27%	49%	13%	70%

Fonte: Adaptado pela pesquisadora de: qedu (2016)

Ainda de acordo com informações qedu (2016), verifica-se:

- **Português 5º ano:** refere-se à proporção de alunos que aprenderam o adequado em leitura e interpretação de texto até o 5º ano na rede pública de ensino. Dos 397.659 alunos, 208.592 demonstraram o aprendizado adequado;
- **Português 9º ano:** refere-se à proporção de alunos que aprenderam o adequado em leitura e interpretação de texto até o 9º ano na rede pública de ensino. Dos 633.830 alunos, 172.901 demonstraram o aprendizado adequado;
- **Matemática 5º ano:** refere-se à proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas até o 5º ano na rede pública de ensino. Dos 397.659 alunos, 193.218 demonstraram o aprendizado adequado;
- **Matemática 9º ano:** refere-se à proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas até o 9º ano na rede pública de ensino. Dos 633.839 alunos, 82.057 demonstraram o aprendizado adequado.

Tomando como base que a proporção de alunos que deve aprender o adequado até o ano de 2021 de acordo com o movimento Todos Pela Educação é de 70%, verifica-se que de acordo com a Tabela 2 as metas intermediárias até o presente momento não foram atingidas. O grupo de português 5º ano atingiu 52% representando o maior percentual, todavia, ainda encontra-se bem abaixo do ideal; o grupo de matemática 5º ano atingiu 49%; o grupo de português 9º ano atingiu a marca de 27% e em última posição ficou o grupo de matemática 9º ano com apenas 13%. Apesar de se verificar que todos os grupos ficaram bem abaixo do

ideal, é possível compreender ainda que o maior déficit de aprendizado encontra-se no 9º ano, não representando, portanto, um problema das disciplinas de português ou matemática, mas sim da série em questão.

2.4.5. Críticas quanto ao Ranqueamento

Paulo Freire (1987) traz contribuições significativas quanto à tônica da educação, destacando que as escolas “enchem” os alunos de conteúdos, sem conectá-los com a realidade na qual estão inseridos. Destaca ainda que o aluno fixa, memoriza e repete sem compreender o real sentido do que está “aprendendo”. Sendo assim, Paulo Freire coloca a educação como um depósito, onde os alunos são os depositários e os educadores são os depositantes. O autor ainda denomina este tipo de aprendizagem de “educação bancária”, visto que o saber compreende uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Tal rigidez dos processos educacionais nega o conhecimento como processo de busca.

Nesse sentido, é importante refletir sobre os rankings e sobre os males que o ranqueamento pode causar.

Silva (2016) ressalta que a cultura do ranqueamento tem encontrado posicionamentos diversos no meio acadêmico e científico. Destaca que o ranqueamento gera competitividade, assumindo a lógica da economia de mercado. As avaliações externas são reconhecidas como tendo potencial de reflexão escolar, entretanto, é preciso que os resultados sejam articulados aos processos de avaliação considerando fatores intraescolares e extraescolares, sempre buscando a superação das dificuldades visando uma educação de qualidade na qual todos tenham o direito de aprender. Ressalta ainda que as deformações existentes na educação básica por meio de estratégias buscando o alcance de resultados vão contra uma educação de qualidade para todos.

Almeida e Damasceno (2015) comparam a produtividade de uma empresa aos indicadores de qualidade das escolas, visto que a qualidade da educação é medida por intermédio de provas padronizadas, justificando, portanto, a classificação e o ranqueamento das escolas.

A reorganização de ordem política, econômica e ideológica do capital é descrita por Frigotto (1995):

Os novos conceitos abundantemente utilizados pelos homens de negócio e seus assessores – globalização, integração, flexibilidade, competitividade, qualidade total, participação, pedagogia da qualidade e defesa da educação geral, formação polivalente e "valorização do trabalhador" – são uma imposição das novas formas de sociabilidade capitalista tanto para estabelecer um novo padrão de acumulação

quanto para definir as formas concretas de integração dentro da nova reorganização da economia mundial (FRIGOTTO, 1995, p. 144).

Retomando a questão do ranqueamento, Cerdeira, Almeida e Costa (2014) destacam que a existência de sistemas de avaliação permite que se obtenha um diagnóstico da situação educacional no Brasil, apesar de envolver várias perspectivas não sujeitas a serem contempladas somente dessa forma. Destacam ainda que muitas pesquisas revelam resultados positivos oriundos dos sistemas de avaliação, entretanto, existem argumentos que trazem os efeitos negativos causados pelo ranqueamento, visto o excesso de testes que não consideram o trabalho do dia a dia de cada escola.

As reflexões mencionadas exploram ainda outros “efeitos perversos”, que podem ser provocados por essas políticas, sobretudo quando estão associadas a políticas de responsabilização: a perda de aulas em função do excesso de testes; o foco no treino para a prova, e não no processo de ensino-aprendizagem; o investimento especial somente em alunos com chance de elevar o desempenho; e o estímulo para que alunos com baixo desempenho faltem às provas (CERDEIRA; ALMEIDA; COSTA, 2014, p.203).

Ainda de acordo com Cerdeira, Almeida e Costa (2014), os resultados são divulgados de forma pública, considerando que é possível que as famílias se mobilizem e pressionem a escola ou procurem por escolas de melhor desempenho. Ocorrem ainda premiações ou punições associadas ao desempenho escolar, como por exemplo, a bonificação extra para professores, premiação de alunos, entre outros.

Interessante finalizar com a fala de Gentili (2009) ao tratar do direito à educação que ao longo da história este não foi garantido visto o impedimento do acesso à escola. Destaca que nos dias atuais, esse direito é negado quando só tem a alternativa de estar em um sistema educacional sem condições para o acesso a uma educação de qualidade, mantendo condições de exclusão e desigualdade que alocaram para dentro das escolas. Tais condições bloqueiam e limitam a democracia do crescimento educacional encaminhando os pobres para uma instituição na qual dispunha de limitações de acesso e permanência escolar.

E é nessa perspectiva que é importante relacionar os indicadores, como já lembrado por teóricos que a qualidade da educação vai muito além de resultados, necessitando que seja considerado o cotidiano de cada unidade escolar.

2.4.6. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica como foco de estudo

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB compreende um indicador do Ministério da Educação na qual foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”, trazendo informações do SAEB e da Prova Brasil bem como taxas de aprovação, reprovação e evasão por intermédio do Censo Escolar, tendo por objetivo o monitoramento e a avaliação da educação brasileira e ainda buscando a melhoria de sua qualidade. O IDEB fez parte do Plano de Desenvolvimento da Educação e do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Desta forma, este índice propõe políticas públicas e induz a escola para o foco na qualidade, mesmo sendo um indicador de resultado (CHIRINÉA; BRANDÃO, 2015).

O Ministério da Educação entre os anos de 1987 a 1990 trouxe investimentos no desenvolvimento do Sistema de Avaliação do Ensino Público do 1º grau, denominado SAEP, que foi substituído pelo SAEB em 1990 (COELHO, 2008).

O IDEB é apresentado numa escala de zero a dez, na qual suas metas são bianuais até 2021. Observa-se que nos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública, o IDEB em nível nacional apresentou média em 2005 de 3,8, ao passo que em 2007 este número passou para 4,2 e em 2009 ficou em 4,6 (MEC, 2011).

As metas são diferentes para cada escola e rede de ensino, cuja finalidade é atingir seis pontos até 2021, média esta que corresponde aos países desenvolvidos. O IDEB permite mobilizar a sociedade em prol da educação. Compreende uma importante ferramenta que acompanha as metas de qualidade do Plano de Desenvolvimento da Educação para a educação básica. O indicador atinge não somente a esfera nacional, como também, a estadual e municipal, verificando as metas em caráter individual. Os estados e municípios devem contribuir para que o país consiga atingir a meta de seis pontos. A fórmula de cálculo do IDEB é composta da seguinte forma: $IDEB_{ji} = N_{ji}P_{ji}$, que significa: *i* representa o ano do exame (SAEB e Prova Brasil) e do Censo Escolar; N_{ji} quer dizer a média da proficiência em português e matemática, por intermédio de um indicador de 0 a 10 e; P_{ji} refere-se a um indicador de rendimento cuja base consiste na taxa de aprovação da etapa de ensino dos alunos (FERNANDES, 2007).

O IDEB apresenta contribuição para os gestores das escolas sobre a realidade de cada unidade e desta forma, permite otimizar a utilização de recursos em áreas consideradas prioritárias. Todavia, a Prova Brasil, que impactará no IDEB não considera as peculiaridades

locais, necessitando que o cotidiano de uma escola seja sempre monitorado. Sendo assim, é indispensável que as avaliações internas se articulem com os resultados das avaliações externas, representando assim, um meio fundamental para a gestão escolar, cuja finalidade central é a qualidade da educação. A qualidade da educação se entrelaça com uma gestão democrática, articulada entre escola, família e comunidade, por intermédio do desenvolvimento de ações pedagógicas e administrativas. Desta forma, surge a importância do papel do gestor escolar, de modo a convidar e motivar o diálogo e a realização do trabalho coletivo. O gestor concedendo autonomia às escolas necessita também elaborar o projeto político pedagógico com toda a comunidade da escola, ou seja, “dando voz” a estes gestores e secretários municipais da educação traz impactos nos resultados obtidos pelo IDEB (RIOS, 2012).

A Tabela 3 ilustrada abaixo busca apresentar as notas do IDEB nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, considerando os anos 2005 a 2013, bem como as perspectivas em relação às metas ao longo dos anos 2007 e 2021 para o Brasil. A tabela apresenta ainda tais informações de modo geral e por dependência administrativa.

Tabela 3 – Notas do IDEB 2005, 2007, 2009, 2011, 2013 e projeções para o Brasil

Anos Iniciais do Ensino Fundamental										
	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.8	4.2	4.6	5.0	5.2	3.9	4.2	4.6	4.9	6.0
Dependência Administrativa										
Estadual	3.9	4.3	4.9	5.1	5.4	4.0	4.3	4.7	5.0	6.1
Municipal	3.4	4.0	4.4	4.7	4.9	3.5	3.8	4.2	4.5	5.7
Privada	5.9	6.0	6.4	6.5	6.7	6.0	6.3	6.6	6.8	7.5
Pública	3.6	4.0	4.4	4.7	4.9	3.6	4.0	4.4	4.7	5.8
Anos Finais do Ensino Fundamental										
	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	4.2	3.5	3.7	3.9	4.4	5.5
Dependência Administrativa										
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	4.0	3.3	3.5	3.8	4.2	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.8	3.1	3.3	3.5	3.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.9	5.8	6.0	6.2	6.5	7.3
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	4.0	3.3	3.4	3.7	4.1	5.2

Fonte: Brasil (2016)

Ao analisar a Tabela 3, verifica-se que tanto o IDEB observado quanto as metas projetadas para o Brasil apresentam-se crescentes ao longo dos anos. Isso pode ser verificado nos anos iniciais bem como nos anos finais do ensino fundamental. Um fator interessante e de extrema importância que merece ser analisado são as notas obtidas pela dependência privada e pela dependência pública. Ao verificar primeiramente as notas dos anos iniciais do ensino fundamental, nota-se que a média obtida na dependência privada foi de 6,3 pontos, ao passo que na dependência pública foi de 4,3 pontos. Quando a análise parte para os anos finais do ensino fundamental, observa-se que na dependência privada a média foi de 5,8 pontos, enquanto que na dependência pública, atingiu-se 3,6 pontos. Isso permite depreender que em ambos os anos, nas escolas privadas o IDEB é sempre maior. E então, questiona-se: o que de fato estes índices relativos às escolas públicas nos mostram? Como estão de verdade estas escolas? Como estas se encontram em termos de qualidade da educação? Questionamentos que precisam ser verificados pelo poder público e pela comunidade em geral.

O IDEB compreende uma composição do resultado de desempenho dos alunos com taxas de aprovação nos anos do ensino fundamental e do ensino médio. Compreende ainda o parâmetro utilizado para o monitoramento da meta 7 do Plano Nacional de Educação.

Como já foi dito, segundo a Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, a Meta 7 do PNE tem por finalidade fomentar a qualidade da educação básica considerando todas as etapas e modalidades, com vistas à melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem visando atingir as seguintes médias nacionais para o IDEB nos anos iniciais: 5,2 (2015); 5,5 (2017); 5,7 (2019) e; 6,0 (2021). Para que a Meta 7 seja concretizada existem 36 estratégias, dentre os quais, destaca-se algumas a seguir:

7.1 Estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local;

7.2) Assegurar que:

- no quinto ano de vigência deste PNE, pelo menos 70% (setenta por cento) dos (as) alunos (as) do ensino fundamental e do ensino médio tenham alcançado nível suficiente de aprendizado em relação aos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de seu ano de estudo, e 50% (cinquenta por cento), pelo menos, o nível desejável;

- no último ano de vigência deste PNE, todos os (as) estudantes do ensino fundamental e do ensino médio tenham alcançado nível suficiente de aprendizado em relação aos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de seu ano de estudo, e 80% (oitenta por cento), pelo menos, o nível desejável;

7.3) Constituir, em colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, um conjunto nacional de indicadores de avaliação institucional com base no perfil do alunado e do corpo de profissionais da educação, nas condições de infraestrutura das escolas, nos recursos pedagógicos disponíveis, nas características da gestão e em outras dimensões relevantes, considerando as especificidades das modalidades de ensino;

7.4) Induzir processo contínuo de autoavaliação das escolas de educação básica, por meio da constituição de instrumentos de avaliação que orientem as dimensões a serem fortalecidas, destacando-se a elaboração de planejamento estratégico, a melhoria contínua da qualidade educacional, a formação continuada dos (as) profissionais da educação e o aprimoramento da gestão democrática;

7.5) Formalizar e executar os planos de ações articuladas dando cumprimento às metas de qualidade estabelecidas para a educação básica pública e às estratégias de apoio técnico e financeiro voltadas à melhoria da gestão educacional, à formação de professores e professoras e profissionais de serviços e apoio escolares, à ampliação e ao desenvolvimento de recursos pedagógicos e à melhoria e expansão da infraestrutura física da rede escolar;

7.6) Associar a prestação de assistência técnica financeira à fixação de metas intermediárias, nos termos estabelecidos conforme pactuação voluntária entre os entes, priorizando sistemas e redes de ensino com IDEB abaixo da média nacional;

7.7) Aprimorar continuamente os instrumentos de avaliação da qualidade do ensino fundamental e médio, de forma a englobar o ensino de ciências nos exames aplicados nos anos finais do ensino fundamental, e incorporar o Exame Nacional do Ensino Médio, assegurada a sua universalização, ao sistema de avaliação da educação básica, bem como apoiar o uso dos resultados das avaliações nacionais pelas escolas e redes de ensino para a melhoria de seus processos e práticas pedagógicas;

7.8) Desenvolver indicadores específicos de avaliação da qualidade da educação especial, bem como da qualidade da educação bilíngue para surdos;

7.9) Orientar as políticas das redes e sistemas de ensino, de forma a buscar atingir as metas do IDEB, diminuindo a diferença entre as escolas com os menores índices e a média

nacional, garantindo equidade da aprendizagem e reduzindo pela metade, até o último ano de vigência deste PNE, as diferenças entre as médias dos índices dos Estados, inclusive do Distrito Federal, e dos Municípios;

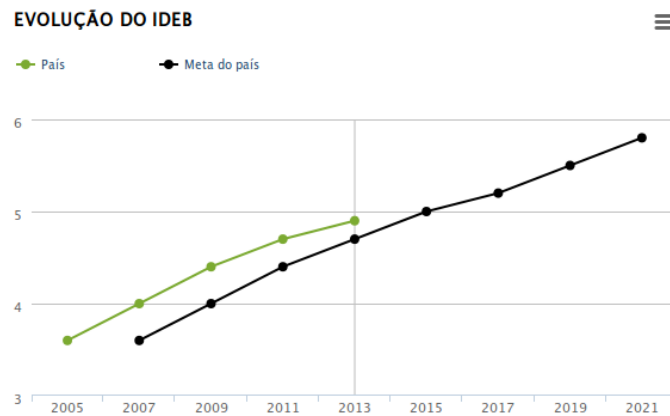
7.10) Fixar, acompanhar e divulgar bienalmente os resultados pedagógicos dos indicadores do sistema nacional de avaliação da educação básica e do IDEB, relativos às escolas, às redes públicas de educação básica e aos sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, assegurando a contextualização desses resultados, com relação a indicadores sociais relevantes, como os de nível socioeconômico das famílias dos (as) alunos (as), e a transparência e o acesso público às informações técnicas de concepção e operação do sistema de avaliação.

O IDEB é calculado nos anos ímpares, momento este que se realiza a avaliação nacional. Tais metas têm como perspectiva o ano de 2021, entretanto, é importante que se cumpra os marcos no decorrer do caminho. O Plano Nacional de Educação - PNE, portanto, busca o fomento da qualidade da educação básica trazendo melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem (Anuário Brasileiro de Educação, 2016).

O IDEB toma como referência uma escala que vai de 0 a 10, sendo que o Brasil tem como objetivo alcançar a média 6,0 até 2021, o que corresponde à média de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O IDEB pode permitir que a sociedade se mobilize em prol da educação, já que este indicador permite estabelecer comparações em nível nacional e considerar a aprendizagem e o fluxo (FERNANDES, 2007).

Foram criadas metas bienais que devem se atingidas por escolas, municípios e unidades de federação com o intuito de verificar se o país conseguirá atingir a meta de 6,0 pontos até 2021, como se pode verificar na Figura 1.

Figura 1 – Evolução do IDEB nos anos iniciais até o ano de 2021



Fonte: qedu (2016)

Ao observar a Figura 1, nota-se que o país apresenta uma evolução crescente ao longo dos anos. As metas também se apresentam em crescimento. Interessante destacar que as notas do país estão superiores às metas, ao longo dos anos de 2005 a 2013. Isto representa um fator positivo, pois se tais médias continuarem evoluindo atingirão certamente a meta estipulada para os países desenvolvidos até o ano de 2021.

3. METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, utilizando como método a história oral, na qual a coleta de dados foi pautada em entrevistas de história oral temática (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.88).

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não tem como foco uma abordagem numérica, mas sim enfatizar a compreensão de um determinado grupo social, de uma organização, entre outros. Os pesquisadores voltados para a pesquisa qualitativa consideram que as ciências sociais são específicas, pressupondo-se assim uma metodologia própria.

Segundo Chizzotti (2006), a pesquisa qualitativa envolve pessoas, fatos e locais na qual constituem objetos de pesquisa, extraindo assim significados somente perceptíveis quando dada uma determinada atenção.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

A pesquisa qualitativa busca, portanto, compreender o porquê de determinadas coisas, procurando explicar a dinâmica das relações sociais. Desta forma, a presente pesquisa identifica através das narrativas de educadoras quais os significados atribuídos ao IDEB e verifica ainda segundo eles quais os fatores estão associados ao desenvolvimento da educação. Estas análises são pautadas em história oral temática, na qual foram realizadas entrevistas com diretores e professores, apresentando, portanto, caráter qualitativo.

3.1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva cuja abordagem é qualitativa.

Compreende a pesquisa exploratória, pois esta tem por objetivo definir objetivos e buscar informações em relação a um dado assunto, procurando familiarizar-se com o fenômeno ou obtendo uma nova percepção. Tem por objetivo ainda descobrir as relações que existem entre suas variáveis (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). E é exatamente esta a ideia

desta pesquisa: compreender as relações existentes entre os fatores escolares e os resultados obtidos pelo IDEB sob a ótica de educadores. Ainda buscou-se familiarizar-se com a situação, verificando a relevância destes resultados na atuação destes profissionais da educação.

A pesquisa exploratória procura levantar informações sobre um determinado objeto, mapeando suas condições de manifestação (SEVERINO, 2007).

É verificada como descritiva, pois observa, registra, analisa e relaciona fatos. Tem por finalidade descobrir com qual frequência este fato acontece, sua relação com outros, sua natureza bem como características. Procura ainda conhecer situações e relações ocorridas na vida social, econômica, política, entre outros (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). Neste sentido, esta pesquisa também analisou fatores escolares e procuramos descrevê-los, sendo eles relativos às condições sociais dos alunos, econômica destes e de seus pais, grau de instrução e conhecimento, dentre outros.

Com relação à forma de abordagem esta pesquisa é de natureza qualitativa, compreendendo um conjunto de técnicas de interpretação que tem por objetivo descrever elementos dentro de um determinado sistema (NEVES, 1996).

O referencial teórico a ser adotado no estudo foram os estudos de construção e análise de narrativas cotidianas evocadas a partir da gravação de entrevistas.

[...] a narrativa cotidiana, a narração do dia-a-dia, possui um modo de relação com a realidade que poderia ser confundido com aquele característico da narração historiográfica. Isso porque a narrativa, na vida cotidiana, também procura relacionar-se com o real enquanto “representação” verdadeira. (...) A diferença essencial é que a pretensão à verdade, na narrativa cotidiana é uma relação imanente e interna, é um fator essencial e constitutivo do próprio ato de narrar, da própria narração. A razão de ser primeira dos relatos do dia-a-dia é serem eles verdadeiros (venha isso a se confirmar objetivamente ou não), e disso resulta seu poder de construir o que é “real” na experiência de um indivíduo ou de uma comunidade (BARBOSA, 2003, p. 16).

No debate contemporâneo, se apresentam duas principais linhas interpretativas sobre narrativas, que, por vezes, se contrapõem: uma que privilegia a relação da narrativa com a experiência, e a outra que reflete como se configuram o uso da narrativa na história e as narrativas históricas (RIBEIRO, 2007a, p. 207).

Essa separação é bastante didática, pois é preciso pensar na dificuldade e arbitrariedade de se delinear fronteiras entre esses gêneros de narrativa. Diga-se didático, pois estabelece uma ordem de distinção classificatória que pode ser questionada, pois segundo Foucault (1985):

Quando instauramos uma classificação refletida (...) qual é, pois, o solo a partir do qual podemos estabelecê-lo com inteira certeza? Em que “tábua”, segundo qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir

tantas coisas diferentes e parecidas? (...) Nada mais tateante, nada mais empírico (ao menos na aparência) que a instauração de uma ordem sobre as coisas (...) de fato não há, mesmo para a mais ingênua experiência, nenhuma similitude, nenhuma distinção que não resulte de uma operação precisa e da aplicação de um critério prévio. Um “sistema dos elementos” – uma definição dos segmentos sobre os quais poderão aparecer as semelhanças e as diferenças, os tipos de variação de que esses segmentos poderão ser afetados, o limiar, em fim, acima do qual haverá diferença e abaixo do qual haverá similitude – é indispensável para o estabelecimento da mais simples ordem (FOUCAULT, 1985, p. 9).

Partindo deste pressuposto, é importante destacar o conceito de narrativa que compreende “uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1994, p.205 apud DUTRA, 2002, p. 373).

A narrativa é, portanto, uma modalidade de pesquisa na abordagem fenomenológica (DUTRA, 2002).

Outro conceito importante que merece ser destacado é o de “Memória” que de acordo com o dicionário Michaelis consiste na “faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente” e ainda “Relato oral ou escrito de algum acontecimento; narração” (MICHAELIS, 2016).

Desta forma, utilizou-se nesta pesquisa narrativas e memórias sob a ótica de educadoras em relação aos resultados apresentados pelos alunos tomando como base o IDEB.

3.2. População / Amostra

Esta pesquisa foi realizada por intermédio de entrevistas gravadas com diretores e professores da 4ª série/5º ano da rede municipal de um município do Vale do Paraíba. A população compreende 45 escolas do município, sendo que foram utilizadas 4 escolas, duas com maior e duas com menor pontuação nos resultados apresentados pelo IDEB. Foi utilizado o ano de 2013 como parâmetro, levando em consideração o comportamento em 2015 destes resultados. Nestas 4 escolas, foram realizadas em cada uma, entrevistas com 1 professor e 1 diretor, totalizando 8 entrevistas, duas entrevistas para cada escola.

O número de 8 entrevistas definiu-se por conta do tempo disponível para a realização da pesquisa e por conta do tipo de metodologia, isto é, a utilização da história oral como ferramenta demanda bastante tempo, o que torna inviável um número maior de entrevistas.

A escolha de 1 professor e 1 diretor de cada escola ocorreu em razão da relevância da informação e da possibilidade de comparação de significados expostos nas narrativas. Isto é, a natureza qualitativa requer informações bem detalhadas e mais específicas.

A escolha da escola como local de entrevista consistiu pelo fato de que é um ambiente que se pode combinar o horário tanto do professor quanto do diretor, além de facilitar a execução das entrevistas, tendo em vista a otimização do tempo, já que se podem encontrar dois educadores num só lugar.

A Tabela 4 destaca os aspectos das entrevistas realizadas bem como a formação das entrevistadas.

Tabela 4 – Perfil das educadoras e estrutura das entrevistas

Entrevista	Escola	Educador	Formação	Duração	Data
1	Escola 1	Diretora	Graduação em pedagogia e MBA em gestão escolar	25min54s	22/11/2016
2	Escola 1	Professora	Graduação em letras e pós-graduação em educação especial e psicopedagogia	30min22s	22/11/2016
3	Escola 2	Diretora	Graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia e gestão escolar	27min35s	13/12/2016
4	Escola 2	Professora	Graduação em arquitetura e urbanismo, licenciatura em educação artística e especialização em artes visuais	37min12s	13/12/2016
5	Escola 44	Diretora	Graduação em pedagogia	30min22s	09/12/2016
6	Escola 44	Professora	Magistério, graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia	1h10min11s	09/12/2016
7	Escola 45	Diretora	Graduação em pedagogia, letras-espanhol e pós-graduação em psicopedagogia	31min10s	06/12/2016

8	Escola 45	Professora	Graduação em história, pedagogia, pós-graduação em psicopedagogia e mídias da educação	34min14s	06/12/2016
---	-----------	------------	--	----------	------------

Fonte: Adaptado pela pesquisadora (entrevistas, 2016)

Verificou-se que as entrevistadas têm formação na área da educação, com pós-graduação também na área educacional. A maioria das entrevistas durou aproximadamente 30 minutos.

3.3. Instrumentos

Nesta pesquisa foram utilizadas como instrumentos as entrevistas gravadas em história oral temática. As entrevistas foram dirigidas a diretores e professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação nos resultados apresentados pelo IDEB.

Desta forma, entrevista segundo Bogdan e Biklen (1994) tem por finalidade a coleta de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, possibilitando que o investigador desenvolva uma ideia em relação à forma como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. Ao iniciar uma entrevista, informa-se ao sujeito o objetivo do estudo, assegurando-o que tudo que for dito na entrevista será tratado como confidencial.

A entrevista considera uma comunicação entre duas pessoas, podendo chamá-la de conversa profissional, tendo por objetivo o conhecimento do problema a ser resolvido e a compreensão do indivíduo em dificuldade e de sua situação, fazendo com que o problema se resolva de forma eficiente (GARRETT, 1974).

De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), entrevista compreende uma conversa com a finalidade de recolher dados para uma pesquisa. Estes autores enumeram os seguintes critérios para a realização de uma entrevista:

- Planejamento da entrevista, demonstrando o objetivo a ser atingido;
- Obtenção de conhecimento prévio sobre o entrevistado;
- Marcação do local e horário da entrevista com antecedência;
- Condições de uma situação discreta para a entrevista;
- Escolha do entrevistado de acordo com sua autoridade ou familiaridade acerca do assunto;
- Criação de uma lista de questões, com destaque nas mais prioritárias;

- Garantia de um número suficiente de entrevistados.

Interessante destacar ainda que se deve ouvir mais do que falar, afinal o que interessa é o que o informante tem a dizer (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

A escolha da pesquisa utilizando a História Oral permite que os objetivos sejam alcançados na medida em que:

[...] para os que creem que o processo histórico tem liames que tecem o presente determinando-o, a história oral ganha força de transformação. Sendo verdade que o fato de reunir pessoas e as habilitar a um lugar social já é fator de transformação, convém reforçar que a busca de inscrição nos problemas sociais a fortalece como argumento político (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 39).

A história oral revela duas abordagens distintas, sendo a primeira que trabalha com prioridade com os depoimentos orais como mecanismos para o preenchimento de lacunas deixadas pelas fontes escritas, voltando-se para os estudos das elites, das políticas públicas e para a recuperação da trajetória de camadas excluídas e; a segunda como o estudo das representações atribuindo um papel crucial às relações entre memória e história, procurando a realização de uma discussão de utilização política do passado (FERREIRA et al., 1994).

A história oral, portanto, busca a constituição de arquivo ou coleção de entrevistas, um banco de histórias ou gravações de acordo com relatos de grupos tais como escolas, empresas, setores profissionais, entre outros (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Desta forma, para desenvolver a pesquisa foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados: 8 entrevistas com 14 questões, conforme Apêndice III.

3.4. Procedimentos para Coleta de Dados

Por utilizar seres humanos para a coleta de dados, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP/UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Após sua aprovação, por meio de protocolo, foi solicitada a autorização dos gestores das escolas para se realizar a coleta de dados.

Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme Anexo A) aos indivíduos que aceitaram participar do estudo, sendo-lhes garantido o sigilo de sua identidade, bem como assegurada sua saída do presente estudo, se assim desejarem, a qualquer tempo.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevista com roteiro prévio de perguntas (conforme Apêndice III), composto de perguntas abertas, nas quais se buscou na narrativa de educadoras quais os significados atribuídos ao IDEB e quais elementos associados por eles ao desenvolvimento da educação no âmbito do ensino fundamental de um município do Vale do Paraíba.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente foram transcritos os resultados em consonância com os dados verificados pelo índice em questão. As informações armazenadas no formato digital serão mantidas sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, quando então serão inutilizadas.

Primeiramente foi feito contato com a secretária responsável pelo setor autorizador desta pesquisa. Após este contato, ela foi informada em quais escolas seriam realizadas as entrevistas e ela então, entrou em contato com essas escolas através de e-mail para informá-las que em breve a pesquisa seria aplicada. Na condição de pesquisadora, entrei em contato via telefone com as diretoras de cada escola, agendando uma data para realização das entrevistas. Foi possível agendar com todas as escolas, entretanto, é importante salientar algumas dificuldades apresentadas, como por exemplo, em uma das escolas, foi feito o agendamento, mas infelizmente no dia agendado a diretora não pôde realizar o atendimento, pedindo que retornasse outro dia, esse fato foi bastante complicado, tendo em vista que é uma escola bastante distante, entretanto, o retorno ocorreu em outro dia, conseguindo realizar a entrevista. Com outra escola, quase que o problema se repetiu, visto que no dia agendado estava acontecendo Conselho de Classe, houve uma pequena espera, mas gentilmente a diretora da escola me atendeu.

É importante destacar a excelente recepção por todas as diretoras e professoras das escolas e todas se empenharam ao máximo para contribuir com a dissertação em termos de informações.

Outro fato que cabe elucidar é a questão do anonimato das entrevistadas, na qual foi verificado que ao informar que as entrevistas seriam gravadas, as entrevistadas em grande maioria ficaram um pouco deslocadas, contudo, ao informar e mostrar no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que seriam garantidos seus respectivos anonimatos, todas se mostraram mais tranquilas e sem restrições com relação à disseminação das informações. Por isso, destaca-se a importância dessas entrevistas serem anônimas, visto que maiores informações podem ser extraídas e de fato a realidade pode ser evidenciada.

O tempo de transcrição de todos os áudios das entrevistas para texto durou aproximadamente 48 horas.

3.5. Procedimentos para Análise de Dados

O procedimento de leitura e interpretação das entrevistas foi iniciado no momento da realização das transcrições. A realização desta tarefa demandou tempo e dedicação, mas também gerou um conhecimento do corpo de argumentos apresentados pelas entrevistadas em suas narrativas. Como já foi dito, o tempo de transcrição de todos os áudios das entrevistas para texto durou aproximadamente 48 horas, sendo preciso cerca de uns 3 meses para seu término. Além de demandar tempo para tais transcrições, foi necessária bastante disciplina e dedicação, visto que por ser um trabalho “braçal” exigiu bastante foco e determinação, já que consistiu num trabalho um tanto quanto cansativo e desgastante. Todavia, foi de suma importância, pois a cada fala ia se aprendendo um pouquinho mais e aprimorando as informações para uma análise mais apurada.

Neste sentido ganha importância destacar que fazer e transcrever as entrevistas, embora exercício difícil, longo e necessariamente negociado, abriu pelo contato direto com as pessoas de modo a estabelecer nas narrativas um documento mediado pelo pesquisador. Entendemos aqui que “a experiência passa a ser valorizada [...] porque essas pessoas podem, ao falar de suas experiências, contar uma versão do passado e repensar a vida a partir das inquietações e tensões do presente” (RIBEIRO, 2007b, p.37). E pode-se dizer que neste encontro subjetividades do pesquisador e do pesquisado se encontram.

Com essa nova perspectiva de produção de conhecimento o papel do pesquisador é alterado. É revisto seu posicionamento frente à criação e análise de “seus” documentos. A própria criação dos documentos é em si um ato de interpretação, resultante de um encontro com o(s) entrevistado(s) (RIBEIRO, 2007b, p.37).

Assim, as narrativas resultantes do processo de registro e transcrição das entrevistas foram analisadas por meio da seleção de palavras chave, detectadas na leitura e na análise documental.

Tal análise foi realizada a partir da leitura, fichamento de textos segundo critérios apresentados por Marconi e Lakatos (2003), Severino (2007) e Meihy e Ribeiro (2011):

- Selecionando os temas, problemas, ideias (central e secundárias), raciocínio e argumentação das narrativas. Os temas selecionados dentre os mais diversos existentes de acordo com a realidade de cada escola, compreenderam

problemas ligados ao perfil cultural e socioeconômico das famílias, participação dos pais na vida acadêmica de seus filhos, transporte e localização das escolas, rotatividade de professores, divisão de recursos, conhecimento do IDEB por parte da comunidade e dos educadores, entre outros;

- Fazendo a identificação e classificação dos elementos – fragmentação do material em suas partes constitutivas. O material foi fragmentado em três grandes eixos, sendo os fatores intraescolares, fatores extraescolares e, relevância na atuação de educadores. Essa seleção está disponível na análise da pesquisa;
- Explicitação das relações entre tais elementos – verificação de suas conexões e interações. Foi utilizada nesses elementos da análise relações com os referenciais teóricos abordando aspectos da tecnologia apontada por Canclini (2008), fatores intraescolares apontados por Rodrigues (2015), Lahire (1997) abordando a educação como dever da família e a instabilidade familiar, Bourdieu (2008) trazendo a questão da inclusão, Dourado, Oliveira e Santos (2007) trazendo um pouco das dimensões extraescolares e Silva (1995) tratando do silenciamento das infâncias.

Sendo assim, a análise a ser apresentada tem como base 3 grandes eixos dessa pesquisa, compreendendo os fatores intraescolares e fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e a relevância desse mesmo indicador na atuação de educadores. Tais eixos são contrapostos com as reflexões acerca do tema apontadas pelos grandes autores elencados nesse estudo.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS REFERENTES AO IDEB

A presente pesquisa teve como objetivo deste tópico analisar os resultados do IDEB tomando como referência a 4ª série/5º ano das duas escolas com maior e das duas escolas com menor nota no indicador no ano de 2013 relacionando-a com o ano de 2015 no município do Vale do Paraíba em questão.

De acordo com o que se pôde verificar nas escolas em relação às suas características individuais, observou-se que:

- Escola 1: localizada próximo à Secretaria de Educação do município, em um bairro cujo transporte é facilitado, tendo em vista os ônibus existentes a todo tempo, aparentemente é uma escola de médio porte em termos de tamanho. Bairro de classe média;
- Escola 2: localizada em região nobre do município. Escola bastante cuidada e organizada, com área verde. Bairro de classe média-alta;
- Escola 44: escola localizada em bairro mais afastado do centro e afastada de avenidas principais onde circulam os ônibus municipais. Escola aparentemente pequena;
- Escola 45: escola mais distante dentre as analisadas. Localizada há um pouco mais de uma hora do centro da cidade. Encontra-se no distrito do município. Distrito com predominância de comércio local com pequenos supermercados, farmácias, dentre outros. Área predominantemente rural. Visualmente escola de pequeno porte.

Esses elementos serão melhor descritos no item 5 – Análise da Pesquisa, na qual por intermédio da fala das educadoras, poderão ser verificadas essas realidades e confrontadas com os fatores que impactam nos resultados do IDEB.

Inicialmente imaginou-se que a tendência de uma escola com nota mais baixa em relação às demais seria de uma nova nota em queda no ano seguinte e o mesmo ocorrendo para uma escola com nota mais alta na qual tenderia a se elevar ainda mais. Entretanto, ao observar as informações referentes às notas do IDEB do município do Vale do Paraíba estudado da 4ª série/5º ano notou-se uma situação bastante diversa da imaginada inicialmente, conforme apontado pela Tabela 5.

Tabela 5 – Notas do IDEB 2011, 2013, 2015 e metas projetadas em um município do Vale do Paraíba

Escola	IDEB Observado			Metas Projetadas					
	2011	2013	2015	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Escola 1	6,6	7,5	7,6	6,9	7,1	7,3	7,5	7,6	7,8
Escola 2	6,6	7,5	7,5	6,3	6,5	6,7	6,9	7,1	7,3
Escola 3	6,5	7,4	7,4	6,3	6,5	6,8	7	7,2	7,4
Escola 4	7,1	7,3	7,3	6,4	6,7	6,9	7,1	7,3	7,4
Escola 5	7,1	7,2	7,5	5,4	5,6	5,9	6,1	6,4	6,6
Escola 6	7,2	7,2	7,5	6,8	7	7,2	7,3	7,5	7,7
Escola 7	6,7	7,1	7,8	6,4	6,6	6,8	7	7,2	7,4
Escola 8	5,5	7,1	6,9		5,8	6	6,3	6,5	6,7
Escola 9	6,8	7,1	7,8	6,5	6,7	6,9	7,1	7,3	7,5
Escola 10	7	7	7,2	6,4	6,6	6,8	7	7,2	7,4
Escola 11	6,2	7	6,8	4,7	5	5,3	5,5	5,8	6,1
Escola 12	6,1	7	7,4	5,9	6,2	6,4	6,6	6,8	7,1
Escola 13	6,8	6,9	7,1	6,5	6,7	6,9	7,1	7,3	7,5
Escola 14	5,5	6,9	6,6	6	6,2	6,5	6,7	6,9	7,1
Escola 15	6,8	6,9	7	6,5	6,7	6,9	7,1	7,3	7,5
Escola 16	5,9	6,8	6,5	5,6	5,9	6,1	6,4	6,6	6,8
Escola 17	6,4	6,8	6,9	6,6	6,8	7	7,2	7,3	7,5
Escola 18	6,8	6,8	7,3	6,1	6,3	6,6	6,8	7	7,2
Escola 19	6,2	6,8	7,3	6,3	6,6	6,8	7	7,2	7,4
Escola 20	5,5	6,7	7,2	5,8	6	6,3	6,5	6,7	6,9
Escola 21	6,7	6,7	7,4	6,5	6,7	6,9	7,1	7,3	7,5
Escola 22		6,6	7,2			6,8	7	7,2	7,4
Escola 23	6,1	6,5	6,3	6	6,2	6,5	6,7	6,9	7,1
Escola 24	6,2	6,5	5,9	5,6	5,8	6,1	6,3	6,5	6,8
Escola 25	6,2	6,5	7,1	5,7	5,9	6,1	6,4	6,6	6,8
Escola 26	6,1	6,5	6,5	6	6,3	6,5	6,7	6,9	7,1
Escola 27	6,1	6,4	6,5	5,6	5,9	6,1	6,3	6,6	6,8
Escola 28	5,9	6,3	7,2	5,5	5,7	6	6,2	6,5	6,7
Escola 29	6,4	6,2	6,8	6,4	6,7	6,9	7,1	7,3	7,4
Escola 30	5,6	6,1	6,4	5,9	6,2	6,4	6,6	6,8	7,1
Escola 31	6,1	6,1	6,3	6,2	6,4	6,6	6,8	7	7,2
Escola 32	5,7	6,1	6,5	5,4	5,6	5,9	6,1	6,4	6,6
Escola 33	5,6	6	**	5,4	5,7	5,9	6,2	6,4	6,6
Escola 34	5,7	6	6,2		5,9	6,2	6,4	6,6	6,8
Escola 35	5,4	5,9	6,1	5,2	5,5	5,7	6	6,3	6,5
Escola 36	5,5	5,8	6	5,7	5,9	6,2	6,4	6,6	6,9
Escola 37	5,1	5,7	6,1		5,3	5,6	5,8	6,1	6,3
Escola 38	5,7	5,7	6	6,4	6,6	6,9	7,1	7,2	7,4
Escola 39	4,9	5,7	5,7		5,2	5,4	5,7	6	6,2
Escola 40	5,9	5,7	5,9	5,7	6	6,2	6,5	6,7	6,9
Escola 41	5,5	5,6	5,5	5,1	5,3	5,6	5,9	6,1	6,4
Escola 42	5,5	5,6	5,4	5,2	5,5	5,8	6	6,3	6,5
Escola 43	5,1	5,6	5,9	5,1	5,4	5,6	5,9	6,2	6,4
Escola 44		5,5	6,4			5,7	6	6,2	6,5

Escola 45	5,1	5,4	6,4	5,1	5,3	5,6	5,9	6,1	6,4
Escola 46			6				6,2	6,5	6,7

Fonte: INEP (2016)

Ao verificar a Tabela 5, constatou-se que as escolas 1 e 2, isto é, as melhores posicionadas no ano de 2013 apresentaram pequena elevação de notas em relação ao ano de 2015. Ou seja, ao analisar a Escola 1 observou-se que houve um salto relativamente significativo entre os anos de 2011 e 2013, todavia, o objeto de estudo desta pesquisa é estabelecer um comparativo entre os anos de 2013 e 2015 e desta forma, esta escola cresceu somente em sua nota de 7,5 para 7,6 pontos, salto pequeno, mas positivo. Ainda analisando as melhores escolas, verifica-se na Escola 2 que embora também tivesse saltado de 6,6 para 7,5 pontos entre os anos 2011 e 2013, as médias de 7,5 pontos se mantiveram nos dois respectivos anos seguintes (2013 e 2015).

Ao chegar num determinado patamar, torna-se muito mais difícil de atingir a excelência plena das notas, o que exige esforço diário por parte dos professores e gestores para manutenção ou elevação destas notas.

Por outro lado, ao observar as escolas menos bem posicionadas, nota-se que ambas tiveram um desempenho positivo considerável. Ambas alcançaram ou chegaram bem próximas de alcançarem suas metas para 2021, ou seja, as metas estabelecidas eram de 6,5 para a Escola 44 e 6,4 pontos para a Escola 45 e estas escolas 44 e 45 saltaram de 5,5 e 5,4 para 6,4 pontos respectivamente no ano de 2015 em relação ao ano de 2013.

Interessante ressaltar que as escolas que estão sem nota nos anos de 2011 e 2013 apresentaram número insuficiente de participantes na Prova Brasil impedindo que os resultados fossem divulgados.

As notas apresentadas pelas Escolas 44 e 45 faz levantar a seguinte indagação: porque as escolas mais bem posicionadas pouco ou nada melhoraram e as menos bem posicionadas se elevaram significativamente? Será que as escolas melhores colocadas acreditaram não ser necessário elevar suas notas ainda mais? E o que as escolas menos bem posicionadas fizeram para obter tal crescimento? Quais os fatores contribuíram para a manutenção ou melhoria das escolas estudadas?

A meta para as escolas bem como para os Estados e Municípios pode ser explicada da seguinte forma: de acordo com Fernandes (2007), no caso do país de modo geral, consideram-se os parâmetros IDEB inicial, meta do IDEB e tempo. Isto quer dizer que ao se considerar

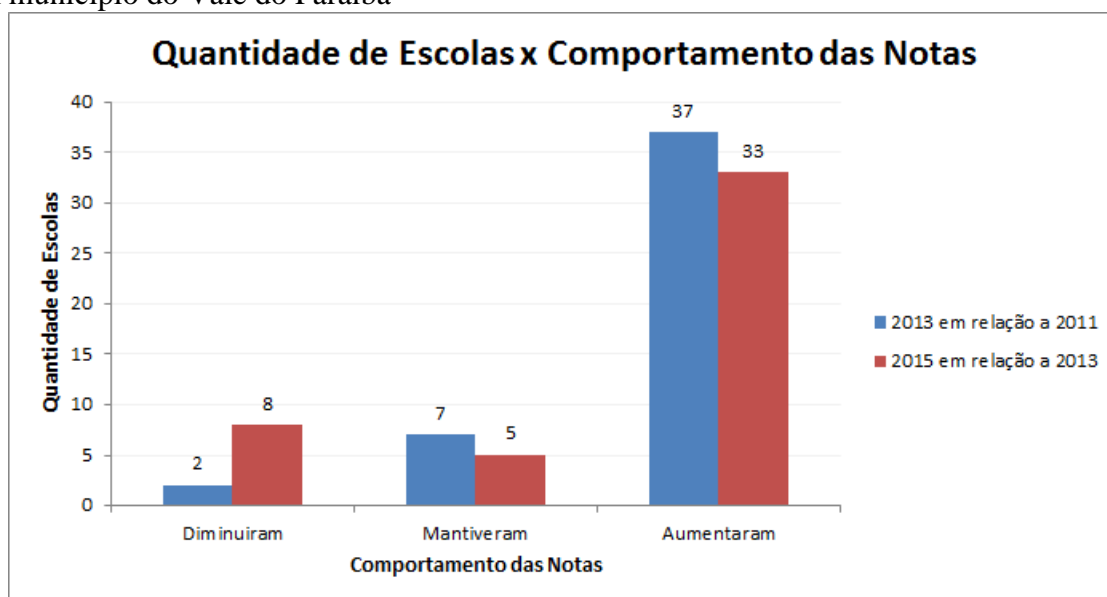
como parâmetro o IDEB inicial, as escolas apresentam um determinado resultado, o que faz com que cada escola tenha uma trajetória diferente ao longo dos anos.

Interessante destacar que todas as escolas analisadas considerando tanto as com as maiores notas (Escolas 1 e 2) quanto as com as menores notas (Escolas 44 e 45) atingiram a meta dos países desenvolvidos, isto é, já ultrapassaram os seis pontos.

Embora as Escolas 44 e 45 estejam nas últimas posições, elas não somente atingiram a média dos países desenvolvidos, bem como ficaram bem acima com 6,4 pontos no ano de 2015, apresentando, portanto, uma tendência crescente.

Em relação ao quantitativo de escolas do município do Vale do Paraíba em questão, a Figura 2 demonstra o comportamento das notas destas respectivas escolas considerando a 4ª série/5º ano considerando os anos de 2013 em relação a 2011 e 2015 em relação a 2013.

Figura 2 – Quantidade de Escolas x Comportamento das Notas no IDEB da 4ª série/5º ano de um município do Vale do Paraíba



Fonte: INEP (2016). Organização dos dados: autora.

Ao analisar a Figura 2, considerando um universo de 46 escolas, nota-se que:

- Diminuíram: 2013 em relação a 2011, o número de escolas que diminuíram suas notas foi de 2 escolas, ao passo que em 2015 considerando 2013, este número passou para 8 escolas. Este é um fator não muito positivo, tendo em vista que o número de escolas que diminuíram suas notas aumentou (de 2 para 8 escolas);

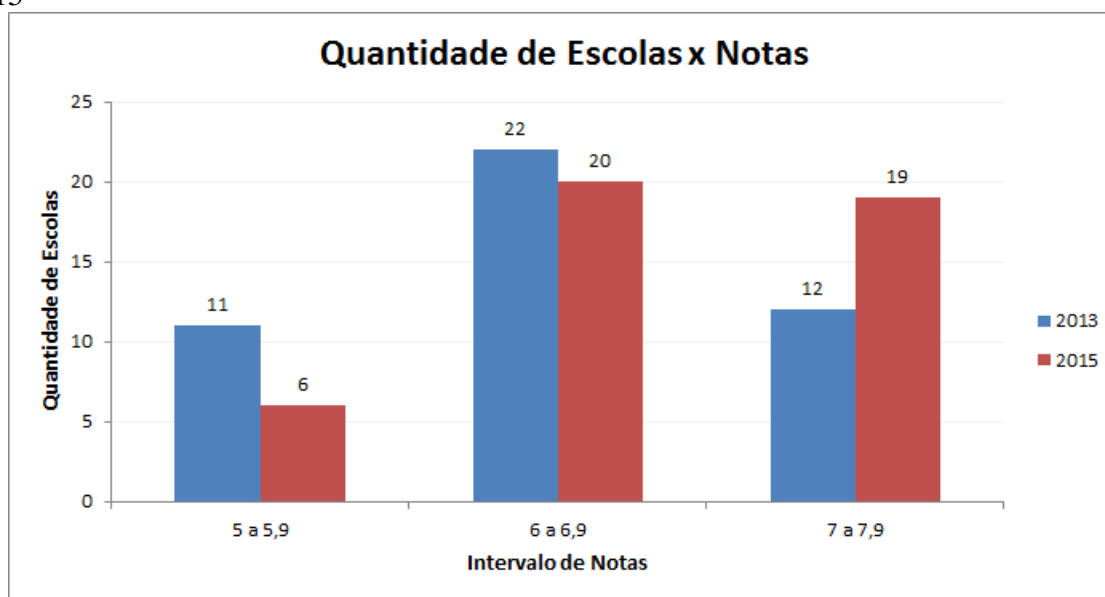
- Mantiveram: o número de escolas que mantiveram suas notas caiu de 7 para 5 no ano de 2015;
- Aumentaram: considerando o ano de 2013 comparando-o com o ano de 2011, observa-se que 37 escolas aumentaram suas notas, entretanto, considerando o ano de 2015 comparando-o com o ano de 2013, verifica-se que 33 escolas aumentaram suas notas. Este é um fato que carece de atenção, tendo em vista que o número de escolas que aumentaram suas notas declinou num total de 4 escolas.

Estas informações são interessantes para observar o comportamento das escolas do município, verificando sua evolução num todo e servindo como levantamento para que o poder público de modo geral adquira um olhar totalizado destas escolas, servindo não somente para a prefeitura em questão, bem como para todo o país. A partir destas informações, o poder público começa a se questionar com relação ao porquê de que aumentou o número de escolas que diminuíram suas notas e porque que diminuiu o número de escolas que aumentaram suas notas. Estas informações servem para que as prefeituras de modo geral verifiquem as causas que estão por trás destes resultados e tomem as providências cabíveis para a melhoria contínua.

Os dados não podem ser divulgados com algo isolado, é necessário realizar levantamentos mais aprofundados, ir a cada escola compreender as reais situações demonstradas nos resultados, é preciso estipular outros tipos de metas, metas de gestão e ir a campo para verificar porque aumentou o número de escolas que diminuíram suas notas.

A Figura 3 demonstra o intervalo de notas das escolas do município do Vale do Paraíba analisado considerando a 4ª série/5º ano nos anos de 2013 e 2015.

Figura 3 – Quantidade de Escolas x Notas considerando a 4ª série/5º ano nos anos de 2013 e 2015



Fonte: INEP (2016). Organização dos dados: autora.

A Figura 3 destaca o intervalo de notas das escolas do município e sob esta ótica é interessante destacar que o número de escolas com notas entre 5 e 5,9 caiu de 11 para 6 escolas nos anos de 2013 e 2015, respectivamente, ao passo que considerando o intervalo de notas entre 6 e 6,9 este número caiu de 22 para 20 escolas nos mesmos anos. Ao considerar o intervalo entre 7 a 7,9 pontos, o número de escolas aumentou de 12 para 19 nos anos de 2013 e 2015 respectivamente. Este fato é bastante positivo, tendo em vista que em relação às suas notas, houve um aumento do número de escolas que apresentaram pontuação entre 7 e 7,9, isto é, notas bem acima das médias dos países desenvolvidos. Esta informação é crucial para que o poder público possa verificar o que estas escolas têm feito para elevar suas notas e contribuir para que as demais também tenham esta oportunidade e por consequência, as notas de todas as escolas do município sejam elevadas e tomadas como referência em âmbito nacional.

Interessante analisar na Figura 3 ao que tudo indica que as políticas públicas implantadas estão funcionando e surtindo resultados positivos, tendo em vista a elevação das notas das escolas do município.

Entretanto, é importante verificar se tais resultados são de fato precisos, tendo em vista que o IDEB não contempla todos os aspectos escolares. Além disso, se o aluno falta no dia da prova por qualquer motivo, essa escola deixa de pontuar, fazendo com que a sua nota seja mais baixa, mas não necessariamente informando que essa escola seja pior do que as demais em termos de aprendizagem. Isso é um fator apontado por algumas educadoras ao longo das

entrevistas. Outro fator apontado e que também não é fortemente considerado no IDEB é em relação ao perfil dos alunos que realizam a prova, como por exemplo, um aluno nota 10 estuda o ano inteiro em determinada escola e na hora de realizar a prova ele troca de escola, portanto, a escola na qual consistiu sua aprendizagem terá um IDEB menor, enquanto que a escola que não foi responsável por sua aprendizagem apresentará um IDEB maior. Em relação aos trabalhos sobre o tema Souza (2015) e Rodrigues (2015) analisam o que de fato aconteceu em relação ao fracasso e sucesso das escolas analisadas no IDEB, respectivamente. Sendo assim, é interessante destacar que o IDEB embora seja muito útil como um norteador de desempenho, ele também apresenta falhas que precisam ser verificadas.

As figuras 2 e 3 foram utilizadas a fim de obter um levantamento dos dados do município para contextualizar a escolha das 4 escolas estudadas.

5. ANÁLISE DA PESQUISA

Esta pesquisa levantou dados para uma adequada compreensão dos significados que as educadoras atribuem aos resultados do IDEB e por consequência ao desenvolvimento da educação no ensino fundamental. Compreendeu-se ainda quais são os fatores que estas educadoras atribuem ao desempenho destes alunos e qual relevância deste indicador em sua atuação profissional. Diagnosticou a situação existente como meio de possibilitar melhorias na educação por intermédio de políticas públicas.

Os dados são apresentados por meio da transcrição literal destas entrevistas pautada nos estudos acerca da História Oral, objetivando-se a compreensão destes significados em um município do Vale do Paraíba.

Antes de iniciar a análise da pesquisa, é importante ressaltar a formação dessas educadoras (item já descrito no capítulo de metodologia, porém, de relevância para este tópico, visto que se relaciona com as falas e teorias em questão). A Diretora da Escola 1 é formada em pedagogia e tem MBA em gestão escolar. A professora dessa mesma escola é graduada em Letras e pós-graduada em educação especial e psicopedagogia. Com relação à Escola 2, a diretora é graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia e gestão escolar, enquanto que a professora dessa escola é graduada em arquitetura e urbanismo, com licenciatura em educação artística e especialista em artes visuais. No que diz respeito à Escola 44, a diretora é formada em pedagogia e a professora tem magistério, graduação em pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia. A diretora da Escola 45 é graduada em pedagogia, letras – espanhol e pós-graduada em psicopedagogia, ao passo que a professora dessa mesma escola é graduada em história, pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia e mídias da educação.

Observa-se que todas as educadoras em questão têm formação na área da educação, mais especificamente na subárea em que estão inseridas.

Com relação à formação, experiência e perspectiva desses sujeitos, verificam-se nas falas das educadoras aspectos bastante interessantes.

A Diretora da Escola 1 destaca um pouco de sua perspectiva quanto a seu trabalho:

Eu tenho 26 anos de prefeitura como professora, quando eu completei os 20 anos de prefeitura eu acabei, achei que era hora de mudar, né, sair da sala de aula e conhecer um pouco mais né, a questão da escola, a gestão, aí eu trabalhei um ano como assistente da direção e vim para cá como diretora.

Ah, eu adoro o que eu faço, gosto, gosto de estar com os alunos, gosto de estar com os pais, gosto de fazer assembleias, de discutir os problemas, de encontrar soluções, sabe, gosto das coisas muito bem organizadas, eu gosto do que eu faço.

Olha, sinto um pouco, sinto um pouco, mas eu acho que a dimensão do trabalho do gestor me...me encantou porque a gente tem, hoje eu não tenho só uma sala, eu tenho 32, né, então assim, o seu trabalho, assume uma dimensão muito maior, isso é muito gostoso.

Verifica-se claramente a “paixão” dessa diretora por seu trabalho. Ela gosta do que faz e ainda exalta esse fato. Trata da diretoria com encantamento e demonstra em sua narrativa as várias dimensões do seu trabalho, ressaltando o contato com os alunos, com as famílias e a dimensão da organização do trabalho.

Nóvoa (2009) destaca como já foi dito anteriormente em relação à formação de professores 4 aspectos: estudo aprofundado de cada caso, sobretudo dos casos de insucesso escolar; análise coletiva das práticas pedagógicas; obstinação e persistência profissional para responder às necessidades e anseios dos alunos e; compromisso social e vontade de mudança.

Esses elementos podem ser observados na fala da diretora em questão, tendo em vista que ela realiza assembleias, discute problemas e busca soluções, sendo consideradas as necessidades dos alunos. Quando ela diz que gosta do que faz ela assume um compromisso social como dito por Nóvoa.

Com relação à professora da Escola 2, observa-se o envolvimento em sua área de atuação:

Então, a minha formação... a primeira formação minha universitária eu sou arquiteta, arquiteta e urbanista, e só que eu me dediquei por longos anos a situações variadas dentro do mercado de trabalho e quanto uns dez anos atrás eu resolvi retomar uma situação de vivência mais educacional, eu sempre gostei dessa área aí eu fiz uma especialização em licenciatura plena em educação artística. Especializada em artes visuais. [...] Então, na prefeitura estou desde 2010. E nessa escola, fui removida pra cá, em 2015. Então é o segundo ano, já aqui. E agora estou ingressa aqui e pretendo continuar. [...] Eu sou agora... eles vão modificando os nomes né, eu sou arte educadora. Por que arte educadora? Porque agora dentro da arte existem quatro eixos de linguagem que a gente tem que trabalhar: que é a linguagem teatral, musical, linguagem corporal, que é dança, e a arte visual.

A professora destaca que pretende continuar o trabalho que já vem desenvolvendo e marca em sua fala a importância de ser uma arte educadora, demonstrando seu conhecimento na área de sua atuação profissional. Tomando como base o fato da professora se destacar como uma arte educadora, é importante ressaltar o que é ser um bom professor.

Nóvoa (2009) reafirma alguns apontamentos em relação ao trabalho docente:

- Conhecimento: ser professor compreende construir práticas que levem o aluno à aprendizagem;
- Cultura profissional: compreensão dos sentidos da escola refere-se à integração e aprendizado com os demais colegas;

- Tato pedagógico: ser sereno ao ponto de conduzir os alunos ao trabalho escolar;
- Trabalho em equipe: importância das atividades coletivas e colaborativas, de se envolver conjuntamente nos projetos da escola;
- Compromisso social: tomar como base os valores, princípios, inclusão social e diversidade cultural. Ser professor é fazer com que a criança ultrapasse os obstáculos que lhe foram impostos.

A diretora da Escola 44 ressalta com relação à sua formação:

Eu sou pedagoga, né, fiz pedagogia, atuei como professora, né por um bom tempo e depois eu assumi a direção, participei de um processo de seleção na SME e já estou como especialista 15 anos.

A diretora ressalta seu tempo de atuação na área de educação enfatizando seu tempo como especialista.

Essa questão retoma um aspecto já abordado por Tardif e Lessard (2005) em relação ao que vem a ser o trabalho sobre o outro. Essa professora ao se tornar pedagoga e ter se tornado especialista passou a exercer influência sobre os alunos. Tardif e Lessard (2005) destaca que exercer o trabalho sobre o outro traz atividades como instruir, supervisionar, entreter, servir, divertir, ajudar, controlar, cuidar, curar, entre outros. Tais atividades requerem personalidade, linguagem e afetividade. E esse deve ser o real papel do professor, sempre buscando desenvolver seu trabalho sobre e para o aluno.

A diretora da Escola 45 destaca sua experiência no meio acadêmico ao longo dos anos:

Assim, eu tenho um histórico nessa escola, né, essa escola ela foi municipalizada em 2003, né, então desde 2003 eu estou nessa escola, né, comecei aqui como professora mesmo nos anos iniciais, depois fui professora dos anos finais e em 2009 fui efetivada, né, antes disso estava, é... trabalho através de contrato com prazo determinado, né, e em 2009 eu fui efetivada e logo que fui efetivada fui convidada a participar da equipe gestora como um membro de apoio à equipe gestora que por eu ser da comunidade, né, aqui a gente tinha muito problema com a comunidade, né, por eu ser da comunidade eu fui convidada a participar, não ainda enquanto membro oficial porque eu estava em processo de estágio probatório, né, porque tinha sido efetivada recentemente, né, mas eu já vim para a equipe como um apoio técnico à equipe e desde então, aí eu não, não saí quando após ter completado os três anos de estágio probatório eu fui convidada a ser, eu fiquei como coordenadora nessa época, como coordenadora da EFET, né, porque a nossa escola era uma escola de tempo integral, né, então eu fiquei como coordenadora da EFET e aí quando eu passei no estágio probatório eu vim pra... cá como orientadora educacional, passei a ficar na escola como orientadora educacional e só em 2014 que eu me tornei diretora da escola, né, então estou na direção há pouco tempo, né, no meu terceiro ano, fiquei 2014, 2015, no meu terceiro ano, a minha experiência era mais pedagógica, né, que eu atuava como orientadora pedagógica na...na...na parte da...da...da jornada ampliada e agora eu estou como diretora nesse momento, né, tá sendo para mim um aprendizado também porque a parte técnica, né, desse...dessa função, ela é também

relativamente nova para mim, né, porque eu tinha conhecimento da parte pedagógica, né, então eu estou nessa escola desde a fundação e hoje nesse momento estou como diretora da escola.

É relevante utilizar a fala da diretora da Escola 45 em relação à sua experiência ao longo dos anos como professora, coordenadora e, posteriormente, como diretora no sentido de abordar os saberes docentes. Importante destacar novamente os saberes docentes que segundo Tardif e Raymond (2000) compreendem:

- Saberes pessoais: adquiridos através da família, do ambiente de vida;
- Saberes provenientes da formação escolar anterior: adquiridos através da escola primária e secundária;
- Saberes provenientes da formação profissional para o magistério: através dos estabelecimentos de formação de professores, estágios, cursos de reciclagem, entre outros;
- Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho: adquiridos através de programas, livros, cadernos de exercícios, fichas, etc;
- Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão na sala de aula e na escola: relacionado à prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, entre outros.

Ensinar é, poder-se-ia dizer, de maneira banal, fazer carreira no magistério, ou seja, entrar para uma equipe de trabalho, nela assumir um papel e desempenhar uma função, e procurar atingir objetivos particulares definidos por essa equipe. O ensino é, portanto uma questão de estatuto (TARDIF; RAYMOND, 2000, p.237).

Verifica-se, portanto, que ser professor é uma atividade bastante complexa que exige empenho, dedicação e profissionalismo. Representa ainda saber utilizar todos os saberes que foram adquiridos ao longo de sua trajetória.

Dentre alguns dos fatores considerados, destacam-se nesta pesquisa aspectos relacionados à inclusão, políticas públicas, participação efetiva dos pais e da comunidade, entre outros.

Um aspecto interessante a ser destacado é a questão da divisão de recursos, ou seja, como é distribuído cada recurso entre as escolas do município. Esse questionamento foi realizado ao longo das entrevistas, entretanto, a fala da Diretora da Escola 1 merece destaque:

Isso, cada escola recebe um valor direto do MEC, é um programa chamado Dinheiro Direto na Escola, é... e quanto melhor a nota, o quanto menor os índices de repetência e evasão escolar, maior é o valor que você recebe, né, esse valor ele vem pra ser gasto com material de consumo e material permanente. O material de consumo são os que duram menos de dois anos e material permanente são esses que tem uma durabilidade maior, né, então a gente... e é o objetivo é que ele seja

investido na qualidade do ensino, né, então, você vai pegar, você vai comprar material pedagógico, você vai comprar equipamento, você vai ver qual a necessidade da escola para poder fazer.

Essa fala nos leva a questionar a política pública, tendo em vista que as escolas que já estão no “topo” em relação a seus índices, recebem mais recursos e as que estão menos bem posicionadas recebem menos recursos. Se uma escola já está com índices mais baixos, recebendo menores recursos, não seria muito mais difícil dela se reerguer? Não seria mais propício analisar e refletir na melhoria que as escolas vêm apresentando ao longo dos anos? Por exemplo, as Escolas 44 e 45 apresentaram uma evolução muito mais crescente do que as Escolas 1 e 2, tendo em vista que evoluíram em aproximadamente 1 ponto, enquanto que as escolas mais bem posicionadas evoluíram 0,1 ponto ou então, simplesmente manteve sua nota. Porque a distribuição de recursos não poderia ser realizada com base na evolução das escolas? Talvez dessa forma, estimularia todas as escolas a criarem um ambiente saudável de “competição” e todas buscariam realizar suas melhorias. Em relação a essa evolução, é importante destacar o que as escolas 44 e 45 fizeram para que a nota do IDEB aumentasse tão significativamente entre os anos de 2013 e 2015.

A professora da Escola 44 destacou o trabalho que foi desenvolvido:

Então como eu disse nós tivemos o projeto político pedagógico da escola, um projeto político pedagógico da escola não é trazido só a...mostrar só os índices do IDEB, mas nós trazemos também toda a realidade que cada professor tem, que a escola se vê como um todo, então foi feito questionário na época com os pais, os elementos que o IDEB não nos deu, nós fomos buscar, então de conhecer a realidade da escola, de conhecer as necessidades, de conhecer melhor este aluno e aí nós tivemos assim também neste período alguns professores que eram muito efetivos aqui, eles eram notados aqui, isso também contribui [...] então assim eu tenho um trabalho durante um ano, você conhece aquele aluno, mas existe todo um trabalho de troca entre os professores sobre a aprendizagem daquele aluno, não só aprendizagem que nós estamos falando aqui, não só a pedagógica como até educacional no sentido geral, né, em termos de estabelecimento de normas, como que como que ele aprende, né, que são suas condições específicas, cada um tem sua condição de aprendizagem, né, e aí isso foi feito, então depois disso foi feito por cada área um plano de ação [...] no quê no índice do IDEB também mostrava as provas das avaliações precisavam ser muito mais aprimoradas, muito mais focadas, então, aí eu comecei, fiz um plano de ação para trabalhar essas questões específicas na sala, então de uma forma diferente, então o aluno via isso com o professor na sala e depois ele ia ver comigo de uma forma diferente ou de uma forma mais lúdica, né, no outro ambiente, então a escola para cada segmento da escola, para cada professor, para cada atividade que a gente tem na escola, foi feito um plano de ação com objetivos específicos [...] E esse é um trabalho contínuo, né, este ano foi feito no começo do ano, agora no final do ano nós temos as reuniões de RPA que são as reuniões administrativas pedagógicas, né, que acontece 3 vezes no ano em que se faz essa parada para veros resultados, para ver o que precisa ser refeito, como que nós vamos planejar isso para o ano que vem, então assim, são três reuniões e é o grupo todo, não é só de professor, é o grupo todo, todos os profissionais da escola, todos os funcionários.

A professora da Escola 44 destacou o trabalho que passou a ser desenvolvido, através de pesquisas com os pais, conhecendo melhor a realidade de seus alunos e o trabalho da gestão que também contribuiu para a melhoria de seus resultados.

Ao verificar essa mesma situação na Escola 45, segundo relato da diretora, notou-se:

Então, a escola, ela né depois de uma conversa bastante séria entre a equipe gestora e os orientadores pedagógicos são... estão diretamente ligados aos professores, né, a gente pensou em algumas coisas que pudessem favorecer né, então nós fizemos reuniões...nas reuniões de pais, nas reuniões de conselhos, né, a gente trabalhou de forma sistemática que conseguíssemos trazer os pais para escola porque a gente tem uma dificuldade muito grande dos pais participarem da escola né, participarem das reuniões, participarem dos conselhos, é...os conselhos de classe que são participativos, né, então a porcentagem de pais era muito pequena e a gente fez algumas modificações nesse...nessas, é...nesses segmentos pra que a gente pudesse tornar mais agradável para os pais virem pra escola e acreditar mais na escola também né [...] antes tinha o SARESP, né, o IDEB, é...outras ferramentas que também norteavam a aprendizagem da escola, o nível de aprendizagem da escola, então a gente trabalhou em cima dessa conscientização e nós conseguimos 100% de frequência dos alunos no dia da prova que é um fator que conta bastante, né, então nós tivemos 100% de frequência, as atividades que a gente desenvolvia com os alunos, né, assim a cada resultado a gente foi observando o que que era solicitado dos alunos, o que que eles precisavam saber para que no próximo ano eles pudessem avançar, então, ao longo do ano né, as orientadoras pedagógicas trabalhavam nas formações de HTCs voltadas para, é...o IDEB, né, então estudavam os descritores, né, desenvolviam os descritores, né, quando era...assim a gente se detinha com crianças com mais dificuldade, mesmo mais individual, aí trabalhava-se bastante em relação aa isso também, e a nossa escola por ser escola integral, a gente tem assim uma ligação muito grande com as professoras do período contrário que tem um momento do acompanhamento pedagógico e nesse acompanhamento pedagógico a gente intensificava também as atividades que favoreceriam, fortaleceriam a questão do...do...desse...dos descritores e desse avanço, então são ações que fizemos, né, além das formações nos HTCs, né?

Verificou-se que a Escola 45, precisou fazer um trabalho com os pais, precisou trazê-los de verdade para dentro da escola e através de uma forte conscientização fazer com que os alunos comparecessem no dia da prova. Realizaram também um trabalho em conjunto para compreender melhor o IDEB para que pudessem aplicar a seus alunos e, por conseguinte, melhorar seus resultados.

Em síntese, pôde se verificar em ambas as escolas que foi realizado fortemente um trabalho de gestão e foi através de equipes engajadas que obtiveram os “saltos” em suas respectivas notas.

5.1. Fatores Intraescolares

Os fatores intraescolares compreendem os aspectos internos do âmbito escolar. Esses fatores puderam ser confrontados entre as Escolas 1, 2 (maiores notas do IDEB), 44 e 45 (menores notas do IDEB) e observou-se ao longo das entrevistas realidades bastante distintas.

Ao questionar acerca dos fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB, a Diretora da Escola 1 (maior nota do IDEB) relata que:

Com relação à rotina da escola, eu acho que é o HTC que os professores fazem essas reuniões semanais, a formação continuada que é oferecida pela Secretaria de Educação, é...de uns anos para cá acho que tem uns três anos para cá nós temos uma matriz curricular da secretaria que os professores trabalham em cima, seguem, isso norteia todo planejamento deles, né, essa questão da comunidade confiar no nosso trabalho também isso tem um peso muito grande, é muito difícil a gente chamar um pai aqui para conversar e o pai se voltar contra a escola, achar que a escola está errada, são assim, é uma minoria, a grande maioria apoia, os professores têm, é...registram, sabe assim, não são professores que só falam, não, eles têm tudo ali documentado, tudo registrado e isso facilita muito o nosso trabalho também aqui na gestão.

Ao verificar os mesmos fatores intraescolares, mas agora segundo a ótica da Professora da Escola 1, verifica-se que:

É...na escola a gente trabalha assim com várias realidades, né, então assim, as vezes até mesmo a ausência de alunos por motivos né, nos dias das avaliações, né, acaba assim por você, é...não conseguir, é...ter uma avaliação 100%, né, nessa questão, alunos também que a gente às vezes percebe por problemas particulares também que é no seu desenvolvimento intelectual, é...algumas necessidades especiais que também acabam entrando na...na hora da avaliação, né, na computação dos dados, percebemos também, é...a parceria da família em algumas ausências também, também na questão de algumas estratégias que às vezes a gente também trabalha com os alunos e às vezes não consegue atender a todos, então eu vejo que esses fatores também eles acabam interferindo, nós não temos assim um resultado 100% porque assim, a gente sabe que nem tudo depende só da escola, tem outras coisas que também acabam entrando nessa questão, né?

Observa-se nas duas falas uma presença bastante mínima de fatores negativos, sendo exaltados os fatores positivos, especialmente quando a diretora se refere à importância do HTC, da formação continuada, do planejamento, da confiança que a comunidade tem no trabalho da escola e dos registros existentes. A professora até evidencia alguns pontos negativos, todavia, ressalta que o resultado só não é 100% por conta de casos pontuais.

Ao questionar a Diretora da Escola 2 (segunda maior nota), tem-se a seguinte fala:

Eu acredito que [Escola 2] é uma escola que pode ter resultados cada vez melhores né, é...a rede Municipal de [município do Vale do Paraíba] é uma rede privilegiada, amparada pela tecnologia né, hoje nós temos a escola interativa é...implantada na rede municipal, mas eu acho que muito pode ser feito né, a título de estrutura dos espaços, é...de bem-estar para os alunos, né, é...porque o aluno feliz, o adolescente feliz ele vai aprender mais, né, então a escola hoje é uma escola que tem uma

estrutura básica mas que ela...ela poderia estar melhor né, a título de materiais, a título de espaço, a título de conforto, né, eu acho que isso iria com certeza repercutir para que esse dado fosse ainda melhor.

Observando-se os mesmos fatores, todavia, na visão da Professora da Escola 2, nota-se:

Então, eu já trabalhei em várias escolas da rede e a rede ela tem uma característica que é a uniformidade do ensino existe um comprometimento com a nossa supervisora de área na área de conhecimento de passar conteúdo e criar proposta de planejamento de aulas unificado iguais para todas escolas da rede, então o que que diferencia, que faz a diferença no caso, é aquilo que eu te falei é a soma da união de trabalho das equipes que é a equipe gestora, equipe docente, os alunos e a comunidade que dá suporte para os alunos, seriam os pais né ou responsáveis. Então tudo isso junto que forma uma massa bem bacana que o fermentinho ali vai crescendo e produzindo.

Novamente, ao observar os relatos da Escola 2 (segunda maior nota), verifica-se a existência dos fatores positivos no âmbito da escola, quando a Diretora destaca a adequada utilização da tecnologia disponível, porém, almeja alcançar resultados ainda maiores.

É interessante também utilizar este “gancho” acerca das questões tecnológicas, para retomar a reflexão de Canclini (2008) que destaca a questão da tecnologia e do acesso à internet e traz um questionamento bastante interessante que pode ser apontado como: o que fazer para que este acesso à tecnologia não contribua para aumentar ainda mais as desigualdades históricas entre nações ou etnias, níveis de economia e educação?

A professora ressalta o trabalho em equipe, destacando o apoio recebido dos pais e da comunidade.

Ao confrontar esses dados com as informações obtidas das Escolas 44 e 45 (menores notas do IDEB), verifica-se uma realidade um pouco diferente, tendo em vista que ao fazer um levantamento em relação a esses mesmos fatores, a Diretora da Escola 44, faz uma reflexão bastante importante:

Intraescolar, é...rotatividade de professor, licenças médicas e falta também de apoio de um estagiário na sala de aula, porque as vezes a gente tem alunos que necessita de um acompanhamento mais de perto para dar aquele apoio para o professor e muitas vezes a gente não tem, a gente não tem o número suficiente, primeiro ano, teria direito ao estagiário, trabalhamos o ano todo sem estagiário nos primeiros anos, então, isso causa impacto, né, porque uma sala com 30 alunos, só um professor.. [...] A localização da escola, ela não favorece, ela você vê, o ponto de ônibus é lá embaixo, tem que subir o morro, então, o professor que não tem carro, até mesmo o estagiário, ele fala, ah, eu gosto muito daqui, mas infelizmente esse morro eu não consigo subir, então, eles procuram escola de mais fácil acesso.

Ao confrontar essas informações com a Professora da mesma escola, o discurso passa a ser o seguinte:

Então, isso é polêmico, como eu disse para você, eu já tenho experiência de trabalhar em outras escolas e aqui o que foi o fator que auxiliou muito para que a gente conseguisse ampliar os índices? Além do planejamento, além das ações, além de toda essa questão, é de um corpo docente fixo, então nós tivemos uma boa parte do grupo, boa parte que se manteve, isso é um fator positivo porque é percebido quando existe muito rodízio do professor, né, e aqui nós temos muitos professores, é...muita, a maioria dos professores aqui tem carro, vamos ser assim sinceros porque pela localização da escola só mantem aqui os professores que têm carro porque o ônibus não para, tem que subir, então se você for pensar...

Ambas as educadoras (Diretora e Professora da Escola 44) remetem a problemática da localização, na qual existe uma rotatividade muito grande de funcionários tendo em vista o difícil acesso de chegar à escola, isto é, como é difícil de se chegar de ônibus, só vão para a escola aqueles que têm carro, acarretando em um fator negativo para a escola em questão.

Ao observar as respostas da Diretora da Escola 45 (menor nota do IDEB), destacam-se as melhorias que vêm ocorrendo em seu quadro de pessoal, entretanto, destaca os problemas que já ocorreram com relação a este fator:

Então, eu acho que os fatores internos é a estabilidade no quadro de professor, é uma coisa que favoreceu bastante nos anos iniciais, a gente teve durante um tempo, é...mais professores efetivos, que por ser um local distante de [município do Vale do Paraíba], a gente tem muita dificuldade dos professores escolherem, virem pra cá, se efetivarem aqui, porque é uma escola de difícil acesso, né, então agora a gente já tá uns dois, três anos assim com um quadro de professor mais efetivo, né, então isso eu acho que favorece, porque mesmo que o professor não acompanhe a turma naquele ano, ele tem uma relação muito direta com os professores que...que estão, né, e o professor, vai, eles vão trocando, eles vão conversando, né, entre si e a gente consegue dar uma sequência, na...na, nesse desenvolvimento para os alunos e nas ações que também vão favorecer esse desenvolvimento.

A Diretora em questão destaca que os fatores relacionados à estabilidade no quadro de professor vêm melhorando, contudo, devido à sua localização mais distante, ressalta que muitos professores acabam por não escolher esta escola devido a seu difícil acesso e distanciamento, impactando como um fator negativo, embora este esteja se modificando.

Retomando o que é apresentado por Souza (2015) nas escolas na qual sua pesquisa foi realizada, buscou-se verificar os fatores ligados à gestão participativa, liderança e planejamento estratégico. Ao confrontar com a presente pesquisa, seria de grande relevância utilizar também esses conceitos, especialmente o de planejamento estratégico, visto que seria necessário compreender e detectar mecanismos capazes de superar tais problemas com localização e acessibilidade escolar.

A professora desta mesma escola (45) por outro lado, ressalta aspectos positivos dos próprios alunos da escola, sendo:

Eu acho que como eu já tinha comentado, que é o envolvimento tanto do professor quanto do aluno, né, eu acho que a minha prática pedagógica, os recursos que você

usa para atender seus alunos e aqui nós tivemos bastante melhoria, né, na parte tanto de mídias que é um fator que também contribui porque hoje em dia eles gostam, né, que a escola, só o passado já não dá mais para atender os nossos alunos e acho que a entrada das mídias faz com que também eles busquem esse novo conhecimento, não fique só...uma...só o professor dando, né, eles também trazem as coisas e eu acredito que isso favorece esse desenvolvimento tanto de um quanto do outro, esse do aluno e professor [...]

Ah, tipo assim, é um processo, nós estamos seguindo esse processo, né, eu acredito que a prefeitura de [Município do Vale do Paraíba] assim pelo que eu já trabalhei ela tem essa estrutura, a gente tem bastante recurso, né, agora tem lousa digital, tem tablet para você trabalhar na sala de aula, você tem os livros didáticos, então favorece essa aprendizagem e também os nossos alunos porque em casa eles já têm computador, a maioria, não são todos, mas que também favorece porque eles já conhecem muita coisa hoje, já é amplo o conhecimento deles, eles já trazem muita coisa, então tem que partir disso que eles já sabem e pra estar sempre melhorando, aprimorando o conhecimento, né, tanto do aluno quanto o seu porque você vai aprendendo junto com eles também.

A professora em questão evidencia os pontos positivos de seus alunos, enfatizando sua busca por novos conhecimentos.

Em síntese, é interessante fazer uma abordagem geral destas reflexões, na qual se observa que ao perguntar às professoras e diretoras das escolas 1 e 2 sobre os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB, todas retratam aspectos positivos tanto da rede municipal quanto da própria escola, como por exemplo, as formações continuadas, as reuniões de HTC, a participação dos pais, a atuação dos professores, a parceria da família, a utilização de tecnologias como ferramentas de aprendizado, o trabalho da gestão, entre outros. Ainda se verifica a busca por melhores condições para os alunos de modo que os indicadores sejam ainda melhores.

Quando se verifica a situação das Escolas 44 e 45, nota-se a presença de alguns fatores negativos, como por exemplo, rotatividade de funcionários, licenças médicas, falta de estagiários, problemas com acessibilidade e localização. Entretanto, por outro lado, se observa a amplitude do conhecimento dos alunos e a facilidade com que aprendem conforme destaca a professora da Escola 45.

Isso permite que se leve à seguinte indagação: se as escolas estão com as maiores notas, de fato haveriam menos problemas a se evidenciar, ao passo que se as escolas estão com menores notas, os problemas tenderiam a ocorrer.

Rodrigues (2015) destaca como fatores intraescolares: recursos existentes, clima acadêmico, formação dos professores, gestão escolar e foco pedagógico. Esses fatores puderam ser verificados ao longo das entrevistas.

Todavia, é interessante relatar também que embora as Escolas 44 e 45 estejam com as menores notas, verifica-se um salto significativo entre os anos 2013 e 2015, quando a Escola

44 saltou de 5,5 para 6,4 pontos e a Escola 45 saltou de 5,4 para 6,4 pontos. Este fator pôde ser verificado através das educadoras destas escolas, citando o planejamento, corpo docente fixo, envolvimento do aluno e do professor, utilização da tecnologia, entre outros.

Retomando a questão da rotatividade de professor, enquanto a professora da Escola 44 destaca um crescimento desse fator, a Escola 1, destaca o contrário conforme a fala da Diretora:

[...] mas que eu acho que pelo grupo de profissionais que eu tenho aqui surge um efeito melhor por serem professores mais antigos a comunidade conhece, é...tem...é...como é que eu posso...tem confiança no trabalho que eles fazem, isso faz diferença, né, então, por exemplo esse...a gente tem uma turma que abriu, a mesma professora pegou no primeiro ano, pegou este ano e vai pegar essa mesma turma no ano que vem, então, ela vai ficar 3 anos com a mesma turma, isso vai dar uma diferença muito grande nos alunos porque ela conhece as dificuldades de cada um, ela consegue trabalhar de uma forma muito específica com eles, né, e consegue investir naqueles que já estão caminhando, né, pelo, por esse conhecimento, então, a gente fala que ano que vem ela vai pular até a fase diagnóstica porque ela já sabe, né, então isso faz diferença.

É claramente observado a importância de um corpo docente fixo na escola, na qual aquele professor acompanha o aluno ao longo de todo um aprendizado como ocorreu na Escola 1, isso impacta diretamente nos índices obtidos. É óbvio que uma escola com rotatividade alta apresentará resultados menos satisfatórios, tendo em vista uma falta de sistematização.

Essa questão da rotatividade se reafirma na fala da Diretora da Escola 2:

É...nos 4 anos né, o período em que estou aqui o grupo tem se consolidado né, algumas aposentadorias, era um grupo mais antigo, mas não há muita rotatividade, então para 2017, por exemplo, o grupo já está formado, então isso é algo muito positivo porque há um pertencimento é...as pessoas conhecem os alunos, é...eu falo que o corpo docente pertence a todos, né, os alunos são nossos e essa é...essa permanência dos professores com certeza também é um dado positivo [...]A estabilidade do grupo, a formação né, eu acredito que sejam esses os itens que é...favoreceram né, esses dados.

Outro fator que precisa ser destacado é a problemática das faltas no dia da prova e/ou aspectos relacionados à evasão escolar. Essas determinantes foram encontradas nas escolas 44 e 45 são colocadas pelas educadoras como fatores intraescolares, todavia, são compreendidos como fatores extraescolares, sendo abordados novamente no próximo capítulo. A diretora da Escola 44 trouxe a seguinte problemática quanto às notas do IDEB:

Então no caso o aluno que tem o abandono, né, que as vezes o pai não manda para escola, aí é retido por falta, isso vai interferir na nossa nota porque? Porque o que que acontece, faltou, foi reprovado por frequência que nós tivemos casos...aluno...no ano de 2015 que foi retido por frequência, isso vai impactar na nossa nota do IDEB porque o fluxo de aluno é de acordo com censo, né, então por mais que a escola faça pra gente desenvolver aqui, ter um bom, é...na proficiência, termos bons resultados, se o pai não fizer a parte dele que é mandar o filho para escola, vai abaixar a nossa

nota [...]De frequência é bom, no dia ele é bom, o que prejudica é aquele que é retido ou evadido por falta, isso que atrapalha porque lá no censo a gente coloca, o aluno foi evadido, então, se eu tinha 30 alunos, foram aprovados 27, porque que esses outros não foram aprovados? Foi por frequência ou então aqueles que foi evadido mesmo, eu tenho caso de aluno que não compareceu, a gente procura, manda carta, manda para o Conselho Tutelar, mas não aparece e isso vai impactar na nossa média.

Ela destaca que a frequência nos dias de aula impacta em seus indicadores, tendo em vista que tem alunos que não comparecem às aulas ou são evadidos e isso compromete os seus resultados. Este fator carece de atenção por parte do poder público, já que precisa verificar o que está acontecendo para que o aluno não compareça às aulas. É uma questão bastante séria e vai contra ao que é previsto na Constituição, na qual o aluno tem por dever frequentar a escola. É dever do Estado e da família (observa-se que os fatores intraescolares e extraescolares nesse caso se interligam, porém, é importante frisar que frequência escolar compreende um fator extraescolar).

A professora da Escola 44 também faz uma reflexão muito importante quanto aos resultados do IDEB:

[...] então ele é importante por isso porque ele determina, ele dá parâmetros pra esse trabalho pedagógico, esses objetivos, essas metas que a escola vai se propor até porque ela pretende e quer, né, alcançar um índice, melhorar, quem não quer, todo profissional ele entra pra fazer o melhor, não o pior, né, então é isso que a escola quer, quer fazer o melhor, nós enquanto escola, né, nós todos profissionais, então o índice ele vem pra ajudar, ele deveria ser estruturado, porque algumas questões dele que precisam ser revistas, que toda avaliação é isso, né, nenhuma avaliação ela é fidedigna no sentido de conseguir abranger todos os elementos que ela deveria abranger, o IDEB ele tem infelizmente algumas coisas pra serem revistas urgentemente, uma outra coisa assim, nossa escola ela aumentou o índice...[...] Só a mais, esse índice foi muito menor do que a gente sabe que realmente aconteceu, então a evasão escolar, teve um aluno, quer dizer, um aluno derruba duas, três salas.

Essa professora ressalta o mesmo problema já citado pela diretora, reforçando a evasão como fator de impacto nos resultados do IDEB. Novamente, é importante averiguar o que está por trás deste indicativo.

A professora ainda faz críticas quanto às falhas do IDEB, visto que tal indicador não contempla outros aspectos, por exemplo, o aluno frequenta normalmente as aulas, porém, se falta no dia da avaliação, a escola deixa de pontuar. Ressalta que o índice de evasão, portanto, é muito menor do que apresentado nos resultados, fazendo com que a escola se prejudique perante as demais avaliadas. Deste modo, os aspectos do IDEB precisam ser revistos e analisados sob a ótica de quem vive no dia a dia das escolas.

5.2. Fatores Extraescolares

Os fatores extraescolares compreendem os aspectos externos ao âmbito escolar. Esses fatores puderam ser confrontados entre as Escolas 1, 2 (maiores notas do IDEB), 44 e 45 (menores notas do IDEB) e observou-se ao longo das entrevistas realidades bastante distintas.

Alguns aspectos relacionados a transporte, perfil socioeconômico, localização das escolas, merenda escolar e participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos representam fatores extraescolares que merecem ser abordados.

Ao fazer o questionamento acerca dos fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB, a Diretora da Escola 1, destacou que:

Uma das coisas é que os alunos daqui eles têm atividades extraescolares, uma grande maioria fazem cursinhos, fazem inglês, tem atividades no poliesportivo, fazem música, participam de projetos da Fundação Cultural, então, não são alunos, é...diferente de outros bairros onde a escola é o centro de tudo, aqui não, a escola é só mais uma atividade, e eles têm muito acesso a tudo, a informação, a tecnologia e isso facilita o nosso trabalho aqui, né, ele... o próprio bairro oferece muita coisa para eles e eles aproveitam isso [...] Não, não, são particulares que a família busca, algumas sim, né, igual da Fundação Cultural, do poliesportivo, algumas sim, outras não, é...nós temos assim um aluno da escola tem uma bolsa para fazer inglês numa escola particular, né, esse é o apoio, mas é para um aluno só, né, então a gente busca também, faz, é...procura dentro da disciplina de inglês aquele aluno que se destaca, que não teria condições financeiras de fazer esse curso, então, a gente oferece para ele, mas são coisas que a própria comunidade pode, as famílias podem oferecer para seus filhos, eles investem na educação, né, a mesma coisa acontece na escola, se a gente faz um passeio pedagógico, a gente tem uma boa frequência, se a gente faz um passeio de lazer a gente não tem, porque, porque o lazer eles vão com as famílias, o pedagógico não, quando você fala de levar num teatro, num museu, isso as famílias não fazem, então, eles pagam para que escola possa levar, né, eles investem.

Observa-se que esta escola, a de melhor índice do município, aponta como fatores extraescolares aspectos muito positivos em sua realidade, informando que os alunos de sua escola têm acesso a atividades extracurriculares, o que não ocorre em outras escolas. Destaca ainda que tais famílias têm poder aquisitivo suficiente para investir em educação e lazer para seus filhos.

Ao indagar a professora da Escola 1 com essa mesma pergunta, observou-se:

[...] como fatores extraescolares, eu vejo assim, é...há...essa...aqui na prefeitura de [município do Vale do Paraíba] um trabalho assim é...bastante focado na...na educação, a gente tem muitos cursos, tem assim uma boa formação, porém, é...há sempre assim questões que a gente ainda pode estar melhorando, né, a alfabetização dos anos iniciais, o trabalho também com a pré-escola também, isso acaba, é...a gente é...os alunos cada vez eles estão vindo assim menores para a escola, então a gente precisa as vezes ter uma infraestrutura que adequa as condições dessa criança quando entra, porque muitos quando vem da pré-escola para o ensino fundamental há para eles um choque muito grande, né, nessas questões, é...inclusive até como exemplo, muitos perguntam assim: professora, cadê o parquinho? Porque eles viam na pré-escola tinha toda essa infraestrutura, então, a gente percebe também, as vezes

também a questão do mobiliário pra eles, que as vezes o mobiliário é um pouco, é... assim dificultoso pra eles no início, então, essas questões também acabam influenciando [...].

A problemática apontada pela professora desta mesma escola é em relação à estrutura física, referente às questões de adaptação da criança na escola. Entretanto, não apresenta nenhum fator negativo inerente à realidade destas crianças. Essa infraestrutura seria algo a mais para esses alunos.

Ao realizar este questionamento à Diretora da Escola 2, verificou-se que:

Eu acredito que a parceria da família, a comunidade participativa né, então essa é uma característica dessa comunidade, dessa unidade escolar, né, nós temos... as salas são heterogêneas né, famílias mais participativas, outras né, nem tanto, mas a característica é... predominante é de que as famílias são participativas, são presentes, então essa parceria ela é muito importante, então quando se pensa em extracurricular né, é... é isso é... fica como é... algo muito significativo.

Quando buscamos essas mesmas informações por meio da narrativa da Professora da Escola 2, observamos algo bastante parecido com a reflexão da diretora:

[...] é uma cidade industrializada, altas indústrias, existe também uma demanda grande, uma cobrança da própria comunidade escolar em relação à área externa que seria você preparar já o jovem né, que tá saindo daqui depois para o curso técnico que ofereça já possibilidade de trabalho nestas indústrias ou visando essa...essa inserção dentro do mercado de trabalho já né, então isso é uma...eu vejo como uma rede, assim, uma mistura né da parte externa com a parte interna na demanda que vai levando a outra né, diria que é um pouco de ambição de...de pensar no futuro né, de ter uma vida melhor, então não, você não...

Ao confrontarmos essas informações com a Escola 1, observa-se que ambas as escolas apontaram como fatores extraescolares aspectos extremamente positivos em relação à realidade de seus alunos, já que ressaltaram o acesso a atividades extracurriculares, lazer, boa aceitação e reconhecimento das ações da Prefeitura, elevada participação dos pais na vida acadêmica de seus filhos, bem como ambição em sonhar com um futuro melhor para eles.

Quando se analisam as escolas 44 e 45, o cenário é um tanto quanto diferente. Partindo do posicionamento da Diretora da Escola 44, observam-se outros tipos de fatores:

Então, eu acredito muito assim na parceria da escola com a família e a família, muitas vezes ela deixa de fazer a parte dela, que é simplesmente mandar o filho para escola, conforme eu falei, se não... se mora longe, tem a van que busca, mas a gente fica triste quando você vê que a van passou e a tia da van fala, olha, eu tenho passado lá, uma semana, tô lá no mesmo horário e a criança não está lá, aí a gente tem que ir atrás, saber o que tá acontecendo, ah, é que a van não passou, não, a van passou, a van pegou o coleguinha que estava lá no mesmo ponto ou no mesmo local, porque que você não levou? Tem lugares que as vezes tem que andar um pouquinho, mas é 50 metros, no máximo, e o pai não leva, ah, perdi a hora, eles não têm aquela, alguns, a mentalidade está mudando, muitos falam, ah, eu não sei ler nem escrever, sobrevivi até hoje, porque que ele não vai sobreviver? Mas você não quer o melhor para o seu filho? Tá sendo oferecida aqui a oportunidade de transporte pra levar,

então, aí a responsabilidade da família mesmo que eu acho que impacta porque ele não manda o filho pra escola, o filho não aprende, ou muitas vezes ele é evadido porque não aparece mais, você vai atrás, já mudou de residência, não mora mais lá, e o pai também não dá nenhuma informação.

Aqui nesta escola, a realidade é um pouco diferente, enquanto nas Escolas 1 e 2, os pais almejam um futuro promissor para seus filhos, na Escola 44, os pais nem sequer mandam seus filhos para a escola (impacto na frequência escolar). Mesmo sabendo que existe uma infraestrutura para que aquela criança possa estudar, eles não encaminham seus filhos à escola e pior: ainda apresentam uma mentalidade de que não é necessário estudar, ressaltando, portanto, os índices de evasão escolar.

Essa mentalidade é referente a questões de cunho cultural, da realidade na qual estes pais e filhos estão inseridos. Esses pais não dão importância porque ressaltam que se eles conseguiram sobreviver, seus filhos também conseguirão, não atribuindo importância aos estudos como forma de melhoria de vida.

Tais questões podem ser comparadas com estudos relacionados à educação do campo, como por exemplo, Braz (2014) ressalta em seu estudo que o número de crianças e jovens do ensino fundamental inseridos no meio rural no país que estão fora do sistema educacional é maior do que os que estão inseridos no meio urbano. Apesar da escola 44 não se encontrar em região considerada rural, mas encontra-se em região de acesso e localização um pouco mais complicados.

Ainda trazendo contribuições, Braz (2014) ressalta a importância do educador em criar uma escola de diálogo cultural, considerando como ela mesma denomina de “comunidade de referência”.

Desta forma, cada escola tem sua realidade, seja social, econômica e cultural e que precisa ser considerada e trabalhada de modo a se construir o conhecimento para com seus alunos.

Ao fazer esse levantamento indagando à professora da Escola 44 sobre esses fatores extraescolares, obteve-se a seguinte resposta:

Então assim, a cultura é assistir televisão que é uma das coisas mais incentivadas hoje em dia, né, é assistir TV, no mais ou menos quando lá aparece aqueles shows que são aqueles shows de cantores populares, aí sim ah, eu fui no show, não sei o que, então são as duas coisas juntas, então a gente começa a perceber que a metade é...tem uma boa parte que realmente não tem condição financeira, mas que de uma forma geral, o que mais, é o que é mais importante, então assim, o principal qual que é o lazer deles? Ou é ir para a igreja ou é ir para casa de parente, isso é um indicador muito sério, de pensar na questão cultural, né, então essa criança ela não vai ter acessos culturais, ela não vai ter outras linguagens para ela comparar, ela não vai ter forma, então aí tudo chega aqui na escola, outro dia eu conto muitas histórias para os nossos alunos e aí nós trabalhamos bastante... na sala de leitura [...] então eu

acredito que aqui o extra é uma das coisas que tem atrapalhado, que atrapalha bastante aqui é o socioeconômico, mas também o cultural.

A professora em questão aborda os problemas extraescolares, ressaltando os aspectos socioeconômicos e culturais da escola, trazendo a questão da falta de acesso a ambientes culturais por parte desses alunos. Isto é, os alunos não frequentam ambientes culturais, alguns por não terem condições financeiras, outros por conta de não acreditarem que seja algo necessário para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Ao questionar a Escola 45 em relação ao tema “Fatores Extraescolares”, recebeu-se a informação da diretora:

[...] por exemplo, na época de...de prova, da prova mesmo do IDEB, da aplicação da prova, se for um dia por exemplo, se cair num dia que é chuvoso, que...que o dia não tá legal, o que que vai acontecer, nós vamos correr o risco de não conseguir trazer os alunos pra escola, porque as crianças moram em bairros afastados, né, e quando chove o transporte escolar não consegue chegar, né, então são fatores que prejudicam, porque prejudica a porcentagem de frequência do aluno, né, e também eu vejo que o índice de escolaridade dos pais, né, os pais...a gente tem muita família que os pais não são alfabetizados, né, então a responsabilidade da escola ainda é maior porque a gente tem que dar conta desses fatores que são externos, né, a família sem muita, é...cultura nesse sentido, né, então é meio complicado em relação a isso, mas a gente consegue chegar.

A diretora dessa escola traz como aspectos extraescolares, situações bastante complicadas envolvendo o transporte escolar, na qual muitas crianças simplesmente não conseguem chegar à escola, tendo em vista o difícil acesso. A diretora traz ainda a problemática de muitos pais serem analfabetos, redobrando a responsabilidade da escola.

A professora da Escola 45 apresenta um outro ponto de vista, mas também ressalta a importância da família na vida acadêmica de seus filhos:

Eu acredito que assim que a família ainda é um fator muito importante porque a família é que você percebe que leva seu filho a valorizar a educação, você percebe que eles já trazem uma bagagem maior e uma vontade a mais de estudar, valoriza a educação, o ensino, porque quando você vê que os pais eles já não se importam tanto, seu aluno também não se importa, mas quando ele vê que ele precisa, que hoje em dia é muito competitivo, né, eu tô trabalhando o quinto ano, mas eles já têm essa noção, então assim, quando eles já vem de uma família que já tá estruturada, que mostra pra eles que a educação é importante para ampliar, né, os seus caminhos depois tanto continuar, fazer uma faculdade, já tinha aluno que falava muito sobre isso, ah, porque eu tenho que melhorar, eu quero fazer uma faculdade, você vê que já vem da família, né, e também o que acontece externo, são cursos, é...tem o SESC também que favorece para alguns cursos que eles fazem, e eu acho também que o interesse do aluno que acontece não só dentro da sala de aula, mas em casa, com os pais.

Ela trata que embora existam dificuldades, existem muitos alunos empenhados em buscar e atingir suas metas, ressaltando que o apoio da família é crucial.

Partindo das informações da professora da Escola 45, reafirma-se que, tal aparato também está disposto no artigo 205 da Constituição Federal de 1988, no qual, a educação é compreendida como dever do Estado e da família, tem o objetivo de desenvolver plenamente a pessoa, preparando-a para exercer a cidadania e se qualificar para o trabalho.

Ainda retomando essa questão e compreendendo a educação como dever da família Lahire (1997, p. 17) destaca que:

“De fato, a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família”.

Como pôde ser verificado, as Escolas 1, 2, 44 e 45 apresentam realidades extremamente diversas umas das outras, tendo em vista que as escolas mais bem posicionadas trazem em seus questionamentos fatores extraescolares extremamente positivos em relação ao aprendizado dos seus filhos, demonstra que a realidade social, cultural e econômica é bastante distinta entre essas escolas. Quando observa as escolas 44 e 45, nota-se que o posicionamento é de cunho negativo, enfatizando a falta de suporte da família, o analfabetismo, o acesso complicado à escola, bem como dificuldades de transporte. Essas informações são extremamente relevantes e precisam ser levadas em consideração pelo poder público, de modo a estabelecer ações voltadas às escolas mais necessitadas. Todos os resultados são explicados quando se analisam estas falas, é muito difícil para a escola elevar seus índices quando existem por trás desses números fatores que não estão em seu alcance.

Cabe aqui problematizar tais situações como problemas de ordem política e pública, já que tais escolas são instaladas em regiões de difícil acesso ou, então, muitas das vezes o suporte destinado ao transporte não é suficiente para alunos e funcionários dessas escolas. Outro questionamento que precisa ser levantado é: porque o ônibus não chega à porta de tais escolas? A prefeitura precisa avaliar essa situação.

Retomando essa questão já levantada por Silva (1995), ele traz o “silenciamento das infâncias” na qual não se destaca como fator de estudo as condições de vida de uma infância pobre, das crianças do mundo denominado “real”, entre outras condições humanas.

E são essas condições que precisam ser conhecidas e verificadas, é preciso que a prefeitura tome ciência desses fatores e implante ações visando o aprendizado dos alunos.

Outro fator que precisa ser considerado é o perfil socioeconômico desses alunos, tendo em vista que é apresentado de forma diferente por cada escola.

Ao ser questionada sobre os aspectos socioeconômicos de seus alunos, a Diretora da Escola 1 é bastante clara:

Hoje em dia, é...aqui no, aqui na escola a gente tem muitos alunos vindos dessas grandes empresas que estão um pouco, estão quebrando, GM, né, Embraer, então, existe uma instabilidade muito grande, esse ano a crise, né, nós vemos realmente que as famílias estão com poder econômico menor, aquisitivo, né, menor que elas acabaram cortando alguns gastos, algumas coisas, mas a comunidade aqui não é uma comunidade carente em sua maioria, a gente tem alguns casos pontuais e que a escola procura auxiliar, por exemplo, no caso de uniforme escolar, nós temos uniformes aí, a gente doa para as crianças que não podem comprar, no caso de um passeio, a gente sempre consegue uma cortesia, então, a gente busca colocar, mas porque é um número pequeno de alunos que não tem condições econômicas de...financeiras de acompanhar o que a escola tá propondo.

A Diretora da escola deixa bastante explícito que seus alunos em grande maioria não são carentes e que o perfil deles reflete alunos, filhos de funcionários de grandes empresas da cidade e que estudam lá porque os pais precisaram cortar gastos. Portanto, não são alunos de baixa renda, mas sim alunos que têm acesso à educação sem maiores dificuldades.

Ao fazer este mesmo questionamento à Diretora da Escola 2, não se verificou grandes diferenças:

Sim, sim, eu acredito que são pessoas que têm um nível cultural bom, né, é... é um número muito pequeno, uma porcentagem muito pequena de pais que sejam analfabetos né, a maioria dos pais possuem uma boa formação né, e eu acredito que isso...por isso que essa participação dos pais seja tão efetiva por conta dessa formação cultural e dessas...e da própria condição socioeconômica da comunidade escolar.

Observa-se uma realidade bastante semelhante nas duas escolas, na qual os pais apresentam uma boa formação e têm um perfil econômico relativamente estável, não relatando dificuldades financeiras.

Retomando a fala da professora da Escola 44, ela destaca que o fator socioeconômico atrapalha bastante, contrário ao que disse as escolas anteriores:

[...] então eu acredito que aqui o extra é uma das coisas que tem atrapalhado, que atrapalha bastante aqui é o socioeconômico, mas também o cultural.

Ao tratar ainda dessa problemática com a diretora da Escola 45, ela destaca:

É sim, não é uma grande porcentagem, mas ela faz parte da nossa realidade sim, tem crianças que estão aqui, é... não só para estudar, mas é talvez a refeição maior deles seja aqui na escola sim, temos situações, infelizmente, mas...

A diretora em questão ressalta que existem em sua realidade alunos que vão para a escola simplesmente para se alimentar, embora não sejam todos, mas que essa realidade se faz presente. Novamente, a questão do socioeconômico encontra-se evidente.

Em síntese, verificou-se a relação existente entre o perfil socioeconômico e os resultados do IDEB das escolas 1, 2, 44 e 45.

Retomando as ideias de Lahire (1997), na qual afirma que os círculos familiares se tornam “cada vez mais instáveis”, com mães solteiras, famílias “implodidas” pelos divórcios, separações e situações econômicas “precárias” (desemprego, salário mínimo de inserção*...). Os filhos, em tais situações, “perdem todos os parâmetros”, “não desenvolvem sua linguagem” e “são abandonados a si próprios”.

O que pôde ser concluído foi que as escolas mais bem posicionadas em relação aos índices apresentam perfil socioeconômico favorável, ao passo que as escolas bem menos posicionadas relatam problemas relacionados à alimentação escolar, tendo em vista a utilização da merenda como a maior refeição de alguns, falta de procura de atividades culturais visto a falta de condições financeiras e/ou desconhecimento da importância destas.

Outro aspecto extraescolar que foi verificado nas entrevistas e que carece de atenção diz respeito ainda à localização dessas escolas, assunto já tratado no item anterior.

Ao entrevistar a professora da Escola 1, ela foi enfática acerca de outros fatores:

Então, aqui na escola, né, nós temos assim, é... desde o tempo que eu estou aqui a gente tem um local privilegiado, né, nós temos assim, é... bastante assim... apoio em questão de materiais, né, para trabalhar com esses alunos, nós temos muitas trocas entre os professores, né, que também, é... [...]

Ela destaca dois fatores importantes, a localização e o apoio recebido em termos de materiais. Ela afirma que a escola encontra-se em um lugar privilegiado, isso, faz levantar a seguinte indagação: se a escola encontra-se num local privilegiado, isso também não contribuiu para que os índices sejam melhores, já que por trás desse local, encontram-se alunos com melhores rendas, mais facilidade de transporte até a escola, entre outros? Ou seja, um fator acaba sendo levado por outros. É algo a ser repensado!

Em relação a esse mesmo tema, localização, a professora da Escola 2 também aponta a mesma resposta:

Que eles chamam aqui da região Nobre da...da...do município né, que é uma faixa grande então, tem muita gente que diz que não mas ela faz parte da zona da região Nobre da cidade né, aqui tem famílias carentes, tem, mas eu diria que não é a maioria é a minoria, não vou dizer que a gente não tem dificuldade, temos, bastante dificuldade, a classe média né, mas existe essa diferença em relação a outras cidades, a outras escolas na cidade né.

A segunda escola mais bem posicionada informa que se encontra em um bairro pertencente à região nobre do município. Esse fator de localização acaba por se interligar novamente ao aspecto socioeconômico, na qual uma escola conta com um público de renda

superior às demais escolas. Sendo assim, observa-se que este fator tem relação direta com os resultados apresentados pela escola.

A diretora da Escola 44 também reflete um pouco mais quanto à localização:

[...] Então tem, as pessoas gostam da escola, os professores gostam, que é uma escola pequenininha, aconchegante, tudo, tá ali começando, porém, ela tem uma dificuldade de acesso, até mesmo os pais quando sobem, tem que subir o morro, chego aqui falo, nossa, ai como é longe, não é que ela seja longe, é o acesso que é mais complicado, pra gente que tem carro, facilita, você chegou, entrou, mas pra quem não tem um veículo próprio, já dificulta.

Para melhor comparação, a diretora da Escola 45 destaca:

Eu acho que é da realidade rural mesmo, né, eu acho que é esse enfrentamento para...fora da...do âmbito aqui de [distrito do município], acho que é mais...da realidade rural, do meio que vivem, muitos deles, eu por exemplo, eu sou nascida e criada aqui, né, e eu saí pra estudar e retornei, né, então, eu sou, hoje eu sou, é...sou efetiva tanto na prefeitura quanto no estado, então eu sou produto desse meio aqui, né, mas eu tive o incentivo da família pra estudar.

O que pôde ser verificado é que por conta da localização, se o aluno não tiver boa vontade e o incentivo da família, ele não consegue dar continuidade em seus estudos.

Bourdieu (2008) reafirma essa questão, quando destaca: a realidade das escolas precárias que se multiplicaram nos locais mais pobres acolhendo uma quantidade muito grande de alunos e a outra realidade com a existência de colégios cujos alunos das famílias mais ricas podem frequentar.

Essa análise permite concluir que existem escolas boas para gente “boa”, isto é, gente com maior poder aquisitivo e existem escolas pobres para gente pobre. É complicado, mas é uma realidade que precisa ser verificada e transformada pelo poder público.

Aqui cabe fazer uma espécie de denúncia, visto que não é possível somente colocar a culpa nos pais desses alunos, escolher a “melhor escola” acaba por reforçar a “privatização da escola pública”. Como pode, por exemplo, destinar mais recursos a escolas com notas já elevadas? Claro que pode ser visto como incentivo a tais unidades escolares, mas e as demais? Tais fatores acabam por trazer consequências à população como desigualdade social e exclusão, visto que políticas pobres são destinadas a classes mais pobres da população. Tais condições não podem ser enxergadas com passividade pelas educadoras, ou seja, as condições existentes precisam ser enfrentadas e não podem ser vistas como algo natural por professores e gestores.

Outro fator que foi observado e relatado pela professora da Escola 45 foi a questão das bebidas e drogas:

[...] por mais que esses fatores como a gente já tem visto bastante que é a questão de drogas que influência, que nós temos bastante que é bebida, os pais eles acabam também seguindo esse caminho, mas eu acredito assim quando a escola tem o seu propósito, a política pedagógica, né, o que ela quer, eu acredito que isso amplia, né, faz com que esses fatores negativos não sejam tão negativos na vida desses alunos, lógico, a gente sabe que hoje em dia tem o conselho tutelar, né, se o aluno deixou de vir pra escola, que vai atrás desses alunos, a gente tem toda uma estrutura na escola, tem uma pessoa responsável se o aluno tá faltando, porque que ele tá faltando, você passa pra ela, pra OE, ela vai atrás, então, nós temos esse recurso, né, da prefeitura, talvez outras não tenham, mas aqui foi positivo, porque eu acredito que todos os fatores que venham negativos, né, de as vezes tá tendo essas faltas porque os pais, é...não tão se importando tanto, a gente tem por outro lado esses outros órgãos que faz com que esses alunos permaneçam na escola, que hoje é lei, né? [...] É, porque se você for pensar, seu pai ele é usuário, vai influenciar em você porque as vezes ele tá tão mal, né, ele não vai mandar o filho pra escola, então, ele sabe que as vezes ele manda porque se não mandar tem a escola que vai atrás, tem, né, a questão do ECA, também, né, que hoje é muito forte, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a questão de ter também esse amparo de toda a rede pública, né [...].

É difícil ouvir um relato como este da professora, na qual ela destaca a problemática da bebida e das drogas, enfatizando que determinados alunos, mesmo os pequenos, não vão para a escola, porque seus pais não mandam. Essa realidade precisa ser verificada se não irá impactar diretamente nessas crianças e em seu futuro. Uma criança que convive com seus pais bebendo ou usando drogas, achará tudo isso normal e não dará a importância devida à educação. Por isso, é importante ressaltar mais uma vez a importância do poder público, especialmente, focando no papel da assistência social e psicológica.

Com relação ao conhecimento do IDEB por parte dos pais e da comunidade, observaram-se alguns pontos. A Diretora da Escola 1 destacou:

[...] tem um peso muito grande principalmente para a comunidade, a comunidade aqui ela é esclarecida, ela pergunta, ela sabe o que é o IDEB e ela cobra da escola e isso eu acho muito bacana, é porque faz a gente...motiva a gente a sempre melhorar.

Ao realizar este questionamento à Diretora da Escola 2, a resposta é um tanto quanto semelhante:

Sabem, sabem porque a escola também se preocupa em visibilizar os resultados, não só do IDEB né, inclusive nós estamos em conselho participativo de classe, uma das...dos itens do nosso conselho é visibilizar para os pais que estão participando neste momento de todos os resultados positivos dos nossos alunos, Olimpíada Brasileira de Matemática, o dado do IDEB né, que já foi visibilizado em outros momentos, alunos que conseguem bolsas no ensino médio, bolsas em escolas renomadas né, então é...esses dados positivos são do conhecimento da nossa comunidade escolar porque a escola faz questão de visibilizar, eu acho inclusive isso algo muito importante que escola visibilize o dado é...de resultado interno nas suas avaliações e também do resultado externo né, é importante que a comunidade seja orientada da importância desse dado e do quanto ele é motivador para família que é nossa parceira e também para o aluno.

Quando se realizou a mesma pergunta à Diretora da Escola 44, verificou-se:

Olha, a gente tem aqueles pais que são mais participativos, com a mente um pouquinho mais aberta, mas esses pais realmente eles não têm noção [...] Não, não sabem, não sabem e não tem interesse de saber e até mesmo para conversar com eles as vezes fica complicado, a respeito do filho dele.

Para finalizar, obteve-se a seguinte percepção da Diretora da Escola 45:

Eu acho que a grande maioria não sabe, ouviu falar de alguma forma aqui na escola, mas não se atenta por procurar, se aprofundar mais em relação a isso, acho que ainda falta bastante, embora ainda seja pontuado aí na mídia, pontuado na escola como um todo, mas eu ainda acho que falta mais, é... não sei se informação, acho que a gente precisa buscar novas formas de fazer com que o pai, é...busque saber e valorize esse momento, né?

Pôde se verificar através dessas falas das diretoras que nas escolas mais bem posicionadas, os pais têm conhecimento do que é o IDEB e cobram a escola em função disso, ao passo que nas escolas bem menos posicionadas, os pais não fazem nem ideia do que seja e a escola ainda se coloca na obrigação de procurar novas formas para que o pai tome conhecimento acerca desses resultados, demonstrando a importância deles. Talvez esse fato se justifique pelas condições socioeconômicas desses pais, bem como seu grau de instrução.

Outro fator que merece destaque é a participação dos pais na vida acadêmica de seus filhos e de acordo com a percepção das educadoras, se pôde retirar informações muito significativas.

A professora da Escola 1 destacou a boa atuação dos pais de sua escola:

Então, aqui na escola nós assim temos assim uma boa parceria da comunidade, eles são participantes aqui na escola, eles, é... muitos pais participam da AE, aqui da escola, participam do Conselho, é... são presentes nas reuniões de pais, é... quando a gente solicita, a gente vê assim um bom retorno dos pais nas reuniões [...].

A professora da Escola 2, destacou:

Eu vejo que existe uma participação bem grande, a gente não é tão rara, se a gente conversar, é muito comum a gente conversar com os pais e eles virem saber: - ah, meu filho não levou tarefa, será que tem tarefa, porque eu acho que tem que ter bastante atividade extracurricular, tem que ter bastante atividade para fazer em casa, para pesquisa, então uma boa parte dos pais aqui são preocupados com isso né?

A diretora da Escola 44 informou com relação a esse assunto:

São, são atuantes sim, eles...começando devagarinho, né, tá crescendo e agora eles são bem participativos, bem atuantes.

A professora da Escola 45 ressaltou:

[...] eu tenho pais que são analfabetos, como que você vai cobrar isso, mas eles mesmo sendo analfabetos eles falam...nossa...a importância do filho conhecer e eu acho que esse conhecimento, essa vontade de aprender, mesmo que eles sejam analfabetos passam para o seu filho e isso é importante, né, e a gente vê bastante aqui, a gente trabalha com os pais, a maioria da zona rural, mas eles trazem isso, por

mais que eles não saibam eles querem que os filhos aprendam, que os filhos caminhem como eles falam, eu quero que o filho faça uma faculdade, então isso também influencia, como temos aqueles outros que não tem vontade, tem vontade de ficar mesmo na zona rural fazendo serviços rurais, não que é ruim porque eu acho que sempre vai existir os dois lados, mas que [...] Participam, a gente tem um bom índice bom de participação, por exemplo, tem uma sala de 26, a sala desse ano, vem 20, 19, então, é uma boa participação, né, e quando não vem eles mandam bilhete porque que não puderam vir, marca reunião outro dia, então, eles estão interessados na evolução dos seus filhos assim na questão de aprendizagem [...].

Reutilizando os aspectos abordados por Patto (2000), os fatores extraescolares exercem grande influência no rendimento dos alunos, como por exemplo, a falta dos pais nas reuniões, a vontade de trabalhar logo, autoritarismo dos pais, pouco contato entre pais e filhos com relação à leitura e alta densidade habitacional.

Verificou-se acerca desta problemática que os pais dessas escolas de modo geral são bastante atuantes na vida de seus filhos, especialmente em termos de participação em reuniões. Alguns, claro, apresentam determinadas dificuldades, todavia, dentro de suas limitações participam das reuniões, alguns cobram tarefas, participam de conselhos, enfim, são atuantes levando em consideração suas limitações bem como a realidade na qual estão inseridos.

Para concluir é de extrema importância retomar o que já foi colocado por Dourado, Oliveira e Santos (2007), na qual é demonstrado através de estudos que as dimensões extraescolares afetam os processos inerentes à educação e os resultados escolares, visto que estas não podem ser deixadas de lado, caso se deseje proporcionar uma educação com qualidade para todos os cidadãos.

5.3. Relevância na Atuação de Educadoras

Ao tratar da questão acerca do conhecimento do IDEB por parte das educadoras, verificou-se que todas as professoras e diretoras das escolas estudadas conheciam o resultado do IDEB de sua escola bem como o comportamento ao longo dos anos de suas notas. Todas tinham conhecimento em relação ao seu desempenho no município.

Com relação ao questionamento sobre a relevância do IDEB na atuação como educadora, alguns pontos precisam ser ressaltados.

Conforme destacou a diretora da Escola 1:

Então, a minha...a minha preocupação é sempre, é...a questão organizacional né, porque a gente sabe que uma escola que não está organizada não vai funcionar bem, né, então, as coisas têm que acontecer, a gente trabalha muito para manter a rotina diária, é...sem muitas alterações para que os alunos saibam exatamente, olha vem,

vai ter aula, se o professor faltar tem o substituto, tem aula para ser dada, tem atividade, então a gente tem algumas organizações internas, nós temos um projeto aonde os professores deixam atividades assim diversificadas, ah, ele faltou de última hora não deu para mandar aula, a gente vai lá, tira da manga, tira essa atividade leva para sala, então, tem...é...isso é uma preocupação constante, não deixar o aluno ocioso, né, uma outra preocupação nossa é buscar com os outros setores que quando a gente fala na educação a gente pensa muito professor e aluno, mas eu tenho a cozinha, eu tenho pessoal da limpeza, eu tenho pessoal da secretaria e a gente coloca muito isso pra eles, que eles tem uma função educadora aqui dentro, né, então, é na cozinha as meninas trabalham com muito carinho, trabalham muito bem, fazem uma merenda maravilhosa, né, os alunos gostam muito, então, é procurar fazer da escola um espaço educativo e um espaço prazeroso, né, eu acho que esse é o principal.

A diretora em questão ressalta a existência de planejamento em sua escola, evitando que seus alunos fiquem ociosos e sem professor em sala de aula. Destaca que existe um trabalho em equipe que compreende todos os setores da escola.

Esse trabalho em equipe descrito pela diretora é claramente citado por Nóvoa (2009), na qual destaca que é de suma importância as atividades coletivas e colaborativas, sempre se envolvendo conjuntamente nos projetos da escola.

Ao realizar a mesma pergunta à professora da Escola 1, verificou-se:

[...] Como educadora a gente fica feliz porque quando a gente vê aquela pontuação daquela turma que fez, é...que teve um bom assim desempenho na escola você vê que você participou, né, tanto é, que quando é pontuado aqui na escola, não é falado assim da...do ano que foi realizada a avaliação, mas assim da escola como um todo porque todos os professores têm a sua participação ali, então isso impacta sim, a gente fica muito feliz, né, de saber que você trabalha num local onde aquilo que você, é...está assim organizando, trabalhando, defendendo, ele tá tendo né, um bom resultado.

A diretora ressaltou a importância de seu trabalho em relação aos resultados obtidos pelo IDEB, sinônimo da participação de todos os professores.

Essa participação de todos os professores é evidenciada segundo Tardif e Raymond (2000) na qual ressaltam a importância do ensino, onde tais educadores assumem um papel, desempenham uma função e buscam atingir objetivos específicos já definidos.

A diretora da Escola 2, destacou:

Com certeza numa reflexão né, permanente aí né, para que possamos é...aprimorar o nosso trabalho, eu acho que qualquer dado, mas o dado...dado de IDEB é um dado nacional, é um dado que é de grande relevância para a escola e no caso pessoal da minha formação com certeza de que estamos no caminho certo, de que podemos fazer cada vez melhor né, eu acho que a educação tem...tem lacunas né, nós sabemos que essas lacunas elas envolvem também assim como eu disse as políticas públicas, a questão da...do...do material que a escola possui né, da estrutura da escola, né, então é...você acaba direcionando a sua reflexão, se...se já está bom né, se o resultado foi positivo pensando na formação acadêmica do professor, pensando nesse envolvimento de professores é...muito pode ser feito, né, o potencial que...que as escolas possuem é muito grande né, acredito que seja isso.

A diretora destaca o IDEB como uma ferramenta de reflexão acerca das atividades já desenvolvidas e das que ainda serão desenvolvidas, funcionando como um parâmetro para que a escola possa aprimorar seu trabalho.

A professora da Escola 2 também contribuiu:

Eu trabalho numa área de conhecimento que é a arte que ela, ela tem como objetivo formar o cidadão mais pleno né, de dar a chance de conhecimentos que não seria só da linguagem ou só da área de exatas né então eu complemento conteúdos que vão fazer desse cidadão mais consciente né então eu me sinto também de uma certa forma responsável por isso né que eu tenho que contribuir para que para que o aluno tenha conhecimento mais completo de tudo, que aquilo possa auxiliar até em outras disciplinas como na disciplina de humanas ou de exatas né?

A professora em questão enfatiza a importância da área de educação artística como ferramenta de aprimoramento da aprendizagem do aluno em outras disciplinas.

Ao realizar esse mesmo questionamento à Diretora da Escola 44, ela afirmou:

É...então, através média que a gente percebe quando é divulgada a média, ah, tal escola tá com tal média, porque ela é melhor todo mundo quer colocar o filho lá, então, a gente quer uma escola também que o pai tenha prazer de deixar seu filho, tenha confiança sabe, porque ele vai ter bons resultados, né, e se a média está abaixo, o que que a gente pode fazer para melhorar? A gente vai fazer um plano de ação, então para melhorar essa nossa média, é o que a gente tá fazendo, a gente tá trabalhando com os alunos, né, tem a recuperação paralela, tem várias é... atividades diferenciadas para alfabetizar aqueles alunos que não conseguiram ser alfabetizados pra gente conseguir, é...entrar ali na média, esse impacto é pra melhoria da aprendizagem.

A diretora destaca o IDEB como ferramenta para criação de um plano de ação, de modo a se realizar melhorias nas respectivas médias.

A professora da Escola 44, também destaca:

Ele impacta pelos projetos que são determinados por conta das metas, então como nós estávamos falando, é... quando existe o indicador se estabelece as metas e cada profissional dessa escola ele precisa traçar um plano de ação e dar conta disso, então é um plano de ação que prevê avaliações.

A professora destaca os projetos que precisarão ser implantados tendo como base o IDEB, além de ressaltar o que já foi abordado pela diretora de sua escola, no que diz respeito à utilização desse indicador como meio de criar um plano de ação em prol de melhorias.

Ao perguntar sobre o tema, a diretora da Escola 45, enfatiza:

Ah, eu acho que é medir mesmo, né, os nossos avanços, né, é...ele é uma...um termômetro, né, pra gente poder, né, para um pouquinho, refletir, o que deu certo, o que que não deu, o que que a gente precisa pensar, quais metas temos que projetar para o próximo ano pra...pra tentar melhorar, né, o que que deu certo, o que que não deu certo mesmo dentro da escola.

Interessante destacar na fala da diretora, que ela ressalta o IDEB como forma de reflexão para futuras projeções, na tentativa de obter melhorias, de compreender o que deu certo e o que não deu, na busca de novos parâmetros.

E para finalizar, a professora da Escola 45, reflete:

Eu acho que como assim no ano passado foi positivo, né, teve esse avanço, lógico que você fica se sentindo um pouquinho, né, nossa, eu fiz um bom trabalho, mas eu acho que isso é um trabalho de equipe, não foi só eu, né, mas tanto os alunos também porque eu acho que se eles não fizessem a prova, feito por eles, nós não teríamos esse resultado, mas eu acredito que é importante tanto para o professor vê que ele tem mesmo que ensiná-los, tem que buscar, é...priorizar, né, essa questão de aprendizagem mesmo e ver que se o aluno tem potencial, mesmo aquele que tem dificuldade, você pode pegar dele o que ele tem de positivo, acredito que todos os alunos têm algo pra apresentar e a gente trabalhar dentro dessas habilidades deles faz com que eles cresçam mais, se desenvolvam mais e se envolvam.

Ela reflete positivamente acerca do trabalho exercido pelos professores bem como pelo empenho dos alunos, como fator de resultado do IDEB.

Em síntese, pôde se observar que todas as educadoras atribuem os resultados do IDEB ao trabalho em equipe de docentes e da gestão. Afirmam ainda que os dados do IDEB são de suma importância, tendo em vista que servem de parâmetros para futuras melhorias. É considerado por todas como um medidor de desempenho, na qual avaliam o que deu certo e o que precisa ser revisto.

É interessante destacar ainda que tais educadoras ressaltam aspectos muito subjetivos, relacionados à percepção de seu fazer cotidiano. Sendo assim, não apresentam, aspectos objetivos do ponto de vista da atuação. É preciso verificar se de fato está tudo tão “perfeito” quanto à finalidade do IDEB, afinal, em momento anterior é possível observar críticas no sentido de que o IDEB não considera outros fatores que vão além da frequência e notas escolares. Observa-se uma ação “mecanicista”, na qual as educadoras sabem dos índices, mas pouco se apropriam dessas avaliações. É necessário ainda, refletir sobre o problema da escola de verdade, sendo que nesse último capítulo não se observa nas falas nenhum questionamento quanto ao IDEB. É claro que os aspectos subjetivos merecem atenção e precisam ser apropriados, visto que o indicador representa uma ferramenta norteadora para futuras ações administrativas e pedagógicas, mas é preciso levar isso adiante, colocar tais aspectos subjetivos na prática, através do desenvolvimento de ações concretas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante reunir aqui as considerações que se fazem necessárias em relação aos objetivos propostos na presente pesquisa. Não se pode afirmar que se existiu uma conclusão efetiva, tendo em vista que ainda existem muitos questionamentos relacionados ao tema estudado, visto sua importância e amplitude.

Em relação aos objetivos do estudo, foi possível responder por meio das entrevistas realizadas com as educadoras, quais são alguns dos elementos intra e extraescolares que, em suas percepções, têm impactado nos resultados de suas escolas localizadas em um município do Vale do Paraíba. Além disso, também foi possível verificar a relevância do IDEB na atuação dessas educadoras, vendo quais conhecimentos tem a respeito desta avaliação e qual importância dão a ela.

Assim, na análise apresentada, primeiramente, foram abordados os resultados do IDEB obtidos através do Portal do INEP. A partir da tabela presente no portal foi possível selecionar as duas escolas com maior pontuação e as duas escolas com menor pontuação no ano de 2015 quando comparadas com o ano de 2013, o que constituiu o critério para a seleção das entrevistadas e para a realização das entrevistas.

Como instrumento de pesquisa, foram realizadas entrevistas de História Oral temática. A partir da transcrição das falas das educadoras, foi possível estabelecer narrativas que puderam ser analisadas como documentos.

A partir da seleção de palavras chave que compunham esses documentos, a análise desse estudo foi dividida em três partes: fatores intraescolares, fatores extraescolares e, relevância na atuação de educadoras.

Com relação aos fatores intraescolares, observou-se por parte das educadoras das escolas 1 e 2 aspectos bastante positivos, enfatizando as formações continuadas, reuniões de HTC, participação dos pais, atuação dos professores, parceria da família, trabalho da gestão, entre outros. Com relação a esses mesmos fatores, todavia, abordados pelas escolas 44 e 45, notou-se a presença de alguns problemas como rotatividade de funcionários, licenças médicas, falta de estagiários, dificuldades com acessibilidade e localização, etc.

No que diz respeito aos fatores extraescolares, observou-se que as escolas 1 e 2 trouxeram fatores positivos em relação ao aprendizado de seus filhos, entretanto, as escolas 44 e 45 destacam aspectos negativos, especificando a falta de suporte da família, o analfabetismo, o acesso complicado à escola bem como dificuldades de transporte.

Sobre a relevância dos resultados do IDEB na atuação das educadoras, observou-se que todas destacaram a importância de seu trabalho, enfatizando a equipe e a gestão, bem como ressaltaram o valor do IDEB como parâmetro para futuras melhorias.

Foram encontrados diversos problemas que precisam ser verificados pela prefeitura do município em questão, tendo em vista a situação de vida desses alunos, bem como o impacto em sua aprendizagem. Essa problemática foi analisada retomando os conceitos apresentados por Bernard Lahire e Pierre Bourdieu relacionados aos aspectos de exclusão e os fatores relacionados ao fracasso escolar tomando como base Maria Helena Souza Patto, entre outros estudiosos do tema.

A pesquisa trouxe um panorama dos estudos sobre a avaliação da educação oriundos da CAPES e do Portal Domínio Público, abrangendo teses e dissertações sobre o tema. Houve ainda um capítulo dedicado aos artigos extraídos da Scielo compreendendo o tema “Indicadores e Avaliação Educacional”.

A presente fundamentação teórica foi dividida em grandes eixos voltados para a educação, compreendendo aspectos ligados ao histórico do direito à educação no Brasil; a educação propriamente dita como direito; o Ensino Fundamental; fatores determinantes na qualidade da educação; indicadores de avaliação da educação; críticas quanto ao processo de ranqueamento realizado pelas unidades escolares e; o IDEB como foco de estudo.

Importante ressaltar os aspectos colocados pelos teóricos sobre as críticas ao ranqueamento, como agente norteador da educação, todavia, muitas das vezes, como agente causador de competitividade, lógica da economia de mercado e, excesso de testes que não consideram o trabalho do dia a dia de cada escola. Tal percepção pode ser relacionada às diferentes realidades das escolas estudadas e está presente nas narrativas dos professores.

Esse estudo se justificou pela importância que o IDEB assume ao medir o desempenho dos alunos de educação básica. Este diagnóstico é de relevante interesse da gestão pública municipal, pelo fato de que pode propor caminhos para alocação dos recursos financeiros e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas – de formação continuada ou orientação pedagógica - na área de educação.

A pesquisa permitiu a partir das visões de gestoras e professoras compreender situações positivas e negativas destas instituições, o que impacta na aprendizagem desses estudantes e no relacionamento das equipes dessas escolas. É de relevante interesse de toda a comunidade escolar, visto que esse estudo se caracteriza como forma de buscar eficiência e

qualidade na educação e na problematização das relações entre o IDEB e o próprio desenvolvimento da educação.

7. REFERÊNCIAS

ALAVARSE, Ocimar M.; BRAVO, Maria H.; MACHADO, Cristiane. Avaliações externas e qualidade na educação básica: articulações e tendências. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 54, p. 12-31, jan./abr. 2013.

ALMEIDA, Alberto A. L.; DAMASCENO, Maria F. O neoliberalismo e a educação brasileira: a qualidade total em questão. **Revista Educação**, [S.l.], v. 10, n. 2. 2015.

ALVES, Herocilda de. O **Eficácia escolar**: estudo de caso em uma escola de educação básica em Pernambuco. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8075/5719>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

Anuário Brasileiro da Educação Básica 2016. [S.l.]: Moderna, 2016. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/anuario_educacao_2016.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

BARBOSA, Márcio F. **Experiência e narrativa**. Salvador: EDUFBA, 2003.

BERNARDO, Elisângela da. S.; CHRISTÓVÃO, Ana C. Tempo de Escola e Gestão Democrática: o Programa Mais Educação e o IDEB em busca da qualidade da educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1113-1140, out./dez. 2016.

BOECHAT, Beatriz de. O. **A gestão integrada da escola (GIDE) como o caminho para as mudanças de gestão e do desempenho das unidades escolares na rede estadual de educação do Rio de Janeiro**: o caso do colégio estadual deputado Carlos Pinto Filho. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANDÃO, Carlos da. F. **Estrutura e Funcionamento do Ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BRASIL. Lei 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 02 out. 2017.

BRASIL. Lei 11.114, de 16 de maio de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm>. Acesso em: 12 set. 2016.

BRASIL. Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 14 nov. 2017.

BRASIL. Lei 9.304, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 02 out. 2017.

BRASIL. Decreto 6.094 de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm>. Acesso em: 14 nov. 2017.

BRAZ, Simone G. **Educação do campo e professores de escolas rurais**: as representações sociais sobre competência. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2014.

CANCLINI, Néstor G. **Leitores, Espectadores e Internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERDEIRA, Diana G. da S.; ALMEIDA, Andrea B. de.; COSTA, Marcio da. Indicadores e Avaliação educacional: percepções e reações a políticas de responsabilização. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 198-225, jan./abr. 2014.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIRINÉA, Andréia M.; BRANDÃO, Carlos da. F. O IDEB como política de regulação do Estado e legitimação da qualidade: em busca de significados. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 87, p. 461-484, abr./jun. 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COELHO, Maria I. M. Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 229-258, abr./jun. 2008.

CÓSSIO, Maria de. F.D. Base Comum Nacional: uma discussão para além do currículo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 1570 – 1590, out./dez. 2014.

CURY, Carlos R. J. A Educação Básica como Direito. **Programa de pós-graduação em educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**, Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, p. 293-303, mai./ago. 2008.

DOURADO, Luiz F. et al. **Conselho escolar e o financiamento da educação no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

DOURADO, Luiz F.; OLIVEIRA, João F. de; SANTOS, Catarina A. **A qualidade da educação: conceitos e definições**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Norte, 2002, 7(2), p. 371-378. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

FERNANDES, Reynaldo. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB): Metas intermediárias para a sua trajetória no Brasil, Estados, Municípios e Escolas. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, Brasília, MEC, 2007.

FERREIRA, Marieta de. M. et al. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FLACH, Simone de. F. Direito à educação e obrigatoriedade escolar no Brasil: entre a previsão legal e a realidade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.43, p. 285-303, set.2011.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

GARCIA, Carlos M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GARRETT, Annette. **A entrevista, seus princípios e métodos**. Tradução Maria de Mesquita Sampaio e outros. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1059-1079, set./dez. 2009.

GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRIBOSKI, Cláudia M. O Enade como indutor da qualidade da educação superior. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 53, p. 178-195, set./dez. 2012.

GROSSI, Patrícia K.; GASPAROTTO, Geovana P.; VIEIRA, Monique S. Mercantilização da política de educação: o processo de transformação do direito em mercadoria. XI Seminário Internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea. **VII Mostra de trabalhos jurídicos científicos**, 2014.

GUSMÃO, Joana B. de.; RIBEIRO, Vanda M. A política educacional do Acre e os resultados do Ideb. **Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line)**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 472-489, set./dez. 2016.

INEP. **Censo escolar da educação básica 2016**. Brasília: INEP, 2017.

INEP. **Conheça INEP**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/conheca-o-inep>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

INEP. **Geografia da Educação Brasileira**/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: O Instituto, 2002.

INEP. **IDEB das escolas da 4ª série/5º ano de um município do Vale do Paraíba**. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=2511792>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. **Consulta ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

INEP. **SAEB**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

INEP. **Sobre o INEP**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

LAGE, Ana C. P. **Pedagogia Escolanovista**. Campinas: UNICAMP, 2017. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_pedagogia_escolanovista.htm>. Acesso em: 28 dez. 2017.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, José C.; OLIVEIRA, João F. de.; TOSCHI, Mirza, S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, Marina de. A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

- MEC. **A educação básica, avanços e desafios**. Brasília: Ministério da Educação, 2011. 25 p.
- MEC. **ENEM – Apresentação**. Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=183>. Acesso em: 01 nov. 2017.
- MEC. **IDEB – Apresentação**. Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>>. Acesso em: 30 set. 2017.
- MEC. **Prova Brasil**. Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil-sp-1699645092>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- MEIHY, José C. S. B.; RIBEIRO, Suzana L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MICHAELIS. **Dicionário On-line**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=MEMORIA>>. Acesso em: 17 jul. 2016.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U., 2014.
- MUNICÍPIO DO VALE DO PARAÍBA. [REDACTED], de 14 de outubro de 2015. Aprova o Plano Municipal de Educação, e dá outras providências. Disponível em: <[http://\[REDACTED\].pdf](http://[REDACTED].pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2016.
- NEVES, José L. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n. 3, 2º Sem./1996. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- NÓVOA, Antônio. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.
- PATTO, Maria H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- PIMENTA, Dulcymar de. M. G. **O programa de intervenção pedagógica – PIP/CBC em três escolas da SER – Curvelo: análise das ações gestoras que contribuem para a melhoria dos resultados externos**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.
- QEdU. **Aprendizado dos alunos do Estado de São Paulo tomando como base os resultados da Prova Brasil 2013**. [ca. 2016]. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/estado/125-sao-paulo/aprendizado>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

QEDU. **Censo Escolar**. [ca. 2016]. Disponível em: <<http://academia.qedu.org.br/censo-escolar/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

QEDU. **Evolução do IDEB até o ano de 2021**. [ca. 2016]. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

QEDU. **Prova Brasil**. O que é a Prova Brasil. [ca. 2016]. Disponível em: <<http://academia.qedu.org.br/prova-brasil/o-que-e-a-prova-brasil/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

QEDU. **SAEB**. [ca. 2016]. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/saeb/aneb-e-anresc>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

RIBEIRO, Suzana L. S. **Tramas e Traumas**: histórias de vida e identidades em marcha. - São Paulo: FFLCH/USP, 2007a.

RIBEIRO, Suzana L. S. Visões e perspectivas: documento em História Oral. **Oralidades**, São Paulo, ano 1, n. 2, jul.-dez. 2007b.

RIOS, Mônica P. G. Desafios da gestão escolar para a melhoria da qualidade dos processos do ensino e da aprendizagem do ensino fundamental. **Universidade do Oeste de Santa Catarina**, Santa Catarina, 2012.

RODRIGUES, Luiz P. **Fatores de eficácia escolar**: o caso do Instituto de Educação Eber Teixeira de Figueiredo. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

RODRIGUES, Neidson. A Gestão pública da educação – Responsabilidade da União, dos Estados e dos Municípios. **Em Aberto**, Brasília, ano 5, n. 30, abr./jun. 1986.

ROMANELLI, Otaíza de. O. **História da Educação no Brasil**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SÃO PAULO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Currículo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/curriculo>>. Acesso em: 22 set. 2016.
SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAWAIA, Bader. **Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Silvana S. O. da. **Políticas educacionais e formação de professores**: experiências e práticas pedagógicas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

SILVA, Tomaz. T. da. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOARES, Laura T. R. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Carla B. C. de. **O programa de educação do estado do Rio de Janeiro: análise dos resultados da Regional Serrana II.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

STREHL, Afonso; RÉQUIA, Ivony da. R. **Estrutura e funcionamento da educação básica: subsídios para alunos, professores e candidatos aos concursos do magistério, de acordo com a lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – LDB.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, dez. 2000.

UNICAMP. **Provão.** Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_provao.htm>. Acesso em: 01 nov. 2017.

VELOSO, Fernando et al. **Educação básica no Brasil: Construindo o país do futuro.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

VICENTE, Isabela P.; BAQUIM, Cristiane A.; HERNECK, Heloisa R. «¿ Quem é que não quer que a sua escola fique lá em cima?»: vozes que ecoam diante das avaliações externas brasileiras aplicadas nas escolas da microrregião no Ubá / MG. **Educación** Vol. XXVI, N° 50, marzo 2017, pp. 104-122 .

ZAMPIRI, Marilene; SOUZA, Ângelo R. O direito ao Ensino Fundamental em uma leitura dos resultados do IDEB e da política educacional em Curitiba-PR. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 84, p. 755-776, jul./set. 2014.

APÊNDICE I - OFÍCIO



UNITAU

Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Recredenciada pela Portaria CEE/GP nº. 241/13
CNPJ 45.176.153/0001-22

PRPPG – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
Tel.: (12) 3625.4217 Fax: (12) 3632.2947
prppg@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 039/2016

Taubaté, 20 de junho de 2016.

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pela aluna Fernanda Araujo Coronado, do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2016, intitulado **“Desenvolvimento da Educação? Narrativas de educadores sobre o IDEB em [REDACTED]”**. O estudo será realizado com gestores e professores de 4 escolas municipais de [REDACTED], duas delas com maior pontuação no IDEB e duas com menor pontuação, sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

Para tal, serão realizadas entrevistas por meio de um instrumento elaborado para este fim, junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com Fernanda Araujo Coronado, telefone [REDACTED] e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Edna Maria Querido Oliveira Chamon
Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação

Ilmo (a). Sr (a) Diretor (a) do Departamento de Educação Básica

[REDACTED] – Diretora do Departamento de Educação Básica .

[REDACTED]
[REDACTED]

APÊNDICE II – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

PREFEITURA MUNICIPAL DE [REDACTED]
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

**AUTORIZAÇÃO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS EM PESQUISA CIENTÍFICA DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Fernanda Araujo Coronado

Autorizamos a Pesquisa de Mestrado à aluna FERNANDA ARAUJO CORONADO, do Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, a ser realizada na Secretaria Municipal de Educação com gestores e professores de 4 escolas da Rede de Ensino Municipal, por meio da coleta de dados do projeto intitulado: “Desenvolvimento da Educação? Narrativas de Educadores sobre o IDEB em [REDACTED], sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Suzana Lopes Salgado Ribeiro.

Confiamos que a pesquisa será desenvolvida dentro dos princípios éticos e legais, portanto, orientamos que a participação de nossos gestores e professores, sujeitos da pesquisa, ocorra sem prejuízo de suas atribuições na unidade escolar.

[REDACTED], 01 de julho de 2016.

[REDACTED]
Directora do Departamento de Educação Básica

APÊNDICE III – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**ENTREVISTA****Dados Gerais**

Profissão/Formação: _____

Grau de instrução: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Tempo na Instituição: _____

Área de atuação: _____

Roteiro de entrevista:

1. O que você entende por políticas públicas? Qual sua importância?
2. Qual o seu tempo de atuação nesta escola?
3. O que você sabe sobre o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica? O que ele indica? Como podemos entendê-lo? Qual sua importância?
4. Você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?
5. Você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB de sua escola?
6. O que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse? E o que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais sua nota?
7. Qual a importância do IDEB para a escola?
8. Como o IDEB impacta na sua atuação como educador?
9. De acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
10. De acordo com sua experiência, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
11. Quando os fatores intra e extraescolares são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
12. O tempo que os professores passam com os alunos impactam diretamente no IDEB? Por quê?
13. Este índice está dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
14. Você associa o IDEB às políticas públicas? Por quê? Como?

APÊNDICE IV – ENTREVISTAS

Diretora Escola 1

Entrevistadora	Bom dia!
Entrevistada	Bom dia!
Entrevistadora	É...qual que é a sua profissão?
Entrevistada	Sou professora P1 e estou como diretora de escola.
Entrevistadora	PEB 1, né?
Entrevistada	É.
Entrevistadora	Seu grau de instrução?
Entrevistada	É...eu tenho o curso de pedagogia e pós-graduação completo.
Entrevistadora	Pós-graduação em que?
Entrevistada	Um MBA em gestão escolar.
Entrevistadora	É...sua idade?
Entrevistada	45 anos.
Entrevistadora	Tempo na instituição?
Entrevistada	5 anos.
Entrevistadora	E área de atuação, diretoria né?
Entrevistada	Isso, gestão né, que a gente gosta de...
Entrevistadora	É...Então, vamos lá para as nossas perguntas. É...o que que você entende por políticas públicas?
Entrevistada	São, é...são as ações que o governo é...realiza né, em parceria aí com os órgãos legislativo, executivo, judiciário a fim de promover o bem-estar da sociedade né, é... eu acredito que a educação seja né, faça parte desse rol de ações.
Entrevistadora	A importância que você vê é justamente pra sociedade, né?
Entrevistada	Isso. A qualidade de vida, bem estar, né?
Entrevistadora	Certo. Qual que é seu tempo de atuação nessa escola?
Entrevistada	Nessa aqui são 5 anos.
Entrevistadora	5 anos.
Entrevistada	Isso.
Entrevistadora	E na sua experiência como um todo?
Entrevistada	Eu tenho 26 anos de prefeitura como professora, quando eu completei os 20 anos de prefeitura eu acabei, achei que era hora de mudar, né, sair da sala de aula e conhecer um pouco mais né, a questão da escola, a gestão, aí eu trabalhei um ano como assistente da direção e vim para cá como diretora.
Entrevistadora	E você tá gostando?
Entrevistada	Ah, eu adoro o que eu faço, gosto, gosto de estar com os alunos, gosto de estar com os pais, gosto de fazer assembleias, de discutir os problemas, de encontrar soluções, sabe, gosto das coisas muito bem organizadas, eu gosto do que eu faço.
Entrevistadora	Ai que bom. Mas você não sente saudade da sala de aula?
Entrevistada	Olha, sinto um pouco, sinto um pouco, mas eu acho que a dimensão do trabalho do gestor me...me encantou porque a gente tem, hoje eu não tenho só uma sala, eu tenho 32, né, então assim, o seu trabalho, assume uma dimensão muito maior, isso é muito gostoso.

Entrevistadora	É...o que que você sabe sobre o IDEB que é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica?
Entrevistada	É...o IDEB é um índice importante para nossa escola né, não só para a nossa escola mas para todo município, é...nós recebemos uma verba do MEC baseado nessa, nesse IDEB, né, é...e ele também, é...dá um norte para...para os gestores, para os professores e para a comunidade escolar sobre a qualidade da educação oferecida aqui no município, na escola né?
Entrevistadora	Como é que é essa divisão de recursos? É...cada escola tem o seu...
Entrevistada	Isso, cada escola recebe um valor direto do MEC, é um programa chamado Dinheiro Direto na Escola, é...e quanto melhor a nota, o quanto menor os índices de repetência e evasão escolar, maior é o valor que você recebe, né, esse valor ele vem pra ser gasto com material de consumo e material permanente. O material de consumo são os que duram menos de dois anos e material permanente são esses que tem uma durabilidade maior, né, então a gente...e é o objetivo é que ele seja investido na qualidade do ensino, né, então, você vai pegar, você vai comprar material pedagógico, você vai comprar equipamento, você vai ver qual a necessidade da escola para poder fazer.
Entrevistadora	Certo, então esse índice ele tá ligado diretamente, esses recursos estão diretamente ligados ao...aos indicadores?
Entrevistada	Isso.
Entrevistadora	Quanto melhor é o indicador mais...
Entrevistada	Mais você recebe.
Entrevistadora	Ah, é mais você recebe? De acordo com...você é melhor, você recebe mais...
Entrevistada	Você recebe mais.
Entrevistadora	Entendi. É...o que que ele indica para você assim, o IDEB? Como podemos entendê-lo? Qual sua importância?
Entrevistada	O IDEB aqui para mim, é...eu fui conhecer a sua...a dimensão, o peso que era, vamos dizer assim, quando eu cheguei nessa escola ela já tinha uma nota alta, qual era o meu desafio? Eu vim para substituir uma diretora que estava aqui há 9 anos, o IDEB sempre foi um dos melhores do município e nós tínhamos que manter essa qualidade mesmo com a troca de gestão, né, então, é...tem um peso muito grande principalmente para a comunidade, a comunidade aqui ela é esclarecida, ela pergunta, ela sabe o que é o IDEB e ela cobra da escola e isso eu acho muito bacana, é porque faz a gente...motiva a gente a sempre melhorar, olha tá alto mas no próximo tem que ter mais alto, né, a gente não fala nunca em diminuir ou ah, se diminuir um pouquinho não vai pesar...não...foi tanto...a gente tem que melhorar.
Entrevistadora	Ah, então tem uma cobrança por parte da própria sociedade...?
Entrevistada	Tem, tem. Os pais aqui a gente tem uma...é...os pais são muito esclarecidos é...é uma comunidade que embora não seja uma comunidade muito atuante, eles não gostam muito de participar da escola, mas eles cobram a qualidade, pelo peso que tem todo o histórico da escola né, é uma escola antiga tradicional aqui na...na cidade.
Entrevistadora	Certo. É...você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?

Entrevistada	Sim, sim. Nós estamos entre as 5 melhores do município né, e nos anos iniciais nós temos a melhor nota né, nos anos finais nem tanto, mas nós estamos avançando, tá?
Entrevistadora	Certo. Você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Sim, sim. Eu procuro acompanhar, é...quando a gente, quando eu assumi então ela já tinha uma média, é uma nota alta, já tinha assim, é...eu assumi aqui em 2011, ela já tava com a média projetada para 2013, então, a nossa meta era sempre buscar mais né, estar a frente, ano pass...é...no anterior, de 2013, os anos finais não tiveram uma nota muito boa, aí nós conversamos muito, traçamos algumas metas, tivemos algumas mudanças também na estrutura da rede municipal, isso colaborou bastante para que esse ano a gente conseguisse avançar.
Entrevistadora	Entendi, é... o que que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse e o que que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais a sua nota?
Entrevistada	Uma das coisas que a gente faz né, que é um trabalho da escola é o investimento, é...nos apoios, seja na recuperação paralela, é...naquela recuperação intrínseca que é feita durante a aula, o acompanhamento desses alunos que têm maior dificuldade, é...os alunos com necessidades especiais, a gente tem uma professora de sala de recursos, a gente tem uma psicopedagoga, então, essa estrutura e a parceria com a família, a gente tá sempre chamando, tá sempre conversando, a gente acompanha muito de perto esses...esse grupo que tem um pouco mais de dificuldade daqueles...possam caminhar junto com os outros né, e isso eu acho que vale é...o investimento da escola, a gente tem uma preocupação muito grande com isso.
Entrevistadora	Então, são cuidados específicos dessa escola?
Entrevistada	Não, na verdade é uma linha de trabalho da rede municipal, né, mas que eu acho que pelo grupo de profissionais que eu tenho aqui surge um efeito melhor, por serem professores mais antigos a comunidade conhece, é...tem...é...como é que eu posso...tem confiança no trabalho que eles fazem, isso faz diferença, né, então, por exemplo esse...a gente tem uma turma que abriu, a mesma professora pegou no primeiro ano, pegou este ano e vai pegar essa mesma turma no ano que vem, então, ela vai ficar 3 anos com a mesma turma, isso vai dar uma diferença muito grande nos alunos porque ela conhece as dificuldades de cada um, ela consegue trabalhar de uma forma muito específica com eles, né, e consegue investir naqueles que já estão caminhando, né, pelo, por esse conhecimento, então, a gente fala que ano que vem ela vai pular até a fase diagnóstica porque ela já sabe, né, então isso faz diferença.
Entrevistadora	Mas vocês têm autonomia para algumas decisões...?
Entrevistada	Temos...temos, essa foi...essa foi uma proposta da professora, né, de duas professoras para a equipe gestora e nós achamos que vale a pena investir, né?
Entrevistadora	É...qual que é a importância do IDEB para a escola de modo geral?
Entrevistada	O reconhecimento...né, eu vejo de um modo geral é o reconhecimento, o professor que vem de fora vem sabendo que aqui é uma excelente escola, criam essa expectativa: - Nossa, eu vou trabalhar no [Escola 1],

	né? Então, é...isso traz uma expectativa para ele porque aqui é uma escola bem conceituada, então, é o reconhecimento de todo um trabalho, além dessa questão da verba, dessa questão dos pais estarem apoiando as ações da escola, eu acho que todo trabalho flui melhor por eles confiarem aqui e ter esse resultado.
Entrevistadora	Entendi. Como que o IDEB impacta na sua atuação como educadora, né?
Entrevistada	Então, a minha...a minha preocupação é sempre, é...a questão organizacional né, porque a gente sabe que uma escola que não está organizada não vai funcionar bem, né, então, as coisas têm que acontecer, a gente trabalha muito para manter a rotina diária, é...sem muitas alterações para que os alunos saibam exatamente, olha vem, vai ter aula, se o professor faltar tem o substituto, tem aula para ser dada, tem atividade, então a gente tem algumas organizações internas, nós temos um projeto aonde os professores deixam atividades assim diversificadas, ah, ele faltou de última hora não deu para mandar aula, a gente vai lá, tira da manga, tira essa atividade leva para sala, então, tem...é...isso é uma preocupação constante, não deixar o aluno ocioso, né, uma outra preocupação nossa é buscar com os outros setores que quando a gente fala na educação a gente pensa muito professor e aluno, mas eu tenho a cozinha, eu tenho pessoal da limpeza, eu tenho pessoal da secretaria e a gente coloca muito isso pra eles, que eles tem uma função educadora aqui dentro, né, então, é na cozinha as meninas trabalham com muito carinho, trabalham muito bem, fazem uma merenda maravilhosa, né, os alunos gostam muito, então, é procurar fazer da escola um espaço educativo e um espaço prazeroso, né, eu acho que esse é o principal.
Entrevistadora	De acordo com a sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte no desenvolvimento da Educação?
Entrevistada	Com relação à rotina da escola, eu acho que é o HTC que os professores fazem essas reuniões semanais, a formação continuada que é oferecida pela Secretaria de Educação, é...de uns anos para cá acho que tem uns três anos para cá nós temos uma matriz curricular da secretaria que os professores trabalham em cima, seguem, isso norteia todo planejamento deles, né, essa questão da comunidade confiar no nosso trabalho também isso tem um peso muito grande, é muito difícil a gente chamar um pai aqui para conversar e o pai se voltar contra a escola, achar que a escola está errada, são assim, é uma minoria, a grande maioria apoia, os professores têm, é...registram, sabe assim, não são professores que só falam, não, eles têm tudo ali documentado, tudo registrado e isso facilita muito o nosso trabalho também aqui na gestão.
Entrevistadora	De acordo com a sua experiência ainda, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
Entrevistada	Uma das coisas é que os alunos daqui eles têm atividades extraescolares, uma grande maioria fazem cursinhos, fazem inglês, tem atividades no poliesportivo, fazem música, participam de projetos da Fundação Cultural, então, não são alunos, é...diferente de outros bairros

	onde a escola é o centro de tudo, aqui não, a escola é só mais uma atividade, e eles têm muito acesso a tudo, à informação, à tecnologia e isso facilita o nosso trabalho aqui, né, ele... o próprio bairro oferece muita coisa para eles e eles aproveitam isso.
Entrevistadora	Então, todas essas ações, inglês...é...são ações da própria prefeitura?
Entrevistada	Não, não, são particulares que a família busca, algumas sim, né, igual da Fundação Cultural, do poliesportivo, algumas sim, outras não, é...nós temos assim um aluno da escola tem uma bolsa para fazer inglês numa escola particular, né, esse é o apoio, mas é para um aluno só, né, então a gente busca também, faz, é...procura dentro da disciplina de inglês aquele aluno que se destaca, que não teria condições financeiras de fazer esse curso, então, a gente oferece para ele, mas são coisas que a própria comunidade pode, as famílias podem oferecer para seus filhos, eles investem na educação, né, a mesma coisa acontece na escola, se a gente faz um passeio pedagógico, a gente tem uma boa frequência, se a gente faz um passeio de lazer a gente não tem, porque, porque o lazer eles vão com as famílias, o pedagógico não, quando você fala de levar num teatro, num museu, isso as famílias não fazem, então, eles pagam para que escola possa levar, né, eles investem.
Entrevistadora	Isso, é...ainda falando dos fatores extraescolares, já entrando um pouquinho no assunto, com relação à questão socioeconômica desses alunos, né, porque até na minha fundamentação teórica a gente vê que tem alunos que não tem nem o que comer, né, e vai para a escola justamente não para aprender, mas para se alimentar, é...com relação a isso, como que você vê o perfil desses alunos?
Entrevistada	Hoje em dia, é...aqui no, aqui na escola a gente tem muitos alunos vindos dessas grandes empresas que estão um pouco, estão quebrando, GM, né, Embraer, então, existe uma instabilidade muito grande, esse ano a crise, né, nós vemos realmente que as famílias estão com poder econômico menor, aquisitivo, né, menor que elas acabaram cortando alguns gastos, algumas coisas, mas a comunidade aqui não é uma comunidade carente em sua maioria, a gente tem alguns casos pontuais e que a escola procura auxiliar, por exemplo, no caso de uniforme escolar, nós temos uniformes aí, a gente doa para as crianças que não podem comprar, no caso de um passeio, a gente sempre consegue uma cortesia, então, a gente busca colocar, mas porque é um número pequeno de alunos que não tem condições econômicas de...financeiras de acompanhar o que a escola tá propondo.
Entrevistadora	Ainda é a minoria né?
Entrevistada	Ainda é, aqui é.
Entrevistadora	Certo, é...quando que os fatores intra de dentro e fora, né, extraescolares são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
Entrevistada	Olha, a gente conversa na escola, a gente avalia muito nosso trabalho, é uma das coisas que desde que eu assumi eu procuro fazer muito com eles, avaliar o nosso trabalho seja por bimestre, seja por semestre e anualmente também e eu acho que essas avaliações têm ajudado bastante, é...essas discussões, a gente busca sempre, olha, isso não tá funcionando, como é que a gente pode fazer para melhorar e muitas

	vezes os próprios professores por ter esse momento do HTC trazem as questões para a gente discutir, olha essa semana, é...uso da lousa interativa, né, que é uma, foi uma novidade nos últimos anos, olha eu tô querendo usar mas eu não consigo, eu não sei fazer, então a gente vai atrás de ajuda, a gente busca a parceria, né, para trazer e para auxiliar esse professor, então a gente busca ações bem pontuais quando a coisa não tá andando.
Entrevistadora	Certo, é...o tempo que os professores passam com os alunos impactam diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	Olha, eu realmente não sei por que eu...eu acho que 5 horas na sala de aula é muito tempo para a criança, eu sou, né, embora todo mundo fale assim, ah, da escola integral, escola integral, eu sou a favor da escola integral que mescla as atividades diversificadas com a sala de aula, né, com os conteúdos que ele tem que dominar para cada ano, mas eu acho que 5 horas com mesmo professor na sala de aula é muito tempo, é... então, mas isso tem um impacto porque com as 5 horas de aula, a gente conseguiu pôr a recuperação paralela que é o momento em que a maioria dos alunos vão embora e o professor fica uma aula com os alunos que têm maior dificuldade, então ela pode dar uma atenção maior para esses alunos, né, tem o seu lado bom, mas eu não sei se influencia tanto assim porque tem aluno que fica cansado sabe, que o limite dele e a gente ainda não consegue...ele chega no limite ali depois de 4 horas de aula e você não consegue trabalhar mais, desenvolver mais.
Entrevistadora	Não aprende, né?
Entrevistada	Não aprende, ainda mais a gente tem aulas de arte, educação física nesse horário de aula, né, tem um professor específico, mas aí você para e pensa ele vai, faz duas aulas de educação física e depois vem pra sala de aula, até conseguir retomar a calma, se concentrar, é bem complicado.
Entrevistadora	E essa escola aqui é em tempo integral ou não?
Entrevistada	Não, aqui é meio período só.
Entrevistadora	Certo, é...esse índice, né, o IDEB, você acredita que ele tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Eu acho que sim, que muitos pais principalmente quando a gente abre as inscrições para matrícula, né, de transferência, os pais pesquisam, ah eu quero que estude lá porque é uma boa escola, é...porque a gente viu na internet que tem uma boa nota, então, os pais buscam sim, é...e eles vêm atrás por conta disso, uma das coisas que a gente faz é conferir endereço, né, porque existe todo um processo para matrícula aqui tanto de primeiro ano quanto por transferência, tem que estar na área de abrangência e tem pais que mentem o endereço porque querem que o filho estude aqui, não quer que vá nem pro [escola próxima] que é uma outra escola da prefeitura muito próxima, né, no final da rua e, ou, nem para as escolas do estado, então, a gente tem isso.
Entrevistadora	Então, você acha que os professores eles têm conhecimento desses indicadores, né, o IDEB, por exemplo, e por isso que eles escolhem a escola?
Entrevistada	Sim, é, é.

Entrevistadora	Certo, você associa o IDEB às políticas públicas? Por quê e como?
Entrevistada	Sim, associo sim, porque através, é...[município do Vale do Paraíba] tem o IDEB muito alto, né, e isso tem que ser pensado, o investimento que foi feito na escola interativa eu tenho certeza que não teria sido...não teria acontecido se o IDEB do município não fosse alto, então é aquela questão, quanto maior a qualidade, mais você é cobrado, né, você tem que manter aquela qualidade, então alguns investimentos, é...são em função da esco...do município mesmo se despontar, né, a escola interativa foi um salto para nós aqui é...e a gente tá esperando o impacto disso no IDEB no próximo, né, a gente quer ver isso na prática, qual foi a...como é que isso ficou, o impacto disso para escola, né, porque os professores utilizam, hoje é uma da...foi uma das ações dos últimos anos que mais impactaram na atividade do professor.
Entrevistadora	Então você acredita que [município do Vale do Paraíba] tem um diferencial em relação a muitos municípios?
Entrevistada	Tem, pela minha própria experiência com outros municípios de conversar, é...eu já trabalhei em curso...eu fui tutora de ensino à distância, né, de um curso de pós-graduação à distância, e aí eu tenho muitas pessoas, eu conheço muitas pessoas de outras cidades, elas querem sempre vir aqui, pra conhecer porque é uma cidade que é muito bem conceituada em termos de educação.
Entrevistadora	Certo. É...eu quero agradecer você e assim saber se você quer dar alguma sugestão, alguma contribuição...
Entrevistada	Ah, é difícil, né, ah, eu to aqui pensando, será que eu fiz certo? Eu espero poder ter ajudado, é... a escola é muito mais do que isso que eu te disse, eu ah...eu vejo a escola como um organismo assim muito vivo, acontece muita coisa na escola em um dia, né, então a gente...uma sala assim, outra sala assim, de manhã de um jeito, à tarde de outro, à noite de outro, né, nós temos três períodos aqui, são, são, eu falo que são três escolas em uma só e isso é o grande desafio, né, você poder, você manter a escola unificada e manter a qualidade nos três períodos, né, você não pode deixar nada de lado e é muito bom poder trabalhar numa escola como essa.
Entrevistadora	Muito obrigada.
Entrevistada	Eu que agradeço.

Professora Escola 1

Entrevistadora	Professora, bom dia.
Entrevistada	Bom dia.
Entrevistadora	Primeiramente eu agradeço a atenção e o tempo, né, aqui com você...é eu vou fazer um “roteirinho” de entrevista, né, sobre a minha pesquisa que trata dos resultados do IDEB, é...e a escola, a escola que de vocês foi a mais bem posicionada no ano de 2013 quando comparado com o ano de 2015, alguns dados gerais, é...a sua profissão, formação?
Entrevistada	Então, eu sou professora, né, aqui na escola, é...trabalho com as séries iniciais, né, sou formada em letras, tenho pós-graduação em educação especial e psicopedagogia.
Entrevistadora	Educação especial...

Entrevistada	E psicopedagogia.
Entrevistadora	Ok, grau de instrução, né, acabou falando, sua idade?
Entrevistada	45 anos.
Entrevistadora	Tempo na instituição?
Entrevistada	Então, de prefeitura tenho 26 anos e nessa escola 18.
Entrevistadora	Bastante (Risos).
Entrevistada	(Risos).
Entrevistadora	Sua área de atuação, professora das séries iniciais...
Entrevistada	Iniciais, isso.
Entrevistadora	Ok, vamos começar. É... de modo geral né, o que você entende por políticas públicas, né? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	Então, nesse todo tempo né, de trabalho na...na prefeitura eu vejo assim que a cada né, tempo de cada gestão nós temos assim, é...uma proposta de trabalho e dentro dessa proposta nós vemos assim, é...a preocupação né, com a educação, então eu vejo sim aqui em [município do Vale do Paraíba] por parte da prefeitura né, um grande investimento assim na formação dos professores, que nós temos o horário de trabalho coletivo, né, o HTC, onde nós somos convocados né, para muitas, é...formações e isso contribui bastante, então nesse sentido eu vejo né, um bom investimento aqui em [município do Vale do Paraíba] em relação à formação dos professores.
Entrevistadora	Em relação aos demais municípios, né?
Entrevistada	Aham.
Entrevistadora	Certo, nessa escola qual que é o seu tempo de atuação?
Entrevistada	18 anos que eu já estou aqui nessa escola, né, então eu já tenho acompanhado assim a formação de bastante alunos, né?
Entrevistadora	Certo, você dá aula de 1ª a 4ª série, né, 5º ano...
Entrevistada	É, 1º ao 5º ano.
Entrevistadora	Isso. O que que você sabe sobre o IDEB, né, sobre o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica? O que que ele indica para você né, e como que nós podemos entendê-lo, qual que é a sua importância?
Entrevistada	Uhum. Então nós sempre assim é...aqui na escola a gente participa bastante né, tanto é quando sai a pontuação do IDEB é sempre comunicado aos professores, né, eu vejo a importância porque além de você participar do local onde você trabalha e ver que assim tá tendo frutos, que você está vendo a evolução dos alunos, eu acredito assim, é um índice importantíssimo né, principalmente para o professor assim que tem essa visão do quão grande é importante a educação, início eu vejo assim, é um índice que mostra realmente a evolução né, do...do trabalho da educação, como que os alunos estão sendo desenvolvidos, como esse trabalho está sendo gerado né, então acho bastante importante esse índice, né e como assim a cada momento que sai essa pontuação, a escola, a gente vê um trabalho como um todo desde as séries iniciais, né, os primeiros professores até o momento em que as crianças são avaliadas né, então você vê assim que não é o trabalho de um único professor, mas um trabalho conjunto da escola.
Entrevistadora	Da escola toda né?
Entrevistada	Da escola como um todo.
Entrevistadora	É...você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?

Entrevistada	Então, né, aqui na escola sempre é fornecido, agora no momento eu não tenho pra você né, o índice exato, mas eu sei que a escola é bem pontuada, já vem assim evoluindo a cada ano, né, que ela vai sendo avaliada.
Entrevistadora	Certo, então, conseqüentemente é...você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Sim, sim...a escola, a gente tem esse costume de estar sempre se comunicando, tanto é que quando sai, a...parte gestora da escola sempre comunica aos professores, a gente tá sempre assim, é...atento ao que tá...ao que está acontecendo, né, tá atento ao resultado da escola.
Entrevistadora	É...o que que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse e o que que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais essa nota?
Entrevistada	Então, no início do ano nós temos o planejamento, o planejamento a gente já vai elencando algumas metas que a gente tem é...como prioridades na escola e essas metas que a gente, é...inclui no planejamento nós também assim, é...trabalhamos, é... de uma forma a cada bimestre a gente vai assim, de acordo com a matriz que é o documento oficial que nós temos pra ta trabalhando, nós vamos assim, é...vendo o que é possível alcançar a curto, médio e longo prazo e nesse trabalho, é...nós vemos assim, as possibilidades que nós podemos estar focando mais pra esse trabalho né, consiga dar certo e isso faz assim uma...uma diferença porque não é um trabalho assim de um único...como eu já mencionei anteriormente, um único professor, mas da escola como um todo, então, é...nós vamos assim trabalhando com os alunos, é...trabalhando também em parceria com a família que é muito importante para que isso, né, tenha um bom resultado, a nossa escola atende uma...uma boa comunidade, os pais são bastante participantes, então isso, tudo isso contribui para que nosso trabalho consiga né, ter um bom resultado.
Entrevistadora	Entendi, então, vocês têm feito ações...
Entrevistada	Da escola para que possa mediar esse trabalho.
Entrevistadora	Certo. É...qual que é a importância do IDEB para a escola?
Entrevistada	Eu assim, particularmente quando penso em educação eu acho que o sonho de todo professor é que o seu trabalho seja reconhecido né, e quando você assim foca naquilo que você gosta, você tem amor por aquilo que você gosta, há assim uma grande dedicação, claro que nós contamos assim com fatores externos também, né, que muitas das vezes não depende só, único do trabalho do professor, a gente conta com, é...assim a organização da escola como um todo, é, o trabalho, é...também de todas as pessoas ali envolvidas, contamos também com a parceria da família, e isso eu percebo assim, que quando nós vemos que nosso trabalho tá sendo assim é...favorecido, nosso trabalho tá tendo, é...um bom reconhecimento, isso é de grande valia para gente, né?
Entrevistadora	Certo, é...Como que o IDEB impacta na sua atuação como educadora?
Entrevistada	É...acredito que já né, já tenha até respondido né? Como educadora a gente fica feliz porque quando a gente vê aquela pontuação daquela

	<p>turma que fez, é...que teve um bom assim desempenho na escola você vê que você participou, né, tanto é, que quando é pontuado aqui na escola, não é falado assim da...do ano que foi realizada a avaliação, mas assim da escola como um todo porque todos os professores têm a sua participação ali, então isso impacta sim, a gente fica muito feliz, né, de saber que você trabalha num local onde aquilo que você, é...está assim organizando, trabalhando, defendendo, ele tá tendo né, um bom resultado.</p>
Entrevistadora	<p>Certo. É... você falou um pouquinho das questões dos fatores né, que impactam, isso é o ponto do meu trabalho, é...de acordo com sua experiência, primeiramente quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e por conseguinte, no desenvolvimento da educação?</p>
Entrevistada	<p>É...na escola a gente trabalha assim com várias realidades, né, então assim, as vezes até mesmo a ausência de alunos por motivos né, nos dias das avaliações, né, acaba assim por você, é...não conseguir, é...ter uma avaliação 100%, né, nessa questão, alunos também que a gente às vezes percebe por problemas particulares também que é no seu desenvolvimento intelectual, é...algumas necessidades especiais que também acabam entrando na...na hora da avaliação, né, na computação dos dados, percebemos também, é...a parceria da família em algumas ausências também, também na questão de algumas estratégias que às vezes a gente também trabalha com os alunos e às vezes não consegue atender a todos, então eu vejo que esses fatores também eles acabam interferindo, nós não temos assim um resultado 100% porque assim, a gente sabe que nem tudo depende só da escola, tem outras coisas que também acabam entrando nessa questão, né?</p>
Entrevistadora	<p>E assim quando você fala de um dos fatores, né, além de fatores pedagógicos, a gente sabe muito dos fatores, dos recursos financeiros...</p>
Entrevistada	<p>Dos recursos também...aham...</p>
Entrevistadora	<p>Você poderia falar um pouquinho pra gente com relação a esses recursos, como é que funciona?</p>
Entrevistada	<p>Então, aqui na escola, né, nós temos assim, é...desde o tempo que eu estou aqui a gente tem um local privilegiado, né, nós temos assim, é...bastante assim...apoio em questão de materiais, né, para trabalhar com esses alunos, nós temos muitas trocas entre os professores, né, que também, é...nesse horário nosso de trabalho coletivo, então assim algumas coisas sim que a gente pode recorrer para poder melhorar esse aprendizado, nós tendo essa... essa possibilidade, só que também nós temos, nós vemos assim, poderia ser investido também um pouco mais né, né, né nessa questão acho que assim no geral, no âmbito nacional, né, em todas as escolas, na educação, a gente vê que a gente precisa sim de...de maiores recursos, maior valorização do profissional, né, e outras questões que a gente percebe assim também até por questão assim porque é todo um sistema, né, a escola, ela não funciona só a escola, tem a questão familiar, tem a questão, é...as vezes até de moradia, de acesso da criança à escola, então, todas essas questões nós vemos também nisso, mas assim no geral aqui na escola nós temos né, assim um bom, é...bons recursos para poder trabalhar com os alunos,</p>

	né, e o envolvimento também dos professores que conta bastante também.
Entrevistadora	É...com relação a isso, né, esse envolvimento, essa motivação, é...e as questões salariais, também, né, que direta ou indiretamente acabam afetando na atuação do professor, né, como que você vê isso aqui nessa escola ou no município como um todo?
Entrevistada	Então, todos os professores, né, é...tem assim como objetivo serem valorizados, é...porém, a gente não pode acreditar que o seu trabalho é você...se limite só a essas questões, né, é importante sim, todos, todo profissional quer ser bem valorizado, né, porém, a gente tem assim um trabalho a ser desenvolvido com alunos, com pessoas que dependem de você, nós formamos cidadãos, então, a gente não pode é...deixar que algumas questões externas interfiram no nosso trabalho, é...principalmente nesta questão, nós temos assim, que é procurar desenvolver na melhor maneira possível para que esses alunos consigam também ter um bom acesso à educação, claro que vai interferir, vai interferir, mas assim, o foco principal e que eu percebo aqui na escola é que a gente tá sempre assim, bem envolvido no trabalho que a gente vai resolver, é...realizar com esses alunos, né, por mais que os fatores externos vem a interferir, a gente tem uma matriz para trabalhar porque quando esse aluno por ventura ele é transferido da nossa escola, vai pra uma outra escola, ele tem que tá sendo atendido com o mesmo conteúdo que a gente tá trabalhando aqui né, e eu vejo assim é uma escola que eu gosto muito né, já faz bastante tempo que eu tô aqui, tenho um carinho muito especial e eu vejo um envolvimento muito grande dos professores, tanto dos professores dos anos iniciais até os anos finais, né, há esse...esse comprometimento dos professores.
Entrevistadora	Certo, é...você falou um pouquinho dos fatores extraescolares né, então, ainda de acordo com sua experiência, quais são esses fatores extraescolares né, que mais impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
Entrevistada	Então, como fatores extraescolares, eu vejo assim, é...há...essa...aqui na prefeitura de [município do Vale do Paraíba] um trabalho assim é...bastante focado na...na educação, a gente tem muitos cursos, tem assim uma boa formação, porém, é...há sempre assim questões que a gente ainda pode estar melhorando, né, a alfabetização dos anos iniciais, o trabalho também com a pré-escola também, isso acaba, é...a gente é...os alunos cada vez eles estão vindo assim menores para a escola, então a gente precisa as vezes ter uma infraestrutura que adequa as condições dessa criança quando entra, porque muitos quando vem da pré-escola para o ensino fundamental há para eles um choque muito grande, né, nessas questões, é...inclusive até como exemplo, muitos perguntam assim: - Professora, cadê o parquinho? Porque eles viam na pré-escola tinha toda essa infraestrutura, então, a gente percebe também, as vezes também a questão do mobiliário pra eles, que as vezes o mobiliário é um pouco, é...assim dificultoso pra eles no início, então, essas questões também acabam influenciando, temos também assim, é...na...na escola, eu vejo assim, a...ansiedade também dos pais,

	né, em as vezes na evolução das crianças, eu como trabalho com os anos iniciais eu vejo assim, é...muitas questões não dependem única e exclusivamente só da escola, questões também é que às vezes precisa sim de um apoio de um psicólogo, de um assistente social, então, essas outras questões também acabam influenciando, é...problemas também de saúde de algumas crianças, é...você poderia especificar mais alguma coisa que você queira que eu...
Entrevistadora	Sim, é...ainda com relação a esses fatores extraescolares, é...como é que você vê a atuação desses pais, a participação deles na vida dessa comunidade, desses alunos, eles são atuantes ou não?
Entrevistada	Então, aqui na escola nós assim temos assim uma boa parceria da comunidade, eles são participantes aqui na escola, eles, é...muitos pais participam da AE, aqui da escola, participam do Conselho, é...são presentes nas reuniões de pais, é...quando a gente solicita, a gente vê assim um bom retorno dos pais nas reuniões, é...porém ainda não é 100%, porque o sonho de todo professor é que quando você pega uma sala, você pega uma sala de aula, você tenha assim o olhar de todos os pais, a parceria de todos os pais, não são de todos, mas a grande maioria aqui na escola a gente percebe bastante atuantes sim, é uma comunidade bastante atuante na escola.
Entrevistadora	E ainda falando desses fatores, é...outra questão que impacta muitas das vezes né, é a questão financeira desses alunos, né, socioeconômica, como é que você enxerga o perfil desses alunos, porque até na minha fundamentação teórica, os autores muito falam de, é...dos recursos, assim porque a criança muitas das vezes vai para a escola porque não tem o que comer em casa, né, como que você vê isso nessa escola?
Entrevistada	Então, aqui na escola nós temos, né, é...a questão da merenda ela é bem estruturada, os alunos recebem um lanche, né, a cada intervalo dos anos e no término também do período eles têm, né, um lanche, é...nesse período que eu estou aqui, o que eu tenho observado assim, pouquíssimos alunos que a gente percebe que não têm, né, essa estrutura de chegar na escola bem alimentado, são pouquíssimos os casos, né, que nós temos aqui, a maior parte eles vem bem alimentados pra escola, eles trazem lanche, né, então, assim nessa questão da alimentação é bem tranquilo, bem tranquilo nessa comunidade que eu vivo né, trabalho, atuo agora, já trabalhei em comunidades onde o foco muitas vezes principal era alimentação, pra depois você pensar em né, em...primeiro garantir a alimentação pra criança pra depois você iniciar o seu trabalho, né, de...alfabetização muitas vezes porque eram alunos que não...não tinham né, o que comer em casa, então, como você vai para a escola sem essa boa estrutura sua da alimentação, como que você vai conseguir né, é um dos fatores que né, acaba interferindo também, já vivi realidades assim, mas aqui na escola essa estruturação é tranquila.
Entrevistadora	É tranquila né, e ainda com relação à atuação da própria prefeitura, é...você enxerga a prefeitura atuante, uma prefeitura que dá suporte?
Entrevistada	Então, nessa questão da formação dos professores eu percebo, né, que nós temos horário de trabalho coletivo, nós temos horário de estudo na escola junto com a orientadora, então, há essa formação, ela traz textos

	atuais aonde a gente pode, possa tá debatendo, é...conversando a respeito, é...temos formações específicas, é no caso, né...esse ano como eu trabalho com 3º ano, nós tivemos formações, é...do livro ler e escrever, então, como a gente, é...ia desenvolver o trabalho diante desse material, então, eu vejo assim uma boa formação nesse sentido sim.
Entrevistadora	É... o tempo que os professores, é...desculpa...é, quando os fatores intra e extraescolares eles são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
Entrevistada	É...eu vejo assim, quando nós temos assim, algumas, é...alguns problemas, né, que vai interferir o nosso trabalho, nós temos assim que lançar mão as vezes de algumas é...estratégias pra poder melhorar essa situação, né, como que eu posso especificar isso pra você, quando por exemplo, eu vejo assim um pai que não é tão participante, né, no...na atuação do filho na escola, então, o que que nós fazemos, nós contamos com o apoio da orientadora, né, orientadora pedagógica, orientadora educacional, que nos auxilia assim, é...com, até mesmo com conversas individuais, é um trabalho de maior observação, lançamos mão de outras estratégias que nós podemos trabalhar com esses alunos, temos a recuperação paralela, que é um trabalho que a gente pode tá focando mais individual, um trabalho com esse aluno, temos o laboratório de aprendizagem na escola, que é onde a gente pode dar um suporte psicopedagógico para essas crianças, é...então a gente lança mão dos recursos que a própria escola oferece para poder melhorar aprendizagem dessas crianças, né, e aos poucos também através de reuniões que a gente vai solicitando essa família, para que essa família é...tenha o melhor assim envolvimento com a criança porque a escola, ela assim, pra ela obter um bom sucesso, ela precisa, ela necessita da parceria da família, escola e família caminhando juntos, a gente percebe uma boa evolução, é...pontos positivos que a gente encontra é...no nosso trabalho e a gente vê também, né, favorecimento para criança também, né, então a gente vai lançando mão daquilo que a gente tem, o nosso ambiente de trabalho para poder estar oferecendo para essas crianças, para poder melhorar essas questões.
Entrevistadora	E assim, e você falando dos pais, né, nós falamos da participação deles, mas eles apenas cobram ou eles ajudam esses filhos, né, com relação à tarefa...?
Entrevistada	Então, na...na questão assim da, da...do auxílio dos pais, é todo início do ano a gente tem uma boa assim...reunião de pais onde a gente faz uma boa estruturação dessa reunião, daquilo que como que vai ser o nosso trabalho, então a gente já comenta com os pais como que vai ser desenvolvido o nosso trabalho junto com aqueles alunos e quando, é...eles tiverem alguma coisa que eles não concordem que eles têm todo o acesso livre aqui na escola que eles podem vir conversar, tanto é que muitos pais eles vem aqui na escola para assim conversar com a gente, perguntar assim...é...as vezes até dar sugestões, né, então tem essa participação dos pais nessa questão também e nisso a gente já consegue é...já ir desenvolvendo melhor o trabalho porque a partir do momento que o pai participa falando assim é...professora como que eu

	<p>posso auxiliar dessa maneira né, um exemplo que eu vou te dar, é...como eu tô trabalhando com o 3º ano, a gente tem o conteúdo de matemática, é...da divisão e muitos pais aprenderam a divisão, né, lançando assim a estratégia já da técnica operatória, então, não tem todo aquele caminhar com material concreto com os alunos, eles já querem que o aluno já coloque a técnica operatória ali, já faça a conta e tem todo um trabalho, tem toda uma estrutura para que essa criança consiga chegar a esse processo, então, muitos pais vem, perguntam como que a gente trabalha, como pode auxiliar em casa, como que eles podem é...tá assim entendendo melhor para poder auxiliar essa criança, já tive, eu tive muita essa experiência esse ano com muitos pais, então, eu percebo que assim, muitos pais cobram, mas também é...dão sugestões, vem pedir apoio, vem pedir auxílio...</p>
Entrevistadora	E até aprendem com os próprios filhos, né?
Entrevistada	E até aprendem, né...aham...e nas reuniões a gente procura também sempre assim contar o que foi trabalhado, né, e o que nós vamos trabalhar, então, para se tirar um pouco aquela expectativa, aquela ansiedade dos pais também.
Entrevistadora	É...o tempo que os professores passam com os alunos impacta diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	É... eu tenho experiência dos anos iniciais, né, que nós trabalhamos com todas as disciplinas desde, né, do início até o término, então assim, esse contato ele ajuda bastante, né, porque a gente acaba conhecendo muitas particularidades das crianças, a gente tem assim, maior envolvimento, né, com os alunos e eu acredito que isso faz toda uma diferença porque você, é...acaba conhecendo não só o aluno ali, não só o aprendiz, mas até mesmo algumas características particulares de cada criança, né, e a forma também como você vai assim, é...visualizar como aquela criança aprende, porque nós já sabemos que as crianças aprendem de várias maneiras, né, então isso também auxilia bastante.
Entrevistadora	É...você acredita, esse índice tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Olha, eu acho assim, que é importante né, você saber que a educação do município onde você tá atuando, ela tá sendo positiva, porém, eu acredito que ele precisaria ser bem mais divulgado, precisaria, é...ter assim um olhar melhor, né, não só da Prefeitura em que a gente...nosso município está inserido, mas um Brasil como um todo porque a educação ela não é só aqui nesse município, a educação ela precisa ser...ter uma assim, uma alavancada, né, no âmbito nacional, né, então precisaria que fosse bem mais divulgado, fosse assim, não sei, algum meio que é...mostrasse a importância da, né, da...da educação no país, né?
Entrevistadora	É...você associa o IDEB às políticas públicas? Por que e como?
Entrevistada	Olha, essa questão, ela...ela é bem polêmica, né, porque é como um todo, é um todo, né, o trabalho que o professor desenvolve na escola depende também, né, de toda a estrutura da escola, da...da gestão que está acontecendo no município, então, eu acredito assim que as políticas públicas poderiam sim investir mais porque nós vemos assim a nossa escola, ela teve um bom índice, mas outras escolas não, então

	por que as outras escolas não teve esse índice? O que que tá deixando de ser investido também? O que que é...está assim, o que que pode ser melhorado, né? Então acredito assim que precisa sim ter todo um trabalho no...no geral, de todas as áreas para que possa favorecer não só algumas escolas, mas todas as escolas, né ter um acesso melhor para todas as escolas.
Entrevistadora	Professora, é...você quer dar alguma sugestão, alguma contribuição, algo que seja relevante colocar na pesquisa?
Entrevistada	Eu acredito assim que pra que a educação ela consiga assim, é...ter assim um bom rendimento em todos os sentidos que o professor, que a sociedade precisa, é...acredito assim no respeito pelos educadores, né, uma maior valorização dos educadores, são pessoas assim que se dedicam, que estudam por que o professor, é...ele não...ele não recebe só a formação e estaciona, o trabalho na...na escola, o professor ele tem, ele precisa ser atuante, ele precisa assim, estudar, ele precisa tá envolvido naquilo que ele faz, é...em especial aqui na...na escola que eu trabalho, né, já faz 18 anos que eu estou aqui, eu vejo assim esse envolvimento, esse cuidado com o profe...né, com os alunos, é...não só nos anos iniciais porque quando a gente entrega ele para os anos finais né, quando eles vão para os outros professores a gente percebe esse cuidado e quando os alunos muitas vezes saem daqui da escola e a gente encontra, eles falam, é...que saudade da escola né, que saudade porque, é...você trabalha com seres humanos e para que você, é...possa valorizar esses seres humanos você...professor também precisa ser valorizado, então acredito que a educação no Brasil ela tem tudo para é...ser assim bastante positiva, bastante sucesso, mas precisamos assim de uma maior assim, é...trabalho nesse sentido de valorização e respeito do professor.
Entrevistadora	Professora, muito obrigada.
Entrevistada	Eu que agradeço, espero que eu possa ter respondido para você, né, e que contribua para o seu trabalho.
Entrevistadora	Vai contribuir sim. Muito obrigada.

Diretora Escola 2

Entrevistadora	Professora, bom dia.
Entrevistada	Bom dia.
Entrevistadora	É...tô realizando a minha pesquisa referente à minha dissertação de mestrado e com foco no IDEB, né, e nos fatores que impactam os resultados é...da sua escola. Qual que é a sua profissão/formação?
Entrevistada	Pedagoga, com especialização em psicopedagogia.
Entrevistadora	Certo.
Entrevistada	Gestão escolar e das matérias básicas dos anos iniciais de educação infantil também eu tenho uma especialização, mas a minha formação base é em pedagogia.
Entrevistadora	É...Ok, sua idade?
Entrevistada	42 anos.
Entrevistadora	Seu tempo na instituição, na prefeitura e aqui nessa escola?
Entrevistada	São 22 anos enquanto docente né, na rede Municipal de [município do

	Vale do Paraíba] são 12 anos e 4 anos enquanto gestora dessa unidade escolar.
Entrevistadora	Certo e a sua área de atuação atualmente é a diretoria, né?
Entrevistada	Isso.
Entrevistadora	Ok, vamos começar com roteiro de entrevistas, né, sobre o IDEB,é...o que você entende por políticas públicas? Qual é a sua importância?
Entrevistada	Acredito que são importantíssimas né, as políticas públicas são todas as ações voltadas para a melhoria da qualidade de ensino de um município e acredito que deveriam ser a prioridade nas ações propostas em uma administração.
Entrevistadora	Certo. É, acho que já perguntamos né, mas qual seu tempo de atuação nessa escola?
Entrevistada	4 anos.
Entrevistadora	O que você sabe sobre o IDEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o que que ele indica, como podemos entendê-lo e qual sua importância?
Entrevistada	Ele é um referencial de aprendizagem né, para as unidades escolares, eu acredito na importância desse referencial né, esses índices eles vão subsidiar as outras reflexões sobre a prática pedagógica e o IDEB hoje no Brasil ele é o índice que norteia as reflexões acerca da aprendizagem embasada nesse resultado enquanto Brasil né, é...ele indica isso, ele é um referencial importante na prática pedagógica da escola, é...pra entendê-lo né, é necessário esse...esse cuidado, essa análise, esse comparativo com o Brasil, com os municípios, da...é...próximos a unidade escolar né, e é um dado importantíssimo, nosso único dado enquanto Brasil que vem nortear essa prática e as reflexões a partir dela.
Entrevistadora	Certo. É...você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Sim.
Entrevistadora	É...Você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Sim, é...[Escola 2] é uma escola que tem crescido tá, enquanto é...nesse índice, né, foi assim motivo de alegria para escola né, desse resultado tão positivo em 2013, né, e agora repetimos né, a escola pôde continuar com esse dado tão positivo, então eu acredito que este dado ele...ele vem reforçar de que estamos no caminho certo né, eu não quero me antecipar nas perguntas tá, mas acredito nisso.
Entrevistadora	Ok. E o que que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse né, ou aumentasse e o que que a escola poderia fazer ainda mais para aumentar a sua nota?
Entrevistada	Eu acredito que é investir na visibilidade das ações, reflexão sobre a prática pedagógica, formação dos professores né, os nossos professores são todos... é...todos têm um nível acadêmico muito bom né, é...nível de pós-graduação, alguns professores com mestrado, alguns cursando doutorado, né, então o nível acadêmico do professor com certeza é algo muito relevante nesse dado né, porque há uma preocupação com essa formação e eu acredito que seja ela a base de tudo.
Entrevistadora	Certo. Existe rotatividade de professores aqui ou é bem baixa?
Entrevistada	É...nos 4 anos né, o período em que estou aqui o grupo tem se

	consolidado né, algumas aposentadorias, era um grupo mais antigo, mas não há muita rotatividade, então para 2017, por exemplo, o grupo já está formado, então isso é algo muito positivo porque há um pertencimento é...as pessoas conhecem os alunos, é...eu falo que o corpo discente pertence a todos, né, os alunos são nossos e essa é...essa permanência dos professores com certeza também é um dado positivo.
Entrevistadora	Vocês acabam que pelo jeito já tem até um planejamento no longo prazo né?
Entrevistada	Sim...Sim...as professoras se organizam de um ano para o outro, conhecem os alunos né, e outra...outro dado positivo são os pré-conselhos, os conselhos de classe que são realizados com muito profissionalismo, com muita seriedade né, na qual as professoras podem é...estarem juntas nestes momentos de reflexão falando sobre os resultados de aprendizagem bimestrais, então são pontos-chaves, né, que eu acredito que combinaram para esse resultado positivo e aí quando nós paramos um pouquinho para pensar o que pode ser melhorado acredito que é...as políticas públicas aí estejam é...envolvidas nessa melhoria, acho que pra toda rede municipal, pra toda unidade na qual prioriza essa formação.
Entrevistadora	Certo. Então assim diferencial da sua escola é mesmo a questão da formação dos professores...
Entrevistada	Sim.
Entrevistadora	É o corpo docente que vocês têm...
Entrevistada	A estabilidade do grupo, a formação né, eu acredito que sejam esses os itens que é...favoreceram né, esses dados.
Entrevistadora	Certo. É... Qual que é a importância do IDEB para a escola?
Entrevistada	Eu acho que é motivar os alunos, motivar o grupo docente, é um parâmetro né, é um dado importante, mas acredito que seja muito relacionado a isso, à motivação para que os professores continuem é...nesse caminhar, um caminhar de preocupação com aluno, de preocupação com o seu desenvolvimento desde lá do primeiro ano e posse de escrita é...a situação...as condições dos espaços da escola também para que é...a criança seja atendida não só na parte acadêmica mas também tudo que ela precisa.
Entrevistadora	Certo. É...como que o IDEB impacta na sua atuação como educadora?
Entrevistada	Com certeza numa reflexão né, permanente aí né, para que possamos é...aprimorar o nosso trabalho, eu acho que qualquer dado, mas o dado...dado de IDEB é um dado nacional, é um dado que é de grande relevância para a escola e no caso pessoal da minha formação com certeza de que estamos no caminho certo, de que podemos fazer cada vez melhor né, eu acho que a educação tem...tem lacunas né, nós sabemos que essas lacunas elas envolvem também assim como eu disse as políticas públicas, a questão da...do...do material que a escola possui né, da estrutura da escola, né, então é...você acaba direcionando a sua reflexão, se...se já está bom né, se o resultado foi positivo pensando na formação acadêmica do professor, pensando nesse envolvimento de professores é...muito pode ser feito, né, o potencial que...que as escolas possuem é muito grande, né, acredito que seja isso.
Entrevistadora	Acabamos que vamos entrar nesses fatores que você está falando um

	pouquinho, né?
Entrevistada	Ah, estou me adiantando um pouquinho.
Entrevistadora	De acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação, mais especificamente a sua escola, né?
Entrevistada	Eu acredito que [Escola 2] é uma escola que pode ter resultados cada vez melhores né, é...a rede Municipal de [município do Vale do Paraíba] é uma rede privilegiada, amparada pela tecnologia né, hoje nós temos a escola interativa é...implantada na rede municipal, mas eu acho que muito pode ser feito né, a título de estrutura dos espaços, é...de bem-estar para os alunos, né, é...porque o aluno feliz, o adolescente feliz ele vai aprender mais, né, então, a escola hoje é uma escola que tem uma estrutura básica mas que ela...ela poderia estar melhor né, a título de materiais, a título de espaço, a título de conforto, né, eu acho que isso iria com certeza repercutir para que esse dado fosse ainda melhor.
Entrevistadora	Ainda melhor né. É...acabamos que respondemos a questão dos recursos que a Prefeitura destina para vocês, né?
Entrevistada	E eu posso, é...completar com esses recursos, eu acabei mencionando da escola interativa né, mas a secretaria é...subsidiar a escola com a formação também, né, ah, com simpósios, com palestras, isso também é muito positivo e com relação a essa estrutura física também há um amparo da rede, mas eu insisto de que isso pode ser aprimorado muito mais.
Entrevistadora	Mas essa questão dos simpósios, das palestras é uma realidade da escola de vocês ou é geral?
Entrevistada	Não. É uma realidade da rede Municipal de Ensino de [município do Vale do Paraíba].
Entrevistadora	Certo.
Entrevistada	Há uma preocupação com a formação, simpósios eles ocorrem, as palestras também, as visitas também tá, outros profissionais costumam ter um intercâmbio com os nossos profissionais tanto da Educação Especial como também do corpo docente e das equipes gestoras né, hoje a escola é gerenciada por 4 gestores né, e também há uma preocupação em parcerias para a formação desses profissionais, parcerias com o ITA, parcerias com instituições de ensino é...superior né, para que pudéssemos, para que possamos aliás aprimorar a nossa prática também enquanto gestores.
Entrevistadora	Certo. Mas por vocês estarem entre as melhores escolas do município algum diferencial que vocês recebem da prefeitura?
Entrevistada	Não.
Entrevistadora	Não né, tá. É...de acordo com sua experiência, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação, ainda especificando a sua escola?
Entrevistada	Eu acredito que a parceria da família, a comunidade participativa né, então essa é uma característica dessa comunidade, dessa unidade escolar, né, nós temos... as salas são heterogêneas né, famílias mais participativas, outras né, nem tanto, mas a característica

	é...predominante é de que as famílias são participativas, são presentes, então essa parceria ela é muito importante, então quando se pensa em extracurricular né, é... é isso é...fica como é...algo muito significativo.
Entrevistadora	Você percebe que os pais desses alunos sabem o que que é o IDEB?
Entrevistada	Sabem, sabem porque a escola também se preocupa em visibilizar os resultados, não só do IDEB né, inclusive nós estamos em conselho participativo de classe, uma das...dos itens do nosso conselho é visibilizar para os pais que estão participando neste momento de todos os resultados positivos dos nossos alunos, Olimpíada Brasileira de Matemática, o dado do IDEB né, que já foi visibilizado em outros momentos, alunos que conseguem bolsas no ensino médio, bolsas em escolas renomadas né, então é...esses dados positivos são do conhecimento da nossa comunidade escolar porque a escola faz questão de visibilizar, eu acho inclusive isso algo muito importante que escola visibilize o dado é...de resultado interno nas suas avaliações e também do resultado externo né, é importante que a comunidade seja orientada da importância desse dado e do quanto ele é motivador para família que é nossa parceira e também para o aluno.
Entrevistadora	Certo. E qual que é o perfil, é...falando ainda um pouquinho desses fatores, o perfil socioeconômico dessas famílias, desses alunos, é...especificamente assim, o hábito de leitura desses pais, é...se eles são analfabetos, se não são, é...se eles são participativos em reuniões, talvez isso aí você já tenha até respondido de certa forma, né?
Entrevistada	Sim, sim, eu acredito que são pessoas que têm um nível cultural bom, né, é...é um número muito pequeno, uma porcentagem muito pequena de pais que sejam analfabetos né, a maioria dos pais possuem uma boa formação né, e eu acredito que isso...por isso que essa participação dos pais seja tão efetiva por conta dessa formação cultural e dessas...e da própria condição socioeconômica da comunidade escolar.
Entrevistadora	Certo. Em termos culturais, esses alunos têm acesso a outras atividades extraescolares como aulas de inglês, é...participação em teatro, cinema, atividades culturais de modo geral?
Entrevistada	Dentro da matriz curricular, é...a única coisa prevista é a aula de inglês, nós temos aula de música que foi um diferencial também dos últimos anos, algo apreciado pela comunidade, mas os alunos participam sim, a escola oportuniza o cinema, o teatro, ocasionalmente alguns passeios também é...pra...passeios culturais né, oportunizando também para esses alunos algumas vivências fora da escola, é lógico que em parceria com a família né, é...e também acho isso como muito positivo porque muitas vezes as famílias não podem oportunizar essas visitas, essas vivências e a escola procura durante o ano letivo é...dentro do seu planejamento é...oportunizar essas vivências positivas.
Entrevistadora	E a família acaba de certa forma...
Entrevistada	Sendo privilegiada né, e também é algo que se estende para família né, nós temos aos sábados letivos que também a escola procura trazer as vezes alguma atividade cultural, uma apresentação, uma dança, um teatro é...abrindo para comunidade também essa participação.
Entrevistadora	Certo. É...só para finalizar em termos de fatores, é...até no nosso referencial teórico a gente cita a questão da alimentação né, muitos

	alunos acabam indo dependendo da escola para escola por conta da merenda escolar, é uma realidade presente aqui ou não?
Entrevistada	Eu acho que são casos muito pontuais tá, é...a escola apesar da...da comunidade, dessa participação, eu falei um pouquinho sobre o sócio econômico da comunidade né, mas não é, não é algo instaurado, não é algo que...que seja o foco do aluno vir para a escola por conta dessa alimentação né, as crianças apreciam, é uma merenda que não é terceirizada né, mas eu tenho sim, eu devo ter algum...alguns casos pontuais de crianças que vem por conta da alimentação...
Entrevistadora	Mas são casos isolados...
Entrevistada	Casos isolados, a escola tem hoje quase mil alunos, eu posso citar para você uns 3 casos.
Entrevistadora	Dos mil?
Entrevistada	Dos mil.
Entrevistadora	É quase nada.
Entrevistada	É quase nada. E são famílias que são acompanhadas, são assistidas também pelo Bolsa Família né, que eu acredito que nem seja por conta da situação socioeconômica, por conta de negligência mesmo da família né, e a escola procura tratar isso com bastante cuidado, acompanhando, informando o Conselho Tutelar muitas vezes, mas é assim, não é uma característica de [Escola 2] que o aluno venha por conta da alimentação.
Entrevistadora	Certo. Quando os fatores intra e extraescolares são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
Entrevistada	Eu acredito que é...ações planejadas junto à Secretaria Municipal de Educação, né, a administração Municipal, né, eu acho que é buscar com esses nossos dirigentes, nossas chefias esses apoios que são tão importantes né, então quando se fala de dado de IDEB né, só para amarrar a nossa conversa, são n fatores que interferem, né...eu...não, não há receita, nós estamos conversando aqui, estamos falando de várias situações né, é...mas há pontos chaves, né, a formação do professor é...esse grupo permanente do corpo docente né, sem muita rotatividade, ele é importante, esse comprometimento, envolvimento dos professores, a comunidade é um item importante, mas quando...nós, nós buscamos um pouco mais algo além, com certeza nós precisamos assim amarrar isso com as nossas chefias, com a Secretaria Municipal de Educação né, buscando subsídio aí para melhorar cada vez mais.
Entrevistadora	E pelo jeito vocês têm essas características interligadas, né?
Entrevistada	Sim, sim... A rede é uma rede que tem uma historicidade, tem um trabalho consolidado ao longo de muito tempo né, é...eu acho que [município do Vale do Paraíba] tem caminhado para que esses dados é... cresçam cada vez mais né, algumas escolas com mais dificuldade respeitando a sua comunidade, algumas escolas com pouco mais de facilidade, mas o caminho não foge disso, não foge da formação, não foge da...dessa...desses recursos é...internos da escola do...do material, do conforto, do ambiente que também está muito ligado ao bem-estar do aluno.
Entrevistadora	É...professora, o IDEB é um indicador né, que mede tanto as notas

	quanto a frequência no dia da prova, né?
Entrevistada	Sim...
Entrevistadora	É... com relação a essa frequência, como que...que você enxerga na sua escola, os alunos em grande maioria vem e fazem a prova, por isso que o resultado de vocês é alto...
Entrevistada	Sim... É isso...isso acontece porque os pais sabem da importância também né, vou voltar um pouquinho no que nós conversamos, essa visibilidade para família, esse pertencimento, essa unicidade, essa parceria é...faz com que a família também valorize e se a família valoriza o trabalho que é desenvolvido, conseqüentemente é...nós acabamos trabalhando aí para que no dia desta avaliação os nossos alunos estejam presentes né, então quem que falta nesse dia? É o aluno que está doente realmente, que não pôde comparecer, porque os demais eles participam.
Entrevistadora	E a família cobra né?
Entrevistada	E a família cobra, e a família é...se envolve e acompanha o resultado, então acho que isso é uma construção né, não é um trabalho isolado que escola faz, eu acho que esse envolvimento da comunidade, da família é importantíssimo para que ele saiba o porquê as coisas acontecem, porque que a prova do IDEB é tão importante né, porque que esse resultado é tão importante né, porque é a escola do filho dele...é a escola do meu filho, né, então é...é uma junção né, de ações aí de esforços de todos.
Entrevistadora	Certo, é...o tempo que os professores passam com os alunos impactam diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	É...impactam, eu acredito que tenha que ser um tempo de qualidade, então as vezes as pessoas pensam numa escola integral é...não é isso que vai garantir qualidade, o que vai garantir qualidade é o tempo...é a qualidade desse tempo, né, não é o tempo que o professor está com ele, nossa jornada ela, hoje ela garante...são 26 horas/aula.
Entrevistadora	Essa escola é de tempo integral?
Entrevistada	Não, nossa escola não é... e um terço fora da sala de aula, esse um terço também é importante, para que o professor possa trocar com os parceiros, para que ele possa planejar a sua aula, então, por exemplo, esses últimos quatro anos foi um período em que a rede municipal conseguiu consolidar isso também, isso também foi algo positivo, essa jornada, uma jornada planejada na qual o tempo com aluno seja tempo de qualidade, então eu acredito muito...não é o aluno permanecendo na escola o dia todo que vai garantir um bom resultado, é um tempo de qualidade com o seu professor, que seja um tempo produtivo, é...que realmente seja prazeroso e que o aluno saia da escola feliz, eu acho que...que essa é a chave de tudo e não desgastado por uma rotina que não foi interessante por algo, por...por práticas, por...por uma rotina que não foi assim produtiva para o aluno e nem interessante para ele.
Entrevistadora	Certo, é...em relação a esse um terço que você falou fora da sala de aula, como que seria isso?
Entrevistada	O professor hoje ele cumpre algumas horas na escola, ele pode trocar com os parceiros, ele pode buscar informações, ele pode se inteirar dos assuntos, ele pode pesquisar um livro, ele pode ter acesso à sala de

	leitura, à nossa biblioteca e ele tem um tempo fora da escola, tá, um tempo remunerado, ele...alguns saem duas horas/aula mais cedo e além disso eles têm um tempo também é...em casa para o planejamento pessoal, para sua organização, então com certeza o professor faz isso com mais prazer, né?
Entrevistadora	Até porque ele não fica tão sobrecarregado, né?
Entrevistada	Sim, então isso é a qualidade de vida profissional é...do professor, deste docente que atua ali, é...por isso está muito voltada à questão profissional mesmo do professor em sala de aula, o quanto ele fica satisfeito, o do quanto ele está bem para criar, para planejar.
Entrevistadora	Certo, é...você acredita que esse índice tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Eu acho que... que as políticas públicas deveriam investir até um pouco mais, deveriam investir um pouco mais, é...valorizando mais esse índice, inclusive implantando outros tipos de prova externa.
Entrevistadora	Certo, é...talvez já tenha respondido né, mas você associa o IDEB às políticas públicas? Por quê? E como?
Entrevistada	Com certeza, né, eu acho que as políticas públicas elas deveriam é...estar embasadas nesses dados de prova de IDEB, outros tipos de prova que cada estado faça é...para aprimorar o seu trabalho, então, esse...esse dado ele é um...é um norte, aliás ele é o único norte hoje nacional.
Entrevistadora	Pra educação básica, né?
Entrevistada	E às vezes as políticas públicas não privilegiam tanto isso, né?
Entrevistadora	Professora, eu queria agradecer, é... e saber de você se você quer deixar alguma contribuição, algum comentário em relação a, à importância dessa minha pesquisa para educação básica como um todo e consequentemente também pra escola de vocês...
Entrevistada	Eu acredito que todos deveriam parar para, é...para reflexão de algo tão importante né, eu acho esse trabalho de grande relevância né, até porque toda essa reflexão vai culminar um trabalho acadêmico né, e que com certeza faço votos de que isso possa,é...subsidiar aí né, reflexões em outras instâncias e que possamos melhorar cada vez mais a educação no Brasil.
Entrevistadora	Professora, muito obrigada.

Professora Escola 2

Entrevistadora	Professora, bom dia.
Entrevistada	Bom dia.
Entrevistadora	É...a gente tá aqui pra tá realizando um roteiro de entrevista referente a minha pesquisa é...da minha dissertação de mestrado em educação e o objetivo da minha pesquisa é compreender os fatores intra e extra escolares, né, dessas escolas relacionados ao IDEB e como que o IDEB impacta na atuação de vocês como educadores. É...primeiramente eu queria agradecer né a participação. É qual que é a sua formação, sua profissão?
Entrevistada	Então, a minha formação... a primeira formação minha universitária eu sou arquiteta, arquiteta e urbanista, e só que eu me dediquei por longos

	anos a situações variadas dentro do mercado de trabalho e quanto uns dez anos atrás eu resolvi retomar uma situação de vivência mais educacional, eu sempre gostei dessa área ai eu fiz uma especialização em licenciatura plena em educação artística. Especializada em artes visuais.
Entrevistadora	Certo... sua idade?
Entrevistada	Tenho 60 anos.
Entrevistadora	Seu tempo na instituição? Na prefeitura? E também nesta escola?
Entrevistada	Então, na prefeitura estou desde 2010. E nessa escola, fui removida pra cá, em 2015. Então é o segundo ano, já aqui. E agora estou ingressa aqui e pretendo continuar aqui.
Entrevistadora	Nessa escola, né! E a sua área de atuação? Você é professora?
Entrevistada	Eu sou agora... eles vão modificando os nomes né, eu sou arte educadora. Por que a arte educadora? Porque agora dentro da arte existem quatro eixos de linguagem que a gente tem que trabalhar: que é a linguagem teatral, musical, linguagem corporal, que é dança, e a arte visual.
Entrevistadora	Certo. É nós vamos começar, né, com roteiro de entrevistas, é em relação, o foco é o IDEB né, o que que você entende por políticas públicas? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	Então, não sei bem se eu posso me exprimir o que eu tô sentindo na fala bem pessoal, né? Porque eu não tenho grande conhecimento técnico sobre uma política pública, mas eu vejo hoje é que o ser humano ele tem que ser atuante mesmo que ele não seja propriamente um político atuante, tem que ter uma consciência política, né, e essa consciência política ela nos leva a ter um posicionamento dentro da sociedade. Então, é na minha opinião você ter uma política pública seria uma coisa de conhecimento geral da população, que todos estão integrando seguindo ou alguma regra ou algum objetivo geral, né? Então, eu vejo a importância da política pública assim de você ter um direcionamento, um objetivo para um povo, para uma região, né, que pra trabalhar para que o cidadão seja pleno, né? Tenha condições de vida plena, que seja educação, saúde, né, trabalho, emprego, então, eu vejo assim né, uma forma mais humana, não sei se é técnico né.
Entrevistadora	É... qual seu tempo de atuação nessa escola?
Entrevistada	Dois anos.
Entrevistadora	O que que você sabe sobre o IDEB, o Índice de desenvolvimento da Educação Básica? O que que ele indica? Como podemos entendê-lo? Qual a sua importância?
Entrevistada	É uma pergunta ampla porque realmente... eu vejo que isso é uma exigência primeiro governamental, né, de você ter um índice para trabalhar com uma média geral. Um país tão grande como o nosso, precisa, precisam criar... é... meios de avaliação pra depois uma tomada de posição. Não é... porque eu não posso dizer que o Nordeste é menos desenvolvido que o Sudeste, já que hoje a gente tem uma unificação de programas de proposta curricular. Existe um programa nacional, né, que normaliza isso. Então, a formação dos professores hoje ela é feita de uma maneira nacional, também eles exigem a mesma formação de

	diploma, né. Você tem que fazer o colegial, primeiro o ensino fundamental, o ensino médio, depois uma formação superior. É... e assim também eu acho que tem haver com os alunos, né, então você vai fazer, vai tirar uma média pra ver como que está o aprendizado da população. Então, eles tentam unificar. Então, esse índice de desenvolvimento acho que no meu ponto de vista é pra fazer uma avaliação do...aonde está precisando ser... é... mais intensificado alguma esse ou aquele tipo de forma de ensinar né, então, existem hoje as teorias dos grandes pensadores que a gente tenta acompanhar, mas a rede nacional, estadual e municipal elas vão se adequando né, criando as propostas pedagógicas né, mas a gente tem que saber como é que está indo e como é que tá indo, a gente vai ver se uma criança tem febre pondo o termômetro, então eu vejo isso como um termômetro de avaliação de aprendizado nacional, né e... agora a forma que esse índice foi projetado ou feito o pedido eu não tenho conhecimento.
Entrevistadora	Sim, é... você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Conheço, porque foi citado, né pelo orientador pedagógico, pela direção que é uma escola que... já trabalhei em outras escolas da rede e quando eu vim pra cá, só depois de algum tempo que eu fiquei sabendo que era um IDEB bem alto né, um dos maiores da rede.
Entrevistadora	Sim, é... você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Só através de gráficos, né, que a gente teve conhecimento dos índices, dos números, né, então assim eu já fiquei conhecendo sim.
Entrevistadora	É... o que que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse? E o que que a escola poderia fazer ainda mais pra aumentar a sua nota?
Entrevistada	Pelo que foi explanado pela equipe gestora, né desde que eu estou na escola e que é pela minha percepção também eu vejo o que a equipe gestora e a equipe...professores, a equipe, a equipe docente, existe uma boa integração, então eu vejo uma boa união entre os professores na medida em que você tem que no início do ano fazer um bom planejamento para ser trabalhado com aquela comunidade, o conhecimento da própria comunidade, né, são alunos e pais exigentes, né, então isso nos obriga a trabalhar de uma forma bem elaborada, bem trabalhada mesmo para que aquilo seja efetivamente trabalhado durante o ano, né?
Entrevistadora	Então existe uma união entre vocês professores que acaba fazendo com que a sua nota suba, né?
Entrevistada	Isso, e já é uma meta pessoal de cada professor que a minha turma vai ser a melhor, a minha turma vai produzir muito, vou fazer o melhor que eu posso por aquela turma, né? Então, não existe assim acomodação... existe...
Entrevistadora	Existe uma competição positiva, né?
Entrevistada	Uma competição positiva exatamente.
Entrevistadora	Entendi... É qual que é a importância do IDEB para escola?
Entrevistada	Não sei bem o que você quer saber...
Entrevistadora	Em termos de... é você falou que é um indicador de referência para educação, é você acha que isso é importante...

Entrevistada	Do ponto de vista administrativo, da equipe gestora e professores e a própria comunidade eu acho que não... em primeiro lugar é uma conquista, um orgulho, né, dessa soma de professores, equipe gestora e comunidade que se sentem orgulhosos de colaborar para que seja uma escola que tenha um nome, né, que tenha, que tenha entre aspas a fama de boa escola, né? Mesmo sendo uma escola pública, né, porque a escola pública de uns anos pra cá de ensino fundamental e secundário ela perdeu um pouco a credibilidade, a escola...pelo menos escolas estaduais, né? A escola Municipal de [município do Vale do Paraíba] ela sempre teve uma, ela sempre teve nome, né ela sempre teve essa característica de uma linha de trabalho muito boa, né?
Entrevistadora	Sim... É, como que o IDEB e seus resultados, né, eles impactam na sua atuação como educadora?
Entrevistada	Eu trabalho numa área de conhecimento que é a arte que ela, ela tem como objetivo formar o cidadão mais pleno né, de dar a chance de conhecimentos que não seria só da linguagem ou só da área de exatas né, então, eu complemento conteúdos que vão fazer desse cidadão mais consciente, né então eu me sinto também de uma certa forma responsável por isso né que eu tenho que contribuir para que, para que o aluno tenha conhecimento mais completo de tudo, que aquilo possa auxiliar até em outras disciplinas como na disciplina de humanas ou de exatas, né?
Entrevistadora	A questão da interdisciplinaridade, né?
Entrevistada	Interdisciplinaridade que há uns anos atrás a gente chama de eixo transversal né, que são as disciplinas que a gente pode colaborar para alimentar, para transformar aquele cidadão, um cidadão mais consciente e pleno, né? Então eu vejo que para mim é importante demais isso porque faz com que eu me especialize mais, que eu pesquise mais, trabalhe mais e crie mais, não fique acomodada numa coisa rígida, né, sem possibilidades.
Entrevistadora	De acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação mais especificamente nessa escola?
Entrevistada	Então, eu já trabalhei em várias escolas da rede e a rede ela tem uma característica que é a uniformidade do ensino, existe um comprometimento com a nossa supervisora de área, na área de conhecimento de passar conteúdo e criar proposta de planejamento de aulas unificado iguais para todas escolas da rede, então, o que que diferencia, que faz a diferença no caso, é aquilo que eu te falei, é a soma da união de trabalho das equipes que é a equipe gestora, equipe docente, os alunos e a comunidade que dá suporte para os alunos, seriam os pais, né ou responsáveis. Então tudo isso junto que forma uma massa bem bacana que o fermentinho ali vai crescendo e produzindo.
Entrevistadora	E o que é esse relacionamento entre esses grupos?
Entrevistada	Então, o relacionamento é assim nós temos primeiramente horário normal de aula né, as horas de planejamento dos professores né, e existe também conselhos de escola né que são colocados todo sistema, todos os temas relacionados ao ensino e a parte física, monetária,

	administrativas, tudo colocado em conselho também né, e o trabalho também pessoal da equipe docente que tem que estimular junto aos alunos, né, esse tipo de...de febre, de vontade, de querer melhorar, de querer estudar, de querer participar, né?
Entrevistadora	Existe essa...
Entrevistada	Existe, e dentro do... hoje na nossa sociedade de uma forma geral tô falando do Brasil né, que existe essa procura pelas escolas públicas universitárias, né, ou cursos técnicos também que seria um público também né, então existe essa competição, né de você querer crescer, estudar e ter um conhecimento que te prepare para prestar uma prova de um concurso ou uma prova classificatória, aí você tem que ter uma boa base de conhecimento né, agora existe também um fator importante aqui na região que eu vejo que o perfil econômico da região né, que é um bairro...não é um bairro carente, um bairro totalmente autônomo né, então isso já...
Entrevistadora	A escola está localizada numa região...
Entrevistada	Que eles chamam aqui da região nobre...da...da...do município né, que é uma faixa grande então, tem muita gente que diz que não, mas ela faz parte da zona da região nobre da cidade né, aqui tem famílias carentes, tem, mas eu diria que não é a maioria, é a minoria, não vou dizer que a gente não tem dificuldade, temos, bastante dificuldade, a classe média né, mas existe essa diferença em relação a outras cidades, a outras escolas na cidade, né.
Entrevistadora	A gente vai acabar entrando na próxima questão né, de acordo com sua experiência, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação? Ainda destacando a sua escola.
Entrevistada	É... eu acho meio intrínseco né, meio misturada essa coisa dos fatores internos e externos, fatores externos à rede como eu já falei, a rede municipal ela é bem conectada, existe um controle muito maior da área central de planejamento da secretaria educação com as escolas. Porque apesar de ser mais uma cidade grande, a comunicação entre a secretaria da educação é muito ampla, muito fácil né, mesmo a gente estando longe da secretaria que é no outro lado da cidade, né, mas?
Entrevistadora	Mas existe uma relação?
Entrevistada	Existe uma relação e... [município do Vale do Paraíba] é uma cidade industrializada, altas indústrias, existe também uma...uma demanda grande, uma cobrança da própria comunidade escolar em relação à área externa que seria você preparar já o jovem né, que tá saindo daqui depois para o curso técnico que ofereça já possibilidade de trabalho nestas indústrias ou visando essa...essa inserção dentro do mercado de trabalho já né, então isso é uma...eu vejo como uma rede, assim, uma mistura né da parte externa com a parte interna na demanda que vai levando a outra né, diria que é um pouco de ambição de...de pensar no futuro né, de ter uma vida melhor, então não, você não...
Entrevistadora	É...ainda falando desses fatores extraescolares, você citou a questão do perfil sócio-econômico né, dessas famílias, dos alunos aqui da região, é...com relação a participação desses pais na vida dos filhos em termos de reunião, de tarefas que vão para casa, como que é essa participação,

	essa relação entre os pais e os filhos na vida acadêmica?
Entrevistada	Eu vejo que existe uma participação bem grande, a gente não é tão rara, se a gente conversar, é muito comum a gente conversar com os pais e eles virem saber: - ah, meu filho não levou tarefa, será que tem tarefa, porque eu acho que tem que ter bastante atividade extracurricular, tem que ter bastante atividade para fazer em casa, para pesquisa, então uma boa parte dos pais aqui são preocupados com isso, né?
Entrevistadora	Então, eles cobram?
Entrevistada	Cobram...cobram da escola sim, cobram se...se não tem uma grande produtividade, se tá faltando alguma coisa, eles têm, existe uma cobrança grande sim da comunidade em relação ao retorno da escola, né?
Entrevistadora	Entendi...Você acha que os pais sabem o que que é o IDEB? Esses indicadores da educação, eles estão tomando conhecimento?
Entrevistada	Eu acho que hoje talvez, mas eu acho que existe ainda um grande desconhecimento sobre isso, porque nos nossos conselhos de escola, por exemplo, a diretora, o OP estão sempre comentando, é sempre comentado, que esse mês o índice foi tal, pra esse ano foi isso, tantos alunos entraram em escolas como a escola da [escola conceituada da cidade], que conseguiram bolsa para tal lugar ou as provas que existem estaduais, nacionais né, de conhecimento, todos eles...
Entrevistadora	Existem aprovações aqui da escola nessas escolas, é...como que eu posso dizer, depois que eles saem daqui eles já têm alguma perspectiva de conseguir alguma bolsa, alguma vaga em alguma...
Entrevistada	A escola número um da cidade, a escola da [escola conceituada da cidade], né, e os alunos do nono ano eles já começam a fazer curso preparatório para entrar, a média da...a média...a média de 7, 8, 10 alunos é considerado um alto índice de ingresso, porque não são todos os alunos que fazem e você tem que também depois comprovar renda, tem um limite de renda para você conseguir entrar nessa escola né, aluno que tem um poder um pouquinho mais alto não tem condição de entrar, mas mesmo assim esses alunos as vezes conseguem bolsas de 100% em outras escolas né, particulares, então existe uma boa...uma boa aprovação dos pais e um comprometimento desses pais para que o filho consiga ingressar numa boa escola, né?
Entrevistadora	Quando esses alunos né, concluem o ensino fundamental eles geralmente eles vão para escola estadual ou eles, esses pais têm condições de colocar numa escola particular, os que não conseguem as bolsas?
Entrevistada	Existe aqui em [município do Vale do Paraíba] uma meta de primeiro fazer provas de bolsa né, que a maioria das escolas particulares oferecem bolsas de 20, 30, 40, 50 até 100% né, então muitos alunos participam dessas provas né, os alunos aqui da comunidade do [Escola 2], né que não participam dessas provas de bolsa, eles acabam sendo absorvidos pelas escolas estaduais daqui da região, né?
Entrevistadora	É...ainda falando um pouquinho desses fatores, pensando em termos de hábito de leitura dos pais, por exemplo, nas questões culturais dessas famílias, como que você enxerga o perfil dessas...dessas famílias, desses pais desses alunos, eles são... eles leem, eles incentivam seus

	filhos a lerem, ou eles são analfabetos, eles buscam atividades extra escolares né, como cinema e teatro né, um museu ou...ou eles são um pouco mais limitados em termos culturais e em termos de leitura?
Entrevistada	Aqui na comunidade [Escola 2] eu vejo que é bem mesclado, não existe uma...um perfil muito leitor ou menos leitor, eu vejo que é bem mesclado, mas eu percebo que o trabalho da professora de sala de leitura que eu acompanhei aqui o ano passado, este ano né, que existe um comprometimento bem grande dos alunos em relação à sala de leitura, que eles são, eles têm uma vez por semana e vão para sala de leitura, eles levam livros para casa para leitura, eu vejo o retorno de pais assim que fazem o acompanhamento, que os livros todos são devolvidos pontualmente, tem aluno que cresceu muito né, nesse hábito de leitura, agora o brasileiro de uma forma geral, o índice de leitura é muito baixo né, existe um trabalho na tentativa, de compromisso de aumentar esse índice de leitura né, então é um pouco da característica do perfil do brasileiro né, mas eu vejo que aqui a criançada, os alunos novos tem um hábito bem interessante de leitura.
Entrevistadora	E os pais são bastante participativos, né?
Entrevistada	Que como esse ano, já dois anos tô dando aula do primeiro ao quinto ano, então, eu vejo quando eu trabalho uma atividade em sala, geralmente eles vêm pedir: - Professora posso ler meu livro? Eu falei: - Pode. Então é bem comum os aluninhos cada um lendo no seu canto lá o livrinho que pegou na sala de leitura, interessante.
Entrevistadora	Eles buscam né, quando não tem alguma atividade eles próprios criam né?
Entrevistada	Exato.
Entrevistadora	Entendi. Quando os fatores intra e extraescolares são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
Entrevistada	Mas do ponto de vista em relação ao IDEB, não? Pra focar o IDEB, não?
Entrevistadora	Sim, os fatores assim quando falta recurso, quando os fatores extraescolares, de condição de vida, de estrutura familiar, é...todos os fatores né, intra e extra são negativos é...de que forma poderiam na sua percepção ser solucionados né, em prol do aprendizado?
Entrevistada	Eu diria que aqui na rede municipal nós tivemos um grande presente né, que foi a inserção da educação digitalizada, então é...são ações que antes a gente só via em escola particular, nós temos agora na rede que é o auxílio digital dentro da sala de aula, então aquele aluno que por algum motivo não tem em casa uma televisão, ou algum instrumento que a mídia possa ajudar, um computador, celular, então tudo isso a gente oferece hoje para o aluno dentro da sala de aula que é modernizar a educação né, fazer a vida aqui dentro da escola ficar igual a de fora em termos de comunicação, então hoje na minha área de conhecimento, se eu quero mostrar uma obra, entrar no museu mais importante do mundo, o Museu do Louvre, eu ligo a lousa digital e faço aquela visita virtual, então eles têm acesso à imagem hoje para todos os alunos né, todos alunos podem pegar um tablete, fazer uma pesquisa e ajudar e complementar né, o conhecimento através da...desse...dessa modernidade né, desse equipamento virtual.

Entrevistadora	E a escola utiliza essas ferramentas?
Entrevistada	Todas, diariamente, todos os professores, desde o primeiro ano até o nono ano.
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	Então, cada professor tem o seu notebook, nós temos a lousa digital, tenho tablet para cada aluno né, se eu quiser um para cada aluno vai ter na sua mesinha, fora isso é...a escola e os professores, a gente requisita o material que você precisa para o desenvolvimento naquela...naquele objetivo pedagógico né, aquele plano que você fez de ensino para aquele aluno, então, dentro da medida de tempo e do professor eles têm uma bagagem bem grande aqui, né pra gente desenvolver, aquele tema de ensino né, então, eu acho que aqui todos ficam bem nivelados na mesma situação de aprendizagem, né?
Entrevistadora	Não tem aqueles problemas, né mais gritantes...
Entrevistada	É...uma coisa que eu acho interessante também dentro da escola aqui como eu não sou sou pedagoga de...de anos iniciais, é...que você tem acompanhamento de reforço né, para os alunos que tem mais dificuldade e tem os professores psicopedagogos que fazem o acompanhamento pra...pra...para os alunos que tem uma dificuldade maior de aprendizado, né,
Entrevistadora	Não existe esse trabalho aqui?
Entrevistada	Existe...
Entrevistadora	É...o tempo que os professores passam com os alunos impactam diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	O tempo que?
Entrevistadora	Que os professores passam com os alunos impacta diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	Eu acredito que sim, né, que sem uma orientação né, como a gente diz, nós somos os orientadores, né, acho que tem que dar o caminho para o aluno conseguir desenvolver aquele aprendizado né, então, hoje a criança, a gente tem que passar para que...ensinar para criança e tentar desenvolver na criança uma autonomia e hoje com essa tecnologia digital eles avançam muito mais rápido do que a minha geração por exemplo, né, e dá um tema, dá uma pesquisa ou dá um material para ser trabalhado eu acho bem interessante né, eu acho que impacta não somente nessa forma de você ter...ele ter orientação e quanto mais você puder orientar mais de perto ali melhores absorvem, melhor desenvolve cria autonomia.
Entrevistadora	Sim... E você acha que o tempo que hoje a escola destina para cada professor com esses alunos é o suficiente em sala de aula ou você acha que deveria ter mais tempo ou tempo é de qualidade, já é o suficiente...
Entrevistada	Não sei, existe uma grande discussão a respeito da escola integral e da...que eu vejo a escola integral um molde interessante, o aluno vai, fica o dia todo, mas existe um limite também, né, porque você tem o corpo e a mente.
Entrevistadora	Sim, até quanto o aluno aguenta, né?
Entrevistada	É, você não vai trabalhar só a mente ou só o corpo né? Porque a gente precisa as vezes de quebrar aqueles momentos pra tirar, sair da rotina, né?

Entrevistadora	Sim, é... Esse índice, o IDEB, ele tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Não sei dizer, como forma de avaliação, de conhecimento de uma população eu acho interessante, agora eu não tenho realmente a fórmula ideal, não sei dizer se...eu acho que estamos caminhando, né?
Entrevistadora	Eu falo assim em termos de eles tomarem conhecimento do que seja o índice, de cobrar da escola, né, será que tá mobilizando a escola em favor da educação, em favor do aprendizado do seu filho?
Entrevistada	Sim, é uma forma de avaliação, todo índice, toda pesquisa, é...tem que ser feita, você só vai poder se avaliar se você tiver uma média, né, eu não posso dizer se sou a pessoa mais inteligente do mundo se eu não conhecer uma outra pessoa inteligente também, assim como a gente compara beleza, o conhecimento tem que ser comparado também, né, e tem que ser de acordo com a cultura daquele país, né?
Entrevistadora	Sim, daquela região.
Entrevistada	Porque cada realidade tem uma demanda de exigências diferentes, né?
Entrevistadora	É...você associa o IDEB às políticas públicas? Por quê e como?
Entrevistada	Se eu associo à política pública? Associo porque ela...as políticas públicas são feitas, eu acho que a gente espera que sempre com uma boa intenção só, que é o bem do ser humano, que é o progresso do ser humano né, agora, a gente fica aborrecida com a política colocada em primeiro plano como uma...um objetivo pessoal só né, de crescimento de uma minoria. Então é isso que a gente não quer, né?
Entrevistadora	Não, com certeza. Professora, eu queria agradecer e saber se você quer complementar com alguma informação que a gente não tenha perguntado ou até mesmo em questão de falar da importância da minha pesquisa né, para a escola de vocês e para a educação de modo geral.
Entrevistada	Não, eu quero complementar que o seu tema de estudo, eu acho essencial, que é a gente refletir, pensar e chegar num ponto, saber se realmente as coisas que são feitas né, elas estão satisfazendo realmente as exigências ou os objetivos pré-determinados, né, porque as vezes você tem um objetivo e as coisas não vão seguindo aquele caminho ideal, né?
Entrevistadora	Se está no rumo certo ou não, né?
Entrevistada	Se está no rumo certo ou não, agora eu vejo que a perfeição é difícil mesmo porque o ser humano é um universo né, nós temos que unir vários universos né, várias situações, mas o...a gente comparando com países desenvolvidos né, então nós estamos ainda no caminho ainda, árduo, que não é fácil, mas...
Entrevistadora	Falta ainda muita coisa...
Entrevistada	Falta muita coisa e uma das coisas muito importantes que eu vejo é a valorização justamente dessa... do formador educacional, tem que ser valorizado, porque senão se se perde o estímulo, né, então quando você trabalha como eu aqui numa comunidade que valoriza o educador, que você põe valores humanos como sendo importantes, isso também enriquece muito o trabalho, né?
Entrevistadora	Não, com certeza professora, é a razão de ser da escola né, o professor e o aluno né?
Entrevistada	O professor e o aluno.

Entrevistadora	Sem o aluno o professor não trabalha e sem o professor o aluno não aprende, então, ambos estão interligados né, o coração da escola.
Entrevistada	Verdade...verdade.
Entrevistadora	Professora, eu queria agradecer a você, é...muito obrigada, é...vai contribuir ricamente na minha pesquisa, muito obrigada.
Entrevistada	Parabéns pelo trabalho, espero ter contribuído pelo menos um pouquinho.
Entrevistadora	Com certeza.

Diretora Escola 44

Entrevistadora	Professora, bom dia!
Entrevistada	Bom dia!
Entrevistadora	É...nós vamos começar a entrevista, né, sobre meu projeto de dissertação que trata do IDEB, né, propriamente dito e do que está por trás desses resultados em termos de fatores intra e fatores extra-escolares e qual que é o impacto desse indicador na sua atuação como diretora da escola, é...em primeiro lugar qual que é a sua profissão, formação?
Entrevistada	Eu sou pedagoga, né, fiz pedagogia, atuei como professora, né por um bom tempo e depois eu assumi a direção, participei de um processo de seleção na SME e já estou como especialista 15 anos.
Entrevistadora	É...a sua idade?
Entrevistada	56 anos.
Entrevistadora	O seu tempo na instituição na... aqui na prefeitura e na escola?
Entrevistada	Na prefeitura 20 anos, na escola 5 anos.
Entrevistadora	Tá.
Entrevistada	Nesta escola 5 anos.
Entrevistadora	E como diretora?
Entrevistada	5 anos porque eu trabalhei como especialista nos outros anos mas como assistente.
Entrevistadora	Certo, agora nós vamos começar nosso roteiro de entrevista, é...o que que você entende por políticas públicas? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	Políticas públicas são um conjunto de ações, né, decisões do governo voltadas para solução de problemas encontrados na sociedade que atendem às necessidades da população, a importância eu acho que é o incentivo à qualidade, é...qualidade da educação e oportunidade para todos.
Entrevistadora	É...acho que já perguntamos, né, mas qual que é o seu tempo de atuação nessa escola?
Entrevistada	5 anos.
Entrevistadora	O que que você sabe sobre o IDEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica? O que que ele indica para você? Como podemos entendê-lo? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	É um indicador criado pelo governo federal para medir a qualidade de ensino nas escolas públicas, ele foi criado, né para medir a educação básica e a média calculada pela proficiência e pelo fluxo, então, o fluxo versus a proficiência, dá a média do IDEB.
Entrevistadora	Certo, é...você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?

Entrevistada	Sim, é...6.4.
Entrevistadora	No ano de...?
Entrevistada	2015.
Entrevistadora	Certo, você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Existe sim um comportamento anterior que quando a escola era do estado, mas a gente assim deixou de lado essa parte, vamos verificar só depois que municipalizou, então em 2013, a nossa nota foi 5.5.
Entrevistadora	Certo, mas cresceu...?
Entrevistada	Cresceu, quase um ponto.
Entrevistadora	E o que que escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse e o que que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais a sua nota?
Entrevistada	É...o que nós fizemos assim, chamar os pais a responsabilidade mesmo, fizemos a reunião, né, com os pais, mostramos nossos dados, nossas notas e falamos com eles, olha, existe também, não é só a escola que resolve tudo, tem que ter a participação da família também, então no caso o aluno que tem o abandono, né, que as vezes o pai não manda para escola, aí é retido por falta, isso vai interferir na nossa nota porque? Porque o que que acontece, faltou, foi reprovado por frequência que nós tivemos casos...aluno...no ano de 2015 que foi retido por frequência, isso vai impactar na nossa nota do IDEB porque o fluxo de aluno é de acordo com censo, né, então por mais que a escola faça pra gente desenvolver aqui, ter um bom, é...na proficiência, termos bons resultados, se o pai não fizer a parte dele que é mandar o filho para escola, vai abaixar a nossa nota.
Entrevistadora	Mas nos dias da prova, como é que é esse índice de frequência?
Entrevistada	De frequência é bom, no dia ele é bom, o que prejudica é aquele que é retido ou evadido por falta, isso que atrapalha porque lá no censo a gente coloca, o aluno foi evadido, então, se eu tinha 30 alunos, foram aprovados 27, porque que esses outros não foram aprovados? Foi por frequência ou então aqueles que foi evadido mesmo, eu tenho caso de aluno que não compareceu, a gente procura, manda carta, manda para o Conselho Tutelar, mas não aparece e isso vai impactar na nossa média.
Entrevistadora	Entendi, então assim, você ressalta mesmo a questão da participação dos pais na vida desses alunos...
Entrevistada	Também, então a gente tá chamando o pai pra responsabilidade dele, então, nós mostramos tudo isso e a gente é...tem melhorado bastante a frequência, fazemos reposição de aula, ah, faltou? Tem lá o livro, a gente não espera chegar no final do ano pra fazer reposição, a cada bimestre, terminou o conselho já vai fazer reposição.
Entrevistadora	Certo, é...você poderia por favor contar um pouquinho a respeito da escola mesmo, né, sobre o que você já tinha me comentado que é uma escola recém municipalizada, né, como que foi esse processo?
Entrevistada	O primeiro ano foi muito difícil porque a escola...a prefeitura tem uma política, o estado trabalha com outro tipo de política, apesar de ser a base comum de todo mundo, ah, terceiro ano é terceiro ano e vale em todo lugar, mas mesmo dentro da escola você tem uma organização que é diferente e para os pais foi difícil aceitar essa organização,

	essa transição, mas correu tudo bem, o primeiro ano foi difícil, mas agora a gente já está, já entende, já sabe como que funciona a escola da rede, nós não temos...um exemplo, antes o pai chegava, deixava a criança no portão ali e ia embora antes do horário, o estado tinha inspetor de aluno para cuidar, nós não temos, o professor chega já passa o cartão e vai trabalhar, se essa criança chega antes, fica aqui uma hora antes, quem vai cuidar dessa criança? Ele tá dentro da escola e se acontece um acidente? O diretor vai responder, então, essas coisas que eles tinham de entrar direto na sala qualquer hora, pegar o aluno, a gente não, a gente tem todo um controle, veio buscar, porque, assina que tá levando o filho, não é qualquer pessoa que vem buscar, quem está autorizado a retirar seu filho, se a criança tá no primeiro não vai embora sozinha, tem que ter um responsável buscando essa criança.
Entrevistadora	Quando a escola era estadual ela tinha o terceiro ano do ensino médio?
Entrevistada	Não, ela também era até o quinto ano só.
Entrevistadora	Ah entendi, então assim, a estrutura nesse sentido não mudou?
Entrevistada	Não, não, atende a mesma faixa etária do primeiro ao quinto ano, o que mudou é essa organização mesmo que eles tinham alguns funcionários para cuidar dessa criança, o pai vinha buscar o do período da manhã, já deixava o que estudava no período da tarde e ia embora, ele deixou dentro da escola, a gente não tem uma estrutura para isso, e tem a preocupação com a segurança das crianças, então eles sentiram muito nessa parte, depois já entenderam também que é para o bem do filho, né, então eles começam a entender, já temos as parcerias, assim, tá muito muito tranquilo agora, graças a Deus, a gente...eles gostam da escola, valorizam a escola.
Entrevistadora	Essa escola é em tempo integral?
Entrevistada	Não, não é porque nós não temos espaço, o espaço físico dela é muito pequeno.
Entrevistadora	Certo, é...qual que é a importância do IDEB para a escola?
Entrevistada	Olha, ela mostra os resultados, né, numéricos da aprendizagem dos alunos, através dele a escola elabora ações e direciona seus recursos pedagógicos e financeiros, né, pra atender melhor os alunos e para melhorar, então, esses resultados que a gente já estava conversando, para gente enquanto diretor, a gente quer que nossos alunos estejam acima da média, nunca abaixo da média, então para a rede, apesar da gente ter 5.5, foi pra 6.4, pretendemos melhorar mais ainda, mas ainda estamos abaixo da média da rede e o que a gente quer é ficar acima da média, cada dia melhorar mais, cada vez, cada ano melhorar mais.
Entrevistadora	Certo, é...como que o IDEB impacta na sua atuação como educador, como educadora, né?
Entrevistada	É...então, através da média que a gente percebe quando é divulgada a média, ah, tal escola tá com tal média, porque ela é melhor todo mundo quer colocar o filho lá, então, a gente quer uma escola também que o pai tenha prazer de deixar seu filho, tenha confiança sabe, porque ele vai ter bons resultados, né, e se a média está abaixo, o que que a gente pode fazer para melhorar? A gente vai fazer um plano de ação, então para melhorar essa nossa média, é o que a gente tá fazendo, a gente tá trabalhando com os alunos, né, tem a recuperação paralela, tem várias

	é...atividades diferenciadas para alfabetizar aqueles alunos que não conseguiram ser alfabetizados pra gente conseguir, é...entrar ali na média, esse impacto é pra melhoria da aprendizagem.
Entrevistadora	Certo, e esses pais têm procurado a escola para colocar os seus filhos?
Entrevistada	Tem, procuram, graças a Deus, eu tô indo...
Entrevistadora	E esse número tem aumentado?
Entrevistada	Ah, o bairro é muito pequeno, então, o que acontece na nossa escola, a gente recebe muitos alunos de fora, [bairro da Escola 44], tem van da prefeitura que traz alunos para cá, para estudar aqui também de outros bairros, então existe também a rotatividade de alunos também, porque eles vêm para cá porque não conseguiram vaga lá na escola mais próxima, quando consegue ele vai, aí chega outro, um pai que chegou de mudança que às vezes o filho tá até sem estudar um bom tempo, entra também na escola.
Entrevistadora	Ah, então a prefeitura ela fornece esse recurso a mais pra esses alunos?
Entrevistada	Fornece, fornece, para que a criança é...a mais de 2 km de distância da escola, se não tem uma escola próximo da residência, ele tem uma van que busca, vem aqui, vai lá na residência, busca, traz a criança e leva de volta.
Entrevistadora	Sem nenhum custo...?
Entrevistada	Sem nenhum custo, não, basta, né, ter os comprovantes de que não tem escola mais próxima com vaga.
Entrevistadora	Certo, mas isso acontece só nessa região ou na cidade toda?
Entrevistada	Toda rede, toda rede, toda rede é oferecida esse transporte para a criança que não consegue vaga próximo da sua residência, já é uma política da prefeitura.
Entrevistadora	É interessante. É...de acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação? Os fatores intra, né, de dentro da escola.
Entrevistada	Intraescolar, é...rotatividade de professor, licenças médicas e falta também de apoio de um estagiário na sala de aula, porque as vezes a gente tem alunos que necessita de um acompanhamento mais de perto para dar aquele apoio para o professor e muitas vezes a gente não tem a gente, a gente não tem o número suficiente, primeiro ano, teria direito ao estagiário, trabalhamos o ano todo sem estagiário nos primeiros anos, então, isso causa impacto, né, porque uma sala com 30 alunos, só um professor...
Entrevistadora	É complicado.
Entrevistada	Mas se tivesse esse apoio, a gente já teve né, época de ter esse apoio, a gente nota que o desempenho é melhor.
Entrevistadora	Certo, mas isso porque a prefeitura não tem mais os estagiários ou é aqui da realidade da escola?
Entrevistada	Não, teve uma queda dos estagiários, atualmente a gente só tem pra acompanhar alunos com deficiência.
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	Então, existia sim no primeiro ano esse acompanhamento, mas com redução de gastos e tudo, então, foi priorizando algumas coisas e a escola, a gente sentiu essa necessidade.

Entrevistadora	Certo e em termos de rotatividade que você falou, né, porque que você acredita que existe ainda essa rotatividade aqui na escola?
Entrevistada	A localização da escola, ela não favorece, ela você vê, o ponto de ônibus é lá embaixo, tem que subir o morro, então, o professor que não tem carro, até mesmo o estagiário, ele fala, ah, eu gosto muito daqui, mas infelizmente esse morro eu não consigo subir, então, eles procuram escola de mais fácil acesso.
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	Entendeu? Então têm, as pessoas gostam da escola, os professores gostam, que é uma escola pequenininha, aconchegante, tudo, tá ali começando, porém, ela tem uma dificuldade de acesso, até mesmo os pais quando sobem, tem que subir o morro, chego aqui falo, nossa, aí como é longe, não é que ela seja longe, é o acesso que é mais complicado, pra gente que tem carro, facilita, você chegou, entrou, mas pra quem não tem um veículo próprio, já dificulta.
Entrevistadora	É bem complicado, né?
	E ainda falando dos fatores intraescolares, em termos pedagógicos, né, de...até de recursos que a prefeitura destina, é...você citou a lousa digital, como que funciona isso na prática de vocês? Vocês têm esse apoio da prefeitura?
Entrevistada	Olha, nós recebemos este equipamento este ano, por quê? Porque a nossa escola ela não tinha uma rede que suportava tudo isso, teve que fazer uma reforma na rede elétrica da escola pra poder colocar todos esses equipamentos, então, é...e para o professor trabalhar com esses equipamentos, ele precisa de uma formação, porque não basta ter o equipamento, ele tem que saber utilizar aquele equipamento, né, mas foi oferecido também a formação para todos, então, é...na realidade, a gente vai ver resultados disso para o ano que vem, porque esse ano, o ano que foi instalado é o ano da formação, então agora que o professor tá tendo domínio para trabalhar com esses recursos.
Entrevistadora	Entendi, e em termos de formação inicial, formação continuada dos professores aqui, como que você enxerga essa realidade?
Entrevistada	Olha, a prefeitura ela oferece vários cursos, é...acho assim, só quem não quer, as vezes não pode, né, por problemas particulares, mas ela oferece bastante curso em todas as áreas, quem quiser ter uma formação, ele consegue pra...de acordo com a dificuldade que ele tem e também tem os HTCs, né, que a orientadora pedagógica, ela passa por uma reunião toda sexta feira, onde ela recebe, é...orientações e formações que ela repassa para os professores durante o horário de HTC que é na terça e na quinta feira, duas horas e meia, então, ela faz um levantamento com os professores, qual a necessidade, o que que vocês estão precisando, né, pra poder melhorar o desempenho em sala de aula? Então, ela busca e faz, procura uma formação direcionada para aquilo, pra necessidade.
Entrevistadora	É...de acordo com sua experiência, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
Entrevistada	Então, eu acredito muito assim na parceria da escola com a família e a família, muitas vezes ela deixa de fazer a parte dela, que é

	<p>simplesmente mandar o filho para escola, conforme eu falei, se não...se mora longe, tem a van que busca, mas a gente fica triste quando você vê que a van passou e a tia da van fala, olha, eu tenho passado lá, uma semana, tô lá no mesmo horário e a criança não está lá, aí a gente tem que ir atrás, saber o que tá acontecendo, ah, é que a van não passou, não, a van passou, a van pegou o coleguinha que estava lá no mesmo ponto ou no mesmo local, porque que você não levou? Tem lugares que as vezes tem que andar um pouquinho, mas é 50 metros, no máximo, e o pai não leva, ah, perdi a hora, eles não têm aquela, alguns, a mentalidade está mudando, muitos falam, ah, eu não sei ler nem escrever, sobrevivi até hoje, porque que ele não vai sobreviver? Mas você não quer o melhor para o seu filho? Tá sendo oferecida aqui a oportunidade de transporte pra levar, então, aí a responsabilidade da família mesmo que eu acho que impacta porque ele não manda o filho pra escola, o filho não aprende, ou muitas vezes ele é evadido porque não aparece mais, você vai atrás, já mudou de residência, não mora mais lá, e o pai também não dá nenhuma informação.</p>
Entrevistadora	Certo, então assim, ainda tem aquela mentalidade de antigamente?
Entrevistada	De antigamente.
Entrevistadora	Porque hoje em dia é completamente diferente, né?
Entrevistada	É, mas a gente tem muitos casos aqui que a gente assusta com isso, mãe que as vezes não sabe assinar nem o nome, nós temos casos aqui que você tem que mandar o carimbo, colocar a digital da mãe, e é uma pessoa jovem, com vários locais de aula a noite, né, tem a EJA que poderia tá frequentando, pelo menos pra saber ler, escrever o nome, alguma coisa, não, e ela não valoriza e se ela acha que tá sobrevivendo até hoje sem aprender escrever o nome, que a filha dela já sabe muito, já sabe assinar o nome dela, é o suficiente.
Entrevistadora	Não enxerga o futuro, né?
Entrevistada	É, é difícil pra eles, mas a gente vem trabalhando com eles isso, muitas vezes a gente trabalha com a criança, porque as vezes você vai pra família e a família não tem essa percepção, então vamos trabalhar com a criança.
Entrevistadora	Em relação às próprias crianças, né, a perspectiva dela quando tem pais que falam, ah, pra quê, né, é...eles também têm esse pensamento ou não?
Entrevistada	Tem, tem, eles também acham que não é importante a escola, porque passa né, mas a gente começa a trabalhar, a mostrar, muitas vezes o professor passa tarefa, a tarefa não volta, ah, o irmãozinho pegou, rasgou, então, bom, a gente sabe que aquele aluno você não pode passar tarefa, porque ele não tem nem o local apropriado pra fazer, então, o que que a gente faz, vai fazer na escola.
Entrevistadora	A própria tarefa de casa, né?
Entrevistada	É, vai tá fazendo na escola, por isso que eu te falei, a falta do estagiário nesses momentos pra atender esses casos entendeu, que a gente sabe que ele não tem um apoio familiar e que as vezes, muitas vezes o professor não dá pra dar esse apoio na sala com outros alunos, entendeu?
Entrevistadora	Certo, é...ainda falando desses fatores né, extraescolares, falando ainda

	da participação da família, né, é...alguns autores, né, a gente cita no nosso trabalho que...a questão da alimentação, né, muitos alunos, muitos filhos vão para as escolas simplesmente por conta da merenda escolar, isso é uma realidade presente aqui ou não?
Entrevistada	Olha, eles gostam da merenda, mas acontece que eu observo o seguinte, chegou, tem o lanchinho da manhã, você pode contar os alunos que pegam o lanchinho da manhã, eles tomam café em casa, eles têm uma alimentação antes de vir pra escola porque é um pãozinho gostosinho que é servido, tudo, e eles, é opção, né, uma bolachinha recheada, eles não pegam, não são todos que pegam, pelo número da escola, digamos que seja assim 15% somente para pra pegar alguma coisa, então, gente, acredita-se que ele deve ter comido alguma coisa em casa, então, a gente acha que aqui não...na nossa realidade eu acho que não é, e depois também é fornecido a merenda, aí no horário da merenda, é comida, eles comem bem porque a comida é gostosa, bem feitinha, mas assim, não percebo isso, essa desnutrição digamos assim que a criança aqui na escola, na nossa realidade não.
Entrevistadora	Entendi, embora os pais em alguns casos, né, sejam até analfabetos, né, como você disse, eles têm...
Entrevistada	Tem, essa preocupação com alimentação, deve fornecer alguma coisa em casa.
Entrevistadora	Certo, e você acredita que assim talvez...talvez sim, talvez não, né, mas na maioria dos casos esses pais tem algum conhecimento do que seja o IDEB?
Entrevistada	Olha, a gente tem aqueles pais que são mais participativos, com a mente um pouquinho mais aberta, mas esses pais realmente eles não tem noção.
Entrevistadora	Não sabem nem o que que é, né?
	Não, não sabem, não sabem e não tem interesse de saber e até mesmo para conversar com eles as vezes fica complicado, a respeito do filho dele.
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	Mas a gente sempre tá falando mesmo que a gente saiba alguma coisinha fica, então a gente mostra, olha teve a reunião de pais lá, nós mostramos o nosso índice, aonde a gente pretende chegar e o que precisa melhorar, o que eles podem fazer para ajudar e ter melhorado.
Entrevistadora	Certo, mas você acredita que eles procuram a escola por qual motivo, essa escola quando eles vão fazer uma matrícula do seu filho? Por conta da localização?
Entrevistada	No caso você tá perguntando qual tipo de pai que procura...? No geral?
Entrevistadora	É...ah, eu vou colocar meu filho nessa escola porque é mais próxima da minha casa...
Entrevistada	Municipal, escola municipal, as vezes vem gente de outros bairros porque a escola municipal ela é vista, né, pelos pais que ela é melhor do que a estadual, é pela organização que existe, a gente aqui tá mais próximo, né, da Secretaria da Educação, então, eles, qualquer escola municipal, ela é mais procurada do que escola estadual.
Entrevistadora	Certo, é...você ainda enxerga algum fator fora da escola que impacta nos resultados, nos índices, algum fator da própria vida desse aluno,

	é...talvez o hábito de leitura dos pais, né, você já mesmo já falou que uma boa parte, né, não sabe nem ler, nem escrever...?
Entrevistada	Não, não é uma boa parte não tá, são poucos, a maioria são bem esclarecidos, tá, os nossos pais aqui, existe aquela parcela que eu falei que vem que as vezes não consegue vaga em outro lugar, então, mandou pra cá, tem alguns também próximos aqui, mas é só, poucos casos pontuais, a maioria são bem esclarecidos, então eles têm assim, é...o acompanhar a tarefa em casa que a gente cobra, é...o hábito da leitura, nós temos a prefeitura da sala de leitura que empresta livrinhos, então, ela direciona que o aluno depois vai contar a historinha que leu, né, para...para os outros coleguinhas, então, na forma de forçar também a leitura em casa.
Entrevistadora	E em termos de participação nas reuniões, os pais são atuantes...?
Entrevistada	São, são atuantes sim, eles...começando devagarinho, né, tá crescendo e agora eles são bem participativos, bem atuantes.
Entrevistadora	Certo, é...quando os fatores intra e extraescolares são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
Entrevistada	É...quando os fatores intraescolares são negativos...extraescolares, olha o que a gente faz é o seguinte, faz alguns encaminhamentos porque se o pai não manda o filho para escola, porque que não tá mandando? Então, a gente manda uma carta registrada, a gente vai no endereço, as vezes não consegue localizar e encaminha para o conselho tutelar, aquilo que a escola não dá conta ela encaminha para o conselho tutelar.
Entrevistadora	Entendi, geralmente vocês conseguem resolver esses problemas?
Entrevistada	Consegue, consegue, consegue porque aí eles já ficam com medo, né, é chamado no conselho, aí é chamada à responsabilidade, né, agora, infelizmente a gente não consegue 100%, eu tenho caso aqui do aluno não compareceu nenhum dia esse ano, já foi feito todos encaminhamentos, então é um aluno que vai constar como evadido, mas eu fui na residência, já não tá morando mais lá, foi encaminhado, mas aonde está essa criança? Então foge também da nossa governabilidade, até onde a escola consegue ir.
Entrevistadora	E as vezes nem o conselho tutelar encontra essa criança, né?
Entrevistada	É, então fica difícil, onde está essa criança, tá sem estudar? Tá estudando em alguma escola?
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	A gente não sabe.
Entrevistadora	Fica assim, porque é uma criança, né? De 1ª a 4ª série...
Entrevistada	É uma criança, estaria frequentando o 5º ano e não compareceu nenhum dia, fui na residência, levei, a gente tem tudo registrado, tudo documentado, a gente documenta tudo, então, ah, por exemplo, mudou, eu acho que foi para o estado do Rio, mas eu acho, então, a gente fez todos os encaminhamentos.
Entrevistadora	Entendi, complicado, né?
Entrevistada	O tempo que os professores passam com os alunos impacta diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistadora	É...impacta sim, porque quanto mais tempo o professor passar com o aluno, mais tempo de aprendizagem esse aluno vai ter, então, certamente vai impactar.

Entrevistadora	Certo, você acredita que esse índice tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Eu acredito que sim a partir do momento que a gente mostra para os pais esse resultado do IDEB, a responsabilidade que eles têm também que a escola sozinha não dá conta, a valorização da escola que eles também têm que ter, né, é bom, meu filho tá lá naquela escola, está aprendendo, eu vou acompanhar, eu vou participar, então, a partir do momento que tem a participação de pais também, nós tivemos caso aqui de aluno que era bem desinteressado, a partir do momento que o pai começou a participar da escola, a frequentar mais a escola, ele melhorou e conforme você fez sua pergunta, então, vai impactar onde? Nos nossos resultados.
Entrevistadora	Diretamente, né?
Entrevistada	É, nos nossos resultados.
Entrevistadora	Entendi, a participação da família é fundamental.
Entrevistada	O que eu percebo mais, a escola sozinha não dá conta, ela tem que ter a parceria da família, quando existe essa parceria caminha e infelizmente em alguns casos a gente não consegue.
Entrevistadora	E vocês acabam fazendo o papel da família, né?
Entrevistada	Uhum, é porque a criança está aqui, a gente tem que fazer o melhor pra ela, se não tem ninguém que faça, se o pai lá pra ele tá bom, simplesmente a criança saber ler, escrever e assinar o nome já tá bom, porque ele não sabe nem escrever o nome dele, ele tem que procurar o melhor para o filho dele, o bom é que não são todos, nós fizemos uma pesquisa, né, com a comunidade e a maioria ela almeja o ensino superior para o filho, então, esses são casos pontuais, mas que a gente quer atingir a 100%, a gente não quer, não fica feliz com pouco, entendeu, se tem aquele aluninho, e é o que mais preocupa porque você pensa, nossa ele não tem ninguém por ele, que a família não tá investindo nele.
Entrevistadora	Entendi, mas existe uma perspectiva de crescimento, né, tanto da parte desses pais quanto das próprias crianças, então, na maioria dos casos?
Entrevistada	É, a maioria dos casos aqui a gente notou que quando a gente fez a primeira pesquisa em 2012 pra montar o projeto político pedagógico, almejava o ensino médio, a gente percebeu, agora não, já teve, almeja o ensino superior para o filho, então quer dizer, eles estão querendo, tão buscando, sabe que para melhorar, né, a qualidade de vida, do futuro, tendo estudo facilita muito mais.
Entrevistadora	Ah sim, com certeza.
Entrevistada	É...você associa o IDEB às políticas públicas? Por quê? Como?
Entrevistadora	Olha, eu associo da seguinte forma, a partir do momento que eles pesquisam, verificam o que está precisando, pra atender né, a necessidade, então, tá melhorando, eu estou vendo ali pra atender o que precisa e tudo o que é oferecido, mais educação, também, é que a gente não tem um espaço aqui ainda, mas muitas escolas entraram no mais educação, que a criança pode fazer curso no período contrário ao de aula, então as políticas públicas estão acontecendo, né?
Entrevistadora	Professora, é...eu queria agradecer a você e saber também se você quer complementar com alguma coisa, alguma informação que eu acabei

	não, alguma pergunta que eu não fiz, alguma coisa que você queria colocar.
Entrevistada	Agradeço você por ter vindo, né, de ter aceitado o horário que a gente tinha disponível, né, mas eu acho que o que você perguntou aí, não sei, dentro do que você precisa, né, também fique a vontade se quiser fazer alguma outra pergunta que não esteja no roteiro, pode ficar a vontade.
Entrevistadora	Em termos de...da importância da minha pesquisa, é...pra escola, pra sua escola, né, você acha que vai contribuir de alguma forma?
Entrevistada	É...eu acho que tudo que vem pra escola contribui porque a partir do momento que você veio, eu fui olhar o meu IDEB com outro olhar, porque aí você já olha, nossa, aí eu já fui ver 2021, a gente tá quase pertinho ali, vamos bater antes essa meta, então tudo é pra refletir, a gente faz uma reflexão, tudo que você faz, ah, vou refletir, então, geralmente é pra melhorar.
Entrevistadora	Então tá certo, professora, muito obrigada.
Entrevistada	Obrigada você.

Professora Escola 44

Entrevistadora	Professora, bom dia!
Entrevistada	Bom dia!
Entrevistadora	É...primeiramente muito obrigada pela sua participação e em relação, eu estou desenvolvendo um trabalho, né, em relação à minha dissertação de mestrado, sobre os fatores que impactam nos resultados do IDEB e, conseqüentemente na atuação de vocês como educadores. É...qual que é a sua profissão, formação?
Entrevistada	Eu sou professor P1, quer dizer anos iniciais, é ensino fundamental, educação infantil e eu tenho formação em literatura infanto-juvenil, né, não completada, mas também tenho pós-graduação em psicopedagogia.
Entrevistadora	Certo.
Entrevistada	Além do magistério, além da pedagogia.
Entrevistadora	Sua idade?
Entrevistada	Estou com 49 anos.
Entrevistadora	É...seu tempo na instituição, na prefeitura e aqui nessa escola?
Entrevistada	Na prefeitura 30 anos, nessa escola 3 anos, 3,4 anos.
Entrevistadora	Certo, e a sua área de atuação atualmente...?
Entrevistada	É a sala de leitura, ou seja, eu atendo todos os alunos em projetos de leitura da escola.
Entrevistadora	De 1ª a 4ª série..?
Entrevistada	De 1ª a 5º ano.
Entrevistadora	É...o que que você entende por políticas públicas? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	As políticas públicas elas têm por objetivo desenvolver ações e programas que auxiliem na cidadania, que elas procurem auxiliar resolvendo questões culturais ou até mesmo temáticas dentro do que a gente considera do âmbito de cidadania, eu acredito que são muito importantes, deveriam ser muito mais assim conhecidas, porque muitas vezes as pessoas conhecem os programas como coisas fragmentadas e não como uma ação conjunta da sociedade.

Entrevistadora	E ainda mais em termos de educação, né?
Entrevistada	Isso mesmo.
Entrevistadora	Já perguntei, né, mas qual que é o seu tempo de atuação nessa escola?
Entrevistada	2014, então, 2014...3 anos.
Entrevistadora	3 anos.É...o que você sabe sobre o IDEB? O índice de desenvolvimento da educação básica? O que que ele indica? Como podemos entendê-lo? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	Ele é importante porque ele dá, ele é um indicador oficial, então na primeira parte ele te dá o parâmetro de como a escola está diante das outras, então, isso é importante, porque você começa observar o que muitas vezes não é observado no dia a dia, né, as questões, ah, porque que de repente uma escola que nós conhecemos que seja muito próxima da nossa realidade está as vezes com um índice maior ou menor, então isso também é importante, ah, pra nós essa avaliação ela é parâmetro, né, na nossa escola nós fazemos, nós temos o projeto pedagógico, então todas as ações não só dos professores como de todos os profissionais dentro da escola eles são determinantes em metas, em planejamentos, em ações, em projetos, então ele é importante por isso porque ele determina, ele dá parâmetros pra esse trabalho pedagógico, esses objetivos, essas metas que a escola vai se propor até porque ela pretende e quer, né, alcançar um índice, melhorar, quem não quer, todo profissional ele entra pra fazer o melhor, não o pior, né, então é isso que a escola quer, quer fazer o melhor, nós enquanto escola, né, nós todos profissionais, então o índice ele vem pra ajudar, ele deveria ser estruturado, porque algumas questões dele que precisam ser revistas, que toda avaliação é isso, né, nenhuma avaliação ela é fidedigna no sentido de conseguir abranger todos os elementos que ela deveria abranger, o IDEB ele tem infelizmente algumas coisas pra serem revistas urgentemente, uma outra coisa assim, nossa escola ela aumentou o índice...
Entrevistadora	Sim, quase 1 ponto.
Entrevistada	Só a mais, esse índice foi muito menor do que a gente sabe que realmente aconteceu, então a evasão escolar, teve um aluno, quer dizer, um aluno derruba duas, três salas.
Entrevistadora	Impacta diretamente na nota final, né?
Entrevistada	Isso, então, é...isso não é justo, porque a questão da...considerada todas as questões de você ir atrás porque o aluno, ah, ele se mudou, então a gente ta falando daí dessa questão dessa imigração, ele não deixou de frequentar a escola, mas ele deixou de contar aqui, então não se tem como oficialmente registrar isso, né, não tem como se colocar, por exemplo, uma criança, uma criança que ela tem uma dificuldade de aprendizagem, então, o sistema, não existe no Brasil ainda, em nenhuma escola, melhor, uma escola ou mais, em nenhum lugar, né, no Brasil uma rede de proteção para a escola acessar, o que que a gente entende como uma rede de proteção, né? Esse aluno tem problemas de dificuldades de aprendizagem, ele precisa de um fono, não é condição da escola, não é a competência da escola, mas atinge diretamente no nosso índice porque ele vai apresentar outras coisas, então não, muitos não podem ser justificados porque não existem laudos, mas nós

	sabemos que existem as dificuldades, então, como tratar igual o que é diferente? Então, no índice nós aumentamos o nosso índice, e aí quando a gente, nós começamos, quando nós pontuamos e vemos, olha, sim, mas ele não é verdadeiro diante da nossa realidade.
Entrevistadora	Porque falta essa estrutura, né?
Entrevistada	Falta esses elementos que não compõem, né, falta esses elementos que não são avaliados no IDEB.
Entrevistadora	E que a escola não tem condição de resolver, né?
Entrevistada	Não, a condição socioeconômica, você, por exemplo, essa escola é uma escola de transição, então o aluno que entrou hoje e é um aluno 10, ele sai, entrou outro aluno que não foi objeto, objeto de...quero dizer, ele não foi o nosso agente trabalhado, ele vem de outra escola, ele vai entrar na avaliação, só que o que saiu de 10 daqui que é resultado do trabalho daqui vai pontuar lá na outra escola e não aqui porque aqui é uma escola de transição, então a escola vai ser sempre prejudicada por sua localização, vai ser sempre prejudicada pela...por esta tramitação de aluno, ah ele está aqui hoje, amanhã, este ano, por exemplo, na primeira série com a professora [determinada professora], ela fez um trabalho maravilhoso, cinco alunos dela, não foram cinco, posso confirmar assim, certeza foram três, três alunos alfabetizados, os três saíram, entraram três que não estavam alfabetizados, como que pontua no final do ano?
Entrevistadora	E na hora de fazer a prova quem vai fazer a prova são esses alunos...
Entrevistada	Que não fizeram parte do trabalho.
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	Então, isso tudo são questões a serem avaliadas porque aonde esse aluno estudou, qual foi o trabalho que ele foi, se é uma escola, então a localização ela influi diretamente no índice.
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Porque se ela está aqui hoje, ela foi batizada, ela vai fazer ponto na outra escola.
Entrevistadora	É, e que acaba mascarando o resultado, né?
Entrevistada	Mascara o resultado e sem contar que um aluno 10, ele precisa, todos são, 1 aluno com 3, ele quebra uns 5, 7, 8 que são medianos e para ter um igual a ele, precisa ter mais número de 10, então, todas essas questões avaliativas precisam ser estruturadas no IDEB e não acontece isso.
Entrevistadora	É complicado, né?
Entrevistada	Então assim, quando você falou assim, essa avaliação é positiva? Sim, porque ela aponta, né, ela dá esses parâmetros, mas como toda avaliação precisa ser repensada.
Entrevistadora	Sim, você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Sim, a nossa escola ela era 5 ponto...era 5 e agora tá em 6, nós aumentamos quase 10.
Entrevistadora	Foi quase 1 ponto, né?
Entrevistada	Quase 1 ponto, né, então é mais ou menos, pra nós é muito, porque a nossa escola vem de uma história, né, nós somos uma escola que antes era uma escola estadual, então e aí muitas questões do estadual, ah mas por quê? Por que elas passaram ser realmente muitos mais reais, os

	alunos, algumas, alguns indicadores eles passaram a ser mais reais, nossos alunos, como eu disse, os alunos de dificuldade eles são de dificuldade mas eles não podem ser apontados porquê não tem laudo que é uma característica da rede municipal, eles não podem ser colocados como alunos de dificuldade se não existem laudos e nós sabemos que muitos profissionais não dão laudo.
Entrevistadora	Certo.
Entrevistada	Então assim, muitos profissionais não dão laudo, hoje e é uma questão ética, né, até de quase todos os profissionais, que hoje em dia muitos profissionais como fono, psicólogos, eles não dão laudo, eles levam muitos anos para darem os laudos até porque eles podem ser responsabilizados por estes, então, esses profissionais a maioria deles tá optando porque, por colocar é...suposições e suposições não são laudos.
Entrevistadora	E pra vocês não adianta nada.
Entrevistada	Não, porque aí oficialmente não existem laudos, isso quando eles conseguem acompanhamento, então, tem muitos, isso que nós falamos da rede de proteção que não existe, não existe uma rede de proteção, um aluno que tem uma dificuldade de interação, então a escola sente isso muito de perto, mas não tem a quem recorrer porque não existe essa rede de proteção em volta dele, você vai encaminhá-lo pra um serviço de SUS e aí nesse SUS o fono vai levar de 2 a 3 a 5 anos, são 5 anos de uma vida de ensino dentro da escola em que é o período maior de aprendizagem dele, então, uma criança que entra na primeira série e ele tem uma dificuldade e ele não consegue ser encaminhado com urgência, isso vai refletir diretamente na aprendizagem dele porque ele vai, se ele não consegue falar, se ele não consegue ter isso sendo acompanhado, como que ele vai conseguir resolver? E isso cai no IDEB, então tá no IDEB, não consegue colocar essas questões, não existe e sem contar outra coisa que é muito séria e isso para mim é uma das questões muito sérias hoje, nós damos o atestado de inabilidade da escola porque muitas vezes quando a criança ela não consegue dar conta, nós vamos fazer o que? Nós vamos fazer o que a lei permite, isso é permitido e é o que é possível ser feito, a criança ela sai nos últimos anos com um currículo adaptado, é...de uma maneira geral parece até alguma coisa positiva, mas não é, então é um atestado de mobilidade da escola, da escola e da sociedade porque não foi só a escola na verdade, a escola não vai dar conta de questões que não são dela, né?
Entrevistadora	E é uma realidade aqui dessa escola?
Entrevistada	Não, não necessariamente, não necessariamente, nessa escola não, a gente, nós temos vários casos de...de alunos que são alunos com flexibilidade curricular, mas nós temos muitos alunos que não têm esses laudos.
Entrevistadora	Entendi, certo.
Entrevistada	Muitos, tanto que eu disse para você, é...acaba o nosso índice, podia ser maior, né, nós temos aí, conseguimos 6,4, era 5,2...5,5, né, aí o 5,5 a gente foi pra 6,4, sinto muito, é mais, muito mais, né, porque nós contamos aí com...com, é profissionais indo na casa e não são alunos

	que não tiveram esse...esse direcionamento, que a gente tem esse trabalho na escola, né, da OE da escola de ir...esses dias mesmo, a [diretora da Escola 44] falou, ah, saiu daqui, saiu do serviço, ela, a [outra funcionária],é...saindo fora do horário de trabalho para ir na casa de aluno saber o que aconteceu, porque que não fez matrícula, porque que não foi no médico, porque...vai no postinho conseguir consulta, quer dizer são atribuições que não são nossas.
Entrevistadora	Não são da escola.
Entrevistada	Não é da escola, você concorda comigo que não é da escola, mas que é feito porque, pra poder conseguir o máximo possível, né, de que as coisas realmente consigam acontecer, então assim, na nossa escola existem muitos alunos com casos de...falta de laudo, e alunos que precisam...e esses alunos seja aí, 7, 8, 9, 10, esses 10, eles realmente...o índice vai cair.
Entrevistadora	Por conta desses alunos, né?
Entrevistada	Por conta desses alunos, então todo um trabalho da escola inteirinho, eu não tô dizendo que a culpa é do aluno, não é culpa do aluno porque ele não tem essa culpa.
Entrevistadora	O que falta é estrutura pra poder resolver isso, né?
Entrevistada	É, que é uma estrutura no outro âmbito, que não é o âmbito escolar, né que essa rede...
Entrevistadora	Familiar...
Entrevistada	Familiar que é, mais do que isso, é no âmbito público mesmo, né, a família muitas vezes até quer procurar, mas ela chega no SUS ela não consegue um atendimento de psicólogo, ela não consegue atendimento no forno, de um terapeuta, de um fisio, né, então tudo isso é complicado.
Entrevistadora	É...você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Conheço, porque todos os anos é feito com todos os professores o projeto político pedagógico da escola.
Entrevistadora	Certo.
Entrevistada	Então aí existe essa...esse trabalho de acompanhamento de toda a escola, os pais todos são chamados, né, eu participo do conselho da escola, todas as questões de aprendizagem...também de aprendizagem, todo o projeto político pedagógico, o IDEB ele determina metas na escola, então essas metas elas vão para o projeto pedagógico da escola, e elas vão ter que, aí eles abrangem todo mundo desde os pais, o conselho escolar, os professores, até na cozinha isso chega porque é um trabalho feito com a escola inteira porque nós acreditamos que a escola não dá pra, não é só a sala de aula que ensina, tudo ensina, todos os projetos da escola precisam se voltar para as metas e porque se não, ela não vai acontecer, né, então sim toda escola conhece e nós acompanhamos, as vezes a gente não guarda assim se é 5,5, 5,2, mas nós sabemos que nós aumentamos, né, aumentou, não diminuiu, quando nós recebemos antes dos 5,5, tinha sido menor, tínhamos abaixado no IDEB, né, para a gente foi assim, na verdade uma constatação, como nós estávamos vindo aí, nós tínhamos resultado verdadeiro do trabalho que foi feito com...enquanto escola estadual,

	então, aí realmente ela...ela refletiu não no nosso.
Entrevistadora	Mas o que vinha vindo antes.
Entrevistada	Mas o que já vinha vindo antes, apesar de já ter passado mais ou menos acho que quase um ano, né, mas em um ano você não faz modificações significativas.
Entrevistadora	É, mas vocês fizeram de 2013 para 2015, né, e de alguma forma vocês já começaram a dar um salto um.
Entrevistada	Que já vinha vindo, um salto qualitativo, né?
Entrevistadora	E o que que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse, né, no caso de vocês e o que que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais a sua nota?
Entrevistada	Então, como eu disse nós tivemos o projeto político pedagógico da escola, um projeto político pedagógico da escola não é trazido só a...mostrar só os índices do IDEB, mas nós trazemos também toda a realidade que cada professor tem, que a escola se vê como um todo, então, foi feito questionário na época com os pais, os elementos que o IDEB não nos deu, nós fomos buscar, então de conhecer a realidade da escola, de conhecer as necessidades, de conhecer melhor este aluno e aí nós tivemos assim também neste período alguns professores que eram muito efetivos aqui, eles eram notados aqui, isso também contribui, é uma das coisas depois até eu quero colocar um pouquinho a mais sobre isso, né, e isso com certeza contribui, então, assim eu tenho um trabalho durante um ano, você conhece aquele aluno, mas existe todo um trabalho de troca entre os professores sobre a aprendizagem daquele aluno, não só aprendizagem que nós estamos falando aqui, não só a pedagógica como até educacional no sentido geral, né, em termos de estabelecimento de normas, como que, como que ele aprende, né, que são suas condições específicas, cada um tem sua condição de aprendizagem, né, e aí isso foi feito, então, depois disso foi feito por cada área um plano de ação, então cada área, por exemplo, eu sou sala de leitura, então, qual que era a meta que mais é...dentro do que eu trabalho eu precisaria tá trabalhando, claro, leitura, né mas leitura do quê...? Quais são...no quê no índice do IDEB também mostrava as provas das avaliações precisavam ser muito mais aprimoradas, muito mais focadas, então, aí eu comecei, fiz um plano de ação para trabalhar essas questões específicas na sala, então, de uma forma diferente, então o aluno via isso com o professor na sala e depois ele ia ver comigo de uma forma diferente ou de uma forma mais lúdica, né, no outro ambiente, então, a escola para cada segmento da escola, para cada professor, para cada atividade que a gente tem na escola, foi feito um plano de ação com objetivos específicos, olha nós precisamos pensar nisso, né, dentro...o que que é esse indicador? O que esse indicador pede? O que que nós precisamos fazer para esse indicador? E esse é um trabalho contínuo, né, este ano foi feito no começo do ano, agora no final do ano nós temos as reuniões de RPA que são as reuniões administrativas pedagógicas, né, que acontece 3 vezes no ano em que se faz essa parada para veros resultados, para ver o que precisa ser refeito, como que nós vamos planejar isso para o ano que vem, então assim, são três reuniões e é o grupo todo, não é só de professor, é o

	grupo todo, todos os profissionais da escola, todos os funcionários.
Entrevistadora	Todo mundo engajado, né?
Entrevistada	Todo mundo engajado, então aí e até porque e também os pais são chamados para poder participarem disso, existem além das RPA's também as reuniões de conselho que são as reuniões, é...tem as reuniões particulares do grupo de conselho e as reuniões que são chamados todos os pais para mostrar como é que tá indo o progresso das metas em si, além do conselho de sala que também tem o conselho que os professores falam daí de toda a escola, a escola como um todo, como é que tá indo o desenvolvimento das crianças na escola como um todo, da sala e aí específico de cada aluno e que cada pai precisaria estar ajudando, então muitas vezes é dado o auxílio, ó pai então vamos incentivar mais, vamos...ele tá precisando, ele tá ficando mais focado nas suas tarefas, então, é feito uma avaliação, isso também eu acredito que ajuda muito porque o pai ele não pode dizer, olha eu não tava sabendo disso, eu não tô participando disso, né?
Entrevistadora	Ele tá sabendo, né?
Entrevistada	Ele tem a oportunidade de participar, né, o que infelizmente a gente percebe e isso não é uma coisa só dessa escola, aliás essa escola eu acho que tem o número de participação muito maior dos pais até porque são...é uma escola só de anos iniciais, né, então a gente percebe que assim a estrutura ela acaba sendo muito melhor, né, eu já trabalhei em escolas que não tem 30 anos, eu já trabalhei em outras escolas e quando eu chega do quinto ano em diante a frequência dos pais na escola é mínima.
Entrevistadora	É que o pai, eu acho que talvez tenha uma imagem assim, ah, meu filho já tá maior, então ele se vira, né?
Entrevistada	Se vira...
Entrevistadora	E não é bem assim, né?
Entrevistada	Não, ele é menor ainda, né, então assim, nas outras escolas a gente observa isso.
Entrevistadora	Sim, até o ensino médio, né, o pai e a mãe deveriam acompanhar e parece que ele entende que o filho já é um adulto, né?
Entrevistada	Tem que dar conta de si mesmo, né?
Entrevistadora	Então...nem depois de adulto nós damos conta né, imagina uma criança da quinta série...
Entrevistada	E no momento muito frágil, né do quinto até o nono ano é um momento muito frágil, né da vida dele.
Entrevistadora	Que tá descobrindo muita coisa, né?
Entrevistada	Ele tá tendo assim uma interação com o mundo de uma forma diferente, então, aqui na escola nós temos assim graças a Deus porque é primeiro ao quinto ano, então eu sempre digo para as meninas, nossa gente...ah, porque faltou...faltou, sim, mas se você for contar a maioria nós temos presente, né? E isso é muito bom, isso contribui também.
Entrevistadora	Não, com certeza, qual que é importância do IDEB para escola, para sua escola e para as outras escolas de modo geral, na sua opinião?
Entrevistada	Então, foi o que eu disse ele serve de parâmetro, né, ele é um parâmetro e para as escolas ele determina essas metas, são indicadores, não são todos, mas são indicadores e importantes porque se é oficial,

	você pára para pensar, né, ah, pera aí, é oficial, então vamos ver o que que esse indicador tá dizendo...
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Então ele tem essa importância de ser assim, é...ser um indicador que auxilia diretamente, ele interfere diretamente nas metas que escola tem, né, as metas que ela determina para um projeto pedagógico normalmente é para quatro anos, mas nós o revemos todos os anos.
Entrevistadora	É, isso é muito importante.
Entrevistada	Né, então, o projeto pedagógico político pedagógico da escola ele vai contemplar esses indicadores do IDEB, até porque também tem até outras questões, a verba não é nem tanto as questões pra gente, né, a questão principal é isso, é a questão do índice de aprendizagem porque nos assusta quando você, ah, caiu, gente, mas caiu? Caiu porque? O que que...então é, porque na verdade acaba sendo uma avaliação do trabalho da gente também, né?
Entrevistadora	Sim, com certeza.
Entrevistada	E isso é importante.
Entrevistadora	E reflete na escola, né?
Entrevistada	Com certeza.
Entrevistadora	Como que o IDEB impacta na sua atuação como educadora?
Entrevistada	Ele impacta pelos projetos que são determinados por conta das metas, então, como nós estávamos falando, é...quando existe o indicador se estabelece as metas e cada profissional dessa escola ele precisa traçar um plano de ação e dar conta disso, então é um plano de ação que prevê avaliações.
Entrevistadora	É como se fosse um laudo, né, que vocês têm que atingir e são pequenas ações que vão levar vocês a isso, né?
Entrevistada	Isso mesmo.
Entrevistadora	De acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
Entrevistada	Então, isso é polêmico, como eu disse para você, eu já tenho experiência de trabalhar em outras escolas e aqui o que foi o fator que auxiliou muito para que a gente conseguisse ampliar os índices? Além do planejamento, além das ações, além de toda essa questão, é de um corpo docente fixo, então nós tivemos uma boa parte do grupo, boa parte que se manteve, isso é um fator positivo porque é percebido quando existe muito rodízio do professor, né, e aqui nós temos muitos professores, é...muita, a maioria dos professores aqui tem carro, vamos ser assim sinceros porque pela localização da escola só mantém aqui os professores que têm carro porque o ônibus não para, tem que subir, então, se você for pensar...
Entrevistadora	Os outros acabam indo embora, né?
Entrevistada	Indo embora, então assim a localização da escola ela é um fator que dá diferença, né?
Entrevistadora	Que impacta negativamente, né, nos resultados...
Entrevistada	Então, nós só não tivemos melhores resultados por isso, porque o corpo todo docente da escola, não só o docente, por exemplo, o estagiário, o estagiário ele não, muitas vezes ele não vem para cá por quê? Era

	<p>muito interessante isso, né? A gente observa isso durante os anos, ele pode escolher o lugar, que eu acho errado, desculpa, mas eu acho errado, se você está como estagiário, tá ganhando para isso, você tá ganhando passe para isso, ele tem mais perninha, tá mais jovem, a gente acredita, né, ele deveria ser indicado na região dele, né, então, mas aqui não, aqui a maioria não gosta porque...? Porque tem que subir o morro, porque o ônibus não passa na porta, então quer dizer, não é só o professor, né, então, ah, um estagiário ou às vezes um outro funcionário da escola, então, esses outros funcionários que são, né, como diz assim, respaldo na escola porque todos são importantes faz diferença, é preciso um estagiário muitas vezes para acompanhar um aluno que...que... seja uma dificuldade, uma coisa, normalmente a política se ter um estagiário, mas ele não quer vir para cá, ou seja, ele não vem, não tem o estagiário, sobrecarrega o professor no atendimento que poderia ser diferente, então, a localização interfere diretamente nisso, então, então, isso é um intra mesmo, né, o primeiro intra seria os professores, os professores, os funcionários não serem fixos na escola até porque tem aquela questão do conhecimento, então você faz a formação num ano daquele profissional, no outro ano ele já não tá mais, aí você começa do zero.</p>
Entrevistadora	É um fator que leva o outro, né, assim talvez a rotatividade por conta da localização, né?
Entrevistada	É e aí assim é...são dois fatores que são...e não são considerados no IDEB, né?
Entrevistadora	Não.
Entrevistada	Então, outra coisa, né, qual que é um outro intra? A questão... a questão cultural das crianças apesar de parecer um extra, um extra escola porque vai acabar entrando, você vai falar do extra, né, do extracurricular, ele...extraescolar, ele assim dentro da escola, essa localização, né, essa localização ela vai atender uma x clientela, então você não pode comparar com [Escola 1].
Entrevistadora	Sim, que tá lá no primeiro lugar do IDEB.
Entrevistada	Por quê? Porque, por exemplo, a gente tá falando de um intra, um extra, as duas coisas se misturam por que dentro da escola ele tá aqui dentro, então você vai pegar o que ele tem, um aluno do [Escola 1], ele tá numa escola do [Escola 1] porque essa escola ela tem, a rede municipal tem uma, tem uma cultura de ser uma das melhores, né, é considerada melhor, tanto que existe aquele negócio, ninguém quer ir para o estado, ainda existe essa cultura, o que que é você vai falar do extra, né, o que que é a clientela do [Escola 1]? São de crianças que têm tablet, são crianças...mas não é esse tablet nosso que tem...é acesso, a gente tá falando de acesso, o acesso à internet, acesso a...ali não precisa, o próprio lugar te dá uma outra convivência, um outro acesso a informações, diferentes das crianças nossas aqui.
Entrevistadora	E acaba que a gente entra né, na questão né, que...quais são os fatores, né, extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por consequência no desenvolvimento da educação, né...?
Entrevistada	Então...
Entrevistadora	É outra realidade, né?

Entrevistada	É outra realidade, são socioeconômicos e culturais, né, e aqui o que é muito engraçado, nós fizemos uma pesquisa sociocultural, nós começamos a rir, que tinha, nós colocamos, né, se tem, o que que tem em casa, fizemos assim uma enquete e tal, baseado em questionário, uma pesquisa interna para saber que clientela é essa que nós temos, é cultural, a maioria daqui só, quais são os passeios dessas crianças? Igreja e igreja, então, eles não têm é quando nós fazemos algum passeio aqui eu me assustei quando eu fui pro parque da cidade, meus alunos ficaram maravilhados em ver, não é um passeio de custo caro, é?
Entrevistadora	Não, é gratuito, né?
Entrevistada	O acesso que é difícil porque tem que pegar ônibus, então, uma família inteira pegar ônibus, então assim você imagina que aí realmente não sai barato, não sai de graça, mas aí a gente começa a imaginar assim, sim, mas e uma família que tem carro? Então, não existe a cultura, é...de ir num parque, não existe a cultura de ir num teatro, não existe a cultura desse tipo de diversão, diversão sim os mais, os melhorzinhos, a cultura é shopping.
Entrevistadora	Mas é isso porque você acha que eles não têm condições financeiras para tá indo nos parques, em museus, né, teatro, cinema ou porque é...os pais têm essa cultura de que não é necessário, na realidade dessa escola?
Entrevistada	São as duas coisas nessa escola, nós temos uma boa parte que ela é uma parte muito carente, então, realmente não tem acesso financeiro, não tem acesso, não tem nem condições financeiras para tá acompanhando, mas nós temos a questão cultural também.
Entrevistadora	Entendi.
Entrevistada	Então, assim, a cultura é assistir televisão que é uma das coisas mais incentivadas hoje em dia, né, é assistir TV, no mais ou menos quando lá aparece aqueles shows que são aqueles shows de cantores populares, aí sim ah, eu fui no show, não sei o que, então, são as duas coisas juntas, então, a gente começa a perceber que a metade é...tem uma boa parte que realmente não tem condição financeira, mas que de uma forma geral, o que mais, é o que é mais importante, então assim, o principal qual que é o lazer deles? Ou é ir para a igreja ou é ir para casa de parente, isso é um indicador muito sério, de pensar na questão cultural, né, então, essa criança ela não vai ter acessos culturais, ela não vai ter outras linguagens para ela comparar, ela não vai ter forma, então aí tudo chega aqui na escola, outro dia eu conto muitas histórias para os nossos alunos e aí nós trabalhamos bastante...na sala de leitura, isso é muito observado um dia desses nós estávamos conversando sobre...ah, o abacaxi, nós temos aqui na escola um projeto que é o Ler e Comer, então, nós trabalhamos essa...a sustentabilidade, vários conteúdos abordados na sala de aula são abordados na sala de leitura de uma forma diferente, então, assim, com pesquisa de campo e pesquisa também bibliográfica e aí nós temos o Ler e Comer que é um projeto de horta que é feito junto com a dona [funcionária] da cozinha, eu fiquei assim é...absurdada quando eu vi, conversando com as crianças, nós temos os nossos canteiros e do lado nós temos várias plantas,

	<p>árvores e tal, e eu levo eles para lá, aí eu levei eles para lá e falei assim, a gente aqui não é uma situação rural, mas também nós somos periferia, aí eu levei as crianças para lá, eu falei: - Gente vocês sabem do pé do que é isso? Meia hora depois um levanta, ah, abacaxi! Isso mesmo, é um pé de abacaxi porque reconheceu, né, a coroa e aí aonde nasce o abacaxi? Aonde nasce o fruto do abacaxi? Num tempo de internet onde a informação é uma coisa tão acessível né, parece uma coisa assim que todo mundo tá no mundo da internet, eles me saem de baixo da terra, quando aí nós tiramos as árvores que estavam lá, demorou um ano para esse abacaxi, ele... dá um fruto e foi por causa do sol, isso nós descobrimos junto com as crianças e aí quando apareceu o fruto do abacaxi e eu levei, falei: - Gente nasceu um bebê. Bebê? É, aí quando eu levei para eles verem, a surpresa deles em verem, ah e daí que sai o abacaxi? Não parece uma coisa muito, muito...</p>
Entrevistadora	<p>Óbvio para gente, né, que isso nem o mínimo, né, talvez eles não saibam.</p>
Entrevistada	<p>Sim, aí então nós começamos a ver a questão cultural, né, então tem crianças nossas que vão colocar a mão na terra, treme a mãozinha, porque tem medo de machucar a plantinha, então assim, ah mas são crianças que não são, vamos dizer assim, crianças que...que são, são crianças de periferia sim, mas não são crianças que tão...tão...tão vamos dizer assim, que tem uma dificuldade de aprendizagem, não tem dificuldade de aprendizagem, o que falta é cultura, a cultura de observar, a cultura de ver, de conhecer, né, hoje é essa cultura de massa atinge, essa clientela é uma clientela de massa, então você vê eles trazendo o que tá na TV, então é eu vejo TV de manhã, de tarde e de noite, isso é cultural, isso é lazer, isso é preocupante para escola porque perde o viver, né, e perde o principal da aprendizagem, né, que é você conseguir elaborar outras coisas, então eu acredito que aqui o extra é uma das coisas que tem atrapalhado, que atrapalha bastante aqui é o socioeconômico, mas também o cultural.</p>
Entrevistadora	<p>Entendi, e com relação ao hábito de leitura, né, desses pais desses alunos como que você enxerga essa questão? Você que é uma professora, né de sala de leitura, você acha que esses pais, até entrando já na questão da participação desses pais na vida escolar, a participação nas reuniões, a participação nas tarefas escolares desses filhos, como que você enxerga essa atuação desses pais?</p>
Entrevistada	<p>Então, ela é uma questão, é como eu disse, são questões culturais, né, uma das questões que precisa ser revisto enquanto política pública é a valorização da escola como um lugar de aprendizagem, um lugar gostoso, desde pequenininha até no WhatsApp a gente vê, é assim...ai, eu vou passear, aí fala, ai que bacana, vou pra tal lugar, tem umas coisas de criança, você vai para escola, para escola não mamãe. Desde os quatro anos, a gente vai vendo esse tipo de incentivo.</p>
Entrevistadora	<p>Parece que é um lugar de tortura, né?</p>
Entrevistada	<p>Tortura, então aí você...você pega, encontra esse pensamento, as crianças falam, ai, Jesus, graças a Deus. Eu amava quando falavam para mim que eu tinha aqui para escola, férias era uma tortura, então a escola acaba sendo um lugar onde os alunos só querem vir para</p>

	encontrar os amigos.
Entrevistadora	E não de fato aprender, né?
Entrevistada	E não de fato aprender, então, e não são, não é uma questão de você assim, as vezes fala, ah, é preciso uma tecnologia, nós não podemos esquecer que o maior índice do Brasil não tem acesso a tudo que nós temos e essa é uma pergunta que nós temos feito, não é, não é, não é o recurso necessariamente que basta, não que não seja importante, eu acho que você entendeu o que eu disse.
Entrevistadora	Sim, que até influencia, né, de alguma forma, né, mas que não é tudo, né?
Entrevistada	Não, mas que é preciso que é exatamente essa valorização que a gente tá dizendo, né, então aqui por exemplo, você me perguntou de leitura, nós fizemos isso também, o que que os pais lêem? Os pais não leem jornal aqui, o máximo que se faz é ler revistinhas, aquelas revistinhas de novelinha, sabe aquelas, quando lêem, aqui eu faço um trabalho com os alunos de contarem para mim o que leu e eu falo assim, gente pede para mãe, nós fazemos esse incentivo com os pais todas as reuniões e dizemos assim, seu filho vai ficar no mínimo 30% mais inteligente se você e outra, muito mais amoroso se você der cinco minutos de leitura por ele por semana, se for 10 minutos, meia hora que você der para ele por semana, você vai ajudar seu filho a ser 30% mais inteligente, isso é comprovado, então é...a gente vai dando estímulos, então tem alguns pais que realmente fazem isso, agora pode contar que os alunos que têm dificuldade não são crianças que têm os pais que vão estar presentes.
Entrevistadora	É, aí acaba que a escola é obrigada a fazer o papel deles, né?
Entrevistada	E é isso que eu acho que é um dos compromettimentos da escola hoje, é dar conta do que não é dele, do que é dela.
Entrevistadora	E isso que eu tenho observado, né, em todas as outras escolas, né, que...o quanto a participação dos pais faz a diferença, né?
Entrevistada	Faz, aqui os alunos que nós vemos que têm dificuldade e que todos são chamados, todos, mas os que realmente resolvem, que podem ser diferente e fazem diferente, a gente percebe o avanço do aluno, mas aqueles aí o que você faz com relação àquele que não quer ou aquele que realmente não...não vai fazer? É interessante essa...essa colocação porque também nós temos aí uma política por trás que tem incentivado muito sabe, essa...essa...essa retirada de responsabilidade, essa responsabilização dos pais, né, uma das questões, por exemplo, a questão da tarefa, se você estudar numa escola pública e o meu filho estudou na escola pública e estudou também na escola particular, na escola particular meu filho trazia tarefas de todas as matérias e eu sabia que era o melhor para ele, hoje ele estuda sozinho, ele não precisa que ninguém diga para ele, ele não tem dificuldade de pegar um texto, sentar e ler porque isso foi um hábito que ele adquiriu, ele conseguiu ter independência, autonomia no estudo, a tarefa é autonomia, independência para estudar, isso é formação, isso é necessário para sua vida de estudante, se você não tiver isso logo desde o começo, essa obrigação, eu vou ter que estudar porque eu quero melhorar, no começo ele passa por atividades que...é igual a um jogador de futebol.

Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Você quer ser um jogador de futebol, meu amigo você vai ralar muito, então dá impressão sabe que aquele ídolo tá, eu sempre falo isso com os alunos e aí o que a gente percebe? Que o pai vem na escola reclamar porque tá com tarefa demais, uma tarefa que às vezes é colocada num final de semana, ela... então, uma das questões nossas aqui é a questão desse comprometimento dos pais, ah, eu não tive tempo, a gente já teve bilhetes assim, uma das amigas há uns dois anos atrás, achei muito engraçado, nós rimos muito, né, é rir para não chorar, a mãe dizendo assim, professora, você é paga para ensinar na escola, eu tenho mais o que fazer.
Entrevistadora	Gente, que absurdo.
Entrevistada	Aí você começa a pensar, tá, mas você acha que uma criança dessa vai valorizar o professor?
Entrevistadora	E nem ela própria vai adquirir uma consciência porque uma criança de primeira a quarta série para ela adquirir esta autonomia se não tiver um pai, uma mãe do lado, ela é uma criança, como é que ela vai ter o gosto, criar o gosto pelos estudos, né?
Entrevistada	Ou melhor o hábito, né, porque as vezes a gente tem hábito de coisas que a gente não tem que gostar, mas tem que fazer.
Entrevistadora	Tem que fazer não tem jeito, né?
Entrevistada	Não é? Não é verdade? Tem muita coisa que a gente, isso é um conceito que tem que ser mudado, sabe porque a gente vive assim, a criança tem que fazer porque gosta, não, ela tem que fazer porque precisa, nós fazemos coisas que não é porque a gente gosta, não é porque é gostoso, porque é preciso, eu como verdura porque eu preciso.
Entrevistadora	É uma questão de necessidade, né?
Entrevistada	Porque se tivesse que escolher, você escolhe chocolate, mas você não vai comer chocolate o tempo todo porque você sabe que não faz bem, então assim, hoje esse conceito, sabe, é preciso...alguns conceitos foram culturalmente estabelecidos de uma forma em que...ah, a criança tem que ter prazer, gente o maior prazer é quando você consegue, por exemplo, ah, vamos ter que dar significado pra tudo, isso a gente tem questionado, né, você dá várias continhas, qual o maior prazer? Você conseguir realizar, não é porque...porque aquela continha você tem que se pintar de palhaço, sabe então, as coisas elas tomaram uma outra e Isso dificulta na escola porque quando você precisa pegar o que é escolarizado, o escolarizado ele vai que o aluno, não é porque ele gosta, mas é porque ele precisa.
Entrevistadora	Ainda mais nos dias de hoje, né?
Entrevistada	Então assim, você pode dar uma aula maravilhosa, mas e isso você vê, essa escola conta com lousa interativa, né, nós temos o projeto x mídia que os alunos fazem o jornal e site da escola, então nós vamos trazendo elementos para que ele goste, mas nós vamos perdendo isso, de que existem coisas na vida da gente que precisam ser feitas, né, a minha casa, eu não gosto de varrer a casa, mas você tem que varrer.
Entrevistadora	Não tem jeito, né? Se não ninguém vai fazer por você, né?
Entrevistada	Eu não gosto de tabuada, mas eu tenho que aprender, eu posso aprender

	com jeito gostoso, mas vai chegar uma hora que eu tenho que memorizar, seja por uma brincadeira, seja, ah, mas eu não gosto, não quero, não tem você gostar ou não querer.
Entrevistadora	Você precisa.
Entrevistada	Você precisa, o professor pode usar recursos para poder você aprender brincando, rindo e não sei o quê, mas você vai precisar dele, né, então essas questões são questões...
Entrevistadora	É. Quando os fatores intra e extraescolares são negativos, né, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos? Acho que a gente meio que já falou isso, né?
Entrevistada	É e assim acho que é de uma política de valorização profissional, seja ele qual for dentro da escola, nós falamos aí também da criação de uma rede de proteção dos profissionais e do aluno porque hoje se faz uma leitura muito errada dos direitos do ECA, você vê os direitos do aluno e politicamente não existe ali uma... então, nós vemos os pais perdidos, então tem isso também, então o pai, nós ficamos criando mini tiranos que esquecem que tem deveres, ali no ECA prevê, ah, todo mundo critica o ECA, o ECA é ótimo, só que o ECA prevê ação disciplinar, só que não é politicamente... não é popular falar disso, então, assim, aí hoje nós vemos, o aluno tomando uma responsabilidade sobre si que ele ainda não tem, então a escola é cobrada o tempo todo pelos pais como se o professor fosse mágico e que tivesse que dar conta de todos os problemas que o aluno tem, então assim tudo é o professor, então você pode reparar, existe uma política para isso atrás, então, precisa existir uma mudança de política pública.
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	E uma outra coisa também que eu tinha colocado que eu acho que é importante e a gente vê isso, eu vejo isso aqui e eu vejo isso em todas as escolas, é a revisão da lei de inclusão, isso é um crime que se faz com as crianças brasileiras, não existe inclusão, isso é falso porque a inclusão ela acontece no papel e uma inclusão física, não existe, por exemplo, eu vou dar o exemplo nosso, aqui de um aluno nosso, nós temos um aluno que é autista, ele é acompanhado por um professor especializado uma vez por semana.
Entrevistadora	Certo.
Entrevistada	E ele é acompanhado com professor da sala de aula e acompanhado por um estagiário diariamente, este aluno quando chega às 15h00 da tarde, esse aluno grita pela escola porque ele é um autista e quem conhece a condição de um autista sabe que o barulho pra ele é como se fossem explosões na cabeça dele, agora como você coloca um garoto incluso dessa forma dentro de uma sala de aula com 30 alunos falando? Porque nós estamos aí considerando que a sala de aula não é mais aquela sala de aula em que todo mundo fica com a boca fechada e que não existe troca e que você vai fazer todas as atividades, então aí nós estamos falando de um outro tipo de pedagogia, num recreio como você permite que...que você, é...o silêncio absoluto, existe a inclusão? Não, esse aluno não pode ser mandado embora mais cedo, esse aluno não tem um atendimento específico para ele todos os dias, o estagiário, o professor na sala de aula não é formado para a especialidade dele.

Entrevistadora	Não recebe um preparo para lidar com essas situações, né?
Entrevistada	Não, até recebe, mas não tem formação, o que que é diferente de uma orientação e de uma formação? Você vai ser orientada, sim você orienta, você trabalha dentro de um determinado âmbito. O que que é ter a formação? Você vai criar um ambiente dentro da formação que eu tenho, eu crio um ambiente específico para aprendizagem dele, na rede e no estado são raras as crianças que tem Síndrome de Down que saem alfabetizadas, não é muito triste? Porque a APAE consegue alfabetizar? Porque é específico, então, a gente trabalha hoje dentro de uma lei que é obrigado aceitar o aluno e aí nós temos... o estado que nega, então o estado ele não recebe e a prefeitura recebe, este aluno vem para cá e o que que vai acontecer? Toda estrutura da escola precisa mover a partir dele, então você imagina que muitas vezes a escola não tem as condições para fazer isso.
Entrevistadora	Um trabalho que precisa ser feito, né?
Entrevistada	Então, tem um pensador que ele dizia assim, ele era um jornalista e tal, ele falava, dizia o seguinte, que nós precisamos ter o direito de ser iguais quando a diferença nos prejudica, nós temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos prejudica.
Entrevistadora	É, é verdade.
Entrevistada	Então, isso é um outro fator que também determina, nos temos, por exemplo, nós temos esse autista...que...que...quer dizer, ele começou a gritar aqui, imagina todas as salas e não...é uma condição dele, aí assim é...tem toda uma condição sócio, mas é dele, então, ou seja, ele não tá conseguindo ser incluído e não vai ser e não é essa escola que vai dar conta, nenhuma outra que vai dar conta, você percebe que não é uma condição da escola porque tem um professor que tá interessado, tem um estagiário que tá acompanhando e tem um professor especializado, mas o que falta para ele? Um ambiente para a diferença dele.
Entrevistadora	Que ainda não existe...
Entrevistada	E ele não tem condição de interagir com ninguém porque o autista ele não consegue enxergar além dele, então qual a inclusão que ele tá tendo?
Entrevistadora	Nossa, é bem complicado, é uma questão bem complexa, né?
Entrevistada	Não é? Então isso também é uma das questões.
Entrevistadora	O tempo que os professores passam com os alunos impacta diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	Com certeza, por que...mas não é um tempo, é a qualidade do professor.
Entrevistadora	Sim, e a qualidade desse tempo também.
Entrevistada	E aí eu faço uma crítica até mesmo para a formação desse professor porque hoje e isso...a desorganização da carreira tá de uma forma tão grande que quem tá vindo, primeiro porque o estágio é mais fácil, então já consegue um empreguinho no estágio, faz uma faculdade de um dia por semana, então, aí o que nós começamos a receber, os profissionais mais antigos que estão saindo tem as questões de disciplina já muito bem estabelecidas porque isso é aprendido, então não, é...se consegue encontrar didáticas suficientes para trabalhar o que precisa e assim, eu não digo que é culpa porque tem...claro, existe

	grandes exceções, eu fico muito feliz que aqui eu tenho muitas exceções, professora [determinada professora], as meninas...são professoras que estão começando agora, são exceções e eu não tô falando por aqui, porque e eu tô falando pra você a nível de uma coisa geral, mas, por exemplo, esses tempos atrás nós recebemos uma estagiária que não sabia cortar papel, pedi para ela cortar a folha em duas partes, ela ficou olhando para mim esperando que eu ensinasse como que se dobra uma folha pra cortar em duas partes, como que tira um quadrado de um sulfite, parece coisas muito bobas, o que que isso interfere? Não nós estamos dizendo que essa formação tá sendo deficiente, sem contar os erros absurdos de português, então o professor você olha no quadro, você olha aqueles erros, você fala assim...(espanto).
Entrevistadora	É isso que eles estão ensinando, né?
Entrevistada	É, e aí com certeza, aí de novo os profissionais desvalorizados porque você pode dizer assim, você pode ter 10 professores ótimos, se tiver 1 que tem essa formação e que também não é culpa dele essa formação, você concorda comigo que não é?
Entrevistadora	É da própria da bagagem que ele carrega da universidade que ele, fez é uma culpa...que tem todo um histórico envolvido, né?
Entrevistada	De uma política pública.
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Né, então, aí só que aquele professor, o tempo que ele deixou, na parede branca é o que vai aparecer, aí a sociedade inteira diz: o professor não sabe, o professor é isso, o professor aquilo, então, a gente vive hoje uma época em que o professor é desvalorizado até dentro do seu próprio...ah, há uns 30 anos já dizia que a carreira não era boa, mas eu me lembro muito bem que a gente pegava, chegava em qualquer lugar, pegava o crachá, sou professor em [município do Vale do Paraíba], então era ótimo, se chegava aqui falava, eu sou professor, você conseguia creche em todo lugar, hoje você precisa apresentar holerite, precisa apresentar, por que? Para comprovar renda e muitas vezes a sua renda de professor hoje não é suficiente para você conseguir comprar determinadas coisas, não é assustador?
Entrevistadora	É outra realidade né, que a gente vive hoje em dia.
Entrevistada	Então, assim a escola, a nossa escola ela, o que ela...quais são são os índices que atrapalha, são os índices que é de todo mundo, é por isso que o índice do Brasil inteiro não melhora, nós estamos ainda acima do índice do Brasil, né porque o índice do Brasil é 6.
Entrevistadora	É triste, né?
Entrevistada	Não é triste? Nós estamos aí, nós conseguimos encontrar o índice, passar do índice em 3,4 anos.
Entrevistadora	E se Deus quiser vocês ainda vão crescer mais ainda...
Entrevistada	Vamos, mas é assustador você pensar que a média brasileira é 6.
Entrevistadora	É muito baixo.
Entrevistada	Então, os índices precisam mudar nessa questão de formular, de pensar outra coisa, né a escola outro fator que é muito importante, eu falei foi triste você me pegar minha amiga que eu falo demais, então, outro fator que a gente precisa rever, que a gente tá falando do IDEB, depois a

	<p>gente fala dos indicadores, né, o IDEB dá os indicadores, os indicadores vão pensar em políticas porque depois você me colocou a questão de...o que que o IDEB tem a ver com essas políticas, né, porque tem a ver com isso, né, que a gente acredita que se você faz uma avaliação, por algum motivo, é para você saber para quê, né, para que que você tá fazendo, você tá fazendo para saber o que que realmente precisa melhorar, a questão da inclusão que eu falei, a questão da valorização, a questão da segurança, nós não temos aqui nessa escola um problema muito sério de segurança, é...esses dias teve aqui um pai que teve um furto, né, e aí ele ficou aqui na porta, aí a gente pegou, chamou e tudo, então, foi um caso em todos os anos que eu tive aqui, foi o primeiro caso que eu vi com pai com furto e na verdade é uma questão meio específica, né, pontual, mas o que a gente percebe nas escolas, né essa falta de segurança, qual a segurança de um professor quando dá aula? Nós temos casos de...a criança em casa, ela tá tendo dificuldade do pai ter autoridade porque o ECA diz que ele tem todos os direitos, então filhinho, você quer o quê? Ah, você não quer estudar agora? Então não precisa. Aí quando chega na escola a autoridade é o professor.</p>
Entrevistadora	Que diz outra coisa, né, o contrário.
Entrevistada	Que diz outra coisa, e aí nós temos um sério problema por quê? Porque se ele vai ser a única autoridade ele...o aluno banca, e se ele banca, tal pai não apóia, então aí o que vai acontecer nas escolas brasileiras? Hoje eu tenho amigos, amigas que amam dar aula na Fundação Casa, Por quê? Porque os alunos não dão trabalho, tem um policial na porta, não é uma coisa preocupante? Então assim, a gente precisa pensar nessa valorização do profissional e também na questão, na questão da segurança dos profissionais, a escola precisa ser um lugar onde ela possa realmente ter isso desenvolvido, ah, o professor tem que ser bonzinho, não, gente, a questão não é essa, a questão não é essa, como eu disse a escola, ela traz autoridade de coisas que precisam ser feitas também, claro que ela vai trabalhar com pedagogias, com didática, com tecnologia porque isso faz parte dela.
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Mas aprender, ele é um trabalho de realmente crescimento, né, físico, emocional, tudo isso junto.
Entrevistadora	E que deve ser feito em parceria com a família.
Entrevistada	Nunca sozinho, então a gente tem aí essa questão também, qual que é a questão, a questão também da segurança nossa.
Entrevistadora	Da segurança pública.
Entrevistada	Da segurança pública, quer dizer e aí entra uma outra coisa, uma outra questão que é a questão que muitas políticas hoje em dia, elas estão voltadas para minorias, <i>bullying</i> , preconceito racial, eu não tô dizendo que isso não é importante não, mas nós trabalhamos as minorias e quando a gente trabalha minoria, nós trabalhamos a divisão, eu vou ser minoria em qualquer lugar, você concorda? Você pode ser minoria em qualquer lugar, se eu no meio só de gente magrinha, eu sou minoria porque eu sou bolinha, eu sou minoria porque eu sou mulher.
Entrevistadora	Então sempre de alguma forma a gente vai ser minoria, né?

Entrevistada	Agora o que faz a diferença? É a minha capacidade de resiliência, a minha capacidade de superação, então o que é...deveria ser focado nas escolas como são em muitas escolas fora do país, principalmente as escolas mais, é que tem um índice maior, é o foco na superação e na resiliência do todo porque se eu sou capaz de ser resiliente e se alguma coisa ruim que acontece comigo e eu fui o tempo todo incentivado que eu tenho que tirar o melhor de mim aonde eu não tenho porque isso é superação, é quando você tira o melhor de você aonde você não tem, não é isso?
Entrevistadora	Sim, com certeza.
Entrevistada	Isso é desafio, agora a escola tem sido incentivada assim, não gente, olha, vamos facilitar pra ele, eu acho...sabe, vamos facilitar porque tadinho, tem dificuldade, não, eu tenho que ver a condição que ele tem e do que ele tem, eu tenho que conseguir o melhor, ele tem que saber que ele vai conseguir o melhor dele, ele não precisa ser melhor que o outro, mas ele precisa ser o melhor...isso é superação, uma criança que cresce assim, ela nunca vai se sentir vitimizada.
Entrevistadora	Isso, infelizmente, não é trabalhado em nenhuma escola.
Entrevistada	Não, não porque a gente, não é possível ser trabalhado dentro de tanto trabalho de minoria hoje, agora eu vou fazer o trabalho de <i>bullying</i> , um trabalho contra <i>bullying</i> , apostilas, apostilas e apostilas que na verdade eles estão fazendo o oposto, estão criando crianças vitimizadas, você tem que me dar porque eu sou um coitado, sabe, então a gente encontra hoje adolescentes pedindo esmola na rua, como se isso fosse uma condição, sabe.
Entrevistadora	E não faz algo para tirar eles daquela realidade, né?
Entrevistada	Não porque desde criança, então assim, você dá nota porque, coitado ele tem dificuldade, né?
Entrevistadora	É complicado, né?
Entrevistada	Então isso é um outro fator que essa política de que tudo vai pra escola, vamos trabalhar <i>bullying</i> porque acaba, vamos trabalhar preconceito racial, não vai terminar porque a resiliência, porque a minoria vai sempre existir, eu sou minoria, você é.
Entrevistadora	É verdade.
Entrevistada	Né, então isso também são questão que vão impactar no IDEB, ah, mas como, de novo, política pública.
Entrevistadora	Tá tudo associado.
Entrevistada	Se o IDEB diz, agora quando o IDEB começar colocar, né, exatamente isso, esses elementos dentro dele, que ele possa ver essas questões socioeconômicas, culturais, né, que que esses alunos podem ter acesso? Que grupo, que clientela é essa? E aí não é analisar, eu comparo de mim para mim mesma, não de mim para um [Escola 1], não de mim para a escola, porque a nossa escola é o céu se você for ver uma escola do Nordeste.
Entrevistadora	Tem tudo, né?
Entrevistada	Então assim, essa escola é uma escola que tem toda a estrutura que você possa imaginar, eu digo assim que é uma escola de primeiro mundo, você concorda comigo? A estrutura é estrutura do estado, que a estrutura do estado é péssima, né, existe esse...porque se você comparar

	a estrutura física da escola municipal e da escola...
Entrevistadora	Ah sim, não tem nem comparação, né?
Entrevistada	As escolas que foram construídas pela prefeitura você vê até...um cadeirante, nosso, cadeirante, o cadeirante existe uma sequência de sala, todas as vezes, se entrar três cadeirantes na escola, a gente não tem como atender esse cadeirante se tiver um em cada série porque lá, aí imagina todos os dias você vai ter que catar o garoto, subir a escada porque não tem rampa, onde está o acesso?
Entrevistadora	E a inclusão, né?
Entrevistada	Inclusão.
Entrevistadora	Como você mesmo falou.
Entrevistada	Nós temos um aluno cadeirante na escola, né, aí esse aluno cadeirante quando, o ano passado teve que mudar a sala quando ele entrou e teve que descer a sala inteira porque, né?
Entrevistadora	É complicado, né? Esse índice, o IDEB, né, ele tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Não, não porque acho que assim, aquilo que a gente conversou, né, ele deveria promover essa reflexão, essa tomada de outras políticas, mas como ele não faz essa reflexão, né, e como a cultura também não é uma cultura, não existe uma política de mudança de cultura, que a gente precisa mudar a cultura, você concorda?
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Já tão conseguindo mudar porque...ele parou tudo, fechou, vamos mudar essa cultura, em 10 anos ele conseguiu atingir o máximo do índice dele.
Entrevistadora	E você acha que os pais dessa escola específica, eles sabem o que que é o IDEB?
Entrevistada	Sabem, sabem porque como eu disse desde o início do ano, isso é falado o tempo todo, mas não...não...
Entrevistadora	Não porque eles buscam...?
Entrevistada	Não porque eles buscam.
Entrevistadora	Entendi
Entrevistada	Então, aí também tem isso, né, a questão assim, muitos a gente percebe que o que que é valor, né, no que que o IDEB dá valor? Dá valor para a escola, de uma forma geral, as vezes a gente até coloca para os pais que isso interfere nas verbas porque aonde a gente diz assim para ver se afeta o bolso.
Entrevistadora	Sim.
Entrevistada	Mas nós não temos uma cultura de...assim...quem...é, bom, se um presidente da República conseguiu chegar a ser presidente sem estudar, qual é a maior desvalorização?
Entrevistadora	É complicado, né?
Entrevistada	Então, assim, nós vivemos, independente de bandeira política porque não tenho nenhuma, bandeira não, não tenho bandeira política, mas é...mas não deixei de ser, não deixo de ser política, né, porque a gente tem, a gente é crítica.
Entrevistadora	Precisa tá engajada.
Entrevistada	É, a gente tem a nossa crítica, autonomia, isso acredito que autonomia de pensamento, mas é interessante você ver assim que hoje no Brasil

	tem que mudar, o IDEB ele precisa melhorar, estruturar esses outros elementos que a gente tá colocando aqui, localização, né, a contemporaneidade, sabe contextualizar mesmo, a contextualização, que lugar que essa escola está, que público que ela atende, não dá para tratar igual dois lugares, [determinada escola], nós aumentamos o [determinada escola], eu tive lá durante um bom tempo, nós temos um projeto maravilhoso lá.
Entrevistadora	É uma escola?
Entrevistada	É uma escola, também da prefeitura, nós fizemos um índice bárbaro, lá é...foi assim uma coisa fantástica, por quê? Porque os pais lá se mobilizavam junto com a escola, então os índices lá foram altíssimos, tá, no outro ano a prefeitura me abre outro loteamento, aí se faz 5 escolas, 5 salas dentro da escola para atender crianças que vinham de origem de favela, o índice...?
Entrevistadora	Caiu...
Entrevistada	E a escola foi penalizada por quê? Porque você abaixou, mas, perafá, não é a mesma clientela só to explicando por causa disso.
Entrevistadora	Sim, que às vezes aquele perfil que foi até uma boa parte do ano não é o mesmo que vai fazer a prova no final do ano.
Entrevistada	No final do ano, então assim o perfil mudou, a escola mudou, entrou, 40% da escola se tornou outro perfil, de pais que não estavam presentes, de pais que não estava...de pais que deixava a criança trancada dentro de casa para ir trabalhar e a criança para ir para a escola pulava a janela, né, então assim, quando diz assim é importante? Sim, ele promove reflexão, precisa ser estruturado? Com certeza, precisa dar esses elementos sim.
Entrevistadora	Acredito que já tenha respondido, né, se você associa o IDEB às políticas públicas, né, porque...como...né, eu acredito que já, você disse que sim, né,é...professora, eu queria agradecer, né, imensamente a sua participação, né, e vai contribuir bastante para minha dissertação e eu queria além de agradecer saber se você quer deixar algum comentário, alguma coisa até como forma de contribuir mesmo para minha dissertação, se você acha que é importante para escola essa pesquisa que eu tô realizando...
Entrevistada	Nossa, eu acredito que é importante, muitas vezes nós fazemos no trabalho no dia a dia, a gente não para pra ver o que o olhar do outro de fora, né, eu digo para você assim essa escola é uma escola muito querida porque nós passamos por isso, passamos pela emoção, né, é uma escola que eu amo muito em trabalhar, amo pra trabalhar porque é uma escola que ela consegue fazer isso, né, consegue ter essa...essa...esse...além mais, sabe, além do mais, além de, palavra certa, além de, né, eu acho importante isso porque é importante refletir e sempre tenho dito, muitas coisas que aqui na escola nós vivemos são...e as vezes nós ficamos muito tristes porque nós vemos que não está no nosso âmbito e que deveria existir sabe, trabalhos como esse que você tá fazendo para mostrar, olha tá, não é porque o professor não quer porque a diretora não faz, não, tá todo mundo fazendo.
Entrevistadora	Mas tem uma realidade que impede, né?
Entrevistada	É e é preciso se pensar educação por educadores.

Entrevistadora	Essa é a ideia.
Entrevistada	Né, por pessoas que realmente saibam o que acontece dentro de uma escola porque é muito fácil você determinar leis, decretos pra dizerem que a escola precisa ser assim ou não, um exemplo que eu falei foi a inclusão, nos Estados Unidos não existe mais isso, isso foi abolido, por quê? Porque não funcionou, então, tem, é...nós falamos sobre a progressão, né, progressão tá sendo revistas muitas coisas, sim, mas, nós temos modelo que é o modelo de César Coll, só que o César Coll onde isso foi colocado, existiu um trabalho posterior de inclusão, então a escola tinha uma outra estrutura, então, sabe de pegar modelos de pessoas de fora, tentar colocar aqui como se isso fosse se adequar, é como se você pegar uma roupa de número 50 e tentar colocar uma roupa de número 45, tentar colocar numa pessoa que pesa 150 quilos, um exemplo bem típico, não vai, então, é importante que as pessoas façam muitos trabalhos como o seu para mostrar isso, que as vezes um número é muito frio, ah, aumentou 10, sim, que bom, nossa preocupação é quando cai um índice que as vezes não é culpa da escola.
Entrevistadora	Que tem muitas coisas por trás, né?
Entrevistada	Tem, então eu queria agradecer você, obrigada e como eu disse para você, eu falo demais.
Entrevistadora	Imagina.
Entrevistada	Mas, muito obrigada.
Entrevistadora	Eu que agradeço.

Diretora Escola 45

Entrevistadora	É...bom dia!
Entrevistada	Bom dia!
Entrevistadora	Gostaria de conversar um pouquinho, né sobre a minha pesquisa de mestrado, é...sua profissão?
Entrevistada	Sou professora.
Entrevistadora	Certo, sua formação?
Entrevistada	Eu sou formada em pedagogia, sou formada em letras – espanhol e sou formada em psicopedagogia.
Entrevistadora	Certo, sua idade?
Entrevistada	Tenho 48 anos.
Entrevistadora	Tempo nessa instituição e na prefeitura?
Entrevistada	Assim, eu tenho um histórico nessa escola, né, essa escola ela foi municipalizada em 2003, né, então desde 2003 eu estou nessa escola, né, comecei aqui como professora mesmo nos anos iniciais, depois fui professora dos anos finais e em 2009 fui efetivada, né, antes disso estava, é... trabalho através de contrato com prazo determinado, né, e em 2009 eu fui efetivada e logo que fui efetivada fui convidada a participar da equipe gestora como um membro de apoio à equipe gestora que por eu ser da comunidade, né, aqui a gente tinha muito problema com a comunidade, né, por eu ser da comunidade eu fui convidada a participar, não ainda enquanto membro oficial porque eu estava em processo de estágio probatório, né, porque tinha sido

	efetivada recentemente, né, mas eu já vim para a equipe como um apoio técnico à equipe e desde então, aí eu não, não saí quando após ter completado os três anos de estágio probatório eu fui convidada a ser, eu fiquei como coordenadora nessa época, como coordenadora da EFET, né, porque a nossa escola era uma escola de tempo integral, né, então eu fiquei como coordenadora da EFET e aí quando eu passei no estágio probatório eu vim pra...cá como orientadora educacional, passei a ficar na escola como orientadora educacional e só em 2014 que eu me tornei diretora da escola, né, então estou na direção há pouco tempo, né, no meu terceiro ano, fiquei 2014, 2015, no meu terceiro ano, a minha experiência era mais pedagógica, né, que eu atuava como orientadora pedagógica na...na...na parte da...da...da jornada ampliada e agora eu estou como diretora nesse momento,né, tá sendo para mim um aprendizado também porque a parte técnica, né, desse...dessa função, ela é também relativamente nova para mim, né, porque eu tinha conhecimento da parte pedagógica, né, então eu estou nessa escola desde a fundação e hoje nesse momento estou como diretora da escola.
Entrevistadora	Certo, é...um “roteirinho” da entrevista, é...o que que você entende por políticas públicas e qual que é a sua importância? Enfatizando mais a questão da educação mesmo...
Entrevistada	É... política pública para mim são os direitos, como que eu posso colocar...acho que são direitos universais que a gente tem né, e que podem e devem ser garantidos através de programas, atividades que o governo é...assegure, né para...para as pessoas de modo geral, né? e...qual é a outra...?
Entrevistadora	Qual a importância dessas políticas públicas?
Entrevistada	Eu acho que as políticas públicas elas garantem de certa forma, né, é...a organização...a organização das ações que...que favorecerão o desenvolvimento das instituições, principalmente a escola né, a educação, acho que ela precisa ser, estar centrada em algumas coisas que...que favoreçam essa organização.
Entrevistadora	Qual que é seu tempo, você até já falou, né, o seu tempo de atuação nesta escola?
Entrevistada	É, então, como eu disse eu tô desde...na verdade, eu presto serviços à prefeitura com prazo determinado desde 99.
Entrevistadora	Pra essa escola?
Entrevistada	Não, pra prefeitura, mas aí durante esse tempo eu trabalhei em escola, na escola de educação infantil e para essa escola desde quando ela foi, é...que ela se municipalizou, desde 2013.
Entrevistadora	Certo, é...o que que você sabe sobre o IDEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica? O que que ele indica? Como podemos entendê-lo? Qual que é sua importância?
Entrevistada	É...ele indica a qualidade do ensino, né, ele indica como estamos dentro das estatísticas, né, e assim, é...como que a gente pode entendê-lo? A gente pode entendê-lo como um disparador, né, de ações que a gente possa planejar, cuidar pra...pra melhorar a questão da escola, como que a escola está diante desse índice, né, ele tem, ele é progressivo, né, é para ser progressivo, né, então a gente entende que ele pode nos nortear em relação às nossas ações dentro da instituição.

Entrevistadora	Certo, é...você conhece o resultado atual do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Sim, nós estamos, é...nós tivemos, né, desde 2005 a nossa escola veio num crescente em relação ao índice do IDEB, né, era assim com muito pesar que a gente foi considerado, né, é...uma das piores escolas em relação ao índice, mas quando a gente pega assim o resultado, a gente percebe que nós tivemos um...pequenos avanços, mas ao longo dos anos considerando desde 2005, nós tivemos avanços, é...significativos, né, tivemos em dois mil e...dois mil e....deixa eu pensar...2009/2011 a gente se manteve, em 2013 a gente foi para...para 5.4, aumentou um pouquinho, né, e em 2015 nós tivemos um salto bem bacana, né, nós fomos pra 6.4, né, e a meta projetada era 5.6, então a gente subiu bastante em relação a isso, né, então nós ficamos mais felizes porque muitas coisas envolvem esse...esse resultado, né?
Entrevistadora	Então assim, acabou que já respondeu a cinco né, você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB...
Entrevistada	Aham.
Entrevistadora	O que que escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse como foi o caso? E o que que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais a sua nota?
Entrevistada	Então, a escola, ela né depois de uma conversa bastante séria entre a equipe gestora e os orientadores pedagógicos são...estão diretamente ligados aos professores, né, a gente pensou em algumas coisas que pudessem favorecer né, então nós fizemos reuniões...nas reuniões de pais, nas reuniões de conselhos, né, a gente trabalhou de forma sistemática que conseguíssemos trazer os pais para escola porque a gente tem uma dificuldade muito grande dos pais participarem da escola né, participarem das reuniões, participarem dos conselhos, é...os conselhos de classe que são participativos, né, então a porcentagem de pais era muito pequena e a gente fez algumas modificações nesse...nessas, é...nesses segmentos pra que a gente pudesse tornar mais agradável para os pais virem pra escola e acreditar mais na escola também né, então, é...foi um trabalho difícil porque o pai quando vem pra escola ele já vem perguntando que horas que ele vai embora, né, e a gente precisa ter o pai aqui, então nós fizemos nas reuniões de pais, nós conscientizamos bastante sobre essa...essa questão da importância do filho participar, né, do...antes tinha o SARESP, né, o IDEB, é...outras ferramentas que também norteavam a aprendizagem da escola, o nível de aprendizagem da escola, então a gente trabalhou em cima dessa conscientização e nós conseguimos 100% de frequência dos alunos no dia da prova que é um fator que conta bastante, né, então nós tivemos 100% de frequência, as atividades que a gente desenvolvia com os alunos, né, assim a cada resultado a gente foi observando o que que era solicitado dos alunos, o que que eles precisavam saber para que no próximo ano eles pudesse avançar, então, ao longo do ano né, as orientadoras pedagógicas trabalhavam nas formações de HTCs voltadas para, é...o IDEB, né, então estudavam os descritores, né, desenvolviam os descritores, né, quando era...assim a gente se detinha com crianças com mais dificuldade, mesmo mais individual, aí trabalhava-se bastante em relação a isso também, e a nossa escola por

	ser escola integral, a gente tem assim uma ligação muito grande com as professoras do período contrário que tem um momento do acompanhamento pedagógico e nesse acompanhamento pedagógico a gente intensificava também as atividades que favoreceriam, fortaleceriam a questão do...do...desse...dos descritores e desse avanço, então são ações que fizemos, né, além das formações nos HTCs, né?
Entrevistadora	Dos professores, né?
Entrevistada	Uhum.
Entrevistadora	Qual que é a importância do IDEB para a escola?
Entrevistada	Ah, eu acho que é medir mesmo, né, os nossos avanços, né, é...ele é uma...um termômetro, né, pra gente poder, né, para um pouquinho, refletir, o que deu certo, o que que não deu, o que que a gente precisa pensar, quais metas temos que projetar para o próximo ano pra...pra tentar melhorar, né, o que que deu certo, o que que não deu certo mesmo dentro da escola.
Entrevistadora	De acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação?
Entrevistada	Então, eu acho que os fatores internos é a estabilidade no quadro de professor, é uma coisa que favoreceu bastante nos anos iniciais, a gente teve durante um tempo, é...mais professores efetivos, que por ser um local distante de [município do Vale do Paraíba], a gente tem muita dificuldade dos professores escolherem, virem pra cá, se efetivarem aqui, porque é uma escola de difícil acesso, né, então agora a gente já tá uns dois, três anos assim com um quadro de professor mais efetivo, né, então isso eu acho que favorece, porque mesmo que o professor não acompanhe a turma naquele ano, ele tem uma relação muito direta com os professores que...que estão, né, e o professor, vai, eles vão trocando, eles vão conversando, né, entre si e a gente consegue dar uma sequência, na...na, nesse desenvolvimento para os alunos e nas ações que também vão favorecer esse desenvolvimento.
Entrevistadora	E pensando em termos de recursos, né, financeiros, é...por parte da prefeitura, apoio de todas as formas, como que você enxerga, é...esses recursos pra escola?
	Eu acho a prefeitura muito...muito boa nesse quesito sabe, ela oferece excelentes formações, né, ela oferece, é...HTCs externos, fora os que acontece aqui de formação, ela oferece outros cursos fora da...da escola, a infraestrutura da nossa escola é muito boa, a gente compra computador, lousa digital, né agora esse ano, mas a gente já tinha recursos anteriores, né a gente tinha sala de informática, sala de leitura, laboratório de aprendizagem, sala de recursos, então a gente é bem respaldado nesse...nesse sentido, né então o professor que...que tem aquele interesse, aquele comprometimento, aquela responsabilidade com a educação, ele vai tranquilamente ter um bom desenvolvimento.
Entrevistadora	Tem uma base, né?
Entrevistada	Tem uma base, tem um apoio.
Entrevistadora	Certo, é...de acordo ainda com sua experiência, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte no desenvolvimento da educação, seja positiva ou

	negativamente?
Entrevistada	É...eu acho que negativamente, o que...que era muito ruim é essa visão da escola, né, então é...a escola era assim...enxergada pelo...pela comunidade externa de que era tudo uma bagunça, as coisas não funcionavam, tudo dava errado, né então, é...esse é um fator que eu acho que prejudica bastante essa desvalorização da escola, mas que a gente teve assim muito ganho agora, já isso já se modificou bastante porque a gente nem tem problema com o 156 que é um sistema de...de reclamação, né em relação a escola, a gente nem tem mais essas reclamações, o que vem chega para a gente, pontual, a gente já consegue esclarecer, resolver, né, como todas escolas temos sérios, vários problemas, né mas é possível resolver tudo, né, um fator que a gente...que prejudica externamente, por exemplo, também, por exemplo, na época de...de prova, da prova mesmo do IDEB, da aplicação da prova, se for um dia por exemplo, se cair num dia que é chuvoso, que...que o dia não tá legal, o que que vai acontecer, nós vamos correr o risco de não conseguir trazer os alunos pra escola, porque as crianças moram em bairros afastados, né, e quando chove o transporte escolar não consegue chegar, né, então são fatores que prejudicam, porque prejudica a porcentagem de frequência do aluno, né, e também eu vejo que o índice de escolaridade dos pais, né, os pais...a gente tem muita família que os pais não são alfabetizados, né, então a responsabilidade da escola ainda é maior porque a gente tem que dar conta desses fatores que são externos, né, a família sem muita, é...cultura nesse sentido, né, então é meio complicado em relação a isso, mas a gente consegue chegar.
Entrevistadora	Então a escola acaba tendo que fazer o papel de escola e de família, né?
Entrevistada	Sim, sim.
Entrevistadora	Para garantir esse aprendizado...
Entrevistada	Exatamente, né, então aqui que ele vai, ele vai conhecer...é...poder assistir um filme e poder discutir sobre ele, aqui que ele vai conhecer as ferramentas tecnológicas de internet, de...né, aqui que ele vai conhecer um pouco do mundo e até, por exemplo, ir em passeios externos, né, visitas...visitas pedagógicas, né, que a gente vai poder oferecer, por exemplo, um museu para ele, uma atividade extracurricular, né, que favoreça porque ele tem...tem pouca possibilidade de sair para isso, né, não são todos, mas a porcentagem da nossa escola em relação a essa deficiência cultural familiar é muito grande.
Entrevistadora	É... quando a gente fala de fatores extraescolares, né, é até citado por muitos autores a questão da alimentação, né, que muitos alunos as vezes vem pra escola justamente por conta da merenda, é uma realidade presente aqui ou não?
Entrevistada	É sim, não é uma grande porcentagem, mas ela faz parte da nossa realidade sim, tem crianças que estão aqui, é...não só para estudar, mas é talvez a refeição maior deles seja aqui na escola sim, temos situações, infelizmente, mas...
Entrevistadora	E ainda falando, né, desses fatores, com relação ao hábito de leitura, a importância que os pais dão para os estudos dos seus filhos...é...a

	participação desses pais nas reuniões, como que você enxerga diante da sua realidade aqui na escola?
Entrevistada	Eu enxergo que há muito pra crescer ainda, muito, a leitura não é um hábito constante dessas crianças, né, é...e enquanto até mãe mesmo, eu vejo que, né, se os pais não leem, os filhos não lerão, né, então vai ficar mais uma vez essa responsabilidade pra escola, né, e aí o que que acontece, a escola, ela tem que estar muito aberta e disponível para...para atender essa necessidade da criança, né, e eu vejo que infelizmente a gente não consegue dar conta da maneira que a gente queria que fosse, né, a gente queria ter assim uma sala maravilhosa, que a criança viesse para escola e ficasse o tempo todo aqui, que fosse prazeroso ir para sala de leitura, mas a gente enquanto professor, enquanto escola, tem que dar conta de uma série de outras coisas, né, mas à medida que a gente consegue, né, ir inserindo a leitura na vida deles, a gente insere né, nós temos aqui a sala de leitura, eles vão para sala de leitura semanalmente, né, participam de atividades, contação de história, escutam, leem também, né, é emprestamos os livros, são ações que escola desenvolve, é...com o intuito já de favorecer esse item, né?
Entrevistadora	E os pais são participativos na vida desses filhos, eles vão nas reuniões?
Entrevistada	Então, não muito, não muito, já melhorou também como eu disse a princípio, a gente já tem bastante ganho nesse...nesse quesito aí, a gente já teve muita...muita melhora, os pais já vem para reunião, é...com o olhar diferente, que antes eles vinham para reunião: “- Ah, já dá pra falar do meu filho porque eu preciso ir embora?” Agora não, então as nossas reuniões, elas são elaboradas diferente, então tem o momento lá na entrada, que é o momento do administrativo, então eu pontuo pra eles tudo que...que, né, que precisa né, de atualização de dados, de né, cadastro de...de datas que tem que cumprir, então, a gente atualiza lá, eu faço essa atualização lá no início sobre uniforme, piolho, reposição de aula, toda parte administrativa e a gente tem uma segunda parte que são as parcerias com o distrito que isso também é uma coisa que cresceu bastante em relação a trazer a família para escola, então a gente combina com a UPA, Unidade de Pronto Atendimento para ver, fazer uma palestra, a gente fala com o SHA que é de alimentação para fazer uma palestra também, então, é...procuramos sempre diferenciar a reunião porque daí o pai vem, ele fica um tempo lá embaixo depois ele gente sobe com o professor, então a nossa reunião que era de 10, 15 minutos anteriormente, isso eu vivenciando enquanto professora, agora ela já é uma reunião de 2 horas, 2 horas e pouco, aí a gente introduziu também o café coletivo, então o pai vem, traz o cafezinho, passa a primeira parte, a gente se reúne toma um cafezinho para subir para segunda parte, então são ações pequenas, muito pequenas...
Entrevistadora	E isso é muito interessante porque é uma ideia simples, mas que faz com que o pai integre, né, ele, o filho e a escola.
Entrevistada	Exatamente. Então, são ações pequenas mas que estão surtindo resultado.
Entrevistadora	Quando os fatores intra e extraescolares são negativos, de que forma eles poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?

Entrevistada	Então, é...a gente em relação à valorização da escola, que que a gente fez, a gente, tudo em tudo quanto é reunião, né, que a gente tem tanto de reunião de pais quanto de conselhos de escola, a gente organiza tudo que aconteceu na escola naquele bimestre, então teve um evento de interclasse, tem um evento, um sarau poético, teve uma...uma caminhada com tal objetivo tudo que acontece a gente faz um “apanhadão” no bimestre e apresenta pro pai, então teve ações na jornada ampliada, o que que aconteceu, a gente apresenta pro pai, pro pai ir entendendo a escola e participando mesmo que não presente, mas que ele possa visualizar que as coisas acontecem na escola, a criança não veio aqui só pra...pra, não veio aqui pra brincar, né, ela tem momentos de...de lúdico, de lazer, mas todos com objetivos, né, todos voltados para um objetivo.
Entrevistadora	E assim, falando desses objetivos ainda, né, eles enxergam o futuro dessas crianças?
Entrevistada	Olha, eu vejo que a porcentagem deveria ser maior, a gente tem sim crianças que...que buscam, né, passar numa escola da Embracer, entrar em algum cursinho de inglês, eu vejo que tem, mas eu acho muito pouco, muito pouco, eu sinto que a expectativa, a perspectiva deles ainda precisa ser mais, né, trabalhada, não sei se...cabe à escola, mas acho que incentivada, né, mas eu acho que cabe a família também, acho que é um pouco cultural, de repente para eles terminar aqui o colegial já tá bom, porque eles vão trabalhar no distrito mesmo, não tem muita...muita visão de...de...de futuro, né, acho que isso falta bastante ainda.
Entrevistadora	Mas isso talvez por conta da realidade deles, de ser uma realidade mais rural, ou por conta, você pensa que é algo global, algo das outras escolas?
Entrevistada	Eu acho que é da realidade rural mesmo, né, eu acho que é esse enfrentamento para...fora da...do âmbito aqui de [distrito do município], acho que é mais...da realidade rural, do meio que vivem, muitos deles, eu por exemplo, eu sou nascida e criada aqui, né, e eu saí pra estudar e retornei, né, então, eu sou, hoje eu sou, é...sou efetiva tanto na prefeitura quanto no estado, então eu sou produto desse meio aqui, né, mas eu tive o incentivo da família pra estudar.
Entrevistadora	Que é o mais importante...
Entrevistada	É o mais importante, então eu vejo que ainda falta muito da parte da família, né, que a escola, ela poderia dar conta de muitas outras coisas se ela não precisasse dar conta de questões que cabem à família, né, infelizmente.
Entrevistadora	O tempo que os professores passam com os alunos impacta diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	Eu acho que impacta, né, porque eu acho que o professor ele tem todo esse discernimento, né, de que esse...aquele aluno ali é responsabilidade da escola, é responsabilidade dele, é responsabilidade nossa, né, e a gente tá aqui para fazer não ir embora pra casa da mesma forma que chegou, né, todo dia ele tem que levar um pouquinho da escola, né, ele tem que levar um pouquinho de conhecimento, ele tem que ter aprendido alguma coisa aqui, né, e eu acho que o professor tem

	essa...essa clareza, às vezes as coisas não acontecem conforme a gente prevê, conforme a gente quer, né, por inúmeros fatores, como a gente falou aí mesmo, familiar, econômico, né, as vezes até político mesmo, as vezes as políticas públicas mesmo interferem nesse meio, hoje é uma coisa, amanhã é outra, esquecendo um pouquinho da essência da escola, né, as vezes a gente fica à mercê de algumas coisas, né, decisões políticas que prejudicam um pouco a escola, né, mas...e relação ao professor, eu acho que impacta diretamente no IDEB porque é o compromisso e a responsabilidade dele de fazer com que esse aluno avance é fundamental, né, a gente precisa contar para ele mesmo.
Entrevistadora	Certo, é...esse índice tá dando conta de mobilizar a sociedade? Por quê?
Entrevistada	Eu acho que a sociedade ainda não se...não se...como que eu vou dizer, não se ateve, né, a essa, essa, à importância que é o IDEB, né, porque se ela, é...acho que até é falta de conhecimento mesmo, talvez a gente...a gente tenha apresentado pra escola, tem falado, né, mas eu não vejo que há muito interesse da sociedade em vir, buscar, se a escola não faz o papel de dizer, de contar como a escola está, como ela estava aqui, o que favoreceu esse ano, a própria comunidade não procura saber, não procura buscar.
Entrevistadora	Então, assim você vê que os pais não sabem nem o que que é o IDEB...?
Entrevistada	Eu acho que a grande maioria não sabe, ouviu falar de alguma forma aqui na escola, mas não se atenta por procurar, se aprofundar mais em relação a isso, acho que ainda falta bastante, embora ainda seja pontuado aí na mídia, pontuado na escola como um todo, mas eu ainda acho que falta mais, é...não sei se informação, acho que a gente precisa buscar novas formas de fazer com que o pai, é...busque saber e valorize esse momento, né?
Entrevistadora	Você associa o IDEB às políticas públicas? Porque e como?
Entrevistada	Eu acho que ele está sim diretamente, ligado né, porque é responsabilidade do Estado também, né, assegurado por lei aí de várias formas, né, é oferecer também condições para as escolas, né, poderem, é...ofertar aos seus alunos o melhor, né, então, a formação do professor é importantíssimo, né, cabe né as políticas públicas garantir isso, né, essas formações não só aqui na escola, mas também é...externo, né, é...que mais... eu acho que tá diretamente ligado sim através dos programas, das atividades que norteiam a educação como um todo, né?
Entrevistadora	Professora, muito obrigada, é...eu queria saber se você quer contribuir com mais alguma coisa, é...alguma informação que talvez a gente não tenha levantado...
Entrevistada	Não, eu acho que é isso mesmo, acho que vocês deram conta nesse roteiro de entrevista de tá perguntando tudo que cabe, né, mas assim eu queria colocar que a minha experiência ainda é pouca, eu espero também ter podido contribuir de alguma forma, né, mas a minha experiência de gestora é muito pouca ainda, né então aqui no tempo com certeza eu vou tá aprendendo até com o resultado do seu trabalho mesmo, tá, então eu gostaria que se fosse possível compartilhar com a gente, né, não sei se pode, não sei como é que funciona...

Entrevistadora	Com certeza.
Entrevistada	Seria bacana até para nortear as nossas ações mesmo, ver o que que a gente de uma maneira geral, ouvindo outras escolas também, outras realidades, né, que que a gente pode captar aqui pra nossa realidade e poder inserir também.
Entrevistadora	Com certeza, assim que eu concluir eu disponibilizo para vocês.
Entrevistada	Muito obrigada.
Entrevistadora	Muito obrigada professora.
Entrevistada	Eu que agradeço Fernanda e você é muito simpática, viu?
Entrevistadora	Obrigada.

Professora Escola 45

Entrevistadora	Bom dia!
Entrevistada	Bom dia!
Entrevistadora	É...poderia me falar um pouquinho sobre a sua profissão, a sua formação...?
Entrevistada	É, eu sou professora já há 15 anos, né, eu sou formada em história, tenho pedagogia, psicopedagogia e mídias na educação.
Entrevistadora	É...a sua idade...?
Entrevistada	Tenho 36 anos.
Entrevistadora	Tempo aqui na instituição?
Entrevistada	Tenho 2 anos na escola.
Entrevistadora	É...sua área de atuação, é professora, né?
Entrevistada	Isso.
Entrevistadora	Um “roteirinho” de entrevista. O que que você entende por políticas públicas?
Entrevistada	Eu acredito que tudo aquilo que é voltado para melhorar tanto a questão de educação, né, que a gente sabe que o nosso país ele é grande, mas eu acredito que cada cidade, cada subdistrito, como é o nosso fazer sua parte, a educação ela pode evoluir, a gente não tem que só que depender do governo, acho que ele faz sim a parte dele, mas depende de cada órgão também se responsabilizar e construir isso e também cada professor, né, na sua atuação, mostrar o quanto é importante a educação estar melhorando sempre para o nosso país.
Entrevistadora	Entendi, então, a importância para você é...nas políticas públicas...
Entrevistada	É o fato de...da gente entender tudo isso que acontece, né, que a política pública não entendo que é só o governo dando dinheiro, mas sim o papel de cada um né, nesse...tanto os pais como o professor entender que é importante o aluno aprender e essa aprendizagem que vai mudar tanto nossa cidade, país, né, se os alunos forem é...bem educados na questão da aprendizagem mesmo, eu acredito que nós teremos um Brasil bem melhor do que nós estamos tendo hoje.
Entrevistadora	Qual que é o seu tempo de atuação nesta escola?
Entrevistada	2 anos.
Entrevistadora	O que que você sabe sobre o IDEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica? O que que ele indica? Como podemos entendê-lo? Qual que é a sua importância?
Entrevistada	É...ele indica se a escola ou né, tá se cumprindo seu papel de ensinar

	esses alunos e quando ele é positivo, a gente vê o lado que a gente melhorou e quando ele é negativo o que nós precisamos melhorar, o que nós temos, qual ferramenta de ensino nós temos que buscar para que a gente possa melhorar esse resultado.
Entrevistadora	É...você conhece o resultado atual da sua escola, do IDEB?
Entrevistada	Conheço.
Entrevistadora	Você conhece o comportamento ao longo dos anos do IDEB da sua escola?
Entrevistada	Mais ou menos (risos). Eles passaram, né, pelo aumento que teve, mas eu não sei assim em notas te falar como era antes, eu não sei.
Entrevistadora	Você sabe dizer se melhorou...?
Entrevistada	Melhorou, isso eu sei, que foi bem colocado, né, que teve um salto bem...bem positivo, significativo.
Entrevistadora	É..e o que que a escola fez para que a nota do IDEB permanecesse ou aumentasse como você está falando? E o que que a escola poderia fazer para aumentar ainda mais a sua nota?
Entrevistada	Então, eu lembro que o ano passado, né, eu trabalhei com a turma que fez a Provinha Brasil e foi assim uma questão, além da matriz curricular que nós já temos que seguir as atividades dos nossos alunos, também a gente pegou bastante, é...simulados, né, da Provinha Brasil e fomos trabalhando em cima daquilo que eles apresentam mais dificuldade, que nós achávamos que tínhamos que melhorar, eu acho que foi um trabalho da orientadora pedagógica na época e os professores que atuavam juntamente com os alunos do quinto ano que fizeram essa avaliação e acho que também vem dos anos anteriores, né, a formação que eles já foram tendo, os resultados que eles já tinham obtido, e...mas eu acho que o fator importante foi isso, trabalhar dentro do que era proposto para...para a avaliação.
Entrevistadora	Certo. É...com relação à prefeitura, vocês têm o apoio em termos de recursos financeiros, é...de recursos pedagógicos...?
Entrevistada	Ah, o que nós temos aqui na escola, é...para aqueles alunos que têm muita dificuldade de aprendizagem, é o LA, né, que é o laboratório de aprendizagem e a recuperação paralela que é dado pelo professor da sala mesmo, então, se você vai avaliar o aluno no começo do ano e você vê que ele precisa de um reforço a mais, você dá recuperação paralela e ajudando naquilo que ele aprendeu e tem mais dificuldade, isso é um fator positivo, né, e também nós tínhamos antes a recuperação intensiva e esse ano nós já não tivemos e eu acredito também que o projeto Ler e Escrever trouxe bastante essa questão de trabalhar a parte de escrita mesmo com os alunos e isso também favorece.
Entrevistadora	Então, você acredita que todos esses fatores contribuíram para vocês terem saltado, é...entre os anos?
Entrevistada	Eu acredito e também o envolvimento eu acho do professor e aluno, né, quando você tem uma sala que você consegue é...um bom relacionamento, consegue mostrar pra eles a importância de estar aprendendo, de estar avançando, eu acho que isso é um fator que também contribui e muito na aprendizagem do aluno.
Entrevistadora	E isso acontece aqui?

Entrevistada	Eu assim, eu vi bastante, eles estão assim, é diferente o público também, né, dá pra você trabalhar com mais...por mais que a gente tenha bastante aluno, nessa época a gente tinha 36 alunos na sala, mas tem isso ainda, esse afeto, essa troca, que eu acho que favorece bastante o conhecimento.
Entrevistadora	É...qual que é a importância do IDEB para a escola?
Entrevistada	Pra avaliar se a sua...se o seu fator de aprendizagem está evoluindo né, no sentido não de evolução assim, mas no sentido de ver se os alunos estão aprendendo, se estão dentro de uma média nacional porque o IDEB não vai medir só aqui, vai medir o Brasil todo, então assim, pra você ver se você está seguindo o caminho certo com seus alunos, com a escola...
Entrevistadora	Então, você acha que é um indicador importante?
Entrevistada	Eu acho, né, porque daí mostra também o que você tem que melhorar, o que que você tem que frisar com seus alunos e isso eu acho que é importante porque a gente não prepara o aluno pra ficar só em [Distrito do município], né, mas a gente prepara o aluno pra tá ali fora né, agindo na sociedade, eu acho que isso a gente tem que pensar porque muitos daqui vão...eu tenho alunos que já estão no Rio de Janeiro, então, você vê que se expandiram né, foram para outros lugares, então, tem que prepará-los para todos os...
Entrevistadora	Não ficaram só aqui, né?
Entrevistada	Não só aqui, é.
Entrevistadora	Como que o IDEB impacta na sua atuação como educadora, como professora?
Entrevistada	Como assim, no ano que eles estão tendo prova?
Entrevistadora	É...na sua atuação, isso impacta de alguma forma no seu dia a dia?
Entrevistada	Eu acho que como assim no ano passado foi positivo, né, teve esse avanço, lógico que você fica se sentindo um pouquinho, né, nossa, eu fiz um bom trabalho, mas eu acho que isso é um trabalho de equipe, não foi só eu, né, mas tanto os alunos também porque eu acho que se eles não fizessem a prova, feito por eles, nós não teríamos esse resultado, mas eu acredito que é importante tanto para o professor vê que ele tem mesmo que ensiná-los, tem que buscar, é...priorizar, né, essa questão de aprendizagem mesmo e ver que se o aluno tem potencial, mesmo aquele que tem dificuldade, você pode pegar dele o que ele tem de positivo, acredito que todos os alunos têm algo pra apresentar e a gente trabalhar dentro dessas habilidades deles faz com que eles cresçam mais, se desenvolvam mais e se envolvam.
Entrevistadora	Mas aqui na sua realidade, você acha que ainda tem mais coisa pra melhorar?
Entrevistada	Claro, eu acho que sempre tem, né, a gente teve um índice aí que foi bom, mas eu acredito que sempre tem que melhorar a educação, no Brasil ainda não é a que nós deveríamos ter, né, se você for comparar com outros países e com tudo que nós temos mesmo de recursos, ainda é um país que tem recurso, mas se você for comparar ainda é muito baixo, acho que a gente tem que melhorar muito ainda.
Entrevistadora	É...de acordo com sua experiência, quais são os fatores intraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no

	desenvolvimento da educação?
Entrevistada:	Eu acho que como eu já tinha comentado, que é o envolvimento tanto do professor quanto do aluno, né, eu acho que a minha prática pedagógica, os recursos que você usa para atender seus alunos e aqui nós tivemos bastante melhoria, né, na parte tanto de mídias que é um fator que também contribui porque hoje em dia eles gostam, né, que a escola, só o passado já não dá mais para atender os nossos alunos e acho que a entrada das mídias faz com que também eles busquem esse novo conhecimento, não fique só...uma...só o professor dando, né, eles também trazem as coisas e eu acredito que isso favorece esse desenvolvimento tanto de um quanto do outro, esse do aluno e professor.
Entrevistadora	Uhuh, e falta muita coisa pra vocês dentro da escola?
Entrevistada	Ah, tipo assim, é um processo, nós estamos seguindo esse processo, né, eu acredito que a prefeitura de [município do Vale do Paraíba] assim pelo que eu já trabalhei ela tem essa estrutura, a gente tem bastante recurso, né, agora tem lousa digital, tem tablet para você trabalhar na sala de aula, você tem os livros didáticos, então favorece essa aprendizagem e também os nossos alunos porque em casa eles já têm computador, a maioria, não são todos, mas que também favorece porque eles já conhecem muita coisa hoje, já é amplo o conhecimento deles, eles já trazem muita coisa, então tem que partir disso que eles já sabem e pra estar sempre melhorando, aprimorando o conhecimento, né, tanto do aluno quanto o seu porque você vai aprendendo junto com eles também.
Entrevistadora	Sim, com certeza. É...de acordo com sua experiência, quais são os fatores extraescolares que impactam nos resultados do IDEB e, por conseguinte, no desenvolvimento da educação? Fatores positivos e até mesmo negativos fora da escola...
Entrevistada	Eu acredito que assim que a família ainda é um fator muito importante porque a família é que você percebe que leva seu filho a valorizar a educação, você percebe que eles já trazem uma bagagem maior e uma vontade a mais de estudar, valoriza a educação, o ensino, porque quando você vê que os pais eles já não se importam tanto, seu aluno também não se importa, mas quando ele vê que ele precisa, que hoje em dia é muito competitivo, né, eu tô trabalhando o quinto ano, mas eles já têm essa noção, então assim, quando eles já vem de uma família que já tá estruturada, que mostra pra eles que a educação é importante para ampliar, né, os seus caminhos depois tanto continuar, fazer uma faculdade, já tinha aluno que falava muito sobre isso, ah, porque eu tenho que melhorar, eu quero fazer uma faculdade, você vê que já vem da família, né, e também o que acontece externo, são cursos, é...tem o SESC também que favorece para alguns cursos que eles fazem, e eu acho também que o interesse do aluno que acontece não só dentro da sala de aula, mas em casa, com os pais.
Entrevistadora	Mas como que é a sua realidade aqui nessa escola com relação aos pais, é...o hábito de leitura deles, a importância que eles dão para os estudos...?
Entrevistada	Então, a gente tem esses dois lados, aqueles pais que são analfabetos

	<p>que não contribuem não porque não querem, mas porque não tiveram essa oportunidade antes porque eu acho que agora é bem mais fácil, né, você ingressar numa escola, tudo, toda questão política, é...de leis mesmo, né, que antes não era assim, por exemplo, eu tenho pais que são analfabetos, como que você vai cobrar isso, mas eles mesmo sendo analfabetos eles falam...nossa...a importância do filho conhecer e eu acho que esse conhecimento, essa vontade de aprender, mesmo que eles sejam analfabetos passam para o seu filho e isso é importante, né, e a gente vê bastante aqui, a gente trabalha com os pais, a maioria da zona rural, mas eles trazem isso, por mais que eles não saibam eles querem que os filhos aprendam, que os filhos caminhem como eles falam, eu quero que o filho faça uma faculdade, então isso também influencia, como temos aqueles outros que não tem vontade, tem vontade de ficar mesmo na zona rural fazendo serviços rurais, não que é ruim porque eu acho que sempre vai existir os dois lados, mas que...</p>
Entrevistadora	Isso o pai ou o filho?
Entrevistada	O filho, mas mesmo assim eu acho que a maioria mostra para os filhos essa importância de seguir outros caminhos, de ampliar, de ter outros horizontes.
Entrevistadora	E eles participam das reuniões?
Entrevistada	<p>Participam, a gente tem um bom índice bom de participação, por exemplo, tem uma sala de 26, a sala desse ano, vem 20, 19, então, é uma boa participação, né, e quando não vem eles mandam bilhete porque que não puderam vir, marca reunião outro dia, então, eles estão interessados na evolução dos seus filhos assim na questão de aprendizagem, ver como que eles estão, não só isso porque eles também se preocupam em questão de comportamento, né, que é uma coisa que a gente vê também que influencia, né, a questão de drogas, de bebidas, mas que aqui a gente tem, mas com os menorzinhos ainda é menor esse impacto, mas eu acredito que ainda os pais favoreçam bastante essa relação com a escola, com a aprendizagem, com a aprendizagem mesmo assim uma questão de não ficar só naquilo que eles tinham antes, mas de ver os seus filhos evoluírem na questão de conseguir um emprego melhor, né, isso pesa bastante nas questões que eles passam pra nós nas reuniões, quando eles veem os avanços dos filhos, aí que legal, eu vi que esse ano meu filho aprendeu, tá lendo, tá escrevendo, então pra nós professores, isso é um ganho significativo, né, é o principal, esse ano mesmo eu tive vários alunos que chegaram...quinto ano que já não deveriam estar assim, mas que não escreviam, aí o pai, nossa quando eu vejo ele com vontade em casa pegando o caderno, ler, aí professora, obrigada, acho que isso também faz com que a gente tenha vontade, por mais que seja difícil hoje a questão de você ser professor, de educação, mas quando você gosta do que você tá fazendo, eu acho que é um fator positivo, por mais que fazem todas as influências, né, políticas aí de fora, mas acredito que isso vá...dá aquele ânimo, né, de você continuar.</p>
Entrevistadora	Certo, você trouxe uma questão importante, né, a relação dos alunos com os computadores, com a tecnologia e, ao mesmo tempo diz que eles são de área rural, né, mas mesmo sendo de área rural, eles têm

	acesso a essas tecnologias, os pais tentam fazer com que eles tenham esse acesso...?
Entrevistada	Eu tô falando assim na maioria dos meus alunos sim, né, por mais que as vezes não tenham só em casa, eles têm aqui outros lugares que eles podem estar acessando, que são lugares públicos, tem a EFET, né, que também proporciona, que é a escola integral, nós somos escola integral e na escola também, mas a maioria deles tem computador em casa, tem um ou outro que não tem por questão financeira mesmo, mas a maioria já possui sim.
Entrevistadora	Certo, é...quando os fatores intra e extraescolares são negativos, de que forma poderiam ser solucionados em prol do aprendizado dos alunos?
Entrevistada	É...eu acredito que uma política, como nós falamos na primeira questão, uma política pública ela tem que ampliar todo o horizonte de uma escola, eu acredito assim, por mais que esses fatores como a gente já tem visto bastante que é a questão de drogas que influencia, que nós temos bastante que é bebida, os pais eles acabam também seguindo esse caminho, mas eu acredito assim quando a escola tem o seu propósito, a política pedagógica, né, o que ela quer, eu acredito que isso amplia, né, faz com que esses fatores negativos não sejam tão negativos na vida desses alunos, lógico, a gente sabe que hoje em dia tem o conselho tutelar, né, se o aluno deixou de vir pra escola, que vai atrás desses alunos, a gente tem toda uma estrutura na escola, tem uma pessoa responsável se o aluno tá faltando, porque que ele tá faltando, você passa pra ela, pra OE, ela vai atrás, então, nós temos esse recurso, né, da prefeitura, talvez outras não tenham, mas aqui foi positivo, porque eu acredito que todos os fatores que venham negativos, né, de as vezes tá tendo essas faltas porque os pais, é...não tão se importando tanto, a gente tem por outro lado esses outros órgãos que faz com que esses alunos permaneçam na escola, que hoje é lei, né?
Entrevistadora	A cobrança, né?
Entrevistada	A cobrança e é uma questão de lei mesmo, né, então, você sabe que a escola não tá fazendo isso por fazer, então, a gente tem todo um aparato dentro da escola e isso eu acredito que é muito importante, né, que a gente vê que traz...acontecer tudo isso de aprendizagem do aluno tem que ter segmentos, tem que ter órgãos, tem questão de saúde, a gente tem parceria com UPA, então, é uma escola que tem a chance de ter tudo isso aqui.
Entrevistadora	Mas essa realidade que você falou de drogas, de bebidas, ainda é uma realidade presente até os pequenininhos, de 1ª a 4ª série?
Entrevistada	É, porque se você for pensar, seu pai ele é usuário, vai influenciar em você porque as vezes ele tá tão mal, né, ele não vai mandar o filho pra escola, então, ele sabe que as vezes ele manda porque se não mandar tem a escola que vai atrás, tem, né, a questão do ECA, também, né, que hoje é muito forte, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a questão de ter também esse amparo de toda a rede pública, né, que hoje em dia se você vê um aluno na rua, você pode ligar, né, tem o conselho tutelar, cada região a gente tem um conselheiro que é responsável, eu acho que isso favorece, mas lógico que a gente vê que esses alunos que os pais apresentam isso, eles têm mais dificuldade, né, tanto de interação

	quanto nas aprendizagens mesmo, eles precisam de um olhar especial e não é porque estamos num subdistrito, mas acontece bastante essas questões ainda, eu acho que o mais forte como você falou assim de extra, né, de negativo.
Entrevistadora	O que mais você vê...
Entrevistada	Fora da escola, é...
Entrevistadora	Aham...e a escola dá uma...é...um apoio, né?
Entrevistada	Um apoio.
Entrevistadora	E ainda falando desses fatores extraescolares, é...até na minha dissertação eu cito alguns autores que tratam das questões de alimentação, muitos alunos vêm pra escola simplesmente por conta da merenda, né, ainda é...isso ocorre aqui nessa escola?
Entrevistada	Olha, pelo que eu vejo tem sim, mas é pouco, mas também a gente tá num subdistrito, a parte rural querendo ou não você produz ali uma horta, né, tem um, é...tem frutas, então eu acredito que pra eles ainda...mas tem alguns, mas não é essa grande maioria da escola não.
Entrevistadora	Justamente por estar numa área rural...
Entrevistada	É...não que...tem gente que mora aqui no centro, mas a gente percebe que eles não tem essa, tanto essa necessidade, eu tô vendo pelos meus alunos por exemplo, eu não tenho aluno que vem pra escola só pra comer, sabe, lógico assim, as vezes tem aquilo que eles não comem em casa, mas que é só mais uma consequência.
Entrevistadora	Mas que não é uma necessidade.
Entrevistada	É...
Entrevistadora	Certo, é...o tempo que os professores passam com os alunos, impacta diretamente no IDEB? Por quê?
Entrevistada	Sim. É como nós já conversamos, se você tem uma boa relação com o aluno e esse tempo que você tem com ele que de primeiro ao quinto ano é bastante, que é diferente, né, dos se você for, por exemplo, sexto ano você já vai ter aquela aula de 50 minutos, é muito diferente, né, a relação, mas acredito que de primeiro ao quinto ano você fica um tempo maior, então, você tem muita afinidade com seu aluno, tem aquela troca, que não é só da parte de aprendizagem do aluno, ai hoje eu tô triste, eu quero falar com você sobre isso e hoje em dia existe isso, nós professores não somos só passar o conhecimento, né, ou dividir com eles, contribuir com eles, eu acredito que hoje também tem esse lado afetivo que os alunos procuram bastante, né, quero conversar, quero falar sobre o que tá acontecendo comigo, ou você vê que eles chegam meio assim, já conhece o seu aluno pelo tempo que você tá, né, e você sabe quando por exemplo, você está dando uma aula que aquele que apresentou mais dificuldade, porque você já conhece cada um deles, então, quando você tem esse tempo maior com eles favorece você conhecê-lo, e quando você conhece fica muito mais fácil de você entender o que tá acontecendo naquele momento, né, como tem aluno que tem medo de prova, tem que fazer todo um trabalho para no dia da prova ele não tá mal, ele vê que é só uma das avaliações, né, que tem vários outros que você vai tá sendo avaliado e assim se ele tem afinidade com o professor, é mais fácil, eu acho ele perde esse medo, né, ele vai vendo que mais do que só estudar, né, eles estão sendo

	<p>preparados não só para ser nota 10 em tudo, mas pra ser um cidadão, pra participar da vida em sociedade, de conhecer seus direitos, seus deveres, eu acho que a escola tem esse papel fundamental e o professor na sala de aula tem esse intuito de passar também, eu acho que isso é uma obrigação nossa, de ver hoje o aluno, né, Paulo Freire fala bastante sobre isso, de ver o aluno não só como aquele que você vai passar o conhecimento e ele vai acatar e pronto, pelo contrário, eles também trazem muita coisa, então, é uma troca de conhecimentos, também, quando você ama o que você faz é mais fácil, né, fica assim, é...nítido pra eles que você tá ali não somente por um dinheiro, mas porque você quer que eles aprendam, quer que eles se tornem pessoas especiais, pessoas que vão mudar aí o nosso país, né, que eu acho que hoje a gente vê tanta questão política que tá tão...tão assim detonada mesmo, né, e é importante você mostrar pra eles que a gente tem que ser mais que isso, a gente tem que mudar esse país, né, eu lembro que agora na época de eleição a gente no quinto, a gente trabalha essa questão também política, né, a gente trabalhou bastante e falamos sobre tudo o que tava ocorrendo, as corrupções, né, impeachment da Dilma, e como você acha que eles não entendem, você vê que os alunos entendem sim, que isso influencia na vida deles, dos pais, porque daí os pais comentam em casa, quando os pais são a favor, eles trazem isso pra escola também.</p>
Entrevistadora	Então eles são críticos, né?
Entrevistada	<p>Eles são, eles sabem, a gente acha que não, nossa, os alunos, mas ele não tá a parte, longe de tudo que acontece, eles entendem sim porque tem hoje as mídias, né, computador, internet, tv, tá bem ligado na vida deles, então, eu acredito que hoje a escola também ela não pode...ela tem que ampliar isso, né, não pode ter aquele horizonte muito fechado porque senão você não atende mais esses alunos e eu acho que cada vez mais, né, quando eu fiz mesmo mídias na educação, eu achei nessa importância, de contribuir com eles mesmo porque eu sei que tem o lado negativo da mídia, né, que a gente tem que trabalhar também, mas tem o seu lado positivo que é propagar tudo que acontece de positivo no seu país, ou negativo, eles conhecerem o que são direitos, o que são deveres, de conhecerem, é...um direito está sendo violado ou um direito que ele tá adquirindo e trabalhar isso em sala de aula eu acho fundamental pra você ter os dois lados, não que eu acho que tem que deixar tudo sabe, de prever, nada disso, mas eu acho que a mídia é muito assim favorável a esse desenvolvimento, você vê esse ano que as lousas digitais começaram a ser mais assim, usadas pelos professores, o quanto eles...quanto a aprendizagem, ela evolui, né, porque assim eles trazem também, ah, professora, eu achei tal site, vamos ver se esse site tá legal mesmo, aonde tá essas ferramentas, esse texto é um texto que a gente pode trabalhar, tem fonte, né, qual o autor dele, então, você vai trabalhando questões assim que mais tarde vai favorecer né?</p>
Entrevistadora	E incentiva eles a serem pesquisadores, né, a buscar o conhecimento, né?
Entrevistada	É...isso é muito legal, mas tem os dois lados, as vezes você ouve assim, nossa professora, ai meu Deus eu não conheço essa ferramenta ainda,

	né, mas é legal que daí você troca, você aprende muito com eles, eu acho que com a mídia trouxe bastante essa questão, do professor já não ser o detentor assim de todo os saberes, né, porque eles, os meninos estão luz à frente de nós, na questão de tecnologia.
Entrevistadora	E eles questionam se eles acham que o professor de alguma forma tá errado no que tá dizendo, eles são bastante questionadores?
Entrevistada	Essa turma que eu tenho esse ano, eles são, eles são bastante assim, você dá alguma coisa, eles querem que você, mas professora, porque que acontece isso, sabe, eles têm essa parte crítica, não todos, né, mas a maioria eles conseguem ter essa visão além do que você tá dando ali, então você tem sempre que pensar, eu sempre quando vou preparar uma aula, hoje eu penso, tem tal aluno que pode perguntar tal coisa, sabe, instiga você até a estudar mais, conhecer mais, ler mais, e como eu gosto de mídias, pra mim não foi um fator difícil, como eu vejo que tem colegas que, né, eles têm mais dificuldade, é...porque assim, na verdade, o que que acontece, eu acho que nós não somos preparados, o Estado, o governo dá, ah, eu tô dando uma lousa digital pra vocês e pronto, mas não prepara o professor pra usar tal ferramenta, né, porque parece que tá na cabeça que todo mundo já sabe, eu acho que então acontece de alguns ter esse medo, não usar tanto, mas quando você usa você vê que é bem positivo, eu gosto.
Entrevistadora	Legal, é...esse índice, o IDEB, né, ele está dando conta de mobilizar a sociedade? Pensando aqui na sua realidade e por que.
Entrevistada	É...não sei se de mobilizar a sociedade, quando você pensa em sociedade você tá falando só de escola né, tudo que você constrói aqui, mas que tá fora daqui já, eu não sei se as pessoas têm essa noção do que seja o IDEB ainda, nós como conhecemos o que a escola faz, o que você ouve falar, você vê na TV, né, falando, como eu ouvi esses dias que o ensino médio tá bem ruim, então, né, tá pior que 20 anos atrás, então, tá correndo toda uma mudança, né, nas disciplinas, na forma de atuação, mas eu acho que ainda a sociedade tá bem...bem por fora ainda do que seria a importância desse IDEB para sociedade, os pais em geral, de conhecer o que seria isso.
Entrevistadora	Os pais aqui da realidade de vocês então eles não têm conhecimento do que que seja o IDEB, para que que serve...
Entrevistada	Eu acho que assim pode ser falado na reunião, mas ele não sabe direito pra que que serve isso, lógico, aqueles pais mais esclarecidos, que já tá em tudo aí pode ser que sim, eu não tive nenhum retorno pensando nisso, assim, nenhum pai conversou comigo, falou de IDEB, se a escola melhorou ou não, porque eles frisam que eles acham assim essencial, importante, é o avanço do filho, né, não tem essa questão de que o IDEB não é só do filho dele, é de uma escola, de uma sociedade, né, de um país, eles não têm essa noção ainda, talvez falta a escola...
Entrevistadora	É...se a escola tá bem ou tá mal...
Entrevistada	Não, eles não têm essa noção, eles só acham que aqui é uma boa escola porque em comparação às outras que eu vejo por aí, questão de disciplina, eu acho que eles veem desse olhar, não da questão de aprendizagem.
Entrevistadora	Certo.

Entrevistada	No meu ponto de vista referente ao que eu vi, né, que eu participei do IDEB da...da provinha Brasil do ano passado e desse ano, com os pais eu não vi esse impacto, só com a escola, com os professores, mas com os pais não.
Entrevistadora	Certo. Você associa o IDEB às políticas públicas? Por quê? Como?
Entrevistada	<p>É...porque eu acredito assim, se tá muito ruim eles vão ter que investir, né, infraestrutura, de como será, é...material didático, professores mais capacitados e a política pública eu acho que tem esse caminho, né, se você acha que tá muito ruim como tá acontecendo com o ensino médio, acho que vão mudar a proposta, né, ele já viu várias propostas que foram mudadas, já trabalhei no estado também e você vê também, só que as vezes esquece de ver a própria realidade, a gente compra muitas ideias da Alemanha, de outros países que não tem a ver com a nossa realidade, né, quando você vê mesmo o Plano Curricular Nacional, você vê que tem muitas ideias que não são questionadas, nem pensadas para o nosso país, eu acho que é legal você pensar assim pra ver o que ocorreu de bom em outro país, mas primeiro partir da realidade, a gente vê, não só pensando aqui na nossa cidade, mas no Brasil em geral, muitas escolas não têm uma sala de aula pra você dar aula, você não tem uma mesa, então, política pública pra mim é pensar no todo, não é só pensar na escola onde estou e a gente vê que a realidade do nosso país ainda está muito longe de ser o que seria o ideal, eles né, falaram, ai diminuiu os analfabetos no Brasil, né, mas a gente vê que esse índice não é verdade, tem muito, né...ainda é muito escondido o que realmente acontece, como, ah, eu já sei escrever meu nome já não sou mais analfabeto, né, analfabeto funcional, mas eu acredito que ainda somos muito atrasados em questão de educação, num país que paga muito imposto, num país que tem muita corrupção, né, e eu acho que isso também, é...muda tudo isso porque esse dinheiro que deveriam ser investido e não tão sendo, né, e a política pública acredito que tem que pensar em tudo isso, numa estrutura de uma escola, como esses alunos chegam na escola, né, via de transporte, aqui a gente tem tudo isso, mas tem lugares que não têm, eu vi esses dias uma reportagem que as crianças iam de carroça pra escola, quase caíram da carroça, eram várias crianças, isso é o nosso país, acho que o IDEB não é Brasil? Então tem que ver tudo isso, a gente tem que analisar todas as questões que não é uma questão só da nossa cidade, acho que quando você pensa em sociedade e política pública, você jamais pode pensar só numa escola, porque hoje eu tô aqui, amanhã eu talvez não esteja né, então a gente muda, o professor nunca fica assim...se ele não quiser muito tempo numa escola ou por outros fatores, né, as vezes não consegue aula, a gente tem tudo isso, mas eu acredito ainda que a política pública é muito importante pra mudar toda essa realidade, não é só dar um livro didático, é mudar realmente a estrutura, é...fazer os seus professores buscarem esse conhecimento, mas dar caminhos para eles buscarem, melhorar sim a questão de salário, de tudo, porque tudo isso vai influenciar na política pública, porque isso é tão falado, né, você vê pelo congresso há pouco tempo mesmo eles estavam questionando essa relação de professor, não sei o que, mas você vê que a valorização do professor no Brasil não ocorre, né, e se você não</p>

	favorece aquele que vai transmitir, não transmitir, é...só ele detentor de conhecimento, mas ele que tá a frente, como que você vai conseguir melhorar tanto esse índice, né? Porque a base que é o professor ele não é valorizado no nosso país.
Entrevistadora	Isso que é legal de ouvir de vocês, né, porque vocês que estão além do IDEB, vocês que conhecem a realidade desses alunos, conhecem e sabem se de fato eles estão aprendendo ou não.
Entrevistada	É, porque você tem que ver essa realidade toda, porque tem aquele aluno que aprende com facilidade e tem aquele que não, mas que tem outras habilidades, eu acho que a gente não pode hoje em dia ver só um aluno, aquele que escreve, nota 10, pelo contrário, eu tenho aluno que as vezes tem dificuldade de escrever, mas ele é super criativo, ele desenha muito bem, e hoje a gente sabe que todos os estudos aí, que as habilidades elas são importantes de você, né, valorizar o que cada, o que seu aluno aprende, mesmo que seja um pouquinho, é importante pra ele, é importante pra você, pra tudo que acontece na escola, e as habilidades eu acho que hoje é sim, quando a gente mede o índice de desenvolvimento, aí o IDEB, não tá vendo tudo isso, porque ali é só uma prova, você só vai colocar o que realmente, o conhecimento que o aluno tem, né, mas tudo que é trabalhado como as habilidades você não vai conseguir colocar nessa prova, né, porque as vezes não é só habilidade de escrita, é habilidade de criar, de pensar, eu tenho aluno que tem muita dificuldade de escrever, mas que se você der uma caneta pra ele, ele inventa as coisas, sabe ele é muito criativo para as coisas, se ele acha uma coisa assim jogada, ele cria um brinquedo, então, ele tem habilidade e não é a que a provinha Brasil indicaria, né, ali seria só o conhecimento dele mesmo, de aprendizagem, o conhecimento específico, eu acho que a gente tem que pensar assim também, como a gente tem toda mídia, tudo aí, é...ampliar como é na real essa provinha.
Entrevistadora	Certo, é...professora eu queria agradecer...
Entrevistada	Não sei se eu respondi tudo.
Entrevistadora	Respondeu sim. E saber se você quer contribuir com mais alguma coisa, deixar algum comentário, não sei...?
Entrevistada	É...eu acho legal assim, essas iniciativas de estudar, de buscar novos meios, como você está fazendo mestrado, é bem bacana, é...eu acho que a gente precisa disso, mostrar, né, o que que tá acontecendo em nosso país e ter pessoas que pense pra melhorá-lo, né?
Entrevistadora	Que pense pra frente, né?
Entrevistada	É lógico, como você vai ver, não sei as outras escolas, os outros professores o que pensam, mas eu acho que a gente com senso de política pública, não pensa só no nosso estado, é Brasil, né, a gente tá vendo aí com tudo que aconteceu das corrupções, e que nosso país tá em crise, um país que produz tudo, como que pode tá em crise, né? Por ser mal administrado e quando nós mexemos com pessoas, estamos formando desde o primeiro ano, acho que nós estamos formando cidadão para serem prefeitos, vereadores, né, a gente tem que pensar nessa questão, como é importante essa formação de todo ser, criando cidadãos mesmo pra ser pais, mães, né? Então é importante você ter esse olhar e ver que a gente não faz só pra nós, mas pro mundo todo,

	né, pro Brasil todo, tem crianças que saem fora do nosso país, né? Vai estudar em outros lugares, então tem que mostrar essa dimensão de como é importante a educação, os pais, a família, tudo isso, isso tudo né?
Entrevistadora	Sim, professora, muito obrigada!
Entrevistada	De nada.
Entrevistadora	Muito obrigada mesmo.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde a pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]
[REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 22 de novembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

Nome do Participante:

[Redacted]

[Redacted]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

[Redacted]

Testemunha

[Redacted]

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 - Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que comporão a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED] 22 de novembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 13 de dezembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

Nome do Participante:

[REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado

Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

[REDACTED]

Testemunha

[REDACTED]

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 - Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa. Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 13 de dezembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante 0

Nome do Participante: _____

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Titulo do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED] [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 09 de dezembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, de quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O deponente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 09 de Dezembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Titulo do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]"

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED]

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 - Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que comporão a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÕES A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
 Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa. Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 06 de dezembro de 2016.

[REDACTED]
 Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Orientador: Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: "DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO? NARRATIVAS DE EDUCADORES SOBRE O IDEB EM [REDACTED]".

Objetivo da pesquisa: Analisar nas narrativas de gestores e professores, segundo a visão, deles quais os sentidos e significados atribuídos ao IDEB e quais os elementos intra e extraescolares associados por eles ao desenvolvimento da educação das escolas estudadas no ensino fundamental de [REDACTED].

Coleta de dados: A pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a 4 diretores e 4 professores das duas escolas com maior e das duas escolas com menor pontuação no IDEB nas cidade de [REDACTED].

Destino dos dados coletados: A pesquisadora será a responsável pelos dados originais coletados por meio de entrevistas, permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde o pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de entrevistas serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevistas. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB. Cabe aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa,

para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2016 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Fernanda Araujo Coronado, residente no seguinte endereço: [REDACTED], [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED] - [REDACTED], podendo também ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED], incluindo ligações a cobrar. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro a qual pode ser contatado pelo telefone ([REDACTED]) [REDACTED]. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que comporão a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O deponente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o Desenvolvimento da Educação na 4ª série/5º ano da rede municipal de [REDACTED] tomando como base o IDEB.

NOME DO PESQUISADOR: FERNANDA ARAUJO CORONADO
TELEFONE: [REDACTED] "INCLUSIVE LIGAÇÃO A COBRAR"
E-MAIL: [REDACTED]

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

DECLARAÇÃO:

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

[REDACTED], 06 de Dezembro de 2016.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

Nome do Participante: _____

Fernanda Araujo Coronado
Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha